



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

**DEFINIR O INDEPENDENTE, QUALIFICAR O JORNALISMO: REFLEXÕES E
EXPERIÊNCIAS DE QUEM ATUA FORA DO MODELO CONVENCIONAL**

FORTALEZA

2025

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

DEFINIR O INDEPENDENTE, QUALIFICAR O JORNALISMO: REFLEXÕES E
EXPERIÊNCIAS DE QUEM ATUA FORA DO MODELO CONVENCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Comunicação. Área de concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C872d Costa, Ismia Kariny Correia da Silva.

Definir o independente, qualificar o jornalismo : reflexões e experiências de quem atua fora do modelo convencional / Ismia Kariny Correia da Silva Costa. – 2026.
221 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2026.

Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

1. Qualidade no jornalismo. 2. Jornalismo independente. 3. Transformações. I. Título.

CDD 302.23

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

DEFINIR O INDEPENDENTE, QUALIFICAR O JORNALISMO: REFLEXÕES E
EXPERIÊNCIAS DE QUEM ATUA FORA DO MODELO CONVENCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Comunicação. Área de concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Aprovada em: 29/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Naiana Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Ana Cláudia Mendes de Andrade e Peres
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Marizete e Ismael, por tudo.

A Breno, pelo amor e pelo apoio incondicional.

Aos meus irmãos, pela companhia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, pela sabedoria e pela oportunidade de trilhar este caminho. Sem Sua presença e amparo, esta jornada não teria sido possível.

Ao meu esposo, Breno, pelo amor e incentivo inabaláveis. Nos momentos mais difíceis, seu apoio me fez seguir em frente.

Aos meus pais, Marizete e Ismael, pelo carinho, pelos valores que me transmitiram e por nunca medirem esforços para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Sem vocês, esta conquista não teria o mesmo significado.

Ao meu orientador, Edgard, por sua dedicação e pelo olhar atento que me ajudou a estruturar e aprimorar esta pesquisa. Sua paciência e apoio nas dificuldades me fizeram ter confiança na importância deste trabalho.

Às professoras que compuseram a banca de defesa e qualificação, Naiana e Ana Cláudia, pelas contribuições valiosas, pelas reflexões instigantes e pelo tempo dedicado a analisar este trabalho, enriquecendo-o com suas considerações.

Aos jornalistas que participaram desta pesquisa, respondendo ao questionário e se disponibilizando para as entrevistas, meu sincero agradecimento pela generosidade e pela contribuição essencial à construção deste trabalho.

Aos professores e servidores da UFC, pelo compromisso com a educação e pelo trabalho que garante, diariamente, o bom funcionamento da instituição.

Aos amigos e colegas que estiveram ao meu lado nesta caminhada, seja por meio de palavras de incentivo, por trocas de conhecimento ou simplesmente por compreenderem os desafios dessa trajetória.

E, por fim, a mim mesma, por não desistir, por enfrentar os desafios a cada pequeno passo e por aprender, nesse caminho, a me respeitar e reconhecer meus limites. Que essa experiência, com todas as suas lições, me fortaleça para os desafios que virão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

[...] o ser jornalista aqui é um ser dividido que sofre porque vislumbra e faz acontecer o jornalismo em que acredita, mas é impedido de dedicar-se integralmente a essa atividade porque não sobrevive dela. É preciso resolver a questão das formas de sustentar produtores de informação com valor de bem público. É um dilema de jovens sonhadores com um jornalismo de verdade e de experientes jornalistas que saíram das empresas e buscam realizar o sonho do exercício no jornalismo que acreditam (Figaro; Barros; Kinoshita, 2019, p. 8 e 9).

RESUMO

A pesquisa investiga a qualidade do jornalismo no contexto das iniciativas independentes a partir das percepções dos jornalistas que atuam nesse ambiente laboral, considerando as rotinas, práticas e princípios que eles consideram essenciais para a produção jornalística de qualidade. O viés de análise justifica-se pela necessidade de aprofundar a conceituação de qualidade no jornalismo, considerando a diversidade do campo e a análise de práticas jornalísticas fora dos modelos convencionais. Em um cenário marcado por transformações que atravessam desde as rotinas de trabalho até o papel social da imprensa, desafios como a flexibilização das relações laborais (Lima; Bezerra, 2010), as mudanças nos hábitos de consumo de notícias (Mattos, 2021), a desinformação (Prazeres; Ratier, 2020) e os ataques à imprensa (Souza, 2024) colocam em risco a credibilidade do jornalismo e reforçam a importância do debate sobre sua qualidade. Nesse contexto, o jornalismo independente, caracterizado por maior autonomia editorial e formas mais horizontais de organização (Patrício, 2024; Oliveira; Felippi, 2023; Silva; Santos, 2023; Figaro; Nonato, 2017), desponta como campo fértil para refletir sobre novas possibilidades de prática profissional. As questões que orientam o estudo são: que características, princípios e dimensões definem o jornalismo independente na perspectiva de profissionais atuantes nesse ambiente laboral? Como esses profissionais definem o que é qualidade na sua produção jornalística? Quais rotinas e práticas consideram importantes para a qualidade da produção jornalística independente? A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023; Richardson, 2012; Fraser; Gondim, 2004; Gil, 2002), com revisão bibliográfica sobre qualidade no jornalismo, transformações no campo e plataformação. Além disso, aplica-se um *survey* com 29 jornalistas que participaram da pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro 2021” (Lima *et al.*, 2022) e que apontaram, em suas escolhas, iniciativas de jornalismo independente como ambiente laboral principal, com o objetivo de mapear as características que definem e qualificam o jornalismo praticado por esses profissionais. Esse procedimento antecede a etapa de entrevistas, realizadas com nove jornalistas selecionados a partir do *survey*, com base na diversidade de trajetórias. A combinação dos dois instrumentos busca equilibrar amplitude e profundidade na análise, oferecendo uma compreensão mais qualificada das percepções e experiências dos entrevistados. Os resultados indicam que o jornalismo independente mantém aproximações com concepções tradicionais da profissão, especialmente em relação a princípios como ética, veracidade, responsabilidade social e interesse público, mas também revela distinções, como maior vínculo com comunidades e territórios, práticas colaborativas e

descentralizadas. No entanto, sua viabilidade depende da capacidade de adaptação às novas condições de mercado e da construção de estratégias que garantam sua autonomia e permanência. Dessa forma, os achados deste estudo contribuem para o debate sobre a qualidade jornalística, ampliando a compreensão das particularidades do jornalismo independente e dos fatores que influenciam sua produção, evidenciando o impacto dos desafios estruturais em sua consolidação e apontando possíveis caminhos para o seu fortalecimento.

Palavras-chave: qualidade no jornalismo; jornalismo independente; transformações.

ABSTRACT

The research investigates the quality of journalism within the context of independent initiatives, based on the perceptions of journalists working in this professional environment. It considers the routines, practices, and principles they deem essential for producing quality journalism. This analytical approach is justified by the need to deepen the conceptualization of quality in journalism, taking into account the field's diversity and the analysis of journalistic practices outside conventional models. In a scenario marked by transformations ranging from work routines to the social role of the press, challenges such as the flexibilization of labor relations (Lima & Bezerra, 2010), changes in news consumption habits (Mattos, 2021), disinformation (Prazeres & Ratier, 2020), and attacks on the press (Souza, 2024) threaten journalism's credibility and underscore the importance of the debate on its quality. In this context, independent journalism — characterized by greater editorial autonomy and more horizontal forms of organization (Patrício, 2024; Oliveira & Felippi, 2023; Silva & Santos, 2023; Figaro & Nonato, 2017) — emerges as fertile ground for reflecting on new possibilities for professional practice. The research is guided by the following questions: What characteristics, principles, and dimensions define independent journalism from the perspective of professionals working in this field? How do these professionals define quality in their journalistic output? What routines and practices do they consider important for the quality of independent journalism? The study adopts a qualitative and exploratory approach (Lösch, Rambo & Ferreira, 2023; Richardson, 2012; Fraser & Gondim, 2004; Gil, 2002), with a literature review on quality in journalism, transformations in the field, and platformization. Additionally, a survey was conducted with 29 journalists who participated in the "Profile of the Brazilian Journalist 2021" study (Lima *et al.*, 2022) and identified independent journalism initiatives as their main work environment. The goal is to map the characteristics that define and qualify the journalism practiced by these professionals. This step precedes a series of interviews with nine journalists selected from the survey, based on the diversity of their career paths. The combination of these two instruments seeks to balance breadth and depth in the analysis, offering a more nuanced understanding of the interviewees' perceptions and experiences. The results indicate that independent journalism maintains affinities with traditional conceptions of the profession — especially regarding principles such as ethics, truthfulness, social responsibility and public interest — but also reveals distinctions, such as stronger ties with communities and territories, collaborative and decentralized practices. However, its viability depends on its ability to adapt to new market conditions and to develop

strategies that ensure its autonomy and sustainability. Thus, the findings of this study contribute to the debate on journalistic quality by expanding the understanding of the particularities of independent journalism and the factors that influence its production, highlighting the impact of structural challenges on its consolidation and pointing to possible paths for its strengthening.

Keywords: quality in journalism; independent journalism; transformations.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Percentual de importância acima da média atribuída às dimensões de qualidade jornalística	20
Gráfico 2	– Percentual de importância média atribuída às dimensões de qualidade jornalística	22
Gráfico 3	– Percentual de importância abaixo da média atribuída às dimensões de qualidade jornalística	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Distribuição das pesquisas por ano de publicação, conforme o número decrescente de trabalhos publicados	28
Tabela 2	– Variável A: Opções metodológicas, em ordem decrescente do número de aplicação	44
Tabela 3	– Variável B: Aspectos de qualidade abordados nas pesquisas	45
Tabela 4	– Variável C: Tipo específico de jornalismo em destaque na discussão sobre a qualidade	47
Tabela 5	– Variável D: Orientação do jornalismo investigado	48
Tabela 6	– Variável E: Proposta de ferramenta ou metodologia para verificação, mensuração e avaliação da qualidade jornalística	48
Tabela 7	– Identidade de gênero dos participantes	100
Tabela 8	– Autodeclaração de cor/raça dos respondentes	100
Tabela 9	– Localização geográfica dos participantes por estado	101
Tabela 10	– Faixa etária dos respondentes, em ordem decrescente de representatividade	102
Tabela 11	– Tempo de experiência no jornalismo independente, em ordem decrescente de representatividade	103
Tabela 12	– Tempo de experiência no jornalismo convencional, em ordem decrescente de representatividade	104
Tabela 13	– Funções e posições dos jornalistas nas iniciativas em que atuam	105
Tabela 14	– Justificativa dos respondentes para a classificação das iniciativas	108
Tabela 15	– Perfil dos entrevistados por faixa etária, gênero, cor/raça e estado	110
Tabela 16	– Perfil laboral e tempo de experiência dos entrevistados	111
Tabela 17	– Motivos que levaram os respondentes a atuar no jornalismo independente	116
Tabela 18	– Características definidoras do jornalismo independente	120
Tabela 19	– Desafios enfrentados para assegurar a qualidade da produção jornalística independente	129
Tabela 20	– Sugestões para o fortalecimento da qualidade no jornalismo independente	139

Tabela 21	– Dimensões de qualificação do jornalismo	149
Tabela 22	– Dimensões de qualificação do jornalismo na percepção de profissionais independentes	151
Tabela 23	– Produções acadêmicas sobre qualidade no jornalismo	177

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TENDÊNCIAS EMERGENTES NAS PESQUISAS SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO	27
2.1	Explorando o conceito multidimensional da qualidade jornalística	29
2.2	Outros olhares sobre a qualidade jornalística: tensões econômicas e ideológicas, autonomia da audiência e jornalismo local	34
2.3	Propostas e aplicações teórico-metodológicas no âmbito da qualidade	38
2.4	Delimitando abordagens sobre a qualidade jornalística: variáveis para análise dos estudos acadêmicos	43
2.5	Considerações sobre o estado da arte	49
3	JORNALISMO E SUAS TRANSFORMAÇÕES	53
3.1	A reestruturação do jornalismo frente às crises econômicas e setoriais	57
3.2	Precarização das condições de trabalho e o surgimento das redações virtuais	63
3.3	Impactos da plataformização no jornalismo	68
4	JORNALISMO FORA DA GRANDE MÍDIA: ESTRUTURAS E PRÁTICAS	75
4.1	Diferentes naturezas, propósitos convergentes no jornalismo fora da grande mídia	77
4.2	Modelos de sustentação e a realidade do trabalho no jornalismo independente	80
4.3	Colaboração, horizontalidade e plataformas: desafios na prática do jornalismo independente	83
5	PERCURSO EXPLORATÓRIO: DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS E PROCESSO DE COLETA DE DADOS	90
5.1	Estrutura e aplicação do survey preliminar	93
5.2	Condução das entrevistas semiestruturadas	97
5.3	Perfil dos respondentes do survey	100
5.4	Entrevistados e seus históricos profissionais	110
6	CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE A QUALIDADE JORNALÍSTICA INDEPENDENTE	115

6.1	Elementos definidores do jornalismo independente segundo seus profissionais	120
6.2	Desafios enfrentados para assegurar a qualidade no jornalismo independente	128
6.2.1	<i>Desafios financeiros e seus reflexos na produção jornalística independente</i> .	131
6.2.2	<i>Fatores condicionantes da produção: ritmo e pressões do ambiente digital</i> ...	134
6.3	Concepções de qualidade e medidas para o seu fortalecimento no jornalismo independente	139
6.4	Dimensões de qualificação do jornalismo	148
6.4.1	<i>Importância atribuída por jornalistas independentes</i>	151
6.4.2	<i>Dimensões da qualidade em relação às motivações, características definidoras e desafios do jornalismo independente</i>	154
6.5	O que é qualidade para quem faz jornalismo independente	156
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
	REFERÊNCIAS	163
	APÊNDICE A – PESQUISAS SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO (2015 – 2013)	177
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (<i>SURVEY</i>) .	208
	APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (ROTEIRO DE ENTREVISTA)	220

1 INTRODUÇÃO

A decisão por investigar a qualidade no jornalismo independente partiu de inquietações que me acompanharam ao longo da formação acadêmica e de uma aproximação gradual com o campo da pesquisa, iniciada ainda na graduação. Meu interesse pelo tema surgiu com a participação em projetos de iniciação científica voltados às discussões sobre qualidade jornalística. Esse percurso me levou à compreensão de que a qualidade no jornalismo não se limita a aspectos técnicos ou formais, mas se revela, sobretudo, no modo como o jornalismo se compromete com a vida pública — ao acolher a diversidade de vozes, lançar luz sobre injustiças, enfrentar desigualdades e fortalecer o exercício democrático por meio da informação.

Durante a graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tive a oportunidade de integrar uma pesquisa que buscava mapear dimensões relevantes para a produção jornalística de qualidade. A investigação envolveu revisão de literatura e a aplicação de um *survey* com jornalistas, docentes e estudantes da área. Esse estudo deu origem ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), desenvolvido durante a pandemia de Covid-19, cujo foco foi a presencialidade como uma dimensão da qualidade jornalística. O distanciamento social, que marcou aquele momento, impôs transformações às rotinas de produção e tornou urgente refletir sobre o papel do jornalismo em tempos de incertezas.

Assim, a escolha pelo tema desta dissertação se deu de forma natural, provocada por uma aproximação crescente com o campo e pela identificação de uma lacuna percebida durante a pesquisa de graduação. Ao analisar os dados do *survey* aplicado à época, a reduzida presença de jornalistas independentes entre os respondentes — apenas dois em um universo de mais de cem — evidenciou a necessidade de um olhar mais atento para esse segmento ainda pouco representado. Esse dado despertou um interesse que se somou ao vínculo já existente com o grupo de pesquisa Práxis no Jornalismo (PráxisJor), que vinha aprofundando os estudos sobre outros modelos de produção jornalística.

O contato com jornalistas independentes, iniciado nas atividades do grupo e intensificado nas disciplinas da pós-graduação, foi revelador. Escutar os relatos desses profissionais, oriundos de iniciativas diversas, como o jornalismo alternativo, comunitário ou de base periférica, ampliou minha percepção de que a qualidade jornalística também pode se manifestar em experiências descentralizadas, coletivas ou autônomas. Essas iniciativas propõem novas formas de narrar a realidade e de se relacionar com diferentes grupos sociais,

especialmente aqueles cujas vivências são frequentemente marginalizadas ou silenciadas no espaço público.

Meu ingresso no mestrado ocorreu em um contexto pessoal delicado. Após um ano de formada, sem conseguir inserção no mercado de trabalho, vi na pós-graduação uma oportunidade de continuidade, de permanecer refletindo sobre a profissão que escolhi e de contribuir com a produção de conhecimento. O período, no entanto, foi marcado por desafios, especialmente ligados à saúde mental e à adaptação ao ritmo da pesquisa. Bloqueios criativos, inseguranças e dificuldades de assimilação de certos temas fizeram parte do caminho. Por tratar-se de um campo ainda incipiente na academia, temas como jornalismo independente e qualidade no jornalismo exigiram um esforço constante de busca e articulação de referências.

Foi o diálogo com colegas, as contribuições generosas de docentes e, sobretudo, a escuta atenta de profissionais do jornalismo independente, que permitiram que o trabalho avançasse. Essas trocas, marcadas por afetos e sensibilidades, foram fundamentais para retomar o fôlego e reconstruir o percurso da pesquisa.

Ainda que minha experiência profissional seja limitada, minha formação como jornalista e o vínculo com o campo facilitaram as entrevistas realizadas no âmbito desta dissertação. As conversas se deram de forma fluida, com escuta e respeito, o que considero essencial para a qualidade das análises construídas a partir delas.

Investigar a qualidade a partir das experiências do jornalismo independente é, portanto, uma escolha que combina percurso pessoal, compromissos teóricos e afetos construídos ao longo da formação. Ao observar como esses profissionais compreendem e praticam a qualidade, busco também refletir sobre as transformações do jornalismo como campo social e sobre suas possibilidades de reinvenção em meio às tensões e desafios do presente.

Esse esforço de investigação se torna ainda mais necessário diante do contexto contemporâneo, em que o jornalismo atravessa um período de intensas transformações — que afetam desde suas práticas produtivas até seu papel social. A reconfiguração das rotinas de trabalho, impulsionada pela flexibilização nas relações laborais, tem imposto novos desafios à instituição jornalística e exigido reflexões críticas sobre sua qualidade (Lima; Bezerra, 2010). Ao mesmo tempo, as mudanças nos modos de consumo de notícias (Mattos, 2021), associadas à sobrecarga informacional e à disseminação de desinformação (Prazeres; Ratier, 2020), geram impactos significativos, colocando em risco a credibilidade da imprensa e a função democrática do jornalismo. Em um cenário de crescente polarização política e ataques à mídia

(Souza, 2024), pensar a qualidade do jornalismo se torna ainda mais urgente — sobretudo para a manutenção de um debate público plural e de um ecossistema informativo saudável.

Nesse cenário de incertezas e disputas, considero importante voltar o olhar para diferentes formas de jornalismo e analisar como a qualidade é concebida em contextos que escapam às lógicas convencionais. O jornalismo independente surge como uma dessas alternativas, caracterizado pela busca por maior liberdade de atuação e autonomia editorial em relação a grandes conglomerados e agentes políticos. Muitas dessas iniciativas adotam estruturas de gestão mais horizontais, que favorecem relações colaborativas com a audiência e com outras iniciativas independentes — características que oferecem novas perspectivas sobre o fazer jornalístico (Oliveira; Felippi, 2023; Silva; Santos, 2023; Figaro; Nonato, 2017).

No entanto, ao longo da revisão de literatura, foi possível perceber que a produção acadêmica ainda é escassa quando se trata de compreender o conceito de qualidade sob a perspectiva de jornalistas independentes. Buscando contribuir para esse debate ainda em construção, esta pesquisa se organiza a partir de algumas perguntas norteadoras: que características, princípios e dimensões definem o jornalismo independente na perspectiva de profissionais atuantes nesse ambiente laboral? Como esses profissionais definem o que é qualidade na sua produção jornalística? Quais rotinas e práticas consideram importantes para a qualidade da produção jornalística independente?

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o conceito de qualidade no jornalismo independente a partir das percepções dos jornalistas que atuam nesse ambiente laboral e das práticas e rotinas que consideram fundamentais para a produção jornalística de qualidade. E como objetivos específicos: 1) Investigar os contextos históricos, sociais e tecnológicos que influenciam a construção e aplicação do conceito de qualidade no jornalismo, destacando como esses fatores moldam as práticas da profissão; 2) identificar, na literatura acadêmica, os marcadores que caracterizam e representam o jornalismo independente; 3) confrontar os marcadores identificados com as percepções de jornalistas independentes, a fim de verificar se esses elementos refletem as experiências vivenciadas no exercício da sua profissão; 4) analisar, entre as características determinantes do jornalismo independente, quais práticas, princípios e rotinas contribuem para um jornalismo qualificado em um sentido mais amplo.

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, uma constatação se mostrou especialmente importante para compreender o fenômeno investigado. Trata-se da pluralidade de critérios a partir dos quais a qualidade no jornalismo é percebida. Essa diversidade aparece

de forma evidente nos dados coletados e também se conecta com percepções que já vinham sendo observadas em etapas anteriores deste percurso de pesquisa, iniciado na graduação.

Pelo atravessamento desses momentos, entre graduação e pós-graduação, opta-se por antecipar, ainda nesta introdução, alguns resultados de etapas anteriores desse percurso de pesquisa, que ajudam a ilustrar como diferentes grupos e profissionais ligados ao jornalismo atribuem valor e qualidade ao trabalho que realizam. Essa escolha tem um sentido estratégico: ao apresentar essas evidências de forma inicial, busca-se oferecer ao leitor um pano de fundo que reforça um dos argumentos desta dissertação, de que a qualidade no jornalismo é um conceito que se constrói a partir de diferentes experiências, contextos e expectativas.

A seguir, portanto, são apresentados alguns desses dados, acompanhados de breves comparações a partir dos achados de dois ciclos anteriores da pesquisa, desenvolvidos durante a iniciação científica. O primeiro investigou a percepção de jornalistas (atuantes em diferentes ambientes laborais), docentes e estudantes de jornalismo. Esse grupo reúne 112 participantes que responderam a um *survey* (Costa, 2021; Patrício; Costa, 2023) sobre qualidade no jornalismo, avaliando diferentes dimensões da qualidade jornalística. Essas mesmas dimensões foram apresentadas ao segundo grupo, representado pela audiência, composto por 47 leitores dos jornais O Povo e Diário do Nordeste¹. Estes leitores participaram de um *survey*² que também buscou compreender seus hábitos de consumo. A mobilização para a participação da audiência em relação ao *survey* foi realizada em dois momentos: inicialmente em junho de 2023 e, posteriormente, em agosto de 2024, com o objetivo de ampliar o número de respondentes.

A seleção desses leitores foi feita a partir dos comentários em postagens no Instagram dos jornais, priorizando perfis que apresentassem algum grau de análise ou crítica. Foram considerados dois níveis de prioridade: o primeiro, para comentários que abordavam diretamente aspectos do produto jornalístico; o segundo, para comentários voltados à pauta ou à repercussão das matérias. As notícias utilizadas como base precisavam ter pelo menos 200 comentários, critério adotado para indicar maior engajamento e relevância junto à audiência. Apesar dos desafios enfrentados na etapa de seleção, como o baixo número de comentários analíticos e o engajamento limitado nas publicações, foi possível identificar e contactar 202 perfis, dos quais 47 participaram da pesquisa.

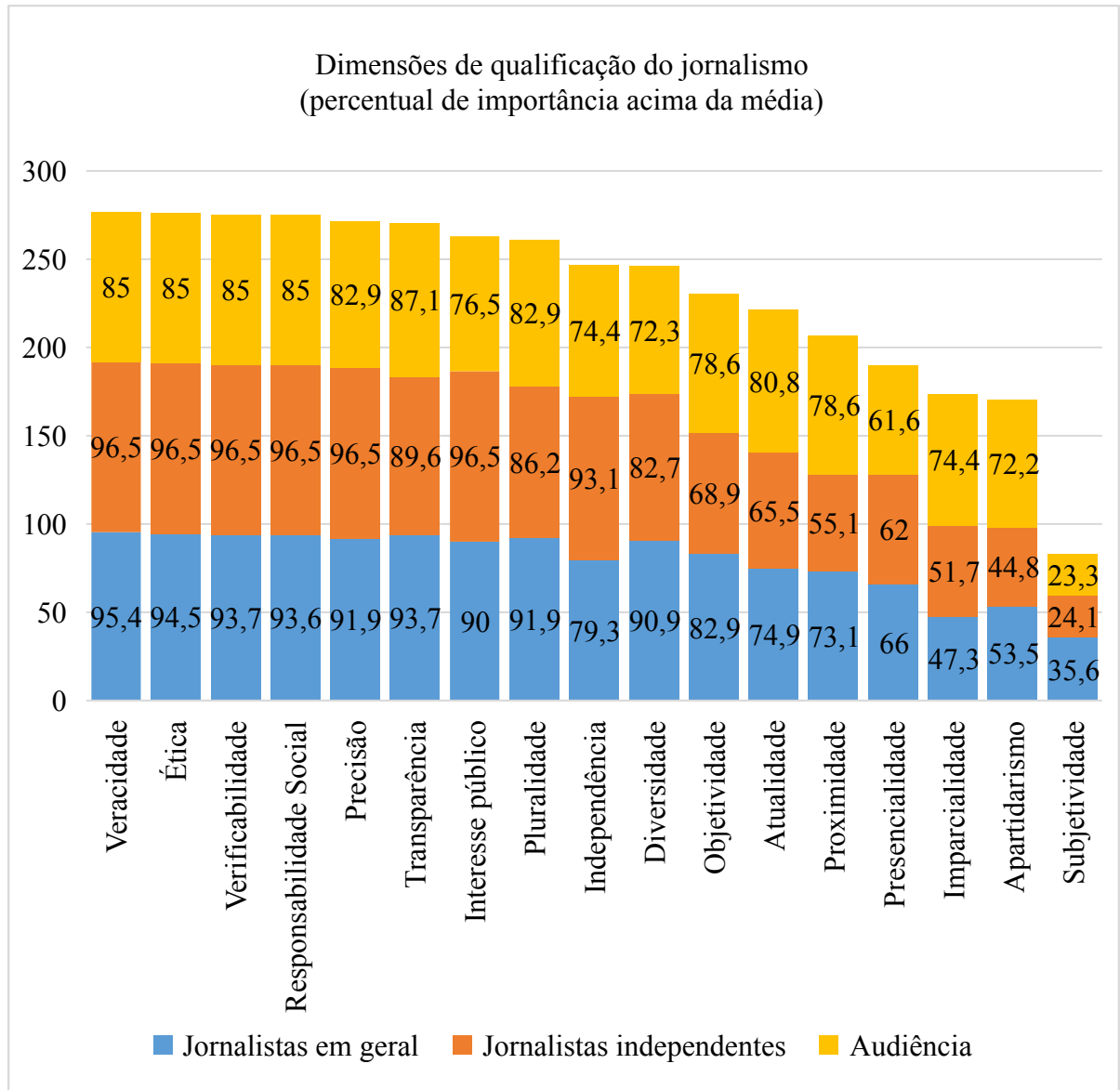
¹ O Povo e o Diário do Nordeste são dois dos principais veículos de comunicação impressa e digital do estado do Ceará, com atuação regional e cobertura jornalística diversificada.

² Os resultados estão disponíveis em: <https://praxisjor.wixsite.com/ufc2018/post/relatório-pibic-qualidade-e-audiência>. Acesso em: 08 julho 2025.

Esses dois ciclos de pesquisa formam a base sobre a qual esta dissertação se apoia para aprofundar a análise, agora voltada ao terceiro grupo: os jornalistas independentes. O objetivo é situar o debate, articulando os diferentes olhares construídos ao longo desse percurso investigativo. A partir da análise comparativa dos dados, observa-se um consenso significativo entre jornalistas independentes, jornalistas em geral e audiência quanto à valorização de dimensões tradicionais da qualidade no jornalismo, como veracidade, ética, transparência, responsabilidade social, verificabilidade e precisão. Essas dimensões foram amplamente reconhecidas como de alta importância para a qualidade jornalística, com mais de 80% das respostas concentradas nos níveis 4 e 5 da escala de avaliação em todos os grupos. A convergência dos resultados indica que, independentemente da posição profissional ou do perfil dos participantes, a confiança na informação factual e o compromisso com princípios éticos seguem sendo pilares na definição da qualidade jornalística. No entanto, ao aprofundar a comparação, emergem diferenças significativas na valorização de outras dimensões.

Jornalistas independentes apresentam a maior valorização das dimensões relacionadas à independência e ao interesse público, com níveis superiores a 90% de importância alta para esses itens (independência: 93,1%; interesse público: 96,5%). Essa alta valorização reflete o perfil desses profissionais, que atuam priorizando maior autonomia editorial, enfatizando o impacto social e a independência como bases essenciais para seu jornalismo. Além disso, os independentes mostram maior divergência sobre dimensões como imparcialidade (proporção de 51,7% que apontam alta importância e 37,9% baixa importância) e subjetividade (maior concentração na importância média, com 44,8%, mas com 31% avaliando com importância baixa). Esses resultados sugerem que, entre os independentes, pode haver um questionamento sobre a neutralidade como critério fundamental para a qualidade jornalística, indicando abertura para perspectivas que reconhecem a legitimidade de abordagens posicionadas no jornalismo.

Gráfico 1 – Percentual de importância acima da média atribuída às dimensões de qualidade jornalística



Fonte: Elaborado pela autora.

No grupo de jornalistas em geral, a valorização das dimensões tradicionais também é muito alta, porém com uma leve tendência a uma avaliação mais alinhada aos padrões consolidados do jornalismo *mainstream*. Dimensões como imparcialidade e apartidarismo apresentam maior divergência, mas com percentual menor de respostas atribuídas à baixa importância em comparação aos independentes (imparcialidade teve 22,3% de baixa importância e apartidarismo 16%). Isso pode indicar um alinhamento maior com valores tradicionais do jornalismo corporativo, onde o ideal da neutralidade ainda é

fortemente mantido. A valorização da atualidade também é bastante alta nesse grupo (proporção de 74,9%), um pouco mais do que entre os independentes (65,5%), possivelmente devido à rotina produtiva mais estruturada e atrelada a prazos. Nas conversas com profissionais do jornalismo independente, percebe-se que a periodicidade diária, como elemento da produção jornalística, está sendo questionada.

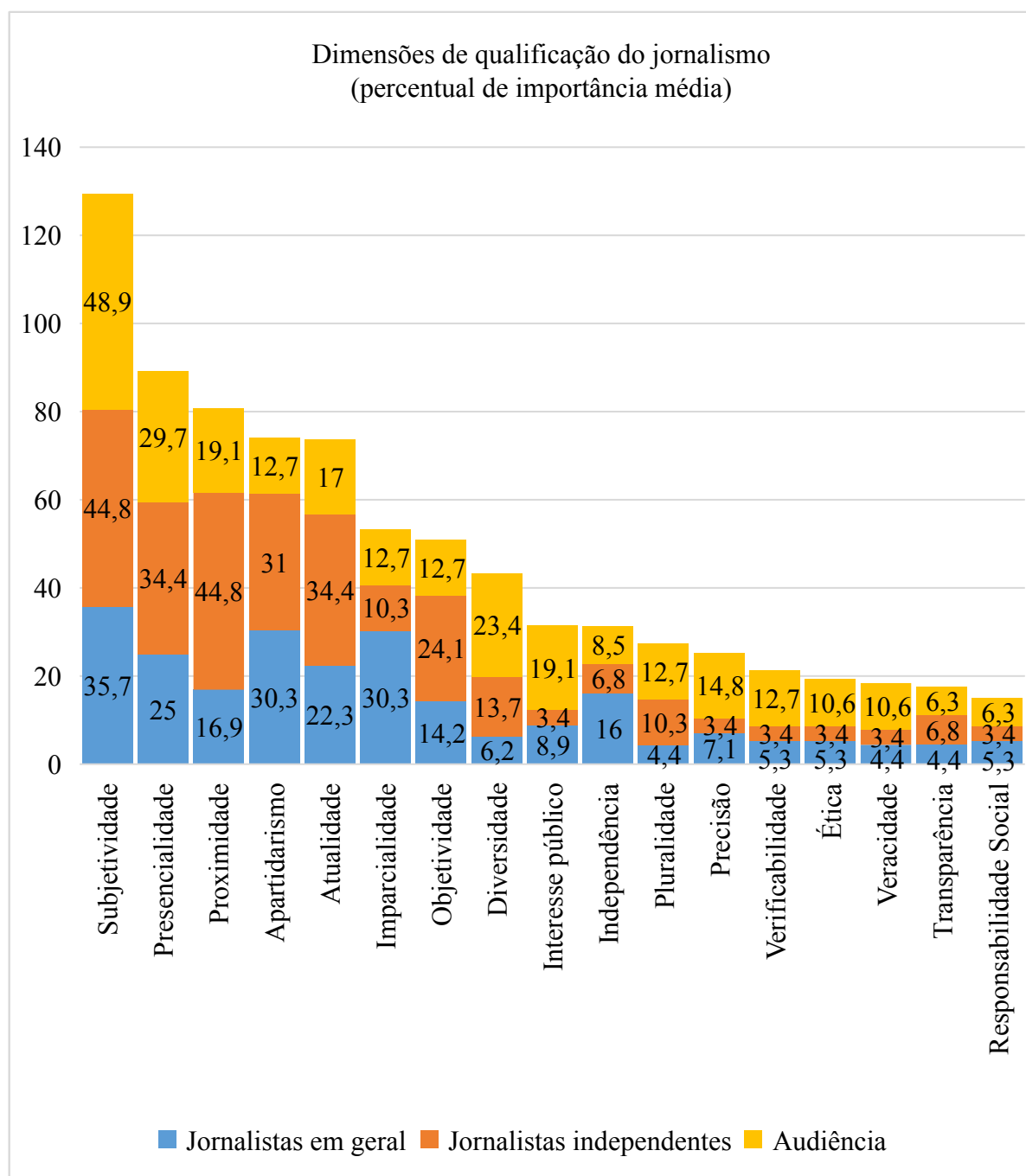
A objetividade é uma dimensão que também apresenta variações significativas entre os grupos. Enquanto jornalistas em geral mantêm alta valorização dessa dimensão (82,9%), seguida pela audiência (78,6%), os jornalistas independentes atribuem importância relativamente menor (68,9%). Esses dados reforçam o padrão observado nas demais dimensões analisadas: os independentes tendem a adotar uma postura mais crítica em relação a valores historicamente associados ao jornalismo convencional. A menor ênfase na objetividade pode indicar uma disposição para reconhecer o papel do posicionamento e da subjetividade na cobertura jornalística, especialmente em temas de forte dimensão social ou política.

Já a audiência também atribui alta importância a diversas dimensões da qualidade jornalística, especialmente àquelas que envolvem o cuidado na produção da informação, como veracidade (85%), transparência (87%), ética (85%) e verificabilidade (85%). Aspectos como independência (74%), interesse público (76%) e pluralidade/diversidade (entre 72% e 83%) também apresentaram uma boa valorização, embora relativamente menor que a importância atribuída por jornalistas dos dois grupos analisados. É importante observar que as dimensões foram acompanhadas de descrições³ que orientaram a compreensão dos respondentes, o que significa que as avaliações refletem essas formulações específicas.

As dimensões ligadas à proximidade e presencialidade também mostram um comportamento diferenciado. Os jornalistas independentes atribuem importância moderada, com respectivamente 55,1% e 62% para cada dimensão, com uma parcela significativa de respostas em nível médio, indicando uma visão mais crítica ou complexa sobre o papel da proximidade no jornalismo independente, que pode operar remotamente ou em nichos específicos. Por outro lado, a audiência valoriza um pouco menos a presencialidade (61,6% somando os níveis 4 e 5, mas 29,7% no nível médio), enquanto valoriza a proximidade de forma mais evidente (78,6%, somando os níveis 4 e 5), o que indica um interesse do público em receber informação contextualizada e local, ainda que isso não seja um foco tão explícito para os jornalistas independentes.

³ Ver a Tabela 21 no item 6.4.

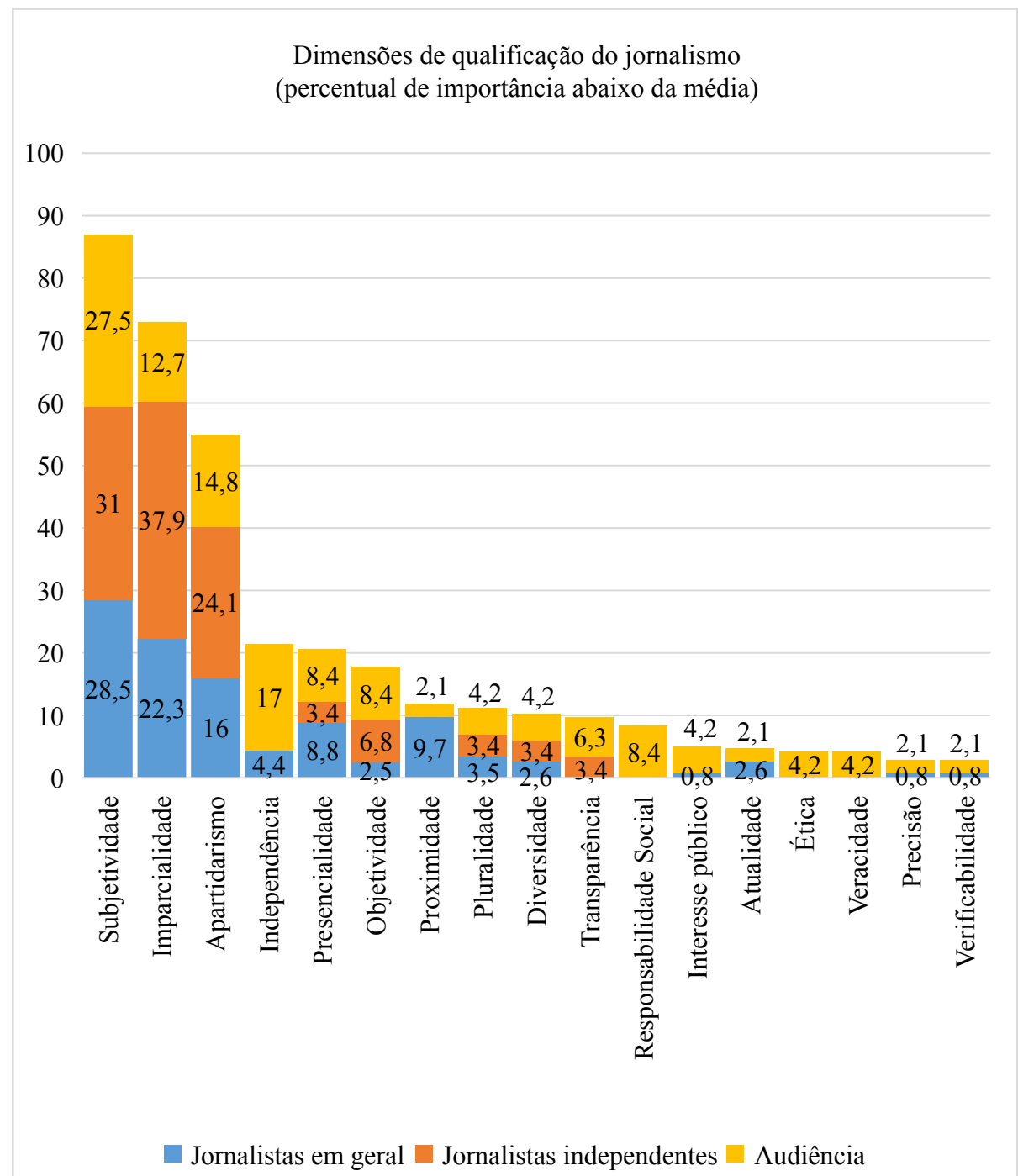
Gráfico 2 – Percentual de importância média atribuída às dimensões de qualidade jornalística



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, as dimensões subjetivas e de neutralidade (subjetividade, imparcialidade, apartidarismo) apresentam maior dispersão em todos os grupos, mas são especialmente questionadas pelos jornalistas independentes, que parecem aceitar maior flexibilidade sobre esses aspectos, possivelmente refletindo as novas formas de produção jornalística que valorizam posicionamento e engajamento social.

Gráfico 3 – Percentual de importância abaixo da média atribuída às dimensões de qualidade jornalística



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao trazer essas evidências preliminares, buscou-se oferecer um panorama inicial das múltiplas formas de percepção da qualidade no jornalismo. Partindo dessas considerações iniciais, a estrutura da dissertação foi organizada de modo a acompanhar o percurso investigativo adotado pela pesquisa.

Após esta introdução, o segundo capítulo apresenta um estado da arte sobre qualidade no jornalismo, analisando os principais conceitos e abordagens utilizadas na literatura acadêmica. São discutidas as múltiplas dimensões que compõem o conceito de qualidade, bem como as diferentes perspectivas teóricas que o sustentam, tanto no cenário nacional quanto internacional (Reis, 2021; Silva Neto, 2021; Rivas-De-Roca; Caro-González; García-Gordillo, 2020; Santos; Guazina, 2020b; Guerra; Feitoza; Gonçalves, 2019; Almeida; Silva Neto, 2018; Garcia, 2018; Guerra, 2018; 2016; Rothberg; Garrido, 2018; Santos *et al.*, 2018). Além das contribuições conceituais, o capítulo reúne propostas teórico-metodológicas que vêm sendo aplicadas nas pesquisas, com atenção especial às ferramentas e metodologias usadas para avaliar a qualidade jornalística (Silva Neto, 2021; Maciá-Barber, 2020; Santos; Guazina, 2020b; Almeida; Silva Neto, 2018; Garcia, 2018; Guerra, 2018; Rothberg; Garrido, 2018; Santos *et al.*, 2018; Gómez-Domínguez, Paredes, Baselga, Gómez, 2016; Meijer; Bijleveld, 2016; Lacy, Rosenstiel, 2015). Em um segundo momento, realiza-se uma análise de variáveis que ajudam a mapear tendências e lacunas nos estudos recentes sobre o tema. São considerados fatores como: as opções metodológicas adotadas, os aspectos da qualidade priorizados nas investigações, os tipos de jornalismo analisados, as orientações comerciais/ideológicas do veículo jornalístico em foco e a presença (ou não) de propostas concretas para mensuração da qualidade. Essa análise permite identificar recorrências e limitações na produção acadêmica, contribuindo para a delimitação de caminhos possíveis para futuras investigações.

Em seguida, o terceiro capítulo discute as transformações no jornalismo, situando o debate em meio a mudanças estruturais mais amplas no setor da comunicação. Inicialmente, são exploradas as dinâmicas da reestruturação produtiva, com ênfase em seus desdobramentos sobre as relações laborais, a precarização da atividade jornalística e a flexibilização das rotinas de trabalho (Lima *et al.*, 2022; Silva, 2021; Figaro; Silva, 2020; Christofolletti, 2019; Figueiredo Sobrinho, 2018; Bertolini, 2017; Deuze; Witschge, 2016; Souza, 2016; Dantas *et al.*, 2015; Salaverria, 2015; Standing, 2014; Grohmann, 2013; Lima; Bezerra, 2010; Fonseca; Souza, 2006; Antunes; Alves, 2004). O capítulo examina como essas mudanças impactam as condições de produção e a própria configuração das redações. Na sequência, o foco recai sobre o processo de plataformação do jornalismo, explorando a crescente dependência das plataformas digitais na mediação da produção, circulação e consumo da informação. São analisadas as lógicas comerciais e técnicas dessas plataformas, suas implicações para as estratégias de negócio do jornalismo, bem como os desafios impostos à qualidade jornalística nesse ambiente digital (Figaro *et al.*, 2024; Van Dijck, 2022; Barros *et al.*, 2021; Mattos,

2021; Semicek, 2021; Grohmann, 2020; Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020; Bell; Owen, 2017).

O quarto capítulo volta-se para o jornalismo fora da grande mídia, partindo de uma discussão sobre como insatisfações com o jornalismo convencional e a precarização da atividade jornalística provocaram uma migração de profissionais para outras áreas da comunicação (Nava; Zacariotti; Moliani, 2022; Figaro, 2018). O capítulo também destaca o papel de jovens jornalistas que, impulsionados pelas transformações no perfil estudantil nas universidades públicas, passaram a questionar a representatividade da mídia hegemônica e a criar iniciativas próprias de jornalismo ainda na graduação, seja por meio de projetos experimentais ou trabalhos de conclusão de curso (Rovida, 2022). Em seguida, o capítulo discute os diferentes termos associados ao jornalismo fora do convencional, apontando semelhanças e distinções entre essas classificações (Patrício, 2024; Camargo *et al.*, 2023; Oliveira, Felippi, 2023; Patrício; Santana, 2023; Santana; Teixeira, 2023; Silva; Santos, 2023; Figaro, 2018). Também são analisadas as características comuns entre essas iniciativas, como a autonomia editorial, os modelos alternativos de financiamento, a horizontalidade na gestão, a colaboração entre projetos e os vínculos de dependência em relação às plataformas digitais, tanto no que se refere à visibilidade quanto ao acesso a recursos financeiros (Patrício, 2024; Oliveira; Felippi, 2023; Silva; Santos, 2023; Patrício; Lima, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro; Nonato, 2017). A reflexão busca compreender como essas iniciativas têm se posicionado e de que forma contribuem para diversificar as práticas e os sentidos atribuídos ao jornalismo.

Na sequência, o quinto capítulo é dedicado à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Nele, são detalhadas as escolhas que orientaram o desenvolvimento do estudo, com destaque para a abordagem qualitativa e exploratória (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023; Richardson, 2012; Gil, 2002) e os métodos utilizados para a coleta e análise dos dados, que foram a aplicação de um *survey* online e de entrevistas semiestruturadas. O *survey* como primeira etapa foi útil para identificar características que contribuem para uma percepção inicial sobre os elementos que definem e qualificam o jornalismo desenvolvido fora dos ambientes convencionais. Ele foi aplicado a 29 profissionais jornalistas, participantes da pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al.*, 2022), por meio de contato feito pelos e-mails disponibilizados por eles nessa pesquisa. Estes 29 respondentes fazem parte de um grupo mais amplo, dentro da pesquisa do Perfil, que indicaram como lugar principal de trabalho o ambiente de iniciativas de jornalismo independente. O capítulo também detalha a investigação realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com nove jornalistas que, em resposta ao *survey*, manifestaram interesse em

participar dessa etapa da pesquisa. A diversidade de experiências foi considerada como um critério de seleção. Por último, o capítulo sete reúne as considerações finais, retomando as limitações e as principais contribuições do estudo.

Ao longo desta dissertação, serão adotados os termos 'jornalismo não convencional' e 'jornalismo independente', além de expressões equivalentes, para designar iniciativas que se distanciam dos modelos convencionais praticados pelos grandes conglomerados midiáticos. Essa escolha busca contemplar a diversidade de organizações e práticas jornalísticas que não se enquadram nas estruturas convencionais, sem restringir-se a uma única categoria. Tal opção também se justifica pela ausência de um consenso terminológico na literatura (Patrício, 2024; Oliveira, Felippi, 2023; Santana; Teixeira, 2023; Silva; Santos, 2023; Camargo *et al.*, 2023; Figaro, 2018) e pela necessidade de abranger os diferentes perfis observados nesta pesquisa, ainda que a maioria dos participantes (72,4%) atuem em iniciativas de natureza independente. No entanto, outros termos podem ser utilizados conforme empregados pelas referências que embasam esta pesquisa, a fim de manter a coerência com os sentidos atribuídos pelos próprios autores e preservar a integridade das abordagens conceituais por eles desenvolvidas.

Assim, busca-se contribuir para a compreensão da qualidade jornalística em um contexto de intensas mudanças, oferecendo uma análise sobre as práticas e concepções dos profissionais que atuam no jornalismo independente. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa auxilie na ampliação do debate acadêmico sobre o tema e forneça subsídios para a reflexão sobre os desafios e oportunidades para um melhor jornalismo.

2 TENDÊNCIAS EMERGENTES NAS PESQUISAS SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO

A abordagem teórica e metodológica sobre a qualidade jornalística tem apresentado avanços significativos nas últimas décadas. No entanto, uma análise criteriosa de investigações mais recentes revela que há muito a ser desenvolvido no que se refere a definições mais assertivas sobre o que constituiria essa qualidade. Isso ocorre devido ao caráter multidimensional do conceito que, conforme sustentado por diversos autores (Silva Neto, 2021; Santos; Guazina, 2020a; Almeida; Silva Neto, 2018; Campos, Echezarreta, 2018; Rothberg; Garrido, 2018; Guerra, 2016; Romero-Rodríguez; Aguaded, 2016), favorece uma aplicação dispersa da temática nos estudos do jornalismo. A fim de aprofundar e enriquecer nossa compreensão sobre esse tema, a seleção dos trabalhos incluídos neste estado da arte seguiu um processo criterioso, para identificar contribuições representativas e que ajudem a construir uma estrutura mais sólida para a discussão da qualidade jornalística. Para isso, definimos nove bases de pesquisa de trabalhos acadêmicos, que incluem acervos de periódicos, anais de eventos e plataformas de acesso a conteúdos científicos. A opção pela busca em ferramentas e publicações diversas encontra justificativa, primeiramente, nos poucos resultados obtidos em uma primeira tentativa exploratória considerando apenas o contexto brasileiro de pesquisa sobre qualidade jornalística. As palavras-chave pesquisadas foram “qualidade + jornalismo”.

À vista disso, de forma a alcançar perspectivas do cenário internacional e garantir a representatividade necessária, incluímos fontes de pesquisa acadêmica mais coerentes com a nossa proposta, acrescentando também a busca pelos termos em espanhol (*calidad + periodismo*) e inglês (*quality + journalism*). Foram selecionadas a base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; os anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação (Alaic), da *Asociación Española de Investigación de la Comunicación* (AE-IC); e, por fim, a ferramenta de busca Google Acadêmico⁴.

⁴ O Google Acadêmico é uma ferramenta de busca acadêmica de acesso livre que indexa artigos, livros, teses e outros documentos científicos disponíveis online. Nos resultados, prioriza fatores como o texto completo de cada documento, onde foi publicado, quem o escreveu, a frequência e o quão recente foi citado em outras publicações

A busca pelos trabalhos foi realizada entre 18 e 30 de abril de 2023, considerando o recorte de janeiro de 2015 a abril de 2023. Foi definido o recorte de aproximadamente oito anos, partindo de pesquisa anterior (Costa, 2021), que integrou o período de 2015 a 2020. Ao todo, em uma primeira busca foram encontrados 60 trabalhos, entre artigos, dissertações e teses. No entanto, a partir da leitura do título, palavras-chave e resumo, foram selecionados 52 destes trabalhos para compor o presente estado da arte, tendo em vista a coerência e relação direta com os estudos sobre a qualidade no jornalismo. Dentre os trabalhos selecionados, há duas teses, 10 dissertações, 39 artigos científicos e um relatório de estágio de mestrado.

Uma análise da distribuição das pesquisas conforme o ano de publicação revela concentração maior da nossa amostra em trabalhos publicados no ano de 2018 e 2020, com respectivamente 13 e 11 publicações em cada período. O único ano que não apresentou trabalhos publicados foi 2023. Veja na Tabela 1 a distribuição:

Tabela 1 – Distribuição das pesquisas por ano de publicação, conforme o número decrescente de trabalhos publicados

Distribuição temporal das pesquisas									
Ano	2018	2020	2019	2016	2015	2022	2017	2021	2023
Número de publicações	13	11	6	6	5	4	4	3	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Vale mencionar que durante nossa exploração do estado da arte, nos deparamos com uma observação que pode contribuir com a nossa compreensão sobre o panorama geral de estudos da qualidade no jornalismo. Dentre os 39 artigos analisados, 48,7% foram redigidos em português (19). Em seguida, temos 13 estudos redigidos em espanhol e sete em inglês. Embora o idioma por si só não indique a procedência dos estudos desenvolvidos ou a origem dos autores, consideramos essa informação inicialmente mais acessível para o entendimento de tendências no campo. Importante ressaltar que as próprias bases utilizadas para a seleção destes trabalhos, sendo principalmente de origem brasileira, impõem limitações aos resultados e não permitem generalizações. No entanto, ao trabalhar com esses dados, é possível identificar áreas em que o debate sobre a qualidade no jornalismo se destaca e ganha fôlego, visto que a abundância de artigos redigidos em um idioma específico pode refletir o

científicas, o que configura um viés de popularidade, em detrimento de publicações inovadoras que ainda não contam com volume expressivo de citações. As informações são do próprio Google, disponíveis em: <https://scholar.google.com/intl/pt-BR/scholar/about.html>. Acesso em 16 maio 2025.

impacto de revistas ou comunidades acadêmicas que favorecem essa língua, indicando influências culturais ou formação de redes de pesquisa.

Essa percepção pode ser reforçada ao observar também a origem institucional das pesquisas analisadas. No caso dos trabalhos produzidos no Brasil, incluindo teses, dissertações e artigos científicos, foram contabilizados 30 estudos. Desses, 28 (93,3%) foram realizados em universidades públicas, tanto federais quanto estaduais. Apenas dois trabalhos foram desenvolvidos em instituições de ensino superior privadas — uma dissertação e um artigo científico. Chamou a atenção a concentração de produções na Universidade Federal de Sergipe (UFS), responsável por 11 dos trabalhos analisados, sendo seis dissertações e cinco artigos científicos.

Esses dados reforçam o papel central que as universidades públicas desempenham na produção do conhecimento acadêmico no país, especialmente no que diz respeito à pesquisa em comunicação e jornalismo. No caso da Universidade Federal de Sergipe (UFS), essa concentração de estudos não ocorre de forma isolada, mas reflete a atuação de um grupo de pesquisa consolidado na instituição, com foco específico na temática da qualidade jornalística. A existência de um núcleo dedicado a essa agenda contribui para o desenvolvimento contínuo de investigações teóricas e aplicadas sobre o tema, o que ajuda a explicar sua relevância no cenário nacional.

2.1 Explorando o conceito multidimensional da qualidade jornalística

Ao prosseguirmos com a análise dos estudos sobre a qualidade no jornalismo, uma constatação importante é a orientação para determinadas perspectivas, a exemplo do que observou Pinto e Marinho (2003) e endossado por outros autores (Reis, 2021; Rothberg; Garrido, 2018; Santos *et al.*, 2018): 1) a qualidade entendida enquanto serviço público; 2) a qualidade como característica da organização e do produto; e 3) a qualidade vista como investimento estratégico. Essas perspectivas se alinham particularmente conforme tradições de escolas como a norte-americana e europeia, por exemplo, que se inclinam para a orientação comercial e aspectos profissionais do jornalismo; ou as latino-americanas, com ênfase na responsabilidade social (Rivas-De-Roca; Caro-González; García-Gordillo, 2020; Santos; Guazina, 2020b; Garcia, 2018).

Em contexto brasileiro, os estudos voltam-se para a “responsabilização” ou “prestação de contas” — *accountability* — do jornalismo, a partir da ótica organizacional, e particularmente como proposta de gestão da qualidade (Silva Neto, 2021; Guerra; Feitoza;

Gonçalves, 2019; Almeida; Silva Neto, 2018; Guerra, 2016, 2018; Santos *et al.*, 2018). A tendência observada nos estudos desenvolvidos nos últimos anos é a construção de ferramentas de verificação e avaliação da qualidade, que possam ser utilizados em processos de autorregulação (Almeida; Silva Neto, 2018; Ferreira; Gradim, 2015).

Não basta apenas medir e verificar a excelência do que está sendo produzido, é importante mapear os pontos de melhoria, de forma a orientar as organizações a desenvolver com excelência o jornalismo que produz. Gorosarri e Azkarate (2020) afirmam que a tradição anglo-saxônica foi responsável por estabelecer, inicialmente, a diferenciação entre o aspecto econômico e a atuação da mídia, separando a gestão da empresa jornalística da gestão do produto jornalístico. Isso fez com que a análise da qualidade se concentrasse mais em sua avaliação do que nas condições para sua melhoria. “Como consequência, há extensa, mas dispersa, pesquisa sobre qualidade jornalística, que não seguiu nenhuma categorização acadêmica” (Gorosarri, Azkarate, 2020, p. 2552, tradução nossa⁵).

Conforme Gorosarri e Azkarate (2020), a tradição alemã se propõe a avaliar a qualidade para melhorar a prática jornalística. E por isso desenvolveram o conceito de garantia de qualidade (em alemão, *Qualitätssicherung*), utilizando um modelo de análise global que opera em um sistema de rede composto por quatro camadas — o modelo cebola (“*Zwiebel Modell*”) ou “modelo circular” (“*Kreismodell*”):

Em primeiro lugar, a camada externa refere-se ao sistema de mídia e é o resultado da regulamentação legal e do modelo de mercado (que tende a maximizar lucros ou a cumprir com sua responsabilidade social). As instituições midiáticas formam a segunda camada e são consideradas responsáveis pela garantia da qualidade. Para isso, elas contam com estruturas externas (formação) e internas (sistemas como o TQM - “Total Quality Management”, gestão total da qualidade). Em terceiro lugar, a ação dos meios de comunicação (tradução para o espanhol do conceito de “media performance” cunhado por McQuail em 1992) corresponde aos padrões quantitativos de medição da qualidade da mensagem jornalística e aos dados de aceitação (mas não de consumo) por parte de sua audiência. Por fim, a camada mais interna concentra-se nos próprios jornalistas, atuando como agentes midiáticos, indicando alguns padrões e práticas de trabalho, na tentativa de garantir o controle de qualidade (Gorosarri e Azkarate, 2020, p. 2552, tradução nossa⁶).

⁵ Como consecuencia, existe una extensa, pero dispersa, investigación sobre calidad periodística, que no ha seguido categorización académica alguna (Gorosarri, Azkarate, 2020, p. 2552).

⁶ En primer lugar, la capa externa se refiere al sistema de medios y es el resultado de la regulación legal y el modelo de mercado (tendente a maximizar beneficios o a cumplir con su responsabilidad social). Las instituciones mediáticas componen la segunda capa y son consideradas responsables del aseguramiento de la calidad. Para ello, cuentan con estructuras externas (formación) e internas (sistemas como TQM - “Total Quality

De maneira análoga, Patrício e Costa (2023) estruturam dimensões de qualidade conforme seu âmbito de aplicação, vinculando-os a quatro momentos da produção jornalística: organização do trabalho, rotinas de trabalho, produto e relação com a audiência. E em sentido mais amplo, a qualidade jornalística estaria vinculada a instâncias exteriores a essa produção, como a cultura da organização jornalística e, em última instância, à sociedade (ou o contexto social), alinhando-se às conclusões de Romero-Rodríguez e Aguaded (2016).

Outro desafio tem sido construir métodos e ferramentas que possam ser acessíveis para a população (Ferreira; Gradim, 2015; Oliveira Filho, Coutinho, 2015), que não tem contato ou conhecimento dos processos internos das empresas e da rotina de produção jornalística, seu único contato é com o produto final. Assim, como garantir que a audiência tenha participação nesse processo de avaliação da qualidade, sendo o grupo melhor beneficiado com a construção do “bom jornalismo” — ainda que possa ter ou não consciência dessa relação de produção e consumo com a responsabilidade social do jornalismo? Compreender o que o público espera e quais aspectos são considerados mais importantes para ele, é um ponto relevante, considerando que os estudos do jornalismo se concentram principalmente na percepção de acadêmicos e profissionais (Lacy, Rosenstiel, 2015).

Para aprofundar essa compreensão, conduzimos uma pesquisa exploratória⁷ com leitores dos jornais locais Diário do Nordeste e O Povo, na qual 17 dimensões de qualificação do jornalismo foram avaliadas⁸. Os 47 participantes atribuíram valores de 1 (menor importância) a 5 (maior importância) para cada dimensão. Os resultados indicaram que as dimensões de maior relevância, conforme a percepção do público, foram: veracidade, transparência, responsabilidade social, ética e precisão. Em contrapartida, dimensões como interesse público, diversidade e imparcialidade receberam avaliações de importância relativamente inferiores. Esses achados sugerem que a audiência tem uma compreensão

Management”, gestión total de la calidad). En tercer lugar, la acción de los medios (traducción al español del concepto de “media performance” acuñado por McQuail en 1992) se corresponde con los estándares cuantitativos de la medición de la calidad del mensaje periodístico y los datos de aceptación (que no, consumo) por parte de su audiencia. Finalmente, la capa más interior centra su atención en los propios periodistas, en tanto que actores mediáticos, señalando algunos estándares y prácticas de trabajo, en un intento de asegurar el control de la calidad (Gorosarri, Azkarate, 2020, p. 2552).

⁷ Os dados, já apresentados na introdução deste trabalho, são provenientes de um estudo realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no qual a autora teve acesso durante seu estágio em docência, atuando como co-orientadora do grupo de pesquisa. Disponível em: <https://praxisjor.wixsite.com/ufc2018/post/relatório-pibic-qualidade-e-audiência>. Acesso em: 08 julho 2025.

⁸ A classificação das dimensões de qualificação do jornalismo na percepção da audiência, da mais valorizada para a menos valorizada, foi a seguinte: veracidade (1), transparência (2), responsabilidade social (3), ética (4), precisão (5), atualidade (6), verificabilidade (7), pluralidade (8), objetividade (9), interesse público (10), independência (11), diversidade (12), apartidarismo (13), imparcialidade (14), proximidade (15), presencialidade (16), subjetividade (17).

macro do papel do jornalismo, ao sinalizar a importância de se fornecer informações com responsabilidade e que sejam confiáveis, transparentes, precisas e capazes de gerar conscientização. No entanto, devido às limitações metodológicas da pesquisa, realizada por meio de *survey* online, esses resultados mostram apenas quais dimensões são mais valorizadas pelo público, mas não explicam a razão por trás dessas escolhas. Outras abordagens, como entrevistas e grupos focais, poderiam ajudar a compreender melhor as percepções e expectativas da audiência sobre a qualidade do jornalismo.

A interpretação do conceito de excelência no jornalismo, entretanto, pode variar segundo a perspectiva individual, interesses e necessidades particulares de cada pessoa. E a motivação de um indivíduo para acessar e consumir o jornalismo também costuma desempenhar um papel importante na avaliação do produto informativo (Lacy e Rosenstiel, 2015, p. 12). Contemplando análise semelhante, Ferreira e Gradim (2015) argumentam, a partir de conceitos provenientes da Semiótica de Peirce:

[...] o processo de comunicação tem três elementos: o comunicador, o receptor e o interpretante, ou seja, a comunidade de comunicação e interpretação e o seu pano de fundo cultural – e não somente dois, comunicador e receptor, como passou a ser entendido depois na *Mass Communication Research*. Peirce também acreditava que todo o pensamento se dá em signos e se perpetua pela semiose, ou produção de significados. Ou seja, qualquer critério de avaliação da qualidade da informação é, por natureza, subjetivo. A informação nunca será exata porque depende do contexto; nunca está isolada, tem vida própria e sua qualidade depende da visão, do nível de conhecimento, da interpretação de seu receptor (Ferreira; Gradim, 2015, grifo das autoras).

Lacy e Rosenstiel (2015) inserem outra orientação nas pesquisas sobre a qualidade, que leva em conta a abordagem da demanda e do produto. No âmbito da demanda, enfatiza-se a interação entre as necessidades e desejos dos consumidores; enquanto a perspectiva da oferta especifica características do conteúdo associadas a níveis de qualidade mais elevados (Lacy; Rosenstiel, 2015, p. 11). Em ambos os casos, a qualidade seria compreendida como uma questão de grau, distante da restrição de apenas ter ou não ter excelência. Em complemento, Romero-Rodríguez e Aguaded (2016) defendem que a qualidade deve ser avaliada levando em conta o processo de produção e aspectos pré-informativos, para evitar visões parciais de uma dinâmica que é complexa. Afinal, segundo entendem os autores, questões educacionais, sociais e laborais podem afetar diretamente o resultado das avaliações.

Em contexto mais amplo, Romero-Rodríguez e Aguaded (2016) também questionam se é possível produzir jornalismo de qualidade em um cenário de fragilidade democrática, ou onde não há recursos legais e políticos para o exercício da atividade jornalística. Nessa perspectiva, Suárez (2015), a partir de análise das restrições impostas pelo Poder Executivo às conferências de imprensa na Argentina, aborda com propriedade como as limitações de acesso a fontes oficiais e à informação pública danificam o ecossistema informativo de qualidade. Segundo a pesquisadora, estas circunstâncias impactam o trabalho do repórter e a forma como o jornalismo é praticado, pois dificulta o escrutínio do poder dentro do modelo de controle (*watchdog*⁹) (Suárez, 2015).

No contexto sul-americano, a falta de marcos legais que garantam o acesso à informação e a decisão dos governos de dificultar o trabalho do jornalista dificultam a produção de notícias sem a colaboração das fontes (Waisbord, 2000, 2013b). Nestas condições, é difícil para o jornalismo atingir padrões de qualidade em termos de pluralidade de fontes, utilização de bases documentais primárias, percentagem de temas próprios, percentagem de jornalismo investigativo e liberdade de escrita nas suas tarefas (Pablos Coello e Mateos Martín, 2004). Por outro lado, os baixos salários e a falta de recursos expõem os jornalistas a conflitos de interesses, como serem forçados a aceitar contribuições da fonte, como ajudas de custo ou recursos para realizar a cobertura (Suárez, 2015, p. 70, tradução nossa¹⁰).

Momentos de crise e ruptura na sociedade são circunstâncias desafiadoras para o jornalismo. Por outro lado, é diante dessa mesma crise que a instituição jornalística demonstra seu valor. Segundo Ramírez-Santos, Pont-Sorribes e Perales-García (2020), a responsabilidade dos meios de comunicação com a sociedade nessas situações os expõe e os faz aderir ao exercício ético do jornalismo na elaboração e circulação de conteúdos de qualidade.

Em situações que envolvam uma grande convulsão social, como emergências, riscos ou crises, os meios de comunicação devem respeitar a ética profissional estabelecida nos diferentes códigos de

⁹ Traduzido para o português como “cão de guarda”, *watchdog* é uma expressão usada para descrever o papel do jornalismo como fiscalizador do poder e defensor do interesse público, atuando na denúncia de abusos na esfera governamental e política (Gomes, 2009).

¹⁰ En el contexto sudamericano la falta de marcos legales que garanticen el acceso a la información y la decisión de los gobiernos de obstaculizar la labor del periodista dificultan la producción de noticias sin la colaboración de las fuentes (Waisbord, 2000, 2013b). En estas condiciones es difícil para el periodismo alcanzar estándares de calidad en cuanto a la pluralidad de fuentes, uso de bases documentales primarias, porcentaje de temas propios, porcentaje de periodismo de investigación y libertad de la redacción en sus cometidos (Pablos Coello y Mateos Martín, 2004). Por otra parte, los bajos salarios y la falta de recursos exponen al periodista a conflictos de intereses, como verse obligado a aceptar contribuciones de la fuente como viáticos o recursos para realizar una cobertura (Suárez, 2015, p. 70).

conduta e nas recomendações dos órgãos reguladores (Pont & Cortiñas, 2011). A mídia deve cumprir uma série de obrigações de primeira ordem, como a apresentação de informações verdadeiras, precisas, verificadas e diligentemente contrastadas (Masana, 2018). Cumprir essas funções na produção de conteúdo é essencial, pois a notícia é o material utilizado pelo público para conhecer e refletir sobre os acontecimentos que o cercam (Kovach & Rosenstiel, 2014). Os eventos de crise podem ser definidos como uma alteração repentina da realidade que resulta em graves danos às pessoas, bens ou meio ambiente (Pont, 2013) (Ramírez-Santos; Pont-Sorribes; Perales-García, p. 2456 e 2457, tradução nossa¹¹).

Ramírez-Santos, Pont-Sorribes e Perales-García (2020) argumentam que as organizações jornalísticas, por serem fontes de amplificação social das percepções de risco, devem realizar coberturas responsáveis, incluindo a divulgação de informações claras, rigorosas, oportunas, com descrição verídica dos acontecimentos. E acima disso, devem elaborar apresentações de notícias que permitam ao público conhecer a origem, causas, evolução e consequências dos eventos. A intenção principal seria a de reduzir a incerteza e facilitar a tomada de decisão da população. Nessa mesma premissa, Pellegrini, Puente e Grassau (2015) ressaltam a importância de reflexões acadêmicas que possam propor melhorias aos meios de comunicação para que aprimorem sua reação diante de situações de crise e desastre. Dessa maneira, podem superar imprevistos e responder de forma adequada a alta pressão e urgência.

2.2 Outros olhares sobre a qualidade jornalística: tensões econômicas e ideológicas, autonomia da audiência e jornalismo local

A análise do conceito de qualidade incorpora também as tensões entre outras esferas, como as empresas, que podem perceber a qualidade como um investimento estratégico; ou mesmo os observatórios de imprensa e órgãos governamentais, que avaliam o impacto da instituição jornalística na democracia e formação da opinião pública (Santos *et al.*, 2018). Na esteira dessas considerações, vale trazer reflexão de Rocha e Temer (2017), que

¹¹ En situaciones que implican una gran conmoción social, como las emergencias, el riesgo o las crisis, los medios de comunicación deben respetar la ética profesional establecida en los diferentes códigos de conducta y las recomendaciones de los organismos reguladores (Pont & Cortiñas, 2011). Los medios han de cumplir una serie de obligaciones de primer orden, como la presentación de informaciones veraces, precisas, verificadas y diligentemente contrastadas (Masana, 2018). El cumplimiento de estos deberes en la producción de contenidos es fundamental puesto que las noticias son el material que utiliza el público para informarse y reflexionar sobre los acontecimientos que le rodean (Kovach & Rosenstiel, 2014). Los sucesos de crisis pueden definirse como una alteración repentina de la realidad que tiene como consecuencia daños graves sobre las personas, los bienes o el medio ambiente (Pont, 2013) (Ramírez-Santos; Pont-Sorribes; Perales-García, p. 2456 e 2457).

recordam definição elaborada por Traquina (2005), ao sustentar que o campo jornalístico se divide em dois polos: o positivo (ideológico) e o negativo (econômico). Ou seja, é um campo em que há disputas de forças, critérios de legitimação e interesses diversos.

Essas forças operam no campo condicionando as ações dos jornalistas, das fontes, dos donos dos veículos de comunicação, bem como de todos que, de alguma maneira, fazem parte desse “espaço”. No pólo ideológico estão os vários discursos que atuam no fazer jornalístico, os mitos, as crenças, os valores e o próprio compromisso simbólico que existe com o público em servi-lo. Já no campo econômico está o capital, onde se fazem presentes, principalmente, os empresários que gerenciam os meios de comunicação e os anunciantes que “vendem” seus produtos nos vários espaços midiáticos (Rocha; Temer, 2017, p. 239).

Dessa forma, conforme Rocha e Temer (2017), as notícias seriam compreendidas como produtos dessas disputas. Outra reflexão que as pesquisadoras trazem, a partir de Temer (2015), é de que o jornalismo pode ser concebido como uma tríplice vertente, representada por uma narrativa signica, já que seleciona, hierarquiza e apresenta fatos com sua própria linguagem e filtro; por uma atividade profissional e empresarial; e como um ator social. Diante desse cenário de disputas e interesses nem sempre alinhados, há o risco permanente de o valor comercial se sobrepor ao interesse público.

Com o avanço das tecnologias e a popularização do acesso à Internet, a disseminação de notícias deixou de pertencer ao domínio de um grupo seleto de organizações profissionais, com seus próprios valores ou normas em comum (Lacy; Rosenstiel, 2015, p. 5). Novas editoras surgem contribuindo com narrativas e modelos de receitas experimentais para captar audiências. Atores políticos e anunciantes também se apropriam dessas possibilidades para produzir seu próprio jornalismo, no entanto, mais para persuadir do que informar, segundo argumentam Lacy e Rosenstiel (2015).

O crescente poder dos cidadãos para escolherem as notícias que querem e para agirem tanto como produtores como consumidores, elevou a importância da preferência do público na definição da qualidade. A crescente influência do público também deu um novo impulso à questão do ensino de notícias e da literacia cívica para influenciar esses gostos. Numa era de baixas barreiras à entrada na publicação e de elevados níveis de escolha do consumidor, o que é qualidade no jornalismo? (Lacy; Rosenstiel, 2015, p. 5)

Nessas novas dinâmicas que surgem, cabe às instituições jornalísticas recordarem

o contrato de confiança com o público para não ceder a interesses que firam seus princípios. A audiência, nesse contexto, poderia exercer algum nível de autoridade, tendo em vista que "não interessa à imprensa divorciar-se de seus princípios fundantes a ponto de não mais ser vista como crível", argumentam Rocha e Silva (2021, p. 12). Para os autores, o público tem uma capacidade de mobilização que conduz os rumos da imprensa e traça os limites que ela não deve ultrapassar, sob o risco de perder credibilidade e inviabilizar sua razão de ser (Rocha e Silva, 2021). Inclusive, na compreensão dos pesquisadores, o *ombudsman*¹² teria um papel importante nesse contexto, "por fazer lembrar à audiência e aos próprios jornalistas as razões pelas quais essa relação entre ambos os pólos foi constituída" (Rocha; Silva, 2021, p. 13).

Em complemento, Ferreira e Gradim (2015) ressaltam que "buscar proteger a notícia das críticas à sua credibilidade é impossível, de forma que os produtores de notícia sempre precisarão justificar suas escolhas editoriais" (Ferreira; Gradim, 2015, p. 41). Sobre a recente mudança na maneira como o público consome informação, as pesquisadoras notam como o papel dos *gatekeepers*¹³, antes responsáveis por assegurar padrões de qualidade ao jornalismo em ambiente analógico, tornou-se menos significativo no contexto online. Eventualmente, esse papel de intermediário foi preenchido pelo próprio público, motores de busca e agregadores de informação (Ferreira; Gradim, 2015, p. 43).

Diante disso, as métricas da audiência emergem como um fator de grande relevância para a produção jornalística. Segundo Fürst (2020), o monitoramento e a adaptação às métricas podem ter efeitos de longo prazo, tendo em vista que os artigos são criados de forma a atrair mais usuários, incluindo tráfego de mecanismos de busca e mídias sociais. Essas estratégias, contudo, podem favorecer conteúdos voltados para o sensacionalismo e "tabloidização". E somadas à intensificação da redução de recursos; escassez de tempo, dinheiro e pessoal na produção de notícias, pode impactar ainda mais a qualidade global da cobertura noticiosa, bem como influenciar a compreensão do que seria o "bom jornalismo" para os profissionais (Fürst, 2020).

Em termos do sistema mediático como um todo, a crescente importância das métricas de audiência aliada ao declínio dos recursos jornalísticos tende a reduzir a diversidade e a qualidade das notícias: é

¹² Ombudsman é o profissional dentro de uma organização jornalística que atua como mediador entre o público e a redação. Sua função principal é avaliar criticamente o conteúdo veiculado, sendo majoritariamente provocado pelas opiniões do público (reclamações, e-mails, etc.), para apontar falhas, omissões ou desvios relacionados à qualidade e aos princípios deontológicos e éticos do jornalismo (Rocha; Silva, 2021).

¹³ Gatekeeper é o termo usado por White (1950) para descrever o papel dos jornalistas, especialmente editores, como responsáveis por selecionar e filtrar as informações que chegam às redações, decidindo quais acontecimentos se tornam notícias e quais são descartados.

criada uma grande quantidade de conteúdos semelhantes ou mesmo idênticos, com muitas reportagens recebendo pouca verificação e contextualização, alimentando assim a disseminação de informações imprecisas ou superficiais. Em tempos de condições de trabalho precárias, recursos escassos nas redações e abundância de informação, tornou-se mais crucial do que nunca a forma como os jornalistas compreendem o seu papel profissional e os interesses do público — muito além dos dados de tráfego que não conseguem captar a qualidade das notícias e o seu valor aos olhos do público (Fürst, 2020, p. 277).

Com vista a unir as expectativas da audiência com a construção de um melhor jornalismo, Meijer e Bijleveld (2016) discutem o chamado “Jornalismo de Valor” (tradução nossa do inglês para "*Valuable Journalism*"), que inicialmente propõe pelo menos quatro dimensões de qualidade a partir da perspectiva dos usuários da notícia: urgência, conexão pública, compreensão da região e capacidade de resposta do público. De acordo com os pesquisadores, o jornalismo de valor pretende preencher a lacuna conceitual entre os critérios de marketing (popularidade) e as dimensões jornalísticas (importância social). A partir de análise das quatro dimensões propostas, conseguiram identificar que as práticas de seleção dos usuários de notícias podem ser mais inclusivas do que os jornalistas assumem e menos triviais do que as métricas costumam sugerir (Meijer e Bijleveld, 2016).

Observação válida para a discussão da qualidade a partir dos interesses da audiência se refere à capacidade das publicações locais conseguirem abordar com propriedade as necessidades diárias do seu público, como colocado por Rivas-de-Roca, Caro-González e García-Gordillo (2020), em estudo com a finalidade de construir indicadores de qualidade da informação derivados da profissão, em países europeus (Alemanha, Espanha e Reino Unido) pertencentes a diferentes escolas e tradições profissionais. Nesse aspecto, o jornalismo local se constituiria como um objeto ideal para avaliar a qualidade jornalística, por se vincular diretamente à função de serviço público atribuída ao jornalismo (Rivas-de-Roca, Caro-González e García-Gordillo, 2020). Da mesma maneira, Jenkins e Nielsen (2019) enfatizam o papel do jornalismo local como produtor central de notícias para as comunidades, em estudo comparativo sobre como jornalistas locais compreendem a qualidade da notícia. Conforme os autores, jornalistas locais são estimulados a produzir de forma experimental, com foco na defesa, impacto e soluções para a comunidade.

Os jornalistas locais se concentram na proximidade e no escopo por meio de questões de "baixo limiar" (aquelas que as pessoas vivenciam em suas vidas diárias) e de "alto limiar" (aquelas com as quais não têm

experiência), abordam conflitos e resoluções de conflitos, priorizam o apelo narrativo por meio de histórias que ressoam com os leitores, apresentam elites nacionais e indivíduos proeminentes localmente, usam ângulos de interesse humano para notícias nacionais e locais e destacam o incomum e o inesperado. (Jenkins; Nielsen, 2019, p. 5).

Assim, o critério de “proximidade” seria um fator relevante para as organizações locais, conforme endossado por editores e repórteres entrevistados por Jenkins e Nielsen (2019). De acordo com os profissionais, alcançar os leitores diários e falar com eles sobre questões que lhes interessam, além de ser uma prioridade para a mídia local, é também um valor de destaque em relação às organizações nacionais (Jenkins; Nielsen, 2019).

2.3 Propostas e aplicações teórico-metodológicas no âmbito da qualidade

Conforme mapeamento realizado por Santos e Guazina (2020b), embora os estudos sobre qualidade no jornalismo ainda sejam, de forma geral, incipientes, observa-se uma concentração das pesquisas sobre o tema nos Estados Unidos e na Europa. Nessa região, um dos primeiros trabalhos a abordar a questão, segundo a seleção da autora, é o de Merrill (1968). Em contextos latino-americanos, os estudos são ainda mais incipientes, embora a Universidade Católica do Chile tenha desenvolvido a proposta metodológica mais consolidada e replicada para avaliação da qualidade jornalística: o Valor Agregado Periodístico (VAP) — em tradução nossa para o português “Valor Jornalístico Acrescentado¹⁴”. O método teve seu desenvolvimento iniciado na década de 1990, passando por aprimoramentos até sua consolidação em 2004. O VAP destaca-se como uma ferramenta objetiva e adaptável para avaliação da qualidade, sendo amplamente utilizada em pesquisas na América Latina e na Europa (Santos; Guazina, 2020b). Essa adaptabilidade é evidenciada em diferentes contextos de aplicação, como demonstram estudos selecionados para esta pesquisa (Maciá-Barber, 2020; Garcia, 2018; Gómez-Domínguez, Paredes, Baselga, Gómez, 2016).

O procedimento de avaliação da qualidade por meio da VAP considera duas etapas: o processo de seleção da notícia (*gatekeeping*) e o processo de criação da notícia (*newsmaking*). “Para fazer isso, ele usa planilhas analíticas. No processo de seleção, são analisados indicadores de três níveis: seletividade das notícias, acesso e equidade; por outro lado, durante a fase de criação, três tipos de indicadores são estudados: estilo, conteúdo e

¹⁴ ‘Agregado’, em português, transmite a ideia de algo que é acrescentado ao que se espera inicialmente.

ênfase” (Garcia, 2018, p. 2853, tradução nossa¹⁵). A ficha de análise utilizada no VAP foi construída a partir da seleção de padrões do exercício do jornalismo, compartilhados pela academia, organizações profissionais e o público, complementam Santos e Guazina (2020b):

[...] Esses padrões também poderiam ocorrer em qualquer meio, independente da linha editorial, da missão ou dos objetivos do veículo de comunicação. A visão dos profissionais e do público foi obtida por meio de uma série de estudos com grupos focais, realizados durante o ano de 2003. Descobriu-se que ambos os grupos partilhavam a visão de que os três critérios centrais do “bom jornalismo” seriam o peso informativo ou relevância, a clareza no estilo e a proximidade geográfica e emocional da informação. Contudo, houve diferenças na hierarquia desses valores. Para os jornalistas o mais importante no “bom jornalismo” foi o peso informativo/relevância, enquanto para os membros do público o item de maior relevância foi a proximidade (Santos; Guazina, 2020b, p. 39).

Uma abordagem que se aproxima com melhor propriedade dos interesses da audiência, trata-se de uma versão da teoria de Usos e Gratificações (U&G) (Lacy, Rosenstiel, 2015; Meijer; Bijleveld, 2016). Essa teoria, utilizada por Meijer e Bijleveld (2016), explica porque os usuários escolhem consumir notícias de determinados meios, tendo em vista as gratificações que esperam e recebem deles:

A necessidade de mais informações sobre o uso, necessidades e desejos do público em relação às notícias — e, portanto, de um instrumento de pesquisa U&G revisado e atualizado — é sentida com mais urgência entre estudiosos e produtores de notícias regionais e locais. Na Europa Ocidental, as emissoras e jornais regionais e locais estão perdendo uma parcela maior de telespectadores e leitores e em um ritmo mais rápido do que os jornais e emissoras nacionais (Barnett 2011; Franklin and Murphy 2005; Kik and Landman 2013) (Meijer; Bijleveld, 2016, p. 828, tradução nossa¹⁶)

Com base na aplicação da U&G, Meijer e Bijleveld (2016) propõem dimensões para o chamado “jornalismo de valor”, associando-o à qualidade jornalística e à experiência dos usuários da notícia. As quatro dimensões identificadas — urgência, conexão pública,

¹⁵ Para ello se sirve de unas fichas analíticas. En el proceso de selección, se analizan indicadores de tres niveles: selectividad de la noticia, acceso y equidad; por su parte, durante la fase de creación se estudian tres tipos de indicadores: de estilo, de contenido y de énfasis (Garcia, 2018, p. 2853).

¹⁶ The need for more insight into the audiences’ use, needs and desires regarding news—and thus for a revised and updated U&G survey instrument—is felt most urgently among scholars and producers of regional and local news. In Western Europe, regional and local broadcasters and newspapers are losing a larger share of viewers and readers and at a faster rate than national newspapers and broadcasters (Barnett 2011; Franklin and Murphy 2005; Kik and Landman 2013). (Meijer; Bijleveld, 2016, p. 828)

compreensão da região e capacidade de resposta do público — refletem a forma como os usuários percebem e atribuem valor às notícias. No estudo em questão, os entrevistados foram questionados sobre exemplos concretos de quando sentiram que o jornalismo regional lhes forneceu informações valiosas e importantes.

[...] em vez de igualar o principal fator de gratificação das notícias – a necessidade de informação/vigilância – com o acompanhamento de eventos e incidentes importantes que ocorrem no ambiente imediato (Eveland, Shah e Kwak 2003; Vincent e Basil 1997), perguntamos aos usuários de notícias o que é importante para eles e quais os desenvolvimentos que necessitam de vigilância. Esta abordagem aberta também foi adotada em relação ao fator utilidade social; a utilidade da informação na comunicação interpessoal e na orientação social e política. Perguntamos aos usuários quais informações eles consideraram úteis para conexão interpessoal ou pública. Posteriormente, discutimos as implicações destas necessidades dos usuários para jornalistas e organizações jornalísticas. (Meijer; Bijleveld, 2016, p. 828, tradução nossa¹⁷)

Lançando nosso olhar para a realidade das investigações brasileiras, a principal ferramenta de avaliação da qualidade que se destaca é a Q-Avalia. O instrumento trata-se de um sistema de avaliação de desempenho, que se destina a operacionalizar, armazenar, gerar relatórios e tornar públicas avaliações de qualidade editorial (GUERRA, 2018), a partir da atribuição de notas numa escala numérica-conceitual. O Q-Avalia tem sido utilizado em avaliações experimentais (Silva Neto, 2021; Almeida; Silva Neto, 2018; Guerra, 2018; Santos *et al.*, 2018), segundo esforços do Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo (Qualijor), no âmbito do projeto Jornalismo e *Accountability* no Brasil, da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RenoI). A iniciativa também está vinculada ao Laboratório de Estudos em Jornalismo (Lejor) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O Q-Avalia é fundamentado em parâmetros da norma Qualidade ISO 9000,

¹⁷ In our research we took issue with Sundar and Limperos' (2013) observation that U&G researchers recently tend to dispense with the focus groups in addition to relying heavily on standardized questionnaires and broad categories (Kaye and Johnson 2002). We returned to the two-step approach and combined the strengths of survey data with the richness of in-depth interviews. Additionally, instead of equaling the main gratification factor of news—the need for information/surveillance—with keeping up with important events and incidents occurring in one's immediate surroundings (Eveland, Shah, and Kwak 2003; Vincent and Basil 1997), we asked news users what counts as important for them and which developments need surveillance. This open approach was also taken with regard to the factor of social utility; the usefulness of information in interpersonal communication and social and political orientation. We asked users which information they experienced as useful for inter-personal or public connection. Subsequently, we discussed the implications of these user needs for journalists and journalistic organizations (Meijer; Bijleveld, 2016, p. 828).

certificação reconhecida internacionalmente, que atesta o padrão de qualidade de uma empresa. A aplicação experimental do sistema pelas redes de pesquisa se propôs a alcançar pelo menos 24 organizações jornalísticas regionais brasileiras, avaliando a implementação de instrumentos internos de *accountability* (Santos *et al.*, 2018, p. 4):

Esta avaliação é realizada por meio de dez grandes indicadores, divididos em subcategorias, que avaliam desde projetos editoriais, procedimentos em relação à qualidade editorial, qualificação dos profissionais que trabalham nos jornais, compromissos éticos, até a oferta de canais de interação dos jornais com o público, entre outros.

As investigações desenvolvidas pelos pesquisadores brasileiros a partir do Q-Avalia, no entanto, revelaram que a adoção de mecanismos de *accountability* entre organizações jornalísticas no Brasil ainda está em estágio inicial e não apresentam um sistema interno de “prestação de contas” adequadamente desenvolvido. Para Rothberg e Garrido (2018), os meios de comunicação devem investir no aperfeiçoamento de suas ferramentas e práticas para suprir as necessidades de formação sociopolítica de seu público. E a qualidade seria entendida, dessa maneira, sob três perspectivas: 1) como diferencial competitivo na promoção de uma boa imagem da empresa; 2) como cultura organizacional, ao padronizar procedimentos e otimizar recursos; 3) como responsabilidade social, ao dar ênfase ao acompanhamento da recepção de conteúdo, feedbacks e reformulação das rotinas produtivas (Rothberg; Garrido, 2018).

Diferentemente do que aconteceu em muitas áreas industriais, que incorporaram a gestão da qualidade como maneira de otimizar suas rotinas produtivas e fazer crescerem as margens de lucratividade, no jornalismo essa cultura atravessa a discussão que constitui luta histórica da profissão: a liberdade de imprensa colocada como fator refratário a qualquer tipo de controle. Em parte por isso, não se verifica a existência de qualquer unificação de métodos, técnicas e padrões de qualidade que venham a ser seguidos e respeitados internacionalmente para as mídias informativas e de entretenimento. Os manuais de redação que a princípio foram limitados à padronização estilística das reportagens começaram a abranger outras situações cotidianas da profissão, o que poderia ser explicado como uma reação ao aumento da competição no mercado e à consequente avaliação e comparação, por parte do público, entre as publicações disponíveis – uma tentativa de valorizar o veículo de comunicação por meio de diferenciais competitivos (Rothberg; Garrido, 2018 , p. 5).

Uma perspectiva adicional para a compreensão geral do conceito de qualidade que

merece atenção refere-se à competência técnica, fator relevante para a construção qualitativa de determinados produtos jornalísticos (Gee, 2018; Coutinho; Oliveira Filho, 2016). Essa observação parte da análise de estudos, mais recentemente, que tratam da relação entre qualidade e telejornalismo. Assim, conforme sugerem estas pesquisas, podemos concluir que embora a questão técnica não esteja diretamente relacionada à construção informativa (apuração correta, precisão, contraditório etc.), ou ao contexto de responsabilidade social do jornalismo (relevância, transparência, ética, entre outros) quando se fala de produtos de mídias sonoras ou audiovisuais, como o caso do rádio e da TV, ela emerge como elemento essencial para a percepção de qualidade jornalística.

A exemplo da televisão, componentes como ângulo da câmera, enquadramento, áudio, narração, técnicas de luz e edição podem aprimorar a experiência informacional (Gee, 2018). O mesmo com a captação e edição de áudio para o rádio. Podemos considerar que alguns destes aspectos teriam mais relevância que outros, do ponto de vista qualitativo. Contudo, na ausência de qualidade em algum desses elementos, como uma imagem embaçada, áudio com ruídos ou um enquadramento inadequado, a percepção de qualidade pelo público pode ser comprometida. A mídia digital também não fica atrás. Aspectos como design, interface ou organização dos elementos informativos dão significado à informação e determinam o seu acesso, hierarquia e processo de interpretação por parte do público (Campos; Echezarreta, 2018, p. 177). Ademais, é possível considerar que, com o avanço do jornalismo colaborativo, a participação ativa da audiência possa estar influenciando os padrões de qualidade, não somente em relação a técnica, mas também à percepção de credibilidade.

O jornalismo colaborativo refere-se à prática em que o público participa ativamente do processo jornalístico, contribuindo com informações, imagens e relatos que podem ser incorporados às pautas e reportagens. Um exemplo dessa modalidade é o uso recorrente de imagens de câmeras de vigilância fornecidas por audiência de telejornais. Torres Neto (2025) analisou como o CETV 1ª Edição utiliza esse tipo de conteúdo em suas produções, especialmente aquelas relacionadas à violência e segurança pública. De acordo com o autor, a colaboração ocorre por meio da atitude ativa dos proprietários das imagens, que buscam espontaneamente os meios jornalísticos para divulgar os registros capturados.

Essas imagens, embora não sejam produzidas de forma autoral, com subjetividade e a intenção direta de informar, são percebidas como mais críveis justamente por parecerem isentas de intenção ou mediação humana, reforçando a ideia de que mostram a “realidade como ela é”. Essa percepção é também materializada em elementos associados à baixa

qualidade estética do material, como resolução granulada ou saturada, ângulo centralizado ou inexistência de áudio, entre outras características que sustentam a noção de um registro não mediado e, portanto, sem interferências. Dessa forma, sendo um contraponto às imagens geradas pelos veículos jornalísticos, que possuem um padrão de qualidade mais elevado, que prioriza nitidez, edição e enquadramentos em primeiro plano (Torres Neto, 2025).

Outra observação importante de Torres Neto (2025) diz respeito à relativização dos valores-notícia, uma vez que, mesmo em casos de baixo impacto social, determinados acontecimentos ganham espaço no telejornal por apresentarem imagens capazes de atrair a atenção e gerar engajamento da audiência. Quando o apelo visual se sobrepõe à relevância pública do fato, a cobertura tende a privilegiar aquilo que é mais chamativo em detrimento do que é mais significativo. Esse direcionamento editorial, especialmente em coberturas relacionadas à segurança pública analisadas pelo autor, pode contribuir para silenciar pautas cuja ausência de imagem não as torna menos importantes.

2.4 Delimitando abordagens sobre a qualidade jornalística: variáveis para análise dos estudos acadêmicos

Diante da complexidade e da diversidade de abordagens teóricas e metodológicas sobre a qualidade jornalística evidenciadas no estado da arte, tornou-se necessário revisitar os artigos analisados com maior detalhamento. O objetivo foi identificar, de forma sistemática, variáveis que contribuam para uma compreensão mais precisa de como a qualidade tem sido tratada nas pesquisas. Para isso, foram observados nos estudos selecionados os seguintes critérios: a) opções metodológicas adotadas; b) aspectos da qualidade abordados; c) tipo de jornalismo em foco; d) orientação do jornalismo analisado; e) existência de propostas de ferramentas ou metodologias para verificação, mensuração ou avaliação da qualidade. A análise dessas variáveis permite identificar tendências e lacunas nas investigações recentes sobre qualidade no jornalismo, apontando caminhos e possibilidades para novas pesquisas em áreas ainda pouco exploradas.

Com base nesses critérios, foi possível sistematizar os principais pontos analisados nas pesquisas. As opções metodológicas adotadas nos estudos estão organizadas na Tabela 2, a seguir. Durante a coleta desses dados, considerou-se a multiplicidade de opções metodológicas, desde técnicas ao tipo de abordagem. A partir dos resultados, observa-se uma predominância da análise de conteúdo, presente em 22 trabalhos (42,3% da amostra). Em seguida, destacam-se 17 estudos que adotam pesquisa bibliográfica (32,7%), 12 que utilizam

abordagens quantitativas (23,1%) e 12 que recorrem a métodos qualitativos (23,1%). A técnica de entrevistas foi aplicada em 11 estudos (21,2%).

Tabela 2 – Variável A: Opções metodológicas, em ordem decrescente do número de aplicação

Opções metodológicas	Número de trabalhos	Porcentagem
Análise de Conteúdo	22	42,3%
Pesquisa Bibliográfica	17	32,7%
Abordagem Quantitativa	12	23,1%
Abordagem Qualitativa	12	23,1%
Entrevista	11	21,2%
Pesquisa Documental	9	17,3%
Aplicação de Questionário	5	9,6%
Pesquisa Aplicada	4	7,7%
Abordagem Experimental	3	5,8%
Abordagem Exploratória	3	5,8%
Análise Estatística	3	5,8%
Aplicação de Fichas	2	3,8%
Observação Não-Participante	2	3,8%
Estudo de Caso Múltiplo	2	3,8%
Abordagem hipotético-dedutiva	1	1,9%
Abordagem Explicativa	1	1,9%
Etnografia virtual	1	1,9%
Análise Técnica	1	1,9%
Análise de Dados	1	1,9%
Análise Semiodiscursiva	1	1,9%
Análise Televisual	1	1,9%
Análise Fatorial Exploratória	1	1,9%
Análise Fatorial Confirmatória	1	1,9%
Método Comparativo	1	1,9%
Observação Participante	1	1,9%

Fonte: Elaborada pela autora.

A próxima variável trata dos aspectos de qualidade abordados nas pesquisas, para entender quais enquadramentos predominam nos estudos da qualidade no jornalismo. Para isso, também consideramos que um mesmo estudo pode abordar mais de um aspecto, contabilizando cada ocorrência separadamente. Em nossa análise, foi possível perceber a predominância da abordagem do produto na discussão da qualidade, correspondendo a uma proporção de 71,2% dos trabalhos de nossa seleção. Essa orientação, apontada por autores referenciados nesta dissertação (Lacy; Rosenstiel, 2015; Pinto; Marinho, 2003) continua relevante tendo em vista que o produto é a materialização do fazer jornalístico. Ou seja, por sua forma concreta e tangível, que pode ser visto, lido, ouvido e por vezes tocado, é também um objeto mais acessível ou mais objetivo para processos de qualificação. Diferentemente do que se pode afirmar em relação a qualidade atribuída pela audiência ou na relação (dos veículos noticiosos) com a audiência que, conforme discutimos, são particularmente subjetivas e podem variar conforme os interesses e expectativas de cada pessoa (Lacy; Rosenstiel, 2015). Essa perspectiva talvez possa explicar a abordagem em menor proporção no nosso estudo, com 14 trabalhos (26,9%) discutindo esse aspecto.

Tabela 3 – Variável B: Aspectos de qualidade abordados nas pesquisas

Aspecto abordado	Número de trabalhos	Porcentagem
Qualidade do produto jornalístico	37	71,2%
Qualidade nos processos de produção jornalística	29	55,8%
Qualidade na gestão e padrões organizacionais	24	46,2%
Qualidade atribuída pela audiência ou na relação com a audiência	14	26,9%
Qualidade influenciada por pressões externas ao jornalismo	10	19,2%
Qualidade da condição de trabalho	6	11,5%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tendo em vista que a abordagem do produto é a principal nos estudos analisados, é natural que os processos de produção (55,8%) também tenham destaque, pois há um vínculo estreito entre o que se produz e como se produz no jornalismo. No entanto, em alguns casos, especialmente em razão das escolhas metodológicas adotadas, o produto acaba recebendo

maior ênfase. Isso se confirma, por exemplo, pela predominância da análise de conteúdo entre os estudos da amostra, técnica que concentra a investigação em peças jornalísticas e, muitas vezes, deixa os processos em segundo plano.

A qualidade relacionada à gestão e aos padrões organizacionais, com 46,2% de representatividade, reflete a predominância, em nossa amostra, de estudos oriundos de bases de dados brasileiras, marcados por uma orientação voltada à discussão da gestão no jornalismo¹⁸. Em proporções menores, aparecem as abordagens sobre a qualidade influenciada por pressões externas ao jornalismo (19,2%) e sobre as condições de trabalho (11,5%). Embora tanto as pressões externas quanto as condições de trabalho sejam reconhecidas como fatores relevantes, elas são pouco exploradas como foco central, sendo frequentemente tratadas como elementos complementares nas pesquisas. Essas duas dimensões, apesar de presentes em diversas discussões, ainda carecem de abordagens metodológicas mais estruturadas, que as coloquem como objeto principal da investigação, e não apenas como aspectos contextuais ou secundários.

Um exemplo que ilustra essa abordagem mais estruturada é o estudo de Romero-Rodríguez e Aguaded (2016), que aplicou uma metodologia integrada para avaliar a qualidade do jornalismo em dois jornais venezuelanos, um privado e um público. A pesquisa combinou análise de conteúdo com questionários aplicados a gestores e trabalhadores, permitindo medir como as condições políticas e econômicas influenciam o jornalismo local. Esse modelo mostrou de que forma fatores externos — como censura, polarização política e condições de trabalho — afetam tanto a gestão e o ambiente laboral quanto o produto final jornalístico. Dessa forma, o estudo reforça a importância de usar metodologias que considerem a complexidade das pressões externas, oferecendo uma avaliação mais completa da qualidade no jornalismo.

A variável seguinte refere-se ao tipo de jornalismo em destaque nas discussões sobre qualidade. Observa-se uma predominância de estudos voltados ao telejornalismo, com 18 dos 52 trabalhos da amostra (34,6%). Em seguida, aparecem o jornalismo impresso (14 estudos, 26,9%) e o webjornalismo (13 estudos, 25,0%). O radiojornalismo, por sua vez, foi abordado em apenas duas pesquisas (3,8%). No que diz respeito a outros formatos, especializações, suportes ou gêneros, foram identificados oito trabalhos (15,4%) com foco em jornalismo literário, jornalismo político, livro-reportagem, jornalismo ambiental, jornalismo de saúde, cobertura de educação, cobertura policial e podcasts jornalísticos. Além disso, há 13

¹⁸ Essa inclinação para a abordagem da gestão e dos padrões organizacionais é discutida com mais detalhes nos itens 2.1 e 2.3.

estudos (25,0%) em que o tipo de jornalismo não pôde ser identificado ou cuja especificação não se aplica. Vale destacar que alguns trabalhos abordam mais de um tipo de jornalismo e cada ocorrência foi considerada.

Tabela 4 – Variável C: Tipo específico de jornalismo em destaque na discussão sobre a qualidade

Tipo de jornalismo	Número de trabalhos	Porcentagem
Telejornalismo	18	34,6%
Jornalismo Impresso	14	26,9%
Webjornalismo	13	25,0%
Não é possível identificar/Especificação não se aplica	13	25,0%
Outros	8	15,3%
Radiojornalismo	2	3,8%

Fonte: Elaborada pela autora.

A orientação do jornalismo é a quarta variável observada e diz respeito à inclinação comercial ou ideológica dos veículos jornalísticos analisados nas pesquisas. Os resultados indicam uma predominância de estudos voltados ao jornalismo mainstream — ou seja, aquele produzido por organizações convencionais, de perfil comercial e com grande alcance de audiência. Essa categoria representa 40,3% dos trabalhos da amostra, o equivalente a 21 dos 52 analisados. Em seguida, aparece o jornalismo regional, presente em 18 estudos (34,6%). Em 16 pesquisas (30,7%), não foi possível identificar o tipo de orientação, ou a especificação não se aplica ao escopo do estudo. Já as emissoras públicas aparecem em nove trabalhos (17,3%), o jornalismo independente em dois (3,8%) e o jornalismo alternativo em apenas um (1,9%).

A baixa presença de estudos que abordam o jornalismo fora do contexto convencional (categoria que inclui o jornalismo independente, alternativo e outras formas não hegemônicas de produção jornalística) na amostra analisada chama atenção para uma importante lacuna na literatura sobre qualidade no jornalismo. Esses números indicam que ainda há pouco esforço acadêmico voltado a compreender como se constrói a qualidade em modelos jornalísticos que não seguem os padrões convencionais. Diante da crescente atuação de iniciativas independentes e alternativas, especialmente em contextos de transformação

estrutural do campo, torna-se necessário ampliar os estudos que investigam essas formas de jornalismo e seus próprios critérios de qualidade.

Tabela 5 – Variável D: Orientação do jornalismo investigado

Orientação do jornalismo	Número de trabalhos	Porcentagem
Jornalismo mainstream	21	40,3%
Jornalismo regional	18	34,6%
Não é possível identificar/Especificação não se aplica	16	30,7%
Emissora pública	9	17,3%
Jornalismo independente	2	3,8%
Jornalismo alternativo	1	1,9%

Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, verificamos se os trabalhos selecionados apresentam proposta de ferramenta ou metodologia para verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade jornalística. A variável pretende mapear os esforços de construção e aprimoramento de métodos e ferramentas que possam contribuir de forma inovadora para a análise das práticas jornalísticas e desempenho das organizações de jornalismo.

Tabela 6 – Variável E: Proposta de ferramenta ou metodologia para verificação, mensuração e avaliação da qualidade jornalística

Há proposta de ferramenta ou metodologia?	Nº	%
Nenhuma proposta de ferramenta ou metodologia é sugerida na pesquisa; ou a verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade não se aplica ao contexto do estudo.	20	38,4%
A pesquisa apresenta/desenvolve proposta de ferramentas ou metodologias específicas para verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade no jornalismo.	17	32,6%
A pesquisa apresenta/desenvolve proposta de ferramentas ou metodologias específicas para verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade no jornalismo e expressa a intenção de aprofundar metodologias ou ferramentas para verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade no jornalismo em trabalhos futuros.	14	26,9%
A pesquisa expressa a intenção de desenvolver metodologias ou ferramentas para verificação, mensuração e/ou avaliação da qualidade no jornalismo em trabalhos futuros.	1	1,9%

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dos resultados, observa-se uma tendência relevante entre os 59,6% dos estudos que se dedicam ao desenvolvimento e/ou aplicação de ferramentas ou metodologias voltadas à verificação, mensuração ou avaliação da qualidade no jornalismo. Entre eles, 14 trabalhos se destacam por, além de utilizarem esses instrumentos, explicitarem a intenção de aperfeiçoá-los ou ampliá-los em pesquisas futuras. Esse movimento aponta para um esforço contínuo de refinamento metodológico no campo. Soma-se a esse grupo um estudo que, embora ainda não desenvolva tais ferramentas, manifesta a intenção de fazê-lo em investigações posteriores. Dessa forma, 15 trabalhos (28,8%) revelam uma preocupação com a continuidade ou expansão desse tipo de abordagem. Por outro lado, 20 estudos não desenvolvem instrumentos específicos para avaliar a qualidade no jornalismo, nem demonstram intenção de fazê-lo. Isso não implica ausência de método, mas indica um foco mais voltado à reflexão teórica, à análise crítica ou à aplicação de abordagens consolidadas em outros campos, que são adaptadas para discutir a qualidade jornalística, sem necessariamente propor instrumentos próprios de avaliação.

2.5 Considerações sobre o estado da arte

Direcionar o olhar para as questões que circulam o debate sobre a qualidade no jornalismo é um exercício importante para a construção de práticas jornalísticas responsáveis e um ecossistema informativo saudável. Diante das discussões elaboradas até aqui, pode-se afirmar que a compreensão da qualidade no jornalismo, no entanto, ainda está em estágio inicial, com questões sendo levantadas sobretudo em relação à necessidade de se construir ferramentas de mensuração e avaliação da qualidade com maior rigor científico e confiabilidade. São poucas as metodologias que dão conta das particularidades do conceito, devido ao seu caráter multidimensional e à subjetividade inerente. Por consequência, os esforços permanecem em torno dessa construção teórico-metodológica da qualidade jornalística.

Como desdobramento de revisão de literatura desenvolvida anteriormente por Costa (2021), esse estado da arte endossa algumas observações já destacadas pela autora: 1) as dimensões de qualidade jornalística podem ser incorporadas a pelo menos quatro momentos da produção jornalística, como a organização do trabalho, rotinas do trabalho, produto e relação com a audiência; 2) a qualidade da informação está sujeita à influência de instâncias exteriores à produção, como a cultura da organização jornalística e, de forma mais

ampla, ao contexto social e à ordem jurídica na região em que o jornalismo é praticado; 3) a qualidade pode apresentar características distintas, a depender do público que a avalia ou a define (jornalista, fonte, audiência, dono do veículo etc) (Costa, 2021).

Para que avanços na conceituação da qualidade sejam viáveis, fazem-se necessárias pesquisas que englobem a diversidade do jornalismo, que, longe de ser apenas um sistema ou instituição, é um fenômeno sujeito a influências sociais e a disputas de interesses. Até o momento, os estudos sobre o tema têm se concentrado predominantemente no produto, processos e gestão organizacional ou editorial. A partir das discussões presentes neste estado da arte, é pertinente voltar o olhar para outros tipos de jornalismo e analisar como a qualidade é definida em ambientes distintos do convencional.

O jornalismo independente surge como uma dessas alternativas, sendo caracterizado pela busca por maior autonomia editorial e liberdade de atuação em comparação aos grandes conglomerados de mídia, frequentemente condicionados a interesses corporativos. As formas de gestão das organizações independentes também costumam seguir modelos diferenciados, com maior autonomia para os jornalistas, uma gestão mais horizontal e uma relação colaborativa com a audiência e outras organizações independentes, o que impacta diretamente suas decisões estratégicas e dinâmicas de produção (Patrício, 2024; Oliveira; Felippi, 2023; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro; Nonato, 2017). Assim, se as rotinas, princípios e práticas do jornalismo independente podem variar em comparação com o jornalismo convencional, surge a necessidade de se questionar se os critérios de qualidade no jornalismo são os mesmos em ambos os contextos, observando possíveis distanciamentos ou proximidades entre eles.

Patrício e Santana (2023), ao analisarem dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al.*, 2022), destacam a aproximação entre os valores considerados essenciais para uma atuação ética por jornalistas independentes e aqueles que atuam em organizações convencionais. Entre esses valores, incluem-se diversidade, equilíbrio, imparcialidade, justiça, liberdade, objetividade, pluralidade, transparência e verdade. A análise dos resultados revelou que a percepção de relevância desses princípios varia pouco entre os dois grupos, evidenciando que pode haver pontos de convergência, em um sentido mais amplo, na forma como os jornalistas concebem os fundamentos da profissão.

Em outra perspectiva, há que se considerar as particularidades do jornalismo independente, que podem influenciar a maneira como seus profissionais percebem parâmetros e fatores de qualidade. É importante refletir sobre como se estrutura o fluxo de trabalho no jornalismo independente, como os trabalhadores se relacionam nesse ambiente, como as

decisões editoriais são tomadas e de que forma as estratégias de financiamento influenciam a independência editorial e a liberdade de atuação dessas organizações. São aspectos que podem impactar a qualidade jornalística, cada um à sua maneira. Assim, a partir de nossas questões, buscamos compreender como as (e quais) dimensões de qualificação se apresentam nos diferentes contextos e pela percepção de produtores e públicos diversos.

Portanto, questionamos: que características, princípios e dimensões definem o jornalismo independente na perspectiva de profissionais atuantes nesse ambiente laboral? Como esses profissionais definem o que é qualidade na sua produção jornalística? Quais rotinas e práticas consideram importantes para a qualidade da produção jornalística independente? Essas questões se mostram necessárias diante da escassa abordagem do jornalismo independente no contexto dos estudos sobre a qualidade jornalística, segundo revela nossa revisão. Como hipótese, entendemos que os profissionais de veículos de jornalismo independente, embora possam compartilhar de valores e práticas comuns ao jornalismo convencional, também podem possuir rotinas e princípios distintos, capazes de orientar (em certa medida) um novo fazer jornalístico, mais qualificado e alinhado com a responsabilidade social.

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter exploratório, pretendemos inicialmente realizar revisão bibliográfica de forma a aprofundar as reflexões sobre a qualidade jornalística, as transformações no jornalismo e a plataformização, percebendo o atravessamento possível entre esses processos, além de apreender conceitos sobre o jornalismo realizado fora do contexto convencional. Como instrumento de coleta de dados, consideramos a aplicação de entrevistas junto aos profissionais jornalistas que atuam em organizações independentes e alternativas em diferentes regiões do Brasil e com propostas editoriais diversas. Essa definição se justifica pela intenção de compreender a qualidade em contextos múltiplos — e, adicionalmente, aponta para o potencial do jornalismo regional em atender às necessidades das comunidades locais, o que, embora não seja o foco principal de nossa pesquisa, pode emergir como uma dimensão relevante, conforme indicam alguns autores nesta revisão de literatura.

Para um aprofundamento das discussões orientadoras do estado da arte sobre qualidade no jornalismo, faz-se necessário incorporar ao referencial teórico desta pesquisa três eixos temáticos: as transformações no jornalismo, a plataformização e o jornalismo independente. A literatura sobre qualidade no jornalismo mostra que o conceito está ligado não apenas ao produto, processos ou à gestão da organização jornalística, mas também às condições sociais, econômicas, políticas e culturais que impactam o fazer jornalístico e, por

consequente, a sua avaliação. As mudanças no campo — como novas rotinas de produção, alterações no modelo de negócios e reorganização das redações — afetam diretamente os critérios usados para definir o que é jornalismo de qualidade. Sem considerar essas transformações, corre-se o risco de tratar a qualidade jornalística como um conceito fixo, descolado da realidade prática e histórica do jornalismo.

Além disso, a plataformização altera profundamente as formas de produzir e distribuir notícias. Métricas como alcance e engajamento passaram a influenciar decisões editoriais e a percepção do que é um conteúdo de qualidade, como apontado por Fürst (2020), mesmo que esses indicadores não estejam necessariamente ligados à qualidade jornalística em si. Afinal, notícias falsas ou sensacionalistas também ganham espaço e visibilidade (Delmazo; Valente, 2018). Já o jornalismo independente, foco desta pesquisa, opera em contextos que, em muitos casos, diferem das dinâmicas das grandes empresas de mídia. Enfrenta desafios específicos de estrutura, financiamento e relação com o público (Patrício, 2024, 2022; Oliveira; Felippi, 2023; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro; Nonato, 2017), o que demanda uma análise atenta sobre como a qualidade é compreendida e construída nesse ambiente. Por isso, discutir esses três eixos temáticos é essencial para entender de forma mais completa o que está em jogo quando falamos em qualidade no jornalismo.

3 JORNALISMO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

O cenário atual do jornalismo é marcado por rápidas mudanças e desafios que afetam tanto as práticas profissionais quanto as condições de trabalho dos jornalistas. Essas transformações fazem parte de um processo mais amplo de reestruturação produtiva do capital, que alterou significativamente a organização e a gestão das empresas de mídia, impactando seus modelos de negócio e levando a novas formas de produção, consumo e circulação de notícias (Silva, 2021; Figaro; Silva, 2020; Figueiredo Sobrinho, 2018; Souza, 2016; Grohmann, 2013; Lima; Bezerra, 2010). A compreensão da crise estrutural do capitalismo é fundamental para contextualizar as transformações que impulsionam a reconfiguração do jornalismo. Diferenciá-la das crises cíclicas e temporárias permite perceber que esse processo não é apenas uma reação a variações econômicas passageiras, mas uma adaptação às mudanças profundas do sistema. Com essa base, será possível realizar uma análise apurada sobre como os novos arranjos do capital moldam a prática e as dinâmicas do setor jornalístico. Nesse sentido, a crise estrutural é definida por Souza (2016) como aquela que impacta o sistema econômico como um todo, afetando suas partes constitutivas e os complexos a ele relacionados:

Somente é possível o deslocamento das contradições de uma crise enquanto ela for parcial. Nos processos que compõem uma crise sistêmica estrutural, todos seus limites são desafiados e, nesse sentido, sua estrutura passa a ser corrompida. Ora, a destruição de matéria prima, bem como da própria humanidade vitimada pela dimensão corrosiva e incivilizatória dos dispositivos incontrolláveis da ordem metabólica do capital, inserem-se num processo de intensificação do polo negativo da destrutividade capitalista. As três dimensões fundamentais do capital - produção, consumo e circulação/distribuição/realização - são motivados por autoexpansão, sendo que no contexto de crise estrutural eles encontram suas próprias barreiras intransponíveis (Souza, 2016, p. 8).

A reestruturação produtiva foi alavancada pelas transformações econômicas e sociais que surgiram em função das crises e limitações dos modelos de produção fordista e taylorista, durante as últimas décadas do século XX, estabelecendo a transição para um regime de acumulação flexível, ou pós-fordista, que responde às novas demandas do mercado e aos avanços tecnológicos. Esse modelo de acumulação, descrito por Lima e Bezerra (2010) com base em Harvey (1992), é caracterizado pela flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados laborais, dos produtos e dos padrões de consumo, além do aparecimento de novos setores produtivos, novas formas de prestação de serviços financeiros, novos mercados

e altos graus de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Compreendendo a profundidade e o alcance das crises estruturais, podemos direcionar a discussão para uma das características centrais da nova fase do capitalismo, iniciada com o enfraquecimento do modelo fordista: as transformações no mundo do trabalho. Não por acaso esse tema vem sendo discutido amplamente na academia, atrelado a discussões sobre as condições de trabalho e as implicações da flexibilização e precarização nas mais diversas profissões. Nessa perspectiva, Antunes e Alves (2004, p. 336), ao analisarem as principais mutações na objetividade e subjetividade do mundo do trabalho na era da globalização se contrapõe à ideia de descentramento ou perda da relevância do trabalho como elemento estruturante da sociedade e sustenta: “se a classe trabalhadora não é idêntica àquela existente em meados do século passado, ela também não está em vias de desaparecimento, nem ontologicamente perdeu seu sentido estruturante”.

Nas definições de Antunes e Alves (2004), a classe trabalhadora — também referida pelo autor como ‘classe-que-vive-do-trabalho’ — incorpora todos os assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e não detêm os meios de produção. Essa classe, contudo, vem sendo atravessada por importantes transformações. Entre elas, a “redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista” (Antunes; Alves, 2004, p. 336). De forma paralela a essa mudança, expande-se um novo tipo de proletariado fabril e de serviços, composto por trabalhadores terceirizados, subcontratados, *part-time* e semelhantes, inseridos em relações laborais cada vez mais precarizadas.

Essa reconfiguração também é analisada por Standing (2014), que observa a fragmentação do antigo assalariado em grupos com diferentes condições de trabalho. De um lado, permanecem trabalhadores com contratos estáveis, acesso a direitos trabalhistas e alguma previsibilidade quanto ao futuro — grupo que o autor denomina *salariat*, um núcleo tradicionalmente protegido da classe assalariada. De outro, ganha espaço um contingente de profissionais qualificados que atuam por projeto, sem vínculos duradouros e com múltiplas habilidades exigidas. São os *proficians*¹⁹, trabalhadores submetidos à intensa pressão por desempenho, jornadas irregulares e maior risco de esgotamento físico e mental.

Além desses segmentos, surge o precariado, descrito por Standing (2014) como uma nova classe formada por pessoas que vivem em constante insegurança, sem estabilidade no emprego, com baixa proteção social e poucas perspectivas de mobilidade social. A

¹⁹ O termo utilizado por Standing (2014) vem da união das palavras *professional* (profissional) e *technician* (técnico), do inglês.

emergência do precariado, apontada pelo autor, é um reflexo da constituição de uma nova forma de subordinação ao capital, marcada pela instabilidade contratual, pela ausência de identidade ocupacional e pela perda de garantias socioeconômicas básicas. Esse fenômeno evidencia que o rebaixamento das condições laborais, identificados por Antunes e Alves (2004), não é circunstancial, mas estrutural.

Os autores também observam outras duas tendências no mercado de trabalho: a exclusão de jovens, que acabam em empregos precários ou permanecem no desemprego, sem perspectivas; e a exclusão de trabalhadores considerados “idosos” pelo capital, que enfrentam dificuldades de reingressar no mercado. Nesse grupo encontram-se profissionais na faixa dos 40 anos, que se incorporam ao contingente de informais, voluntários ou desempregados (Antunes; Alves, 2004). Como desdobramento dessas tendências, há a expansão do Terceiro Setor, modalidade que agrupa os trabalhadores expulsos do mercado formal e assume um perfil comunitário, com atividades de caráter assistencial, sem fins mercantis ou lucrativos.

Ao incorporar – ainda que de modo também precário – aqueles que foram expulsos do mercado formal de trabalho, estes seres sociais se vêem não mais como desempregados, plenamente excluídos, mas realizando atividades efetivas, dotadas de algum sentido social e útil. Mas devemos reiterar que essas atividades são funcionais ao sistema, que hoje se mostra completamente incapaz de absorver os desempregados e precarizados (Antunes; Alves, 2004, p. 340).

Embora as tendências descritas por Antunes e Alves (2004) tenham sido identificadas há duas décadas, elas ainda oferecem uma base valiosa para compreender as dinâmicas atuais do mundo do trabalho. Apesar das mudanças no cenário global e nas práticas laborais, muitos dos padrões observados continuam a se manifestar e permanecem relevantes como referencial para a análise das transformações no jornalismo. Enquanto o autor destaca a exclusão estrutural de parcelas crescentes da classe trabalhadora, inclusive jovens, Standing (2014) aprofunda essa observação ao identificar no precariado uma presença expressiva de jovens com formação superior, mas sem perspectivas de inserção condizente com sua qualificação. Trata-se de uma geração que, apesar dos diplomas, se vê condenada à instabilidade e ao subemprego.

Este grupo sofre privação relativa por lhe ser negado um futuro, uma forma atraente de construir uma vida digna e plena. Mas eles não ouvem os neofascistas; buscam recuperar um "futuro" e aspiram a criar uma "boa sociedade" baseada em valores progressistas de

igualdade, liberdade e sustentabilidade ecológica (Standing, 2014, p. 11, tradução nossa²⁰)

Essa leitura, no entanto, pode ser tensionada a partir do estudo de Silva (2022), que aponta como, em certos contextos, os jovens²¹ não apenas conseguem inserção no mercado de trabalho, como também podem ser preferidos pelas empresas. As razões para tal preferência incluem a maior disposição para rotinas extenuantes, a flexibilidade diante de vínculos e jornadas e o menor envolvimento com práticas coletivas. Ainda segundo a autora, a maioria dos jovens jornalistas egressos da Universidade Federal do Ceará (58,5%) possui ou já possuiu vínculos de trabalho estáveis com carteira assinada — um percentual superior à média nacional (45,8%) no Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al.*, 2022). Além disso, esses profissionais ocupam diferentes funções dentro e fora da mídia, o que demonstra polivalência e acesso a múltiplos espaços de atuação. Apesar do reconhecimento da precarização — expressa no acúmulo de tarefas, nas jornadas extenuantes e na incerteza quanto à progressão na carreira —, muitos relatam satisfação com a profissão, ainda que de forma contraditória, como revela o fato de o salário ser apontado simultaneamente como principal fator de satisfação e de insatisfação. Assim, o caso analisado por Silva (2022) não nega a presença da precarização nem a pertinência da noção de “precariado”, mas sugere que essas condições convivem com formas concretas e formais de inserção no mercado.

Ainda sobre as mutações no mundo do trabalho, uma última tendência destacada por Antunes e Alves (2004) trata da transnacionalização do capital e do sistema produtivo, que no contexto do capitalismo globalizado resultou em uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional e nacional com a esfera internacional, refletindo as reconfigurações do espaço e do tempo de produção. Essas transformações também são evidentes em setores específicos, como o da mídia, que têm enfrentado mudanças significativas devido à globalização e transnacionalização:

[...] são justamente as TICs e o pós-fordismo que vão desencadear mudanças profundas tanto na organização social de forma geral, como nas rotinas de trabalho e de trabalhadores. Essas mudanças estão sendo firmadas em um quadro global, uma vez que desde a década de 1990 os conglomerados de comunicação mundial passaram a enfrentar

²⁰ This group experiences relative deprivation by being denied a future, an attractive way of building a life of dignity and fulfilment. But they do not listen to neo-fascists; they look to recover a “future” and aspire to create a “good society” based on progressive values of equality, freedom and ecological sustainability. (Standing, 2014, p. 11)

²¹ Silva (2022) não adota uma definição biológica ou geracional para o termo “jovens jornalistas”, mas o utiliza a partir de uma perspectiva vinculada ao tempo de experiência na prática profissional

processos de reestruturação, deixando de se reportar a mercados internos para se dirigir a um mercado capitalista global. A partir dessa conjuntura, começa a ganhar contorno um novo desenho de institucionalização das mídias em geral. Entra-se na era das fusões, de concentração de propriedade e capital. Assim, a reestruturação das empresas de comunicação está sendo construída dentro da tensão entre o global e o local. Ou seja, apesar dessa força exterior que surge por força do global, essas mesmas empresas enfrentam questões que dizem respeito a rotinas, perfil organizacional e profissionais que estão dentro de outra realidade, local, particular (Lima; Bezerra, 2010, p. 4).²²

Ao abordar a questão da crise estrutural do capital e sua relação com a crise do jornalismo, Souza (2016) aponta que são nítidas as manifestações de uma reestruturação produtiva no setor, que fragmenta e precariza as atividades laborais. Nesse contexto de flexibilização profissional, ele descreve que os conglomerados de mídia adaptam suas rotinas produtivas para se alinharem à reestruturação, atribuindo aos jornalistas novas funções que os tornam responsáveis pelas variações do mercado de informação (Souza, 2016). Esses processos não apenas refletem as tensões no sistema econômico, mas também revelam uma extensa instabilidade no setor jornalístico, evidenciando como as pressões econômicas estão redefinindo a prática jornalista.

De acordo com Fonseca e Souza (2006, p. 5), “no jornalismo industrial, o fenômeno vem se manifestando na forma de sobreposição de tarefas, supressão de funções e estabelecimento de metas de produtividade, entre outras inovações”. Ao mesmo tempo em que a introdução de novas tecnologias e a adoção de processos automatizados permitem às organizações jornalísticas operarem com menos recursos, elas também exigem dos jornalistas um perfil multifuncional (Bertolini, 2017; Fonseca; Souza, 2006), resultando em sobrecarga de responsabilidades. Para compreender como essas reconfigurações interferem na estabilidade e segurança dos profissionais da comunicação e influenciam a qualidade da produção jornalista, é essencial examinar o impacto que essas novas dinâmicas exercem sobre o setor.

3.1 A reestruturação do jornalismo frente às crises econômicas e setoriais

²² Embora neste ponto coubesse discutir a atuação das *big techs* e suas repercussões nos conglomerados de mídia, essa reflexão será desenvolvida no item 3.3, no contexto da discussão sobre a plataformação do jornalismo.

A crise estrutural do setor jornalístico pode ser observada, segundo Salaverría (2015), em pelo menos dois processos. O primeiro é a crise de acumulação, que afeta toda a economia global e resulta na redução do poder aquisitivo da população, diminuindo o consumo de produtos culturais e restringindo os investimentos em publicidade, o que agrava as perdas financeiras das empresas de mídia. O segundo processo, considerado mais profundo e duradouro, é a transformação tecnológica, que impacta a indústria da comunicação desde a década de 1990. Os reflexos dessa transformação são percebidos na capacidade de coleta, processamento, produção, armazenamento e compartilhamento de informações (Lima; Bezerra, 2010), atividades que agora são realizadas com maior eficiência e velocidade. Essas configurações contribuíram para a adaptação do jornalismo a uma realidade cada vez mais corporativa. Nesse contexto, as empresas jornalísticas adotam estratégias industriais para expandir seu alcance, maximizar a produtividade, reduzir custos e aumentar os lucros – medidas que influenciam gradativamente a reorganização estrutural do setor, redefinindo suas rotinas produtivas e modelos de negócio.

Por outro lado, a crise do jornalismo não se resume a fatores financeiros ou tecnológicos, ela também se manifesta como uma crise de confiança. As transformações no setor, marcadas por uma valorização crescente da velocidade, da eficiência e da lógica corporativa, têm contribuído para o enfraquecimento da qualidade editorial e, conseqüentemente, para a perda de credibilidade junto ao público. Como observa Christofolletti (2019), a busca por lucro e os sucessivos cortes que afetam a produção jornalística comprometem o “contrato de leitura” entre o veículo e o público. Quando esse pacto de confiança é rompido, a própria função social do jornalismo passa a ser questionada. Em um cenário de transição como o atual, atravessado pela desinformação e pela lógica das plataformas, que privilegiam a circulação em detrimento da veracidade, a confiança na atividade jornalística se torna ainda mais frágil. Diante disso, pensar na sustentabilidade do setor exige mais do que soluções econômicas: requer, sobretudo, o resgate da credibilidade e o compromisso renovado com a qualidade da informação (Christofolletti, 2019).

Salaverría (2015) identifica cinco rupturas no modelo tradicional da mídia devido à digitalização. A primeira é a ruptura de fronteiras, onde a informação em rede globalizou os mercados de comunicação, superando barreiras geográficas e monopólios informativos. A segunda é a ruptura de barreiras, ligada ao aumento da concorrência entre empresas jornalísticas pelo maior acesso ao mercado, mas sem aumento proporcional da demanda, o que dificulta o convencimento da audiência para consumir conteúdos que se encontram disponíveis gratuitamente. A terceira, a ruptura do ciclo editorial, implica a necessidade de

produzir conteúdo para múltiplas plataformas e em tempo real. A quarta é a ruptura do monopólio da palavra, que tornou a relação com o público mais horizontal e as organizações midiáticas sujeitas ao escrutínio nas redes sociais. Por fim, a ruptura do modelo de negócio reflete o impacto dessas mudanças, desafiando a viabilidade de modelos baseados na venda de conteúdo.

Outro fator que intensifica o quadro de crise é o surgimento de novos atores no ramo da informação, como as assessorias de imprensa e a comunicação corporativa (Leite, 2023), além de outros produtores de conteúdo, como blogueiros, youtubers e influenciadores digitais. Esses grupos se incorporam ao ecossistema informativo e aumentam a concorrência, pressionando ainda mais as empresas de mídia a adaptarem suas práticas para se manterem relevantes e competitivas. Ao mesmo tempo, práticas de outras áreas da comunicação passam a fazer parte do jornalismo, trazendo abordagens que ultrapassam os limites tradicionais da profissão, com a integração de áreas como programação e design, em equipes multidisciplinares (Deuze; Witschge, 2016).

A explosão de novos agentes no mercado da informação gerou uma oferta excessiva de conteúdos, o que impactou diretamente o valor da informação jornalística. Como lembra Christofolletti (2019), quando a oferta supera a demanda, o valor tende a cair — lógica básica da economia que também se aplica ao jornalismo. Nesse cenário de abundância, a informação passou a ser tratada como uma *commodity*, o que levou gestores e empresas a repensarem a cadeia de valor do setor. Termos como “agregar valor” tornaram-se comuns no jargão corporativo, muitas vezes substituindo a ideia de se fazer bom jornalismo.

Na verdade, usam-se outras palavras para designar o que antes se referia a fazer bom jornalismo. Reportagem, entrevista, nota ou qualquer produto jornalístico tem valor quando contém exclusividade, originalidade, atualidade, relevância e utilidade. É também um bom produto quando gera prazer na experiência de consumo, adiciona novidades ao conhecimento já acumulado, e quando apresenta uma satisfatória relação custo-benefício. (Christofolletti, 2019, p. 43)

Essas características, no entanto, são cada vez mais pressionadas por um ambiente de competição intensa e excesso de oferta, o que impõe novos desafios à produção jornalística de qualidade. De acordo com Bertolini (2017), nesse ambiente, jornalistas, donos de mídia, anunciantes e demais agentes ocupam posições desiguais e mobilizam diferentes formas de capital para alcançar influência, o que torna a dinâmica do setor ainda mais complexa. Segundo o autor, o campo jornalístico se torna cada vez mais híbrido, com profissionais

atuando em funções que transitam entre assessoria de imprensa, relações públicas, publicidade, marketing e produção de conteúdo para mídias digitais ou corporativas. Essa sobreposição de atividades favorece um mercado miscigenado, no qual apenas uma pequena parcela atua em condições voltadas à produção de informação de interesse público. A maior parte opera em contextos marcados por discursos atrelados a interesses específicos – comerciais, políticos ou institucionais – por meio de formatos como *releases*, *branded content*, infotainment e opinião.

Essas reorientações não apenas fragilizam os princípios éticos e técnicos do fazer jornalístico, mas também sinalizam um esvaziamento de critérios que sustentavam a ideia de qualidade no jornalismo. Em sintonia com esse diagnóstico, Subtil e Garcia (2022) argumentam que a transição para uma lógica neoliberal e de plataformas digitais desestabilizou os alicerces institucionais do jornalismo, promovendo uma fusão entre jornalismo, entretenimento, marketing e publicidade. Nesse novo ecossistema, as fronteiras entre fato e ficção, conteúdo e notícia, tornaram-se cada vez mais difusas, mergulhando o jornalismo em um processo de desorientação quanto à sua missão social. Assim, o que está em jogo é justamente a redefinição (ou a perda) dos parâmetros que tradicionalmente orientavam a produção de conteúdos de qualidade no campo jornalístico.

Embora a transformação tecnológica tenha ocasionado as mudanças mais importantes no jornalismo recentemente, é necessário pontuar que as mudanças profissionais não são novidades no universo jornalístico. Os meios de comunicação e seus profissionais sempre acompanharam as atualizações técnicas e tecnológicas que redefinem suas funções e atividades. “Foi assim com os jornais diários, após o surgimento e expansão do rádio; com o próprio rádio, após a chegada da televisão e, agora, é a vez da Internet, que parece ter causado impactos como jamais vistos até então” (Lima; Bezerra, 2010, p. 7). Em complemento a esse raciocínio, Deuze e Witschge (2016) defendem o jornalismo como um objeto em movimento, semelhante a um ‘tornar-se’, em vez de um ‘ser’. O argumento leva em consideração que o jornalismo, em vez de ser uma prática fixa e estável, deve ser entendido como algo em contínua transformação.

O jornalismo pós-industrial atualmente pode ser visto tanto como constituído quanto resultado da chamada “modernidade líquida” (Bauman, 2000), onde as práticas individuais são parte de um contexto profundamente precário governado por uma permanente impermanência na indústria (onde contínuos remanejamentos, reorganizações, demissões e inovações são a norma), no ambiente de trabalho (onde o lugar onde você trabalha e as pessoas com quem você

trabalha estão em constante mudança), e nas carreiras (onde sua trajetória de trabalho é imprevisível, para dizer o mínimo). Para que o jornalismo se adapte, seus praticantes foram empurrados para desenvolver novas táticas, novas estruturas organizacionais e uma nova autoconcepção – enquanto ainda persistem velhas estruturas, rotinas e definições (de valores-notícia) (Deuze; Witschge, 2016, p. 8).

Os autores apontam quatro tendências que sinalizam uma mudança na concepção do jornalismo como um campo mais ou menos estável e consensual: a reorganização dos espaços de trabalho, a fragmentação das redações, a emergência de uma sociedade “redacional” e a ubiquidade das tecnologias. Essas mudanças sugerem um jornalismo mais centrado no indivíduo do que na instituição. No âmbito do trabalho, Deuze e Witschge (2016) destacam dois pontos importantes. O primeiro é a adoção da mentalidade empreendedora que torna os profissionais em marcas ou empresas autogeridas e autodisciplinadas, enfraquecendo a sua identidade profissional. O segundo, a introdução de contratos personalizados, que, apesar de trazer mais liberdade de negociação, resulta em condições de trabalho mais precárias, como salários menores, menor segurança e relações de trabalho instáveis.

A fragmentação das redações descrita pelos autores seria a produção de notícias realizada dentro ou fora das organizações profissionais jornalísticas, em múltiplas formas e formatos. Ela seria facilitada pelas práticas de terceirização, subcontratação e *offshoring*, especialmente na mídia impressa e audiovisual. O resultado dessa flexibilização se percebe na divisão da força de trabalho entre um núcleo multiquificado que se beneficia de estabilidade no emprego e desenvolvimento da carreira e um grupo do “grande perímetro”, composto pela maioria dos trabalhadores do jornalismo atualmente, que estão empregados temporariamente em arranjos subcontratados, prestando serviços individuais independentes, de maneira informal, e dirigidos por pessoas de dentro e fora das instituições noticiosas (Deuze; Witschge, 2016).

De acordo com Pithan, Vaclavik e Oltramari (2020), as demissões coletivas marcam a fragilidade crescente da carreira jornalística. Elas revelam um cenário de precarização e perda de esperança por melhorias. Esses processos, muitas vezes conduzidos de forma insensível, geram sofrimento e rompem trajetórias profissionais. Muitos jornalistas não conseguem retornar ao mercado formal e passam a atuar como freelancers, em condições instáveis, com baixa remuneração e excesso de trabalho. A falta de perspectivas e a ideia de que essas mudanças são irreversíveis reforçam a sensação de desamparo e a perda de sentido no trabalho. Essa realidade atinge tanto profissionais experientes quanto iniciantes, que

enfrentam insegurança constante e poucas oportunidades de crescimento. A informalidade dos vínculos também dificulta a criação de relações duradouras e o sentimento de pertencimento (Pithan; Vaclavik; Oltramari, 2020).

Ao mesmo tempo em que as redações se tornam mais reduzidas e com menos oportunidades para profissionais, outra tendência se faz presente: a rotatividade em empresas jornalísticas. Segundo dados do relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022), apenas 12,9% dos profissionais que participaram do levantamento permaneciam em seu trabalho principal por um período de seis a dez anos, evidenciando a alta rotatividade. Os dados, que consideram um total de 6.650 respostas válidas, mostram que 51,5% dos jornalistas atuavam em seu trabalho principal há três anos ou menos, enquanto apenas 15,5% permaneciam entre três e seis anos.

É importante destacar que, no Brasil, a precarização e a instabilidade nas relações de trabalho do setor jornalístico acompanham mudanças legais e políticas, como a reforma trabalhista de 2017 e a desobrigação do diploma para o exercício da profissão, em 2009. Essas medidas legislativas facilitam o avanço de uma força de trabalho informal e temporária, reforçando a noção de autonomia empreendedora individual descrita por Deuze e Witschge (2016), ao mesmo tempo que ampliam a vulnerabilidade dos profissionais diante de um mercado cada vez mais flexível e competitivo. Embora os impactos destas resoluções não sejam plenamente conhecidos, a desregulamentação da profissão colabora com a crise de identidade profissional, conforme pontuam Dantas *et al.* (2015): “Em geral, tem crescido novos tipos de profissionais, tais como jornalistas multimídias, jornalistas-assessores, jornalistas-precários etc., de modo que esses trabalhadores modificam seu entendimento sobre sua identidade profissional” (p. 12).

O relatório Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022) revela a diversidade de funções exercidas por jornalistas no país, tanto na mídia quanto fora dela. Entre os que atuam em veículos de comunicação, as funções mais comuns são repórter (37,1%) e editor(a) (23,4%), seguidas por produtor(a), diretor(a) ou gestor(a), coordenador(a), chefe de redação e gestor(a) de redes sociais. Também são mencionadas ocupações como âncora, repórter fotográfico(a) e colunista, além de funções menos frequentes como diagramador e pauteiro, entre outros. É comum o acúmulo de tarefas entre esses profissionais. Já entre os que trabalham fora da mídia, destaca-se o papel de assessor(a) de imprensa ou comunicação (44,3%), seguido por produtor(a) de conteúdo (18,2%) e gestor(a) de área ou comunicação (12,3%). Esses dados evidenciam a ampliação do campo de atuação do

jornalista e a sobreposição de atividades, tanto em ambientes jornalísticos tradicionais quanto em contextos comunicacionais mais amplos.

A emergência do empreendedorismo no jornalismo é também um fenômeno recente, surgindo da fusão gradual entre os setores comercial e editorial das organizações de notícias, sob influência das pressões mercadológicas (Deuze; Witschge, 2016). Nessa nova conjuntura há a emergência do profissional-empresa, responsável por atividades como gerenciamento de recursos humanos, decisões de negócios, análise de políticas, entre outras atribuições que contrastam com as atividades tradicionais do jornalismo, que eram mais focadas na produção editorial, como a apuração de informações, redação de notícias e reportagens. No contexto de uma economia empreendedora, também há muitos jornalistas que criam suas próprias empresas e coletivos editoriais, impulsionando o surgimento de startups jornalísticas independentes e globais, especialmente no meio digital (Deuze; Witschge, 2017).

3.2 Precarização das condições de trabalho e o surgimento das redações virtuais

À medida que as mudanças econômicas e tecnológicas alteram profundamente o setor jornalístico, os impactos se revelam diretamente na rotina prática dos profissionais. Como discutido anteriormente, redações que antes eram organizadas em divisões específicas de tarefas e especializações agora demandam que os jornalistas atuem em várias frentes, combinando habilidades técnicas e adaptando-se constantemente ao ritmo de produção digital. Isso envolve desde a produção de conteúdos em diferentes mídias, como texto, áudio e vídeo, a atividades de edição, gravação e publicação. Essas novas configurações tornam o exercício do jornalismo mais flexível e polivalente, trazendo consigo novos dilemas e oportunidades.

De forma mais pontual, Bertolini (2017) descreve dois papéis principais que se destacam no mercado de trabalho jornalístico atual: o jornalista multimídia, aquele capaz de produzir conteúdo para diferentes plataformas simultaneamente, como jornal e rádio, e o jornalista multitarefa, que assume diversas atividades, como redigir textos e coletar informações, muitas vezes dentro de um mesmo processo de trabalho.

Essa discussão já havia sido antecipada por Salaverria e Negredo (2008), que analisaram os impactos da convergência multimídia na organização das redações. Para os autores, a exigência de acumular funções — reportagem, edição, fotografia e vídeo — faz com que o jornalista perca a especialização temática, tornando-se um profissional “sem adjetivos”, ou seja, com menos profundidade e identidade profissional. Além disso, são

frequentemente avaliados mais pela quantidade de tarefas desempenhadas e pelo volume de produtos informativos gerados do que pela qualidade do material produzido.

O resultado é que a grande prejudicada por essa tendência multitarefa — além, é claro, do próprio jornalista — é a qualidade da informação, que acaba sendo medíocre tanto técnica quanto em seu conteúdo. Persistir nessas práticas representa um grande perigo a médio e longo prazo para qualquer empresa jornalística que queira se manter (Salaverría; Negredo, 2008)²³.

A reconfiguração do perfil profissional e do mercado de trabalho, segundo Bertolini (2017), resultou, entre outros fatores, em jornalistas sobrecarregados, distantes de suas famílias e amigos, com insegurança no emprego, direitos trabalhistas desrespeitados e uma identidade profissional fragilizada. A esse quadro se somam problemas históricos do jornalismo, como a constante pressão no ambiente de trabalho, os desafios impostos pela política e pelo comércio, os baixos salários e o risco de morte. Na percepção de Dantas *et al.* (2015), o trabalho tornou-se progressivamente mais árduo, ao passo que as responsabilidades aumentaram, sem que os benefícios acompanhassem esse crescimento. Mais um fator de precarização, considerando que as competências múltiplas não retornam aos profissionais em forma de melhoria nas condições de trabalho ou de remuneração.

O jornalista se sente pressionado a desenvolver novas habilidades e competências para sobreviver. De olho no lucro, a estratégia das empresas de reduzir os custos vai além das demissões e da transformação do jornalista em um multitarefas. A aceleração da velocidade na circulação de informação diminuiu o tempo para apuração e checagem, trazendo empobrecimento e padronização da linguagem, bem como a transformação do conteúdo em distração, espetáculo e entretenimento. Os jornalistas também enfrentam dilemas éticos quanto ao modo de conseguir e divulgar as informações. No meio digital é comum publicar primeiro e revisar, checar ou corrigir depois. O desrespeito pela vida humana fica cada vez mais evidente. Diante de tais condições, o Jornalismo vem se tornando cada vez mais duvidoso; falta credibilidade e as notícias estão cada vez menos confiáveis (Dantas *et al.*, 2015, p. 2).

Um aspecto abordado por Dantas *et al.* (2015) que merece destaque é a percepção

²³ El resultado es que la gran perjudicada por esta tendencia a la multitarefa - además, claro está, del propio periodista - es la calidad de la información, que resulta mediocre tanto técnicamente como en su contenido. Perseverar en estas prácticas supone un gran peligro a medio y largo plazo para cualquier empresa periodística con deseos de permanencia (Salaverría; Negredo, 2008).

de que o tempo destinado à apuração e à checagem das informações tem diminuído. Essa constatação pode ser relacionada ao conceito de densificação do trabalho, oriundo dos estudos sobre o mundo do trabalho, que se refere ao aumento da quantidade de tarefas realizadas em um mesmo intervalo de tempo. Tal processo se manifesta na sensação de tempo comprimido e na exigência de que um único profissional execute, sozinho, atividades que antes eram divididas entre dois ou mais trabalhadores (Praun, 2014). No jornalismo, esse fenômeno constitui uma das expressões da precarização, uma vez que a intensificação das tarefas sob tempo reduzido impõe limites concretos ao exercício de práticas fundamentais da profissão — como a apuração cuidadosa e a checagem rigorosa —, comprometendo diretamente a qualidade das informações que chegam ao público.

A densificação do trabalho dos jornalistas também é percebida no contexto de iniciativas de jornalismo alternativas e independentes. Os profissionais que atuam nessas iniciativas buscam organizar a vida e o trabalho por meio da coletividade, com a formação de equipes distribuídas por diferentes regiões ou até países, operando de forma horizontal e cooperativa, mas com níveis de responsabilidade hierarquizados (Figaro *et al.*, 2021). Por outro lado, segundo os autores, embora os dispositivos como smartphones, computador, aplicativos e a Internet tenham facilitado as rotinas de coleta, produção, edição e compartilhamento de informações nessas iniciativas, esses processos podem ser extenuantes quando realizados em qualquer lugar e qualquer tempo.

Essa configuração pautada pela coletividade e pela polivalência encontra paralelos nas redações virtuais, que vêm se consolidando como espaços dinâmicos e descentralizados de produção jornalística. A expansão das redes de banda larga e a convergência dessas infraestruturas com soluções de armazenamento em nuvem desempenham um papel central nesse processo (Pavlik, 2014), possibilitando que jornalistas acessem, editem e publiquem conteúdos de qualquer lugar sem depender de dispositivos físicos específicos. É nesse novo lugar social de produção do jornalismo, conforme Figaro e Silva (2020), que se estabelece a rotina produtiva e os métodos de produção. As autoras definem a redação virtual como o agrupamento on-line de três ou mais jornalistas, com a finalidade de produzir material jornalístico.

A redação pode ser dividida por função ou linguagem (secretaria de redação, editor, fotógrafo, texto, vídeo, charge, tradução, designer etc.), ou editoria (nacional, internacional, política, moradia, cidades, direitos humanos etc.), coberturas, programas ou projetos especiais (em torno de eventos, acontecimentos, elaboração de livros, manuais,

reportagens e programas especiais) ou por interesse dos colaboradores (educadores, trabalhadores do transporte, petroleiros etc.) que ora são fontes, ora cumprem papel de elaborar a matéria ou parte dela. A redação virtual substitui o deslocamento, é o espaço para montar equipes virtuais, independentemente do local, com requisitos específicos em projetos determinados, criando oportunidades de participação para jornalistas. (Figaro; Silva, 2020, p. 109)

Embora a redação virtual seja vista como um espaço de inovação no jornalismo, Figaro e Silva (2020) apontam que ela também reproduz contradições e pode acentuar a precarização das relações de trabalho. A ausência de uma jornada fixa dificulta a distinção entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, resultando em um engajamento constante dos jornalistas. As rotinas de trabalho nesses ambientes, por sua vez, se adaptam ao perfil do jornalista multitarefas, que precisa dominar uma ampla gama de habilidades, como investigação, seleção de informações, entrevistas, fotografia, filmagem, edição, revisão, publicação em múltiplas plataformas, interação e divulgação do conteúdo para o público (Figaro *et al.*, 2021).

A virtualização das redações ganhou mais relevância desde a pandemia de Covid-19, quando a emergência na saúde levou muitos veículos a adotarem o trabalho remoto. Entre 2021 e 2023, o Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, realizou pesquisas que evidenciaram as mudanças nas redações com a adoção dos modelos híbrido e remoto, apontando como esses formatos poderiam se tornar a norma para muitas organizações de notícias, com algumas pessoas trabalhando no escritório e outras remotamente. Em 2021 (Cherubini; Newman; Nielsen, 2021), foram entrevistados 132 líderes de empresas jornalísticas de 42 países, que afirmaram (89% dos respondentes) estar totalmente comprometidos com a implementação de modelos flexíveis de trabalho. E somente 9% das organizações planejavam retornar a um modelo de trabalho o mais semelhante possível ao do período pré-pandemia. Conforme o relatório, as organizações estavam atuando com planos para redesenhar escritórios, atualizar tecnologias, reduzir o espaço de mesa/escritório e renegociar contratos com os funcionários, visando acomodar um trabalho mais flexível. No entanto, devido às implicações ainda pouco definidas de uma redação híbrida, surgiram preocupações sobre possíveis impactos negativos na criatividade, comunicação e cultura organizacional (Cherubini; Newman; Nielsen, 2021).

No relatório publicado em 2022 (Cherubini, 2022), participaram 136 líderes seniores da indústria, de 39 países. Destes, 61% dos entrevistados afirmaram que suas organizações implementaram o trabalho híbrido e flexível com novas regras em vigor para a

equipe; e 20% dos líderes indicaram que, mesmo com algumas mudanças sendo implementadas em suas organizações, desejam retornar a um modelo de trabalho pré-pandemia. Entre os benefícios de retornar ao escritório, se destaca o restabelecimento de conexões humanas e relacionamentos pessoais: 36% dos entrevistados afirmaram que a mudança para o trabalho híbrido e flexível enfraqueceu o senso de pertencimento dos funcionários à organização.

Em 2023 (Cherubini; Sharma, 2023), com a participação de 135 líderes seniores do setor de notícias de 40 países e dez entrevistas em profundidade, foi possível observar como se consolidaram as tendências apontadas em anos anteriores. As redações continuaram a adaptar seus espaços físicos e processos para acomodar o trabalho híbrido: 65% dos líderes de redações disseram que suas organizações implementaram modelos de trabalho flexíveis e híbridos com novas regras para a equipe; 30% disseram que a equipe deve estar no escritório alguns dias fixos por semana e que a empresa está aplicando regras para garantir que ela seja respeitada, embora 22% apontem que não há uma verificação se isso realmente acontece. Apenas 16% disseram que suas organizações fizeram algumas mudanças, mas retornaram amplamente ao modelo pré-pandemia, com a maior parte do tempo gasto no escritório. Quanto à sensação de desconexão com a força de trabalho, 38% afirmaram que as mudanças para um modelo híbrido e flexível enfraqueceram o senso de pertencimento à organização.

A experiência do trabalho remoto e híbrido, intensificada durante a pandemia, demonstrou que a organização das redações não precisa mais estar restrita a um espaço físico tradicional. Os dados brasileiros também sustentam a ampla adoção do trabalho remoto. De acordo com o relatório 'Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia da Covid-19'²⁴, do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP) publicado em 2021, 64% dos respondentes atuantes em veículos de produção noticiosa estavam trabalhando em *home office* no período pandêmico, enquanto 15% estavam em jornada mista. Embora os dados estejam circunscritos ao contexto pandêmico, eles oferecem indícios relevantes sobre a possibilidade de reorganização do trabalho jornalístico.

No jornalismo independente, a experiência com o trabalho remoto não foi uma novidade trazida pela pandemia, já que muitas dessas iniciativas já operavam a partir de suas

²⁴ A partir de MARQUES, Ana Flavia; VISIBELI, Janaína. Redação virtual veio para ficar, mas pode comprometer relevância social do jornalismo. CCA | Departamento de Comunicações e Artes [da] ECA-USP | Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 21 dez. 2021. Disponível em: [https://www.eca.usp.br/pos/noticias/redacao-virtual-veio-para-ficar-mas-pode-comprometer-relevancia-social-do-jornalismo]. Acesso em: 14 fev 2025.

próprias casas, frequentemente por limitações estruturais. Pesquisa realizada por Patrício (2020) com 17 iniciativas do Ceará mostra que, embora não tenha havido uma mudança significativa em relação ao local de trabalho, a pandemia trouxe impactos relevantes sobre as rotinas de trabalho e as condições de funcionamento. Mais da metade dos respondentes (52,9%) indicou que o ritmo de trabalho se tornou mais tranquilo durante o período, o que contrasta com a intensificação relatada por profissionais em pesquisa nacional realizada pelo CPCT/USP (Fígaro, 2020)²⁵. Esse dado pode apontar para formas de organização menos submetidas às lógicas produtivistas típicas das grandes redações.

Observou-se ainda uma redução no volume de produção diária: antes da pandemia, 35,3% das iniciativas produziam mais de dez matérias por dia; durante a crise, esse número caiu para 17,6%, entre as mesmas 17 respondentes (Patrício, 2021). Essa diminuição sugere um enfraquecimento das capacidades operacionais frente às limitações impostas pelo contexto sanitário. A dificuldade em fornecer equipamentos aos colaboradores em home office (apenas 25% das iniciativas conseguiram emprestá-los) evidencia uma precariedade estrutural já existente, que não se explica apenas pelas circunstâncias da pandemia. Além disso, a pesquisa de Patrício (2021) aponta para um sentimento de insegurança quanto à continuidade do trabalho e da própria existência das iniciativas, reforçando um cenário de vulnerabilidade que se intensificou no período pandêmico, mas que já vinha sendo identificado por estudos anteriores.

3.3 Impactos da plataformização no jornalismo

As transformações nas formas de organização do trabalho jornalístico, intensificadas pela pandemia e atravessadas por condições de instabilidade e reconfiguração, não ocorrem isoladamente. Elas se articulam a um ambiente comunicacional cada vez mais moldado pelas tecnologias digitais e pela lógica das plataformas. Nesse cenário, as plataformas digitais emergem como peças-chave: mais do que simples ferramentas operacionais, elas se integram às rotinas de trabalho e influenciam diretamente as decisões estratégicas das organizações de notícias, impactando desde a distribuição e monetização do conteúdo até o relacionamento com o público.

Enquanto conceito multidisciplinar, as plataformas são analisadas por diversas

²⁵ Os dados do levantamento 'Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19?' apontam que, para 70% dos 557 respondentes, o ritmo de trabalho se tornou mais pesado em relação ao período antes da pandemia (Fígaro, 2020). No caso específico dos profissionais cearenses, com 38 representantes, esse número chega a 84,2% (Silva; Costa, 2020; Fígaro, 2020).

correntes teóricas, como os estudos de software, estudos de negócios, a economia política crítica e os estudos culturais, cada uma oferecendo uma perspectiva distinta sobre seu funcionamento e impacto. Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) destacam que as discussões sobre plataformas vão desde a relação com mercados multilaterais e a concentração de capital e poder por um pequeno grupo de empresas até temas como governança global e exploração do trabalho. Os autores analisaram essas diferentes abordagens e propuseram uma definição que combina duas perspectivas centrais: uma que as entende como mercados e outra que as vê como infraestruturas computacionais. Assim, as plataformas podem ser compreendidas como infraestruturas digitais programáveis que organizam e influenciam as interações entre usuários e complementadores, operando por meio da coleta, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. Essa definição articula elementos dos estudos de software, ao enfatizar a programação e o uso de dados, e dos estudos de negócios, ao reconhecer os principais agentes do mercado (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Quanto à plataformização, pode ser entendida como “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 5). Sob a perspectiva dos estudos culturais, esse processo se manifesta na reconfiguração das práticas e representações culturais em torno das plataformas. Já no campo da comunicação, o conceito de plataforma está diretamente ligado às transformações tecnológicas, à economia da informação e ao papel ativo dos usuários na produção cultural.

Para explicar as ações das plataformas, Van Dijck (2022) compara o seu mecanismo a uma árvore, em que as infraestruturas básicas, como cabos, satélites, microchips, centros de processamento de dados, entre outros recursos, correspondem às raízes; o tronco seria formado pelas próprias plataformas, incluindo redes sociais e outros ambientes interativos; e na extensão das folhas estariam os aplicativos e os desenvolvedores externos. “As raízes de infraestruturas digitais chegam ao tronco de plataformas intermediárias que se ramifica em setores industriais e sociais de onde brotam galhos e folhas” (Van Djick, 2022, p. 26). A autora explica que a metáfora da árvore de plataformização representa um sistema complexo em que diversos atores, humanos e não humanos, interagem para moldar o espaço público e privado. Diferente da ideia de uma estrutura em camadas aleatórias, essa árvore é organizada por forças invisíveis que direcionam sua forma e funcionamento. Desde a circulação de recursos pelas raízes e pelo tronco até a alimentação dos galhos e folhas, as plataformas influenciam diferentes níveis do ecossistema digital.

Com a ascensão das *big techs* — ou *Big Five*, como são chamadas as cinco maiores empresas de tecnologia do mundo —, a influência das plataformas foi expandida para além do ambiente digital, impactando dimensões econômicas, políticas e culturais. Empresas como Alphabet (antes Google), Meta (antigo Facebook), Amazon, Apple e Microsoft estruturaram o ecossistema digital, estabelecendo modelos de negócios baseados na intermediação de dados e na conectividade em larga escala. Esse processo transformou setores inteiros (Van Djick, 2022), desde o comércio e a mobilidade urbana até o entretenimento e a comunicação.

A plataformização é impulsionada por três dinâmicas principais: integração vertical, infraestruturalização e intersetorialização, que apontam para a crescente concentração de poder das *Big Techs* (Van Djick, 2022). Essas empresas expandem seu controle sobre diferentes etapas da cadeia produtiva, dissolvendo fronteiras entre mercado e não mercado. Elas ampliam seu domínio, absorvendo novos serviços, integrando fornecedores, intermediários e consumidores. Conforme Van Djick (2022), seu poder deriva de uma estratégia de concorrência-com-coordenação, na qual competem em alguns segmentos enquanto colaboram em outros para manter sua posição dominante. Essa estrutura faz com que os ecossistemas de plataforma sejam difíceis de regular, pois operam em um sentido global, com fronteiras fluidas entre setores, desempenhando um papel fundamental na economia digital, o que as torna aparentemente imunes às forças regulatórias.

Parte fundamental do poder das plataformas, segundo Semicek (2021), passa pela leitura de dados dos usuários e o aprendizado de padrões de comportamento via algoritmos. Esses procedimentos são realizados por cálculos, convertendo os dados de tudo que é produzido e movimentado em uma plataforma, interpretando as possíveis necessidades dos indivíduos por meio da coleta e análise de dados. Os algoritmos processam esses dados para organizar fluxos de informação, personalizar conteúdos e orientar decisões dentro das plataformas. Esse processo caracteriza a datificação, também entendida como “o status de algo que foi digitalizado e está pronto para ser categorizado, guardado, selecionado, circulado, usado e assim infinitamente” (Figaro *et al.*, 2024 p. 391,).

Dada a centralidade da datificação na sociedade, os dados e algoritmos deixam de ser meros elementos informacionais e operacionais para se tornarem recursos estratégicos na extração de valor, em um processo que fortalece as dinâmicas de acumulação e exploração no capitalismo. Nesse contexto, as práticas de vigilância e controle são intensificadas, facilitando a apropriação e comercialização de dados obtidos sem o consentimento ou a compensação adequada aos seus produtores (Grohmann, 2020). Assim, a lógica econômica atual se estrutura

cada vez mais em torno da captura e monetização dos dados, consolidando novas formas de exploração digital.

De acordo com Poell, Nieborg e Van Dijck, (2020), a coleta de dados não se limita às informações fornecidas diretamente pelos usuários, como dados demográficos ou de perfil, por meio de pesquisas online, mas abrange principalmente metadados comportamentais, obtidos com a expansão de infraestruturas das plataformas na forma de aplicativos, plugins, rastreadores e sensores ativos e passivos. A datificação ocorre simultaneamente com a atuação de complementadores, que utilizam ativamente os dados das plataformas para criar produtos e serviços incorporados às rotinas diárias. Essas estruturas estão cada vez mais presentes em dispositivos como smartphones, smartwatches, eletrodomésticos e veículos autônomos, permitindo que empresários transformem em dados quase todas as interações humanas — como ranqueamento, pagamento, pesquisa, assistir a conteúdos, dirigir, caminhar, conversas, amizades, namoro etc (Poell; Nieborg; Van Dijck, (2020).

Plataformas de mídias sociais como Facebook, Google, Snapchat e Twitter também surgem como atores dominantes na distribuição, acesso e monetização de notícias, alterando profundamente o modelo tradicional do jornalismo. Como apontam Bell e Owen (2017), a influência das plataformas vai além do seu papel de intermediárias na circulação de conteúdo, redefinindo também processos produtivos e editoriais, bem como as estruturas, fluxos de trabalho e alocações de recursos. Por exemplo, com a criação de equipes dedicadas a gerenciar e criar conteúdo para plataformas específicas, funções que se consolidam cada vez mais nas redações.

A carga de trabalho também se intensifica, uma vez que o profissional precisa atuar simultaneamente em diferentes mídias — impressa, digital e redes sociais — e adaptar-se às características de cada plataforma. Os processos de trabalho são reorganizados em função da lógica de monetização das audiências, enquanto o conhecimento especializado dos jornalistas é desvalorizado, levando à adoção de novas designações profissionais, como 'produtor de conteúdo' e 'gestor de redes sociais' (Nicoletti; Figaro, 2022). Dessa forma, os vínculos empregatícios tornam-se mais precários e as rotinas de trabalho são reconfiguradas, impondo desafios à qualidade da produção jornalística.

A reconfiguração do trabalho jornalístico no contexto da plataformização incorre em novas exigências aos profissionais, que vão além da redefinição de cargos e funções. Espera-se que os jornalistas promovam seu próprio conteúdo e cultivem sua presença nas mídias sociais, muitas vezes fora do expediente e sem remuneração adicional. Essa demanda transfere ao trabalhador a responsabilidade de ampliar o alcance de sua produção,

intensificando a precarização em um mercado que já tende a desvalorizar o trabalho jornalístico (Freitas; Ramos, 2023).

Dado que os algoritmos determinam o que o público vê, priorizando certos conteúdos e formatos, os veículos jornalísticos são levados a ajustar sua produção para atender às exigências dessas infraestruturas. Bell e Owen (2017) apontam que, embora as plataformas não intervenham diretamente nas decisões editoriais dos meios, sua função de hospedar conteúdo jornalístico acaba exercendo influência sobre essas escolhas. Algumas adaptações realizadas pelos veículos são sutis e respondem mais ao comportamento dos usuários do que a exigências diretas das plataformas: “No Facebook, por exemplo, os vídeos começaram a vir com texto sobreposto às imagens porque o público estava desativando a reprodução automática do áudio. Já uma plataforma como o Snapchat exige uma espécie de minirredação” (Bell; Owen, 2017, p. 63).

Em outras situações, no entanto, a influência das plataformas se manifesta de forma mais direta. Em um dos casos analisados por Bell e Owen (2017), o Snapchat interferiu na escolha do logotipo de um veículo de mídia, enquanto, em outro, determinou qual gênero de conteúdo a organização deveria priorizar. Algumas plataformas também chegaram a assumir papel ativo na curadoria de conteúdo, selecionando notícias de destaque e até mesmo contratando editores para colaborar com esses recursos, como no caso do Facebook com a seção *Trending*²⁶. Outra ferramenta semelhante foi o *Moments*, do Twitter, descontinuado em 2022. Essas movimentações reforçam o papel das plataformas como atores centrais na mediação da informação, exercendo influência direta sobre o que circula e como circula no ambiente digital. No entanto, esse poder também se manifesta por meio de decisões unilaterais de retirada ou reconfiguração de programas, cujos efeitos podem ser tão impactantes quanto as interferências mais explícitas.

É o que se observa, por exemplo, no encerramento do programa de checagem de fatos da Meta nos Estados Unidos — uma decisão que, como analisa o pesquisador de Harvard, Caio Machado, em entrevista ao Estadão Verifica (Frioli; Belic, 2025), compromete a transparência das plataformas e amplia os riscos de desinformação. Ele explica que, ao trocar a checagem feita por jornalistas, baseada em critérios claros e verificáveis, por sistemas automáticos de inteligência artificial, a Meta aumenta o risco de decisões arbitrárias e dificulta que a empresa seja responsabilizada. Machado também alerta que esse tipo de moderação costuma atingir de forma desproporcional grupos sociais mais vulneráveis,

²⁶ A ferramenta costumava reunir notícias e assuntos em alta na rede social, mas foi descontinuada em 2018.

prejudicando a liberdade de expressão e o direito a um processo justo. Para ele, a empresa está tomando uma decisão política ao reduzir a transparência e usar a moderação como moeda de troca em disputas internacionais, o que reforça a necessidade de uma regulação global que proteja os direitos dos usuários e a soberania dos países.

A adaptação dos formatos noticiosos às dinâmicas das plataformas digitais não apenas redefine processos produtivos, mas também reconfigura as fronteiras entre opinião e notícia, publicidade e jornalismo, entretenimento e informação, conforme observado por Mattos (2021). Como resultado, emergem formatos híbridos, moldados pelas gramáticas e ritmos específicos do ambiente digital. Segundo o autor, as características de cada plataforma influenciam diretamente o consumo e a atenção dos usuários. Outro exemplo de como as práticas jornalísticas são afetadas pela lógica das plataformas é a maior ênfase na velocidade da apuração e a adaptação da linguagem com parágrafos e frases mais curtas, tópicos explicativos e uso de palavras-chave para favorecer o ranqueamento dos mecanismos de busca — estratégias que cooperam para o maior alcance das publicações (Bell; Owen, 2017).

Essa influência nos formatos e linguagem jornalísticas, na tentativa de aumentar o alcance das publicações, também acena para outra questão, referente à falta de priorização do jornalismo de qualidade pelos algoritmos. Segundo Bell e Owen (2017), o modelo de negócio das plataformas incentiva a viralidade, conteúdos que provoquem o compartilhamento, e não necessariamente estão vinculados a uma informação de qualidade: “muitas das táticas para fazer notícias falsas viralizarem saíram diretamente da velha cartilha da imprensa marrom ou sensacionalista” (Bell; Owen, 2017, p. 61).

A busca por maior audiência e a possibilidade de ampla circulação das notícias por meio das plataformas também intensificou a dependência das organizações jornalística em relação a esses intermediários digitais:

Um número crescente de organizações jornalísticas vê no investimento em plataformas sociais a única perspectiva de um futuro sustentável, tanto em termos de tráfego como de alcance. Mas a falta de transparência de algoritmos impede um bom planejamento. Nada garante que o que funciona hoje vai funcionar no futuro. Ceder o controle da distribuição provocou uma transferência de poder de publishers para plataformas bem maior do que se esperava (Bell; Owen, 2017, p. 54).

De maneira mais contundente, Mattos (2021) sumariza essa dependência, afirmando que “as notícias foram retiradas de seus produtores iniciais e tornadas matérias-primas ou conteúdos noticiosos que circulam nas plataformas”. Por sua vez, Barros *et al.*

(2021) analisam as estratégias adotadas pelas organizações jornalísticas para tentar preservar sua autonomia diante das pressões das plataformas. Embora busquem formas de manter sua relevância, como direcionar leitores para seus sites ou publicar diretamente nas plataformas, os veículos jornalísticos continuam a enfrentar a crescente dependência desses intermediários digitais. As organizações midiáticas não têm controle sobre os critérios que orientam as atualizações dos algoritmos, que determinam o tráfego das notícias e de outras informações consumidas pelos usuários. Mesmo produzindo conteúdos dentro dos parâmetros impostos pelas plataformas, gradualmente perdem o controle sobre a seleção das notícias, enfraquecendo a influência dos jornalistas no universo informacional (Barros *et al.*, 2021).

De acordo com Christofolletti (2019) esse cenário intensifica um problema cívico: a informação passa a circular por sistemas controlados por interesses privados e mercantis, e não por compromissos com o bem público. Nesse contexto, importa menos se a informação é verdadeira e mais se ela viraliza. Essa lógica, centrada na exposição e recirculação de conteúdos, contribui para o avanço da desinformação, o colapso da confiança social e o enfraquecimento da democracia (Christofolletti, 2019).

Outra forma de dependência relaciona-se ao controle da monetização por parte das plataformas, que dificulta a sustentabilidade financeira das organizações de notícias. A falta de transparência no funcionamento desse mercado, a baixa confiabilidade das métricas e a possibilidade de mudanças nos termos de remuneração sem aviso prévio levam muitos veículos a buscar fontes de receita que reduzam sua dependência dessas empresas de tecnologia (Bell; Owen, 2017). Além disso, a ausência de um modelo econômico viável pode comprometer a autonomia da imprensa, especialmente em mercados locais e regionais, onde a viabilidade financeira já é frágil.

Diante desse cenário, a busca por alternativas de financiamento que não estejam inteiramente atreladas às plataformas pode cooperar para a preservação da independência jornalística. Ainda que as redes sociais possam ser utilizadas como canais de distribuição e interação com o público, a sustentabilidade do jornalismo requer modelos que não subordinem sua viabilidade econômica às regras das grandes empresas de tecnologia. Iniciativas que promovam maior transparência na circulação da informação e que incentivem formas de apoio público ao jornalismo podem contribuir para um ambiente midiático mais equilibrado e comprometido com valores democráticos (Barros *et al.*, 2021; Bell; Owen, 2017).

4 JORNALISMO FORA DA GRANDE MÍDIA: ESTRUTURAS E PRÁTICAS

Mesmo antes da intensificação dos processos de precarização do trabalho, a atuação em veículos jornalísticos convencionais já era marcada por tensões, especialmente no que diz respeito à condução editorial. As decisões sobre o que é noticiado e a forma como a cobertura é realizada, frequentemente influenciadas por interesses empresariais ou políticos e resultando em limitações de pauta e um discurso padrão, muitas vezes distantes dos valores éticos que orientam a profissão, gera frustrações entre os jornalistas, que se veem, não raro, confrontados com diretrizes editoriais desalinhadas com suas convicções profissionais — percepção recorrente nos relatos de jornalistas reunidos no relatório ‘As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia’ (Figaro, 2018).

Essa insatisfação editorial, somada posteriormente às condições cada vez mais precarizadas de trabalho, contribui para um movimento crescente de afastamento dos profissionais em relação ao jornalismo praticado nas grandes redações. Nesse cenário, muitos jornalistas passam a buscar alternativas de atuação. O campo da comunicação corporativa torna-se uma rota comum, especialmente diante das promessas de maior estabilidade financeira. Esse deslocamento reforça uma mudança no perfil dos profissionais que hoje atuam em áreas como marketing, relações públicas e assessorias de comunicação (Nava; Zacariotti; Moliani, 2022).

No entanto, ainda que áreas como a comunicação corporativa ofereçam maior estabilidade financeira, nem sempre elas conseguem suprir o desejo de muitos profissionais de se reconhecerem como jornalistas no exercício pleno da profissão. A identidade construída durante a formação e o compromisso com o papel social do jornalismo fazem com que, mesmo inseridos em outros campos, muitos sigam buscando formas de manter uma atuação que faça sentido com suas aspirações. Por isso, não é raro que jornalistas conciliem trabalhos em outras áreas com a dedicação a projetos independentes, que lhes permitam exercer a prática jornalística com mais autonomia e propósito (Figaro, 2018; Figaro; Nonato, 2017).

A insatisfação com os grandes veículos também se relaciona com um distanciamento entre os valores defendidos por uma nova geração de jornalistas e a cultura profissional presente nas redações convencional. A mudança no perfil de quem entra e se forma no jornalismo nos últimos anos ajuda a entender esse cenário. Com políticas públicas como o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o Programa Universidade Para Todos (Prouni) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

(Reuni), jovens das periferias e de classes sociais historicamente afastadas da universidade passaram a acessar o ensino superior e, com isso, a formação em jornalismo.

Esses estudantes trazem consigo repertórios culturais, trajetórias de vida e formas de perceber o mundo que antes eram pouco presentes no ambiente universitário e, por consequência, também no campo jornalístico (Rovida, 2022). Muitas vezes, essas experiências e visões de mundo não encontram espaço nos grandes veículos de comunicação, o que leva esses jovens a criarem suas próprias iniciativas jornalísticas — com propostas mais alinhadas aos seus valores, às suas vivências e aos territórios onde vivem. Esse movimento é identificado por Rovida (2022) como resultado direto do acesso à universidade por esses grupos, que passaram a produzir um jornalismo mais comprometido com suas realidades e com uma visão crítica da cobertura oferecida pela mídia convencional.

Outro aspecto que parece conectar o acesso ao ensino superior à criação e desenvolvimento desses empreendimentos comunicacionais tem relação com o ponto de partida de alguns desses projetos. O Trabalho de Conclusão de Curso formatado como um projeto experimental — esse é o caso da Periferia em Movimento —, uma atividade acadêmica entre estudantes de diferentes cursos de comunicação — histórico da Alma Preta — ou mesmo o incômodo por não se ver representada ou representado nas narrativas da imprensa — esse é o caso da Agência Mural e da empresa Nós, mulheres da periferia — caracterizam o histórico de fundação dos projetos de jornalismo encampados pelos sujeitos da pesquisa (Rovida, 2022, p. 71).

Segundo a autora, a experiência universitária, ao mesmo tempo em que proporciona o domínio de técnicas e saberes próprios da prática jornalística, contribui para o reconhecimento de desigualdades e silenciamentos históricos presentes na cobertura da grande mídia. Para aqueles que vieram das periferias, estar na universidade muitas vezes desperta um olhar mais atento para o modo como seus bairros e comunidades são ignorados ou representados de forma distorcida pelos grandes veículos. Isso motiva a criação de um jornalismo mais próximo das próprias vivências, alinhado à diversidade dos contextos de onde vêm. Esses profissionais, conforme Rovida (2022), se reconhecem como "sujeitos e sujeitas periféricos", pessoas que veem a periferia como um espaço de potência e que, inspirados por movimentos culturais e políticos, constroem um jornalismo comprometido com suas comunidades, atento às questões de classe, raça e gênero, e centrado nas vozes locais, em oposição à lógica centralizadora dos grandes veículos.

Portanto, o desejo de continuar exercendo o jornalismo, mas de forma coerente

com os valores e práticas que os profissionais consideram essenciais, impulsiona o surgimento e a consolidação de iniciativas de jornalismo independente. Essas iniciativas se constituem como espaços de experimentação e resistência, nos quais jornalistas buscam retomar o controle sobre os processos editoriais e produzir um jornalismo que reflita seus princípios (Figaro, 2018). Elas acolhem tanto jovens recém-formados, que não se veem representados nos veículos convencionais, quanto profissionais experientes que, após anos de atuação em grandes redações, se desiludem com os rumos da profissão e optam por trilhar caminhos próprios (Paul, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro, 2018). Trata-se, portanto, de um campo marcado pela diversidade de trajetórias e motivações, mas unificado pelo esforço comum de reinventar o fazer jornalístico em meio às transformações estruturais da profissão.

4.1 Diferentes naturezas, propósitos convergentes no jornalismo fora da grande mídia

O avanço das tecnologias e a consolidação das plataformas digitais criaram condições favoráveis para o surgimento de novas formas de produção e circulação do jornalismo. Antes, a entrada nesse campo dependia, em muitos casos, do acesso a grandes estruturas ou da obtenção de concessões públicas, como no caso de emissoras de rádio e televisão, o que restringia a criação de novos canais informativos a um número reduzido de grupos. Com a popularização de equipamentos mais baratos, como celulares com câmeras de boa qualidade, e a facilidade de acesso a softwares de edição, redes sociais e serviços de hospedagem, diferentes atores sociais, incluindo jornalistas, passaram a produzir, publicar e distribuir seus próprios conteúdos.

Com essas ferramentas, tornou-se possível não apenas contornar as barreiras de entrada impostas pelos grandes veículos, mas também expandir as formas de atuação jornalística. Esse novo cenário coincidiu com o acúmulo de frustrações em relação ao jornalismo convencional, marcado por precarização, limitações editoriais e distanciamento de agendas relevantes para parte dos profissionais, como discutido anteriormente. Muitos jornalistas viram, então, a oportunidade de criar iniciativas mais coerentes com seus valores, vivências e modos próprios de narrar a realidade. Assim, projetos independentes começaram a se consolidar fora das redações tradicionais, em modelos que rompem com a lógica centralizadora e buscam maior autonomia editorial e conexão com públicos diversos.

No Brasil, esse movimento se intensificou com as manifestações de 2013, quando coletivos e novas mídias ampliaram sua atuação, como uma reação à concentração da mídia convencional e em busca de oferecer vozes e perspectivas que se contrapõem ao discurso

dominante (Cabral Filho; Bastos, 2021). Foi também impulsionado por crises econômicas e insatisfações sociais e políticas, encontrando paralelo histórico com o movimento do jornalismo alternativo no século XX (Oliveira; Felippi, 2023; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019).

Esse contexto contribuiu para a rearticulação de práticas comunicacionais que se aproximam do que se convencionou chamar de comunicação alternativa. Segundo Peruzzo (2009), trata-se de um conceito mais amplo, que engloba processos comunicacionais que se contrapõem à mídia comercial e à mídia pública conservadora, reunindo experiências de comunicação popular, comunitária, alternativa e a própria imprensa alternativa. Essas práticas se caracterizam por conteúdos com orientação político-ideológica crítica, formas organizativas de base popular e atuação como canal de expressão de setores subalternizados, por meio de diversos suportes, canais e formatos.

A comunicação popular e comunitária, por sua vez, é entendida pela autora como uma vertente marcada pela origem em movimentos sociais e iniciativas populares, sem fins lucrativos e com finalidades educativas, culturais e mobilizatórias. Distingue-se pela participação ativa e horizontal da comunidade em todo o processo comunicacional e pelo vínculo com demandas locais, enquanto a comunicação popular alternativa está vinculada a organizações não governamentais (ONGs), órgãos públicos, igrejas, fundações etc (Peruzzo, 2009). A imprensa alternativa seria o desdobramento da comunicação alternativa, reunindo processos de comunicação jornalísticos em segmentos de base popular, colaborativa, autônoma, sindical ou político-partidária. De acordo com Peruzzo (2009), ainda que apresentem especificidades, as formas alternativa, popular, comunitária e radical muitas vezes se confundem na prática, em razão de objetivos e estratégias semelhantes.

No caso do jornalismo independente, Reis (2017) o define como aquele desvinculado de grandes grupos de comunicação, pautado pela independência editorial e, com frequência, sustentado por fontes alternativas de financiamento. Trata-se, em geral, de uma prática realizada por profissionais de comunicação que atuam como articulistas e redatores, muitas vezes falando pelos e para os movimentos sociais. Esse tipo de jornalismo apresenta o potencial de veicular discursos de resistência em relação à mídia convencional, possibilitando um posicionamento diferenciado sobre questões raciais, políticas, culturais, sociais e de gênero.

A delimitação conceitual do jornalismo praticado fora das grandes organizações jornalísticas, no entanto, segue em debate na academia, com denominações que incluem jornalismo comunitário, jornalismo contra-hegemônico, jornalismo das periferias e arranjos

jornalísticos, entre outros (Patrício, 2024; Camargo *et al.*, 2023; Oliveira, Felippi, 2023; Patrício; Santana, 2023; Santana; Teixeira, 2023; Silva; Santos, 2023; Figaro, 2018). Silva e Santos (2023), a partir de uma revisão de literatura, enfatizam como os termos independente e alternativo costumam ser utilizados como sinônimos, devido à complexidade em suas conceituações. Santana e Teixeira (2023) relacionam jornalismo alternativo à comunicação popular e comunitária, em uma perspectiva de atuação contra-hegemônica. Enquanto Oliveira e Felippi (2023) observam em seu estudo que parte da academia entende o jornalismo independente como uma dimensão do jornalismo alternativo.

Outros autores já utilizam a denominação de arranjos jornalísticos (ou arranjos alternativos às corporações de mídia, em outra variação), para se referir a organizações de pequeno ou médio porte, nativas digitais e independentes da grande imprensa (Camargo *et al.*, 2023). Com base em Figaro (2018), os arranjos jornalísticos configuram-se como profissionais organizados em coletivos, associações ou pequenas empresas para exercer o jornalismo de forma independente, em busca de dignidade no trabalho e compromisso com a qualidade da informação, em iniciativas que surgem como respostas à crise do modelo tradicional de empresa jornalística, à perda de empregos e à reestruturação do setor. Há também o advento do jornalismo das periferias, que consiste em produções jornalísticas com políticas editoriais assumidamente vinculadas aos territórios periféricos, visando cobrir a pluralidade de experiências dessas regiões sob suas próprias perspectivas, muitas vezes por jornalistas moradores dessas localidades (Rovida, 2020)

Um exemplo recente da consolidação dessas iniciativas é a Coalizão de Mídias Periféricas, Faveladas, Quilombolas e Indígenas²⁷, formada por 11 organizações jornalísticas com atuação em territórios historicamente marginalizados. Oficializada em 2023, a articulação reúne coletivos que já atuavam de forma colaborativa na produção de conteúdo e no enfrentamento à desinformação, especialmente em áreas empobrecidas. Sua criação reforça a busca por maior presença política, autonomia editorial e acesso mais equitativo a recursos no campo jornalístico. Ao reunir comunicadores com trajetória nesses territórios, a Coalizão também chama atenção para o racismo digital e para a valorização das memórias e experiências locais. Trata-se, portanto, de uma expressão concreta da reconfiguração do jornalismo a partir das margens, que tensiona os modelos tradicionais ao propor novas formas de organização, produção e legitimidade.

Embora a distinção entre os modelos de jornalismo não convencional nem sempre

²⁷ Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/coalizaomidias052023/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

seja bem definida, alguns elementos permitem compreender melhor os pontos em comum entre eles. O jornalismo fora dos grandes conglomerados de mídia se destaca principalmente pela autonomia editorial, que permite uma maior liberdade na escolha de temas, abordagens e estilos de cobertura, sem a pressão de interesses comerciais ou de grandes corporações de mídia e setores políticos. Suas práticas jornalísticas tendem a ser mais flexíveis e focadas em nichos específicos, muitas vezes atendendo a públicos com interesses determinados ou abordando questões negligenciadas pela grande mídia (Silva; Santos, 2023; Patrício; Lima, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019). Além disso, os profissionais dessas iniciativas jornalísticas frequentemente trabalham com estruturas organizacionais mais enxutas e recursos limitados, o que pode levar ao desenvolvimento de práticas mais colaborativas, como o uso de redes de apoio ou parcerias com organizações de fomento (Patrício, 2024; Oliveira; Felippi, 2023; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro; Nonato, 2017).

Assim, mais do que definir termos para classificar esses modelos de jornalismo, os estudos apontam para características comuns entre as iniciativas que atuam fora das grandes organizações midiáticas, considerando aspectos como autonomia editorial, estratégias de sustentabilidade e dinâmicas de produção. Aqui, o interesse também recai sobre as particularidades do jornalismo praticado nesses contextos, analisando como essas iniciativas se estruturam e operam fora das grandes organizações jornalísticas. Ressalta-se, contudo, que este olhar se dirige prioritariamente a iniciativas alinhadas a princípios democráticos e progressistas, reconhecendo que nem todas as experiências fora do ambiente midiático convencional compartilham necessariamente desses mesmos valores.

4.2 Modelos de sustentação e a realidade do trabalho no jornalismo independente

Pesquisa realizada entre 2016 e 2018 pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP) indica que essas iniciativas são recentes, surgindo principalmente entre 2011 e 2015. Os resultados, apresentados em artigo publicado por Figaro, Barros e Kinoshita (2019), fazem parte de um estudo cujo objetivo foi compreender as novas formas de organização do trabalho de jornalistas em arranjos alternativos e independentes em relação às grandes corporações de mídia. Segundo a pesquisa, os projetos analisados costumam operar em formato coletivo e não possuem ligação com movimentos sociais ou partidos políticos, situando-se entre o jornalismo alternativo e independente, afastados das pressões políticas e econômicas do Estado e do mercado. Para

garantir sua sustentabilidade financeira ampliam as atividades para além da produção jornalística, oferecendo cursos, palestras, edição de livros e serviços de assessoria, entre outras (Figaro; Barros; Kinoshita, 2019). Assim, a diversificação das atividades é colocada como uma estratégia para a manutenção dessas iniciativas (Figaro; Barros; Kinoshita, 2019).

No entanto, essa busca por autonomia editorial enfrenta um desafio permanente: a necessidade de viabilizar economicamente os projetos sem comprometer sua independência. A tensão entre a independência jornalística e a necessidade de viabilidade econômica é um dilema constante para esses veículos, que precisam equilibrar sua autonomia com a busca por modelos sustentáveis para garantir sua sobrevivência financeira. Conforme Assis *et al.* (2017), as dificuldades econômicas tornam visíveis as interferências comerciais e políticas no processo editorial, fragilizando a autonomia e a credibilidade do jornalismo. Conforme os autores, a independência se expressa na transparência com a qual os veículos e jornalistas expressam seus compromissos: “Na maioria das vezes, o jornalismo sobrevive à custa de verbas publicitárias, financiando a publicação e os profissionais. Da mesma maneira, em termos ideais, os jornalistas prestam contas a seus editores (também jornalistas) e ao público” (Assis *et al.*, 2017, p. 8).

Os arranjos que conseguem se tornar economicamente sustentáveis não apenas se estabelecem como alternativas às grandes empresas de mídia em termos de discurso e conteúdo jornalístico, mas também criam novas oportunidades de trabalho para jornalistas (Silveira; Ramos, 2022). No entanto, como sustentar um jornalismo que privilegie vozes dissidentes e discursos de contraposição sem depender de anunciantes ligados a grandes empresas, bancos e governos? Essa é uma das problemáticas levantadas por Figaro, Barros e Kinoshita (2019).

Mesmo com o barateamento dos meios de produção digital, a investigação aprofundada, a produção de conteúdo multimídia e a manutenção de plataformas digitais geram altos custos para as iniciativas (Silva; Santos, 2023). Dessa forma, manter um padrão de qualidade nas produções ao mesmo tempo em que se garante a sustentabilidade do empreendimento jornalístico pode parecer inviável para organizações que buscam distanciar-se dos modelos tradicionais de financiamento. Tanto que, para algumas iniciativas, a venda de espaço publicitário ainda é uma prática adotada. Como no caso de 27 iniciativas (43.8%) dentre 63 arranjos jornalísticos cearenses, mapeados por Silva *et al.* (2021), que ainda recorrem a essa forma de financiamento.

O financiamento coletivo é frequentemente considerado uma solução para garantir a independência no jornalismo, mas, conforme sugerem Assis *et al.* (2017), essa visão

simplifica uma realidade mais complexa. Tal perspectiva, segundo os autores, parte da ideia de que a autonomia financeira rege a concepção de independência e que, portanto, se não há anunciantes ou acionistas que possam intervir no conteúdo, a autonomia estaria virtualmente assegurada.

Se o modelo de sustentação do jornalismo adotado há poucos séculos dá sinais de esgotamento, soluções são apresentadas, como a do financiamento coletivo. A premissa de que “quanto mais financiadores, mais independentes seremos” não está de toda errada. Existem iniciativas que buscam massificar o número de financiadores individuais, envolvê-los em processos de decisão das pautas e acompanhamento das reportagens produzidas, garantindo não uma imparcialidade que existe apenas no discurso, mas uma certa “parcialidade justificada”. (Assis *et al.* 2017, p. 9)

Em sentido complementar, Oliveira e Felippi (2023) indicam que já existe um consenso entre os profissionais independentes sobre a necessidade de um modelo de negócio estruturado a partir de múltiplas fontes de ingresso financeiro. Esse modelo descrito pelos autores busca um equilíbrio entre as fontes, de maneira que todas contribuam de forma proporcional. Além do financiamento, a falta de conhecimento em gestão é outro desafio para as condições de produção, conforme destacado por Oliveira e Felippi (2023). Esse entrave tem feito iniciativas de jornalismo independente recorrerem ao apoio de organizações internacionais, como a Fundación Gabo²⁸, Sembramedia²⁹ e outras, para obterem suporte técnico, formativo e financeiro. A partir dessas parcerias, são criados espaços para troca de experiências, trabalho em rede e projetos de suporte à produção jornalística ou à capacitação de profissionais.

O surgimento de iniciativas de jornalismo fora dos conglomerados tradicionais também veio como uma reação ao enxugamento das redações e a consequente precarização do trabalho (Lima; Patrício, 2019). No entanto, embora esses fatores tenham impulsionado a busca por novos modelos de jornalismo, muitos dos desafios estruturais que motivaram essa transição ainda persistem em ambientes distintos ao da grande mídia (Silva *et al.*, 2021).

De acordo com Figaro, Barros e Kinoshita (2019), as condições de trabalho nesses arranjos são marcadas pela precariedade, desde a remuneração até a reposição da força de

²⁸ Fundación Gabo é uma organização sem fins lucrativos criada em 1995 por Gabriel García Márquez na Colômbia. Entre suas principais iniciativas estão o Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo, o Festival Gabo e o Centro Gabo, focado na promoção cultural. A organização também oferece capacitação, recursos e visibilidade para jornalistas e projetos jornalísticos. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/institucion/quienes-somos>. Acesso em: 19 maio 2025.

²⁹ Sembramedia é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2015. Oferece programas de capacitação e apoio a meios de comunicação digitais independentes, focando na sustentabilidade e gestão desses projetos. Disponível em: <https://sembramedia.org/quienes-somos/>. Acesso em: 19 maio 2025.

trabalho. Na maioria dos casos, trata-se de um trabalho voluntário, sem garantias sobre a continuidade das atividades jornalísticas ou a viabilidade financeira do projeto. Há uma intensificação da carga de trabalho, com profissionais atuando a todo momento, em múltiplos locais e sem estrutura adequada. Para garantir alguma renda, muitos conciliam um emprego formal com trabalhos freelance, dedicando-se ao jornalismo independente apenas após a jornada convencional. Como observam Silva *et al.* (2021), também não é incomum os fundadores dessas iniciativas assumirem múltiplas funções, atuando ao mesmo tempo como gestores, contratantes de serviços, produtores e editores de conteúdo. "Essas características não são idiossincráticas, mas resultados de lógicas produtivas que se instauram no mundo do trabalho contemporâneo" (Silva *et al.*, 2021, p. 163).

A precarização, portanto, torna os vínculos empregatícios ainda mais instáveis. Poucos profissionais possuem vínculo formal por meio da CLT, enquanto a maioria trabalha de forma autônoma, recebendo por projetos e atividades específicas, conforme Figaro e Nonato (2017). O ambiente de trabalho também se deslocou para o espaço doméstico ou pequenos escritórios, onde os jornalistas assumem integralmente os encargos e custos operacionais. Além disso, a adoção do modelo de Pessoa Jurídica (PJ) reformulou as relações trabalhistas sob a lógica do empreendedorismo e do trabalho criativo, que, diante das incertezas, intensificam a precarização das condições de trabalho desses profissionais (Figaro; Nonato, 2017). Vale observar que estes fatores são também sintomas da desprofissionalização do jornalista, que “busca na criação de seu próprio negócio uma forma de sobreviver ao mercado de trabalho precarizado” (Silveira; Ramos, 2022, n.p).

4.3 Colaboração, horizontalidade e plataformas: desafios na prática do jornalismo independente

Já reconhecida como um traço marcante das iniciativas independentes, a horizontalidade nas relações de trabalho se revela como uma característica importante para fortalecer vínculos e cultivar um sentimento de pertencimento. Segundo Figaro, Barros e Kinoshita (2019), relações mais horizontais entre jornalistas são importantes tanto para o desempenho da atividade quanto para a construção de solidariedade entre os profissionais. Para os autores, como o trabalho jornalístico é extenuante, a cooperação ajuda a economizar esforço físico, intelectual, tempo e recursos. Além disso, afirmam que esse tipo de relação fortalece politicamente os coletivos, contribui para a consolidação de um campo de mídias alternativas e independentes, e favorece a construção de uma marca própria, com modos

específicos de organização e produção no jornalismo.

Dessa forma, mais do que um simples arranjo organizacional, ela possibilita a construção de um ambiente colaborativo onde a tomada de decisão é compartilhada, transformando as dinâmicas de trabalho (Patrício, 2024). Essa configuração permite enfrentar coletivamente os desafios impostos pela precariedade e pela instabilidade, valorizando a diversidade de perspectivas e habilidades dentro dos grupos.

Patrício (2024) analisa um recorte de dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022) sobre o ambiente laboral de jornalistas independentes e identifica que somente 16,8% desses profissionais percebem uma exclusão de funcionários das decisões ligadas à equipe, um recuo em comparação com 38,1% no grupo de jornalistas que atuam na mídia como um todo. "Embora salutar, o resultado também pode apontar a dimensão de multifunção praticada pela(o)s profissionais das iniciativas independentes, frente à escassez de pessoal, o que, em última análise, pode insinuar também processos de precarização" (Patrício, 2024, p. 38).

A análise de Patrício (2024) evidencia que, embora jornalistas de iniciativas independentes participem mais das decisões gerenciais, essa gestão mais horizontalizada não se traduz, necessariamente, em maior satisfação com as relações interpessoais. Enquanto 64,2% dos jornalistas da mídia em geral afirmam estar muito satisfeitos ou satisfeitos com essas relações, entre os profissionais do jornalismo independente o percentual é de 54,3%. Os resultados não apresentam variação significativa, e isso acontece de forma semelhante entre as opções que apontam insatisfação, voltando a divergir na opção "não se aplica", em que apenas 2,8% dos profissionais atuantes na mídia como um todo selecionaram essa opção, enquanto para jornalistas atuantes em iniciativas independentes o percentual chega a 12,1%.

Esse pretenso descuido com as relações interpessoais no ambiente laboral (não se aplica) poderia ser percebido como uma "pulverização" das equipes, com a intensificação do trabalho em ambiente virtual, como saída à escassez de recursos, para bancar condições infraestruturais de produção? Mais uma vez os resultados da(o)s trabalhadora(e)s vinculada(o)s às iniciativas de jornalismo independente resvalam para elementos de precarização laboral. (Patrício, 2024, p. 39 e 40)

Essas condições estruturais apontadas por Patrício (2024), atravessadas pelas dinâmicas do ambiente virtual, abrem espaço para compreender a relação das iniciativas de jornalismo independente com as plataformas digitais, que reforçam as problemáticas já

mencionadas, como a escassez de recursos, multifunção e intensificação do trabalho em ambientes virtuais (Nicoletti; Figaro, 2022). Ao buscar soluções para contornar as limitações de infraestrutura por meio de plataformas digitais, essas iniciativas podem se inserir em um contexto em que as plataformas não apenas mediam o fluxo de conteúdo (Silveira; Ramos, 2022), mas também determinam as condições de monetização e a distribuição dos lucros (Bell; Owen, 2017). Nesse cenário, ao tentar se adaptar às exigências das plataformas, elas podem acabar se tornando reféns de suas lógicas, o que pode resultar na perda de controle sobre seus próprios processos produtivos e na fragilização de sua autonomia editorial (Barros *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2021).

Embora as plataformas ofereçam oportunidades de financiamento e visibilidade, a complexidade dessa relação revela-se, muitas vezes, como um jogo desigual (Camargo *et al.*, 2023), onde os interesses das plataformas nem sempre estão alinhados com as necessidades e objetivos dessas iniciativas, exigindo um equilíbrio difícil de ser alcançado. Camargo *et al.* (2023) ressaltam que, embora as empresas do Vale do Silício tenham contribuído para aprofundar a crise nos modelos de negócio do jornalismo, elas omitem esse papel em suas narrativas institucionais. Ao apresentarem programas de apoio aos veículos de mídia, essas *big techs* se posicionam como redentoras do jornalismo, ao mesmo tempo em que se isentam da responsabilidade pela criação do ambiente tecnológico que gerou a crise e reforçam a ideia de que possuem as soluções para os desafios enfrentados pelas organizações jornalísticas.

O poder simbólico e financeiro das empresas de plataforma lhes permite sustentar uma posição de ascendência sobre os veículos informativos. São elas que determinam as soluções, normatizam os modos de produção jornalística e as bases tecnológicas em que eles devem se inspirar. Na ordem discursiva, porém, Google e Meta se afirmam como “parceiras” e “colaboradoras” das empresas de mídia – termos que apelam para uma horizontalidade das relações e apagam a assimetria de poder em jogo. (Camargo *et al.*, 2023, p. 17)

A experiência relatada por uma das entrevistadas desta pesquisa³⁰ ajuda a evidenciar os efeitos desse desequilíbrio nas relações entre plataformas e organizações jornalísticas. O depoimento dá conta que o anúncio de encerramento de um programa de checagem de fatos da Meta comprometeu significativamente a operação da iniciativa em que atua, uma agência de checagem. O relato expõe a fragilidade de modelos que dependem de

³⁰ O relato da entrevistada é apresentado no item 6.2.1.

recursos pontuais oferecidos pelas grandes plataformas e mostra como a continuidade dos projetos pode ser afetada por decisões unilaterais. Ainda que essas corporações se apresentem como parceiras do jornalismo, são elas que controlam os termos da colaboração, o que impõe limites à autonomia das iniciativas e amplia sua vulnerabilidade frente às dinâmicas do mercado digital.

De acordo com Figaro e Silva (2020), por serem concebidos majoritariamente no ambiente digital, os meios independentes enfrentam desafios distintos das grandes corporações de mídia. Enquanto no passado a dificuldade estava nos meios de produção, com a atual acessibilidade a dispositivos como o celular, as barreiras se concentram na distribuição e no alcance do conteúdo. Embora a internet forneça espaços para a formação de redes independentes de trabalho, ampliando as formas de cooperação e potencializando a circulação da informação produzida pelos meios alternativos, segundo as autoras, os monopólios de comunicação ainda exercem grande influência nesses espaços, reforçando sua hegemonia.

Horn (2022) destaca que as dificuldades em ganhar visibilidade também estão relacionadas ao fato de as grandes corporações de mídia, por possuírem mais recursos financeiros, conseguirem impulsionar seu conteúdo e já contarem com audiências consolidadas no ambiente digital. Essa prática de impulsionamento pode ser prejudicial ao ecossistema informativo de qualidade, pois, como colocado pela autora, reforça o fortalecimento de bolhas e materializa uma nova forma de vigilância. "Os leitores se tornam alvos de notícias pagas, na maioria das vezes, 'sem saber', já que a autorização prévia do controle das atividades on-line (cookies de navegador, por exemplo) nem sempre é um processo transparente ou de fácil compreensão para o usuário" (Horn, 2022, p. 4).

A questão das bolhas digitais pode ser um dos efeitos desse impulsionamento de conteúdo por parte das grandes corporações de mídia, mas, no caso do jornalismo independente, também se manifesta na formação de um público que consome apenas conteúdos alinhados aos seus próprios interesses e visões de mundo, o que contribui para o reforço dessas bolhas. Essa perspectiva foi abordada por uma das entrevistadas desta pesquisa, ao refletir sobre a lacuna que o jornalismo independente busca preencher em relação à mídia convencional e à crise de credibilidade. Segundo ela, a principal contribuição desse tipo de jornalismo está na oferta de novos enquadramentos e perspectivas:

[...] quando você tem uma diversidade maior de enquadramento, de angulação, eu acho que o consumidor, o público — eu ia falar só o leitor, mas no caso não é só o leitor — ele tem uma possibilidade maior de pensar sobre as questões, porque ele tá vendo ali diferentes

abordagens, por um lado. Por outro a gente tem um problema em relação às bolhas, a pessoa só quer ler aquilo que já vai ao encontro do que ela pensa. Então, a questão da credibilidade, eu acho que é geral, porque tudo caiu (Entrevistada 9).

Além disso, ao comentar o comportamento dos usuários nas redes sociais, a entrevistada apontou para a superficialidade no consumo das notícias, mencionando que muitas pessoas leem apenas os títulos ou os posts, sem acessar o conteúdo completo. Segundo ela, essa tendência está relacionada à pressa com que as informações são consumidas e a um contexto mais amplo de fragilidades formativas no país, como dificuldades de interpretação de texto. Esses elementos, ainda que não mencionados de forma direta, sugerem um cenário desfavorável à circulação de conteúdos mais aprofundados e críticos, especialmente em um ambiente marcado pela rapidez e pela falta de atenção.

Dessa forma, segundo Horn (2022), embora exista pluralidade na produção de notícias, essa diversidade não é suficiente enquanto empresas de menor porte não ocuparem o mesmo espaço de influência e poder das grandes mídias. Como resultado, o jornalismo online acaba representando apenas uma parcela da realidade, pois o conteúdo jornalístico e sua interpretação variam conforme a distribuição e a abordagem editorial das diferentes mídias.

A “construção da realidade”, assim, depende do “lugar social do qual se fala”, se sob a perspectiva de uma mídia branca, elitista e rica ou de uma mídia de diferentes etnias e raças, pobre ou pouco abastada. Em outros termos, de nada adianta uma suposta quantidade abrangente de mídias, se estas pertencem ao mesmo grupo econômico ou se então convidam sempre as mesmas fontes-oficiais ou convidados externos para testemunhar, limitando as possibilidades de diversificação e interpretação dos fatos (Horn, 2022, p. 6).

As considerações de Horn (2022) ressaltam que, embora os sites de jornalismo originados na esfera pública digital tenham alcance mais restrito e fragmentado em comparação com a mídia *mainstream*, eles cumprem um papel importante ao mediar as relações entre poder político e sociedade. Ao promoverem espaços de visibilidade, essas iniciativas enfrentam os processos excludentes reforçados pelos meios hegemônicos, ampliando a participação cidadã e atenuando os prejuízos ao debate público. Portanto, como defende Horn (2022), legitimar vozes independentes fortalece a diversidade informativa e amplia as possibilidades de investimento em qualidade, especialmente em veículos que não estão submetidos à exploração comercial.

Se legitimar vozes independentes é fundamental para ampliar a diversidade

informativa e enfrentar os processos excludentes da mídia hegemônica, é na articulação entre essas vozes que muitas iniciativas encontram força para seguir existindo. A ausência de estruturas estáveis e os limites impostos pela escassez de recursos levam muitas iniciativas de jornalismo independente a reorganizar cotidianamente seus modos de trabalho. Redes de apoio entre jornalistas surgem como estratégia para lidar com a sobrecarga e com os limites da atuação individual.

Essa dinâmica colaborativa, que se materializa na partilha de pautas, custos e até mesmo riscos, não representa apenas uma estratégia de sobrevivência diante das limitações materiais; ela também revela um modo de fazer jornalismo que rompe com a lógica competitiva da grande mídia. O contraste com essa lógica foi destacado por um entrevistado desta pesquisa, que acumula 20 anos de experiência no jornalismo convencional:

[...] isso faz com que a gente consiga, muitas vezes, se unir para construir, para cobrir pautas complexas, para trabalhar com pautas complexas. A gente consegue, por exemplo, alguém está indo para fazer texto, outro está indo para fazer vídeo, outro está indo para fazer fotos, e depois a gente constrói aquilo com uma cobertura colaborativa. Ou a gente divide custos. Tem que alugar um carro. Tá bom, vamos alugar um carro em três pessoas, três times diferentes. Aluga um carro para ir a algum lugar. Isso é uma coisa muito comum quando você está cobrindo coisas em locais perigosos. Os jornalistas andam em grupo. Você não anda sozinha em um lugar perigoso, você anda em um grupo, mesmo que sejam concorrentes. Mas, no jornalismo independente, essa colaboração é muito... é mais comum do que na mídia industrial (Entrevistado 8).

Assim, mais do que dividir tarefas, a colaboração transforma o fazer jornalístico independente: amplia a cobertura, fortalece os vínculos entre pares e permite explorar modos de produção mais solidários e sustentáveis. Como apontam Figaro, Barros e Kinoshita (2019), essas redes tornam possível uma cobertura em tempo real e diretamente do local dos acontecimentos, combinando relato e participação no evento — o que viabiliza uma atuação descentralizada em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Em um cenário de instabilidades e carências estruturais, são esses laços, tecidos na confiança, na partilha e na presença, que tornam possível não apenas fazer, mas sustentar um jornalismo comprometido com outras formas de ver, interpretar e narrar o cotidiano.

Além dessas formas de colaboração entre profissionais, a ancoragem territorial desempenha um papel importante na organização e sustentabilidade das iniciativas. A regionalidade não é apenas uma marca geográfica: ela se torna um trunfo na relação com o

público e na construção de uma forma de jornalismo mais enraizada nas realidades locais. Patrício (2022) mostra que a territorialidade no jornalismo independente, entendida como a atuação marcada por regionalidade e proximidade, é um elemento central na forma como essas iniciativas se organizam, constroem sua identidade editorial e buscam sustentabilidade financeira. Segundo o autor, há uma relação direta entre o território de atuação e a forma como os recursos são mobilizados. Iniciativas localizadas revelam dinâmicas próprias de captação e gestão de recursos, que envolvem desde sorteios em redes sociais até parcerias com grupos locais, associações e produtoras culturais. A presença de apoiadores e parceiros locais, muitas vezes alinhados ideologicamente às propostas do veículo, reforça essa conexão territorial, ainda que, em alguns casos, possa restringir o alcance das fontes de financiamento (Patrício, 2022).

5 PERCURSO EXPLORATÓRIO: DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS E PROCESSO DE COLETA DE DADOS

A investigação sobre a qualidade no jornalismo independente exige uma abordagem que contemple tanto a compreensão das práticas adotadas pelos profissionais quanto de suas percepções sobre os fatores que influenciam a produção e definição da qualidade jornalística. Portanto, a escolha dos métodos deve considerar a necessidade de aprofundamento nas rotinas de trabalho, nos critérios de qualidade adotados e nas relações estabelecidas nesse contexto, permitindo uma análise que dialoga também com as transformações estruturais do jornalismo. No entanto, ao articular a qualidade jornalística no contexto do jornalismo independente, adentramos dois campos cujo debate acadêmico ainda está em construção. Como há pouco consenso na literatura sobre as definições de qualidade jornalística e as especificidades do jornalismo independente ainda são tratadas de maneira incipiente, esta pesquisa identifica marcadores que possam orientar possíveis características do jornalismo independente para, dessa forma, compreender melhor o fenômeno a ser estudado, relacionando-o com o eixo mais amplo e fundamental desta pesquisa, que é a qualidade no jornalismo.

Esse procedimento, portanto, alinha-se com os estudos considerados de natureza exploratória, nos termos definidos por Gil (2002). Segundo o autor, a pesquisa exploratória é frequentemente utilizada quando há pouco conhecimento prévio sobre um tema e busca-se familiarizar-se com o fenômeno em questão. Pesquisas desse tipo também costumam utilizar técnicas flexíveis e abertas aos variados aspectos relativos ao fato estudado (Gil, 2002). Além disso, por buscar compreender os significados que os jornalistas atribuem ao seu trabalho e os fatores que influenciam sua produção, entendemos que a abordagem qualitativa é a mais adequada para alcançar nossos objetivos. Segundo Lösch, Rambo e Ferreira (2023), o enfoque qualitativo no contexto de uma pesquisa exploratória, no âmbito da Ciências Humanas e Sociais, facilita uma melhor compreensão do comportamento humano e do contexto social. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador pode explorar os dados qualitativos de forma sistêmica, buscando uma interpretação detalhada do fenômeno analisado (Loesch; Rambo; Ferreira, 2023, p. 3).

Em termos de procedimentos metodológicos, as técnicas de observação e entrevistas costumam ser utilizadas nesta abordagem, pois são eficazes para captar a complexidade de um problema (Richardson, 2012). De forma mais ampla, Richardson (2012, p. 90) descreve a abordagem qualitativa como “a tentativa de uma compreensão detalhada dos

significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. Essa abordagem, segundo o autor, permite não apenas descrever a complexidade de um problema e analisar a interação de variáveis, mas também compreender e categorizar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Além disso, ela pode contribuir para transformações dentro desses grupos, possibilitando um entendimento mais profundo das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Para responder ao problema de pesquisa, que busca compreender como os jornalistas independentes concebem e aplicam a qualidade no jornalismo, analisando suas rotinas, práticas e princípios específicos, esta investigação se orienta por três questões principais: que características, princípios e dimensões definem o jornalismo independente na perspectiva de profissionais atuantes nesse ambiente laboral? Como esses profissionais definem o que é qualidade na sua produção jornalística? Quais rotinas e práticas consideram importantes para a qualidade da produção jornalística independente?

A partir delas, o estudo tem como objetivo geral compreender o conceito de qualidade no jornalismo independente a partir das percepções dos jornalistas que atuam nesse ambiente laboral e das práticas e rotinas que consideram fundamentais para a produção jornalística de qualidade. E os objetivos específicos são: 1) Investigar os contextos históricos, sociais e tecnológicos que influenciam a construção e aplicação do conceito de qualidade no jornalismo, destacando como esses fatores moldam as práticas da profissão; 2) identificar, na literatura acadêmica, os marcadores que caracterizam e representam o jornalismo independente; 3) confrontar os marcadores identificados com as percepções de jornalistas independentes, a fim de verificar se esses elementos refletem as experiências vivenciadas no exercício da sua profissão; 4) analisar, entre as características determinantes do jornalismo independente, quais práticas, princípios e rotinas contribuem para a qualificação do jornalismo em um sentido mais amplo.

Os instrumentos de coleta de dados adotados nesta pesquisa incluem, inicialmente, um *survey*, seguido da realização de entrevistas semiestruturadas. O *survey* é utilizado para obter um panorama sobre as percepções dos participantes em relação às características que definem e qualificam o jornalismo independente, permitindo identificar tendências e padrões que servirão de subsídio para a etapa seguinte de entrevistas. As entrevistas semiestruturadas irão auxiliar no aprofundamento das questões levantadas pelo *survey*, oferecendo maior flexibilidade para explorar as experiências e justificativas dos entrevistados. A combinação desses instrumentos busca equilibrar amplitude e profundidade

na análise, permitindo uma compreensão mais completa do fenômeno investigado.

As entrevistas qualitativas, especialmente as semiestruturadas e não estruturadas, são apontadas por Fraser e Gondim (2004) como particularmente adequadas para acessar os significados, valores e percepções dos sujeitos sociais. Seu uso favorece a relação intersubjetiva entre pesquisador e entrevistado, permitindo que, por meio das trocas verbais e não verbais estabelecidas durante a interação, seja possível compreender de forma mais profunda as experiências e visões de mundo dos participantes. Esse processo torna o conteúdo gerado um “texto negociado”, construído conjuntamente entre os interlocutores. Além disso, as autoras ressaltam que, na abordagem qualitativa, o entrevistador assume um papel menos diretivo, buscando criar condições para um diálogo mais aberto e espontâneo, o que permite que o entrevistado construa seu discurso e apresente seu ponto de vista com mais liberdade.

Ainda de acordo com Fraser e Gondim (2004), a seleção dos participantes não obedece aos critérios de representatividade estatística baseados na aleatoriedade, como ocorre em abordagens quantitativas. Em vez disso, busca-se a representatividade dos significados, ou seja, a inclusão de sujeitos cujas experiências, perspectivas e conhecimentos contribuam para o aprofundamento da compreensão sobre o fenômeno investigado. Assim, a escolha dos entrevistados é intencional, voltada para aqueles que conhecem profundamente a realidade estudada ou que expressam diferentes visões relevantes ao tema: “O critério mais importante a ser considerado neste processo de escolha não é numérico, já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões e sim explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto” (Fraser; Gondim, 2004).

Desse modo, o questionário utilizado na pesquisa foi elaborado de forma colaborativa, com a participação de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculados ao grupo de pesquisa Práxis no Jornalismo (PráxisJor), que desenvolvem investigações sobre jornalismo independente. Embora a construção do questionário não tenha ocorrido como uma atividade formal do grupo de pesquisa, nem estivesse vinculada a uma disciplina específica do programa, ela foi viabilizada pelas trocas frequentes entre os integrantes, que compartilham interesses temáticos e vínculo institucional. A opção por uma construção conjunta também considerou a necessidade de otimizar os esforços na aplicação do instrumento e a expectativa de um número significativo de respondentes com perfil semelhante, ou seja, jornalistas independentes. Essa abordagem buscou evitar a sobrecarga de um público que frequentemente é convidado a participar de pesquisas, ao mesmo tempo em que possibilitou a obtenção de dados relevantes para os projetos individuais de cada pesquisador. A elaboração conjunta

também proporcionou uma validação prévia do instrumento, permitindo verificar sua capacidade de captar com precisão as percepções dos profissionais sobre as características que definem e qualificam o jornalismo independente.

Conforme Gil (2002), as técnicas de questionamento, como o *survey* aplicado nesta pesquisa, permitem a coleta de dados sob a perspectiva dos próprios participantes, mas sempre apresentarão limitações ao abordar as relações sociais mais amplas, especialmente quando envolvem variáveis de natureza institucional. No entanto, essas técnicas são úteis para obter informações sobre crenças, sentimentos, desejos e outros aspectos particulares. O autor também oferece orientações sobre a elaboração de questionários, destacando que as perguntas devem se alinhar ao tema do estudo e evitar abordar questões que seriam melhor respondidas por outros métodos. Entre as orientações, ele recomenda a formulação de questões centradas em um único tópico, evitando estereótipos, e o aumento gradual da complexidade das perguntas. Além disso, o entrevistado deve receber instruções detalhadas sobre o questionário e não ser sobrecarregado com uma quantidade excessiva de questões.

5.1 Estrutura e aplicação do *survey* preliminar

Composto por 25 perguntas, o *survey* inclui questões abertas e objetivas, abrangendo formatos de múltipla escolha e de escolha única. As questões exploram as pretensas características do jornalismo independente e os elementos relacionados à qualificação do jornalismo, a partir dos eixos conceituais discutidos no referencial teórico, como qualidade, transformações no campo, plataformização e jornalismo independente. Na primeira parte do questionário, tratamos de informações básicas sobre os participantes, com o objetivo de caracterizar o perfil dos respondentes. Inicialmente, foi perguntado se o participante teria interesse em contribuir com uma entrevista em momento posterior, por meio de uma resposta objetiva (sim ou não). Em seguida, foram solicitados dados pessoais e profissionais, como nome, idade, gênero, cor/raça, estado e cidade de residência, além de contato (e-mail ou telefone).

Ao considerar aspectos como gênero, raça/cor e localização, busca-se garantir uma diversidade de perspectivas atravessada pela interseccionalidade, permitindo uma análise mais abrangente sobre as percepções dos jornalistas independentes. O formulário também questionou qual iniciativa independente o respondente integra, há quanto tempo atua nela e qual função desempenha, sendo esta última uma questão de múltipla escolha. Por fim, investigou-se se o participante trabalha ou já trabalhou em empresas de jornalismo

convencional e, em caso afirmativo, por quanto tempo atuou nesse ambiente.

Na continuidade, o questionário se volta para os aspectos centrais da pesquisa, buscando compreender as percepções dos participantes sobre a atuação no jornalismo independente e os fatores que definem e qualificam a atividade jornalística nesse contexto. Foi questionado o que motivou os respondentes a atuarem nesse ambiente, em uma questão de múltipla escolha. Em seguida, foram investigadas, também por meio de questões de múltipla escolha, as categorias que os participantes consideram como definidoras do jornalismo independente. Além disso, foram levantadas as percepções sobre os principais desafios enfrentados para garantir a qualidade das produções em suas respectivas iniciativas, para que os respondentes selecionassem aquelas com as quais se identificam.

O questionário incluiu ainda uma pergunta aberta sobre práticas, recursos ou rotinas que, na visão dos participantes, poderiam ser adotados ou aprimorados para fortalecer a qualidade do jornalismo independente. Em seguida, foi feita uma pergunta objetiva sobre se o jornalismo independente, na percepção do respondente, segue ou não o manual do jornalismo convencional. Aqueles que responderam “não” ou “em partes” foram convidados a apontar três elementos que, em sua percepção, diferenciam e três que aproximam o jornalismo independente do jornalismo convencional.

Também foi abordada a influência de questões sociais, políticas e de mercado no modo como o jornalismo independente é produzido. Os participantes foram questionados sobre como classificam a natureza da iniciativa em que atuam — como alternativa, comunitária, das periferias, independente, arranjo jornalístico ou outra — e, posteriormente, foram convidados a justificar essa classificação.

Duas perguntas específicas foram direcionadas às mulheres jornalistas, com foco nos desafios enfrentados no exercício da profissão em mídias independentes e nas possíveis transformações provocadas por sua presença nas práticas jornalísticas. Por fim, foi apresentada uma lista com 17 dimensões de qualificação do jornalismo para que os respondentes avaliassem o grau de importância de cada uma para a qualidade do jornalismo independente, em uma escala de 1 (menor importância) a 5 (maior importância).

A pesquisa adota uma abordagem não probabilística, na qual a seleção dos participantes é realizada com base em critérios relacionados à experiência dos profissionais no jornalismo independente. Essa escolha se justifica pela natureza exploratória e qualitativa do estudo, que busca compreender as percepções de quem atua diretamente nesse ambiente. Como orienta Gil (2002, p. 145) “uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e

participantes, mostra-se mais adequada para a obtenção de dados de natureza qualitativa”. Embora os resultados não possam ser generalizados para todo o universo do jornalismo independente, eles ainda podem oferecer uma compreensão inicial sobre as características e dimensões de qualificação percebidas pelos profissionais.

A etapa preliminar de aplicação do *survey* online foi realizada com jornalistas que tiveram experiência em iniciativas de jornalismo independente e que participaram da pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro (PJB) 2021 (Lima *et al.*, 2022). Definimos dessa forma considerando que o levantamento, ao mapear o cenário profissional dos jornalistas independentes, oferece uma amostra qualificada e alinhada aos objetivos desta investigação. Nesse sentido, utilizá-la como foco para a divulgação do *survey* é um caminho adequado, pois permite acessar possíveis respondentes para a etapa de entrevistas. Além disso, essa abordagem otimiza o tempo de coleta de dados, aproveitando a mobilização gerada pelo levantamento da pesquisa PJB, que definiu 136 profissionais como amostra representativa do nosso grupo de interesse, dentre os quais 114 deixaram seus dados de contato. Assim, em nossa concepção, essa base de respondentes oferece uma amostra potencialmente engajada e com interesse em manter o diálogo com a academia.

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al.*, 2022) teve como objetivo traçar um panorama das condições de trabalho e das características dos profissionais de jornalismo no Brasil. Essa foi a segunda edição do levantamento nacional, realizada cerca de nove anos após a primeira, conduzida em 2012. A coleta de dados ocorreu entre agosto e outubro de 2021, por meio de uma enquete online com participação espontânea. A divulgação foi feita por redes sociais, e-mails e veículos especializados, com o intuito de alcançar jornalistas de todas as regiões do país. Ao todo, 7.029 pessoas responderam ao questionário, e 6.650 respostas foram consideradas válidas após a eliminação de registros incompletos ou incoerentes. Entre as novidades desta edição, destaca-se a inclusão das iniciativas de jornalismo independente como um dos ambientes de trabalho possíveis.

Como já mencionado, a amostra representativa da pesquisa definiu 136 respondentes como amostra representativa da atuação em iniciativas de jornalismo independente, o que representa 10,5% dos profissionais que trabalham na mídia. Isso indica que, para cada dez jornalistas na mídia, aproximadamente um atua fora das estruturas convencionais. Desse total, 5,9% trabalham em iniciativas nacionais, 2,1% em iniciativas locais, 1,7% em iniciativas regionais e 0,8% em iniciativas internacionais.

Os 114 jornalistas que disponibilizaram meios de contato no levantamento do PJB 2021 foram contatados em quatro momentos no período de janeiro e fevereiro de 2025, para

responder ao nosso *survey*. Nesse processo, mensagens enviadas por e-mail para seis jornalistas não foram entregues aos respectivos destinatários, tendo retornado com a notificação padrão de falha na entrega. Com isso, o número de participantes efetivamente contatados foi reduzido para 108.

As três primeiras tentativas consistiram na divulgação de e-mails em grupo, convidando os jornalistas independentes participantes da pesquisa do PJB 2021 a responderem ao nosso *survey*, nos dias 16 e 21 de janeiro, e em 5 de fevereiro de 2025. Para alcançar um número mais representativo de respostas, realizamos uma nova tentativa em 11 de fevereiro, dessa vez por e-mail individual, direcionado aos participantes que ainda não haviam contribuído com a pesquisa. Acreditamos que uma mensagem mais personalizada poderia chamar a atenção e, ao mesmo tempo, servir como um lembrete para aqueles interessados em participar, mas que por alguma razão ainda não haviam submetido suas respostas.

Com isso, conseguimos alcançar 31 respostas, das quais 29 foram consideradas válidas. Esse número equivale a 26,8% dos 108 participantes que disponibilizaram seu contato na pesquisa do PJB 2021 e foram efetivamente contatados. Embora o número absoluto possa parecer limitado, é importante destacar que esses respondentes pertencem a uma base de dados que passou por rigoroso tratamento estatístico e que é reconhecida como a pesquisa mais representativa da atuação profissional dos jornalistas no Brasil. Essa qualificação confere solidez e relevância aos dados analisados neste estudo.

Duas respostas foram excluídas por se tratarem de contribuições feitas por dois participantes em momentos distintos, conforme verificado pelo nome e pelas informações de contato. Optou-se por manter a versão mais recente das respostas de cada um, partindo do princípio de que, ao já conhecerem o questionário, os respondentes puderam revisar e ajustar suas respostas. Como os envios não eram idênticos, essa escolha buscou preservar a versão que corresponde a um posicionamento mais atual. Dentre os 29 que responderam ao questionário de forma válida, 25 manifestaram interesse em participar da etapa de entrevistas.

Como mencionado anteriormente, o *survey* utilizado nesta pesquisa contou com 25 questões, embora nem todas sejam abordadas diretamente nesta dissertação. Por ter sido construído de forma colaborativa, o questionário contempla um escopo mais amplo, voltado a diferentes interesses e objetivos de pesquisa dos colaboradores envolvidos. Esta dissertação, entretanto, adota um recorte específico, centrado nas questões que dialogam diretamente com a investigação sobre qualidade no jornalismo independente.

Além disso, algumas das questões presentes no *survey* também ofereceram

subsídios importantes para a segunda etapa da pesquisa, ao contribuírem para a elaboração dos roteiros das entrevistas e para a definição dos participantes que seriam convidados para a essa fase. Inicialmente, a intenção era selecionar os participantes da entrevista com base em critérios relacionados à linha editorial dos veículos com os quais estivessem vinculados, a fim de garantir diversidade nesse aspecto. No entanto, essa estratégia precisou ser adaptada diante da baixa taxa de retorno aos contatos realizados após a aplicação do *survey*, o que dificultou a seleção entre os participantes. Dessa forma, foram entrevistados aqueles que permaneceram disponíveis. Apesar dessa limitação, isso de forma alguma compromete os objetivos da pesquisa, visto que a diversidade intencionada foi alcançada em relação às formas de atuação dos participantes.

Parte dos jornalistas entrevistados mantém vínculos com organizações jornalísticas, como funcionários ou proprietários, enquanto outros atuam de maneira mais individualizada, como freelancers, blogueiros ou jornalistas aposentados que utilizam espaços próprios ou em colaboração com outras iniciativas para produzir conteúdo ou expressar opiniões. Essa configuração reflete uma característica da própria amostra, formada a partir de uma contribuição individual e voluntária no levantamento do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022), o que permitiu alcançar jornalistas com diferentes formas de inserção no mercado, incluindo aqueles que atuam de maneira autônoma, sem vínculo com organizações jornalísticas.

Em suma, essas decisões metodológicas partiram do entendimento de que a coleta de dados pode assumir diferentes funções ao longo da pesquisa. No primeiro momento, com a aplicação do *survey*, buscou-se uma aproximação inicial com os participantes e com o objeto de estudo, levantando informações que auxiliam na compreensão inicial do tema investigado. Já na etapa de entrevistas, o objetivo foi aprofundar questões previamente exploradas, de modo a captar aspectos que o questionário, por sua natureza, não permite investigar com a mesma profundidade.

5.2 Condução das entrevistas semiestruturadas

A fase de entrevistas teve início com o grupo de 25 jornalistas que, ao final da etapa anterior da pesquisa, manifestaram interesse em continuar participando. Desses, 12 responderam ao convite para agendamento e confirmaram disponibilidade, mas apenas 9 entrevistas foram efetivamente realizadas, o que corresponde a 36,0% do total inicial de interessados. As demais não ocorreram devido a imprevistos que inviabilizaram o contato ou

o reagendamento com os participantes. O processo de envio dos convites, agendamento e realização das entrevistas ocorreu entre os dias 3 e 27 de abril de 2025.

O roteiro das entrevistas³¹ foi elaborado com base nos resultados do questionário e nas discussões teóricas sobre qualidade no jornalismo e o contexto do jornalismo independente. A partir disso, definiram-se os principais eixos que guiariam as conversas: concepções de qualidade no jornalismo independente; critérios e dimensões associadas à qualidade, como ética, veracidade e responsabilidade social; desafios e condições de produção; a relação entre independência, engajamento com causas e os princípios da qualidade; os efeitos da dinâmica das plataformas digitais; e a forma como os profissionais se relacionam com os padrões do jornalismo convencional.

As entrevistas foram semiestruturadas, o que permitiu certa flexibilidade na condução das conversas. O roteiro foi mantido como referência ao longo do processo, mas com pequenas adaptações feitas de acordo com o andamento de cada entrevista. Algumas perguntas foram reformuladas ou omitidas conforme o contexto específico dos entrevistados, sem prejuízo aos temas principais. Sempre que possível, os participantes foram convidados a dar exemplos concretos de sua atuação, o que permitiu enriquecer a compreensão sobre as práticas cotidianas do jornalismo independente.

Essas adaptações se mostraram necessárias porque, ao longo das entrevistas, percebeu-se que nem todos os jornalistas estavam inseridos nos contextos previamente idealizados. Por exemplo, perguntas voltadas à estrutura e organização de iniciativas independentes não faziam sentido para profissionais freelancers que não mantinham vínculo com uma organização no momento da entrevista. Nesses casos, o roteiro precisou ser ajustado para refletir melhor a realidade desses profissionais.

Além disso, com o avanço do processo, o roteiro foi sendo simplificado, de modo a se adaptar mais naturalmente ao fluxo das conversas. Com isso, passou a funcionar mais como um guia para os principais pontos a serem discutidos do que como um conjunto fixo de perguntas. Essa flexibilidade, proporcionada pelo formato semiestruturado, foi fundamental para garantir que os diálogos permanecessem relevantes, respeitando a diversidade de experiências e trajetórias dos entrevistados.

No que se refere à condução das entrevistas, a condição de pesquisadora com a mesma formação e atuação profissional dos entrevistados foi um elemento que ampliou as possibilidades interpretativas e facilitou a criação de um ambiente de confiança e

³¹ Ver apêndice C.

reconhecimento mútuo com os participantes. Dessa forma, contribuindo para uma entrevista mais fluida e aberta, favorecendo o compartilhamento de experiências e reflexões por parte dos entrevistados.

Embora tenha sido seguido um roteiro semiestruturado, em uma entrevista com a lógica de pergunta-resposta, a interação com os participantes, em certos momentos, assumiu um caráter mais conversacional. No entanto, isso não implicou uma troca de opiniões, mas em um ambiente de escuta ativa.

Em alguns casos, a pesquisadora fez comentários pontuais, como contextualizações, mencionando, por exemplo, que certas percepções também foram encontradas em outros relatos ou no referencial teórico. Essas observações ocorreram sempre em resposta ao que havia sido dito pelo entrevistado, sobre suas experiências e percepções, com o objetivo de demonstrar compreensão e manter o vínculo comunicativo. Vale ressaltar que essas intervenções foram pontuais e não influenciaram as respostas dos participantes. Esses aspectos são registrados como parte da transparência metodológica que orienta esta pesquisa.

As entrevistas duraram em torno de 60 minutos, com a mais longa registrando 1 hora e 36 minutos. Todas foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma de videoconferência Google Meet, devido à distância geográfica entre os participantes e a pesquisadora. As conversas foram gravadas com o software Open Broadcaster Software (OBS)³², registrando áudio e vídeo. Em uma das entrevistas, com o participante identificado como Entrevistado 4, houve falha na gravação da parte inicial, mas as informações foram registradas em anotações feitas durante a conversa e serão utilizadas com cautela, priorizando atribuição de citações diretas para o que foi registrado integralmente por meio da gravação.

Após a realização das entrevistas, tornou-se necessário entrar em contato novamente com os participantes com o objetivo de reforçar as informações relativas aos cuidados éticos da pesquisa. Essa medida foi tomada porque, após as entrevistas, não foi possível verificar com segurança se todos os aspectos éticos haviam sido comunicados em detalhes e de forma transparente.

Por esse motivo, foi enviada uma mensagem individual a cada participante, informando que a entrevista foi gravada com a finalidade de auxiliar na análise dos dados, e que o conteúdo será utilizado exclusivamente para fins acadêmicos, de forma anônima, na dissertação. Também foi destacado que a participação é voluntária, e que os participantes

³² Software livre e de código aberto comumente utilizado para gravação de vídeo e transmissão em tempo real.

podem, a qualquer momento, solicitar a retirada de sua contribuição, sem qualquer prejuízo. A mensagem enfatizou ainda que, caso não houvesse manifestação contrária, seria considerada a anuência quanto ao uso do material conforme descrito. Em retorno, todos os participantes confirmaram sua concordância com o uso das informações coletadas. Esse procedimento reforça o compromisso ético da pesquisa com a transparência, o respeito aos direitos dos envolvidos e a responsabilidade no tratamento dos dados.

5.3 Perfil dos respondentes do *survey*

No que se refere ao perfil dos respondentes, os primeiros dados analisados dizem respeito ao gênero. As opções disponibilizadas foram: mulher cisgênero, homem cisgênero, mulher transgênero, homem transgênero, não-binário e "prefiro não responder". Entre os participantes, houve uma distribuição equilibrada entre mulheres cisgênero (15) e homens cisgênero (14), representando respectivamente 51,7% e 48,2% da amostra cada.

Tabela 7 – Identidade de gênero dos participantes

Gênero	Número	Porcentagem
Mulher cisgênero	15	51,7%
Homem cisgênero	14	48,2%
Mulher transgênero	-	-
Homem transgênero	-	-
Não-binário	-	-
Prefiro não responder	-	-

Fonte: elaborada pela autora.

Quanto à cor/raça, as opções incluíram amarela, branca, indígena, parda, preta e "outras". Os resultados indicam uma maioria branca entre os respondentes, totalizando 21 participantes (72,4%). Outros cinco participantes (17,2%) se identificam como pardos, enquanto três (10,3%) se declaram pretos.

Tabela 8 – Autodeclaração de cor/raça dos respondentes

Cor/raça	Número	Porcentagem
Branca	21	72,4%
Parda	5	17,2%
Preta	3	10,3%
Amarela	-	-
Indígena	-	-

Fonte: elaborada pela autora.

Em termos de representatividade regional, apenas 12 estados foram contemplados nesta pesquisa. A maioria dos respondentes é de São Paulo, totalizando 34,4% da amostra, referente a 10 participantes. O Rio de Janeiro contou com cinco representantes (17,2%), enquanto Minas Gerais teve dois (6,8%). Outros estados mencionados foram Bahia, Paraná e Pernambuco, cada um com dois respondentes (6,8%). Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Pará, Paraíba e Santa Catarina tiveram um (3,4%) participante cada.

Tabela 9 – Localização geográfica dos participantes por estado

Estado	Número	Porcentagem
São Paulo	21	72,4%
Rio de Janeiro	5	17,2%
Minas Gerais	2	6,8%
Bahia	2	6,8%
Paraná	2	6,8%
Pernambuco	2	6,8%
Alagoas	1	3,4%
Ceará	1	3,4%
Espírito Santo	1	3,4%
Pará	1	3,4%
Paraíba	1	3,4%
Santa Catarina	1	3,4%

Fonte: elaborada pela autora.

A concentração de respondentes nesta pesquisa na Região Sudeste, especialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, reflete a própria distribuição territorial da categoria no país. Segundo o Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al.*, 2022), essa região concentra 61,5% dos profissionais, com destaque para São Paulo (36,5%), Minas Gerais (11,6%) e Rio de Janeiro (11,1%). Assim, a composição da amostra acompanha a tendência nacional, reforçando a predominância do Sudeste no cenário jornalístico brasileiro.

Essa concentração na região Sudeste pode também explicar a maior proporção de respondentes brancos em nossa pesquisa, uma vez que os dados do recorte do Sudeste (Lima *et al.*, 2023), a partir do levantamento do PJB 2021, indicam que a região possui 72,9% de jornalistas brancos, proporção semelhante à observada em nosso *survey*, no qual 72,4% dos participantes se identificaram como brancos. Portanto, os resultados que apresentamos refletem não apenas a distribuição geográfica de jornalistas no País, mas também as desigualdades raciais presentes em uma região onde a maior parte da população jornalística é branca.

A faixa etária mais frequente entre os respondentes é de 36 a 40 anos, representando 27,5% do total (oito de 29 participantes). Em seguida, 24,1% dos participantes (sete pessoas) têm 60 anos ou mais. Considerando o agrupamento de faixas etárias, observamos que 62% dos participantes (18) estão na faixa de 31 a 50 anos de idade. Anterior a essa faixa há somente dois participantes que têm de 26 a 30 anos (6,8%) e nenhum respondente com idade até os 25 anos. Entre os participantes com mais idade, há também dois (6,8%) que indicaram ter entre 51 e 55 anos.

Tabela 10 – Faixa etária dos respondentes, em ordem decrescente de representatividade

Faixa etária	Número	Porcentagem
36 a 40 anos	8	27,5%
60 anos ou mais	7	24,1%
41 a 45 anos	4	13,7%
31 a 35 anos	3	6,8%
46 a 50 anos	3	6,8%
26 a 30 anos	2	6,8%
51 a 55 anos	2	3,4%
56 a 59 anos	-	-
Até 25 anos	-	-

Fonte: elaborada pela autora.

A concentração de participantes entre 31 e 50 anos (62% da amostra) e a expressiva presença de pessoas com 60 anos ou mais (24,1%) sugerem que a maioria dos respondentes é formada por profissionais com trajetória consolidada e corresponde a uma geração que já estava profissionalmente ativa ou em fase de inserção na carreira jornalística por volta de 2013, ano das Jornadas de Junho, apontado como marco da renovação do jornalismo independente no Brasil (Cabral Filho; Bastos, 2021). Isso pode indicar que esses profissionais participaram ativamente do surgimento ou fortalecimento dessas iniciativas e continuam engajados nelas, podendo também ter experiência prévia no jornalismo convencional, o que confirma o que autores do referencial já apontam sobre a transição de profissionais entre os dois campos (Nava; Zacariotti; Moliani, 2022; Paul, 2022; Cabral Filho; Bastos, 2021; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Lima; Patrício, 2019; Figaro, 2018).

Os dados relacionados ao tempo de atuação dos respondentes no jornalismo independente e no jornalismo convencional reforçam essa interpretação. A maioria dos jornalistas (68,9%) que responderam ao nosso *survey* possui entre seis e quinze anos de experiência em iniciativas não convencionais, indicando que muitos iniciaram seu trabalho nesse ambiente em torno de 2010 a 2019. Já em relação ao jornalismo convencional, 82,8%

dos respondentes informaram ter experiência nesse ambiente.

Nos dados que iremos apresentar a seguir, a presença identificada de profissionais com trajetórias no convencional superiores a 15 anos (29,1%), bem como daqueles com menor tempo de atuação (41,6% tem até 5 anos de experiência no convencional), revela que o ingresso no jornalismo independente não se restringe a profissionais jovens ou recém-formados. Dessa forma, trata-se de um dado que também reforça como o crescimento das iniciativas independentes não se deu apenas pela entrada de novos profissionais no mercado, mas também como resposta crítica de jornalistas experientes, insatisfeitos com a falta de oportunidades de continuidade ou com as condições e os alinhamentos ideológicos do modelo convencional, que migraram ou diversificaram sua atuação para formas alternativas de produção jornalística (Rovida 2022; Figaro, 2018).

As respostas do *survey* sobre o tempo de atuação dos participantes no jornalismo independente e no jornalismo convencional foram sistematizadas em faixas temporais para organizar os dados. Respostas imprecisas, como “poucos meses”, foram alocadas na faixa “até 1 ano”, por indicarem um período inferior a esse limite. Quando as respostas indicam períodos como, por exemplo, “mais de 5 anos”, mas não têm precisão suficiente para serem alocadas diretamente na categoria seguinte (nesse caso, entre 6 e 10 anos), elas foram mantidas na faixa anterior. Essa decisão foi tomada para evitar que profissionais com tempos de experiência ligeiramente superiores, mas ainda próximos do limite inferior, sejam agrupados junto a aqueles com o dobro de tempo de atuação, o que poderia gerar distorções na análise comparativa entre os grupos. Os resultados apresentados na Tabela 11 estão organizados na ordem decrescente de distribuição das categorias de tempo de atuação no jornalismo independente.

Tabela 11 – Tempo de experiência no jornalismo independente, em ordem decrescente de representatividade

Tempo de atuação	Jornalismo independente	
	Número	Porcentagem
Entre 11 e 15 anos	10	34,4%
Entre 6 e 10 anos	10	34,4%
Entre 2 e 5 anos	6	20,6%

Tempo de atuação	Jornalismo independente	
	Número	Porcentagem
Entre 16 e 20 anos	2	6,8%
Entre 26 e 30 anos	1	3,4%
Mais de 30 anos	-	-
Entre 21 e 25 anos	-	-
Até 1 ano	-	-

Fonte: elaborada pela autora.

No caso do jornalismo independente, observa-se uma maior concentração de profissionais com trajetórias entre seis e quinze anos (68,9%). Dos 29 participantes, 34,4% atuam no jornalismo independente há 6 a 10 anos (10) e outros 34,4% há 11 a 15 anos (10). Seis participantes (20,6%) relataram exercer atividades nessa modalidade há 2 a 5 anos. Entre os que acumulam mais tempo de atuação, dois (6,8%) afirmaram atuar há 16 a 20 anos, e apenas um (3,4%) declarou ter entre 26 e 30 anos de experiência. Nenhum dos entrevistados indicou atuar no jornalismo independente há menos de dois anos, entre 21 e 25 anos ou por mais de 30 anos.

Tabela 12 – Tempo de experiência no jornalismo convencional, em ordem decrescente de representatividade

Tempo de atuação	Jornalismo convencional	
	Número	Porcentagem
Entre 2 e 5 anos	10	41,6%
Entre 16 e 20 anos	4	16,6%
Até 1 ano	3	12,5%
Entre 6 e 10 anos	2	8,3%
Entre 11 e 15 anos	2	8,3%
Entre 26 e 30 anos	2	8,3%

Tempo de atuação	Jornalismo convencional	
	Número	Porcentagem
Entre 21 e 25 anos	1	4,1%
Mais de 30 anos	-	-

Fonte: elaborada pela autora.

Em relação à experiência no jornalismo convencional, 24 dos 29 participantes (82,8%) afirmaram ter atuado nesse ambiente, enquanto 5 (17,2%) se dedicaram exclusivamente ao jornalismo independente. A distribuição por faixa de tempo de atuação no jornalismo convencional é a seguinte: dez entrevistados (41,6%) têm entre 2 e 5 anos de experiência; quatro (16,6%) atuaram entre 16 e 20 anos; três (12,5%) atuaram por até 1 ano; dois (8,3%) atuaram entre 6 e 10 anos; dois (8,3%) entre 11 e 15 anos; e outros dois (8,3%) entre 26 e 30 anos. Há ainda um entrevistado (4,1%) com experiência entre 21 e 25 anos. Nenhum dos participantes possui mais de 30 anos de atuação nesse ambiente.

Referente às funções exercidas pelos respondentes, a maior parte ocupa cargos de editor (65,5% ou 19) e repórter (62,0% ou 18). Outros 13 participantes (44,8%) indicaram ser proprietários da iniciativa independente, enquanto nove respondentes (31,0%) exercem a função de produtor e nove (31,0%) atuam como social media. Há também oito participantes (27,5%) que ocupam cargo de direção de redação, seis (20,6%) que atuam como gestores, um (3,4%) que exerce a função de CEO e um (3,4%) que trabalha como jornalista de dados.

Tabela 13 – Funções e posições dos jornalistas nas iniciativas em que atuam

Função	Número	Porcentagem
Editor(a)	19	65,5%
Repórter	18	62,0%
Proprietária(o)	13	44,8%
Produtor(a)	9	31,0%
Social media	9	31,0%
Direção de redação	8	27,5%
Gestor(a)	6	20,6%
Outras – ‘Diretor de TV, editor de imagem’	1	3,4%

Função	Número	Porcentagem
Jornalista de dados	1	3,4%
CEO	1	3,4%
Outras – ‘Coordenadora de podcasts’	1	3,4%
Outras – ‘Articulista’	1	3,4%
Outras – ‘Todas as alternativas’	1	3,4%

Fonte: elaborada pela autora.

Considerando que a questão permitiu múltipla escolha, por meio da análise das respostas individuais, observamos a tendência de multifunção entre os participantes, conforme característica apontada por Bertolini (2017), Dantas *et al.* (2015) Salaverría e Negredo (2008), entre outros autores em nosso referencial. A análise individual revelou que apenas seis (20,6%) participantes exercem uma única função no jornalismo independente. Todos os demais (79,3%) selecionaram múltiplas funções, incluindo um dos respondentes que indicou, na opção “Outro”, exercer todas as alternativas de cargos disponíveis. Também nessa opção houve menções a diretor de TV, editor de imagem, coordenadora de podcasts e articulista.

A natureza das iniciativas em que os respondentes atuam também foi abordada, com o objetivo de compreender como elas se identificam e se posicionam no campo jornalístico. A questão de múltipla escolha revelou que a maioria, 21 participantes (72,4%), classifica suas iniciativas como jornalismo independente, seguida por oito (27,5%) que as definem como jornalismo alternativo. O jornalismo comunitário foi apontado por cinco (17,2%), enquanto três (10,3%) caracterizaram suas iniciativas como arranjos jornalísticos. Já o jornalismo das periferias foi mencionado por dois (6,8%) dos respondentes.

Das 29 respostas obtidas sobre a natureza da iniciativa, 19 participantes selecionaram uma única opção — ou seja, não combinaram diferentes categorias em sua resposta. Esse recorte permite observar como determinados modelos de atuação jornalística são reconhecidos de forma mais direta pelos respondentes, como é o caso da natureza independente. Entre essas 19 respostas únicas, 13 indicaram o jornalismo independente (44,8%) como a natureza principal da iniciativa.

As demais respostas únicas se distribuíram da seguinte forma: arranjos jornalísticos foi mencionado por dois participantes, enquanto jornalismo alternativo e jornalismo comunitário receberam uma menção cada. Já jornalismo internacional e jornalismo cultural, também com uma resposta cada, foram citados por meio da categoria "Outras", que ainda registrou uma menção a "análise, opinião e crônicas" em uma das respostas com

múltipla seleção.

A diversidade de classificações adotadas pelos respondentes evidencia uma indefinição conceitual também observada na literatura (Patrício, 2024; Camargo *et al.*, 2023; Oliveira; Felippi, 2023; Patrício; Santana, 2023; Santana; Teixeira, 2023; Silva; Santos, 2023; Rovida, 2020; Reis, 2017; Peruzzo, 2009). Conforme os autores, termos como jornalismo alternativo, comunitário, das periferias, entre outros, coexistem muitas vezes de forma sobreposta e compartilham características como o afastamento de grupos políticos e/ou econômicos, o uso de estratégias alternativas de sustentabilidade e o vínculo com pautas negligenciadas pela grande imprensa.

Ainda assim, chama atenção o fato de o jornalismo independente ter sido a denominação mais selecionada, inclusive nos casos em que apenas uma natureza da iniciativa foi indicada. Isso sugere que, entre os respondentes, esse termo se apresenta como uma forma mais familiar de se reconhecer fora dos modelos convencionais, mesmo diante das indefinições que os cercam. A preferência pode também estar relacionada à busca por uma definição mais flexível, em contraste com classificações mais específicas, como jornalismo das periferias (Rovida, 2020), ou carregadas de conotações históricas e políticas, como é o caso do jornalismo comunitário ou alternativo (Peruzzo, 2009).

O *survey* também incluiu uma questão para que os respondentes justificassem a classificação da natureza de suas iniciativas. Devido à limitação da amostra e à baixa representatividade de algumas categorias, os dados apresentados na Tabela 14 devem ser vistos como um agrupamento das justificativas fornecidas pelos participantes, sem a intenção de oferecer um quadro representativo de cada categoria. As características foram organizadas com o objetivo de apresentar uma visão geral sobre os sentidos atribuídos pelos próprios respondentes aos modelos de jornalismo em que atuam.

É necessário pontuar que, em alguns casos, a mesma justificativa dos respondentes pode se estender a mais de uma categoria, visto que a questão sobre a natureza da iniciativa permitiu múltipla escolha. Há também características que aparecem isoladamente, em respostas únicas, não refletindo um padrão recorrente entre os participantes. Como a própria questão não solicitava que os respondentes justificassem cada natureza marcada individualmente, não foi possível identificar com precisão a qual delas suas respostas se referiam. Na maioria dos casos, as justificativas apontam apenas as razões gerais por trás da seleção feita, sem indicar explicitamente a qual natureza estavam relacionadas. Em um caso específico, embora o respondente tenha mencionado somente uma natureza não listada entre as opções — “jornalismo internacional” —, na justificativa classificou sua iniciativa

como “independente” e “de esquerda”.

A tabela 14 a seguir apresenta, inicialmente, o agrupamento das características a partir do cruzamento entre as respostas de múltipla escolha e, em seguida, aquelas extraídas de respostas em que os participantes indicaram apenas uma natureza de iniciativa.

Tabela 14 – Justificativa dos respondentes para a classificação das iniciativas

Natureza da iniciativa	Base para definição (múltipla escolha)	Base para definição (escolha única)
Jornalismo independente	Atua nas periferias; sem vínculo com governos, partidos ou setores econômicos; abordagem alternativa ³³ ; produção que estimula reflexão e crítica; cobertura de temas ausentes na grande mídia; especialização temática; Atua na comunidade; produz colaborativamente; liberdade de atuação; independência em questões político-econômicas; independência editorial; defesa de pautas de direitos humanos; produz pautas sobre povos e comunidades tradicionais; independente na relação com financiadores; produz colaborativamente (com outras iniciativas); sem fins lucrativos; sem vínculo político-partidário; não utiliza meios tradicionais de financiamento; autonomia na produção de conteúdo; não recebe recursos financeiros de setores públicos; combate a desinformação; sem definição de linha editorial; liberdade de pauta; liberdade editorial; menor comprometimento com grandes anunciantes; inovação na monetização; abrangência temática	Especialização temática; não recebe recursos financeiros de setores públicos; sem vínculo político-partidário; combate a desinformação; independente na relação com financiadores; abrangência temática; sem definição de linha editorial; liberdade de pauta; sem fins lucrativos; independência editorial; liberdade de atuação; produz colaborativamente (com outras iniciativas); liberdade editorial; menor comprometimento com grandes anunciantes; inovação na monetização; defesa de pautas de direitos humanos; produz pautas sobre povos e comunidades tradicionais; não utiliza meios tradicionais de financiamento
Jornalismo alternativo	Atua nas periferias; sem vínculo com governos, partidos ou setores econômicos; abordagem alternativa; produção que estimula reflexão e crítica; cobertura de temas ausentes na grande mídia; especialização temática; liberdade de expressão; profundidade em temas sociais; reflexão nas questões sócio-políticas e de direitos humanos; restrição	Abordagem alternativa; profundidade em temas sociais

³³ É possível interpretar ‘abordagem alternativa’ como um contraponto ou uma distinção em relação a outros tipos de jornalismo, como o convencional, especialmente no que diz respeito ao tom da cobertura, à linha editorial ou à seleção de pautas adotada pela iniciativa.

Natureza da iniciativa	Base para definição (múltipla escolha)	Base para definição (escolha única)
	na cobertura de acontecimentos e priorização da notícia	
Jornalismo comunitário	Autodefinição pela origem ou propósito fundacional; profundidade na abordagem das pautas; redução de conteúdo ‘fast news’ e factual; atua na comunidade; produz colaborativamente (com auxílio da comunidade); liberdade de atuação; especialização temática; cobertura de grupos ausentes na grande mídia; independência em questões político-econômicas	Autodefinição pela origem ou propósito fundacional
Arranjos Jornalísticos	Modelo de negócios; relação com fontes e financiadores; sem vínculos com grandes empresas e grupos políticos; sociedade de jornalistas; profundidade na abordagem das pautas; redução de conteúdo ‘fast news’ e factual; produz colaborativamente (com outros profissionais); pela independência relacionada a questões político-econômicas; facilidade de networking	Modelo de negócios; sem vínculos com grandes empresas e grupos políticos; sociedade de jornalistas; facilidade de networking; relação com fontes e financiadores
Jornalismo das periferias	Atua nas periferias; sem vínculo com governos, partidos ou setores econômicos; abordagem alternativa	-
Outra (Análise, opinião e crônicas)	Liberdade de expressão; reflexão nas questões sócio-políticas e de direitos humanos; restrição na cobertura de acontecimentos e priorização da notícia	-
Outra (Jornalismo cultural)	-	Especialização temática
Outra (Jornalismo internacional)	-	Especialização temática; tipo de financiamento

Fonte: elaborada pela autora.

As características apontadas pelos respondentes como definidoras do jornalismo independente, alternativo, comunitário, periférico ou de arranjos jornalísticos estão em sintonia com os elementos discutidos no referencial teórico (Patrício, 2024; Camargo *et al.*, 2023; Oliveira; Felippi, 2023; Patrício; Santana, 2023; Santana; Teixeira, 2023; Silva; Santos, 2023; Patrício; Lima, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro,

2018; Figaro; Nonato, 2017). A ênfase no distanciamento de governos, grupos políticos e setores econômicos, assim como a autonomia editorial e a liberdade para decidir pautas e abordagens, aparece na literatura como um traço marcante dessas iniciativas. Também há convergência em relação à especialização temática, à produção colaborativa entre profissionais e veículos, e à aproximação com a audiência, especialmente quando ligada a contextos locais. Além disso, a preocupação com a sustentabilidade e a busca por formas alternativas de financiamento confirmam o que autores já vinham apontando como estratégias importantes para manter a independência e viabilidade desses projetos.

5.4 Entrevistados e seus históricos profissionais

Compreender quem são os profissionais entrevistados é fundamental para situar as percepções analisadas nesta pesquisa, especialmente no que se refere às suas experiências e trajetórias no jornalismo. Embora já mencionado anteriormente, os participantes desta etapa qualitativa foram selecionados a partir de respondentes do Perfil do Jornalista Brasileiro, pesquisa realizada em 2021. Considerando o intervalo de tempo desde a publicação da pesquisa, é natural que alguns deles tenham passado por mudanças na atuação profissional, migrando entre funções, áreas da comunicação ou projetos próprios, sem, necessariamente, romper os laços com o jornalismo. Em muitos casos, esses vínculos se mantêm, especialmente por meio de iniciativas independentes. Essas possíveis mudanças, longe de comprometer a relevância da amostra, ajudam a compreender o caráter em constante transformação das trajetórias no campo.

Tabela 15 – Perfil dos entrevistados por faixa etária, gênero, cor/raça e estado

Entrevistado	Faixa etária	Gênero	Cor/raça	Estado
1	60 anos ou mais	Homem cisgênero	Branca	Santa Catarina
2	60 anos ou mais	Mulher cisgênero	Branca	Rio de Janeiro
3	60 anos ou mais	Mulher cisgênero	Branca	Pernambuco
4	46 a 50 anos	Homem cisgênero	Parda	Bahia
5	46 a 50 anos	Homem cisgênero	Parda	São Paulo
6	31 a 35 anos	Mulher cisgênero	Preta	Espírito Santo

Entrevistado	Faixa etária	Gênero	Cor/raça	Estado
7	36 a 40 anos	Homem cisgênero	Branca	São Paulo
8	60 anos ou mais	Homem cisgênero	Branca	São Paulo
9	36 a 40 anos	Mulher cisgênero	Branca	Rio de Janeiro

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao observar o perfil dos entrevistados, nota-se um recorte abrangente de gênero, raça, faixa etária e trajetórias na profissão. A amostra é composta por cinco homens e quatro mulheres, com predominância de pessoas brancas (seis), dois pardos e uma pessoa preta. As idades variam de 31 anos a mais de 60, sendo que quatro dos entrevistados estão na faixa dos 60 anos ou mais, o que indica a presença de profissionais com carreiras longas e ampla experiência tanto no jornalismo convencional quanto no independente.

Os entrevistados estão distribuídos por três regiões do país — Sul, Sudeste e Nordeste —, com maior concentração no Sudeste, seguindo a tendência observada nos resultados do *survey*. Em relação às modalidades das iniciativas em que atuam, há uma multiplicidade, que inclui blogs, sites de notícias, agência de checagem e trabalho como freelancer. Em alguns casos, como de jornalistas freelancer ou que atuam com análise e opinião, a contribuição também se estende para iniciativas de modalidades e naturezas diversas, tendo em vista o caráter da atuação, por produções e projetos específicos.

No que diz respeito à experiência profissional, todos os entrevistados já atuaram no jornalismo convencional. Alguns migraram para o campo independente após longos períodos em veículos convencionais, como é o caso de profissionais com mais de 25 ou 30 anos de experiência. Em alguns casos, a transição foi motivada por mudanças estruturais no mercado, como demissões e reestruturações. O entrevistado 1, por exemplo, relatou que foi demitido três dias após a promulgação da Lei nº 13.467/2017, sancionada pelo então presidente Michel Temer. Ele se referiu a essa legislação como "lei da pejotização", destacando as mudanças nas relações de trabalho que favoreceram a contratação de trabalhadores como pessoas jurídicas (PJs). Essa mudança o levou a empreender e buscar novas formas de atuação no jornalismo.

Tabela 16 – Perfil laboral e tempo de experiência dos entrevistados

Entrevistado	Situação profissional	Natureza da iniciativa	Modalidade da iniciativa	Tempo no independente	Tempo no convencional
1	Repórter fotográfico e cinematográfico	Alternativa; comunitária; das periferias; independente	Freelancer	15 anos	25 anos
2	Articulista, aposentada	Alternativa; independente	Diversas	9 anos	30 anos
3	Blogueira, aposentada	Alternativa; análise, opinião e crônicas	Blog	Mais de 14 anos	17 anos
4	Repórter, editor, direção de redação, proprietário	Alternativa; comunitária	Site de notícias	Mais de 20 anos	Mais de 5 anos
5	Editor, proprietário	Comunitária; independente	Blog	8 anos	26 anos
6	Repórter, jornalista de dados	Independente	Agência de checagem	5 anos	Menos de um ano
7	Repórter, produtor, editor, proprietário, CEO	Comunitária; independente	Site de notícias	10 anos	8 anos
8	Direção de redação	Independente	Site de notícias	30 anos	20 anos
9	Repórter	Independente	Freelancer	10 anos	Menos de um ano

Fonte: Elaborada pela autora.

Em outros casos, a experiência no jornalismo convencional foi breve, como se observa nas trajetórias das entrevistadas 6 e 9, que consolidaram suas práticas já no campo independente. A entrevistada 9, por exemplo, iniciou sua carreira no jornalismo independente e, após uma curta passagem por um veículo convencional, percebeu que preferia atuar em outro tipo de ambiente. Essa vivência fortaleceu seu vínculo com iniciativas independentes, nas quais encontrou maior consonância com seus valores profissionais. Esse tipo de trajetória não é incomum no jornalismo alternativo e independente (Figaro, 2018). Ela evidencia como a escolha por esse campo pode ser impulsionada por uma rejeição consciente às estruturas que moldam o jornalismo convencional.

Duas participantes desta pesquisa são jornalistas aposentadas. Durante a entrevista, uma delas, identificada como Entrevistada 3, afirmou não considerar atualmente seu blog uma prática jornalística. Apesar de não se identificar, no presente, como alguém em exercício profissional, ela segue se posicionando no campo e contribuindo com debates e pautas que atravessam o jornalismo independente, evidenciado em sua ação voluntária de responder ao *survey* e se disponibilizar a participar dessa etapa de entrevistas. A outra jornalista, referenciada como Entrevistada 2, atua em colaboração com diferentes iniciativas de natureza alternativa e independente, a partir de sua função como articulista, mantendo uma participação ativa no campo. A permanência de ambas na amostra considera suas trajetórias, contribuições e vínculos com o jornalismo independente, além das reflexões que oferecem sobre o fazer jornalístico.

Ainda que alguns dos entrevistados exerçam outras atividades no campo da comunicação — principalmente na área da assessoria, que ainda é um espaço que acolhe a muitos jornalistas (Nava; Zacariotti; Moliani, 2022) —, o foco deste estudo recai especificamente sobre o vínculo com o jornalismo, pois o objetivo é compreender as concepções e práticas relacionadas à qualidade da produção jornalística no ambiente independente. Assim, considera-se a atuação principal dos entrevistados no jornalismo, mesmo quando coexistem outras frentes de trabalho, o que se justifica pela opção que fizeram na pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, ao indicarem como principal ambiente laboral as “iniciativas de jornalismo independente”.

A natureza das iniciativas em que atuam os entrevistados aponta para a diversidade de enfoques e missões. Algumas são voltadas para a cobertura de comunidades locais, com foco na produção de conteúdo noticioso e reportagens especiais, enquanto outras se concentram na checagem de fatos, em análise e opinião ou na produção de conteúdo sobre um determinado nicho, como cultura, direitos humanos e questões socioambientais. As classificações mais recorrentes entre os entrevistados foram “independente”, “comunitária” e “alternativa”.

Em termos de funções exercidas, muitos dos entrevistados acumulam múltiplas tarefas — como produção, edição, direção e até a administração das próprias plataformas —, o que reflete a sobreposição de papéis característica do jornalismo independente (Patrício, 2024; Nicoletti; Figaro, 2022). Alguns profissionais também empreendem ou lideram os projetos em que atuam, enquanto outros trabalham de forma autônoma ou colaborativa, conforme resultados já observados em nosso *survey*.

O perfil dos entrevistados reforça características observadas na amostra mais

ampla de 29 respondentes do *survey* e revela trajetórias diversas e experiências de reinvenção diante das transformações no jornalismo. Trata-se de um grupo capaz de oferecer indícios sobre como profissionais independentes definem o que consideram ser um jornalismo de qualidade e de que maneira suas vivências influenciam suas práticas e os princípios que orientam suas produções.

6 CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE A QUALIDADE JORNALÍSTICA INDEPENDENTE

Finalizada a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, este capítulo se dedica à análise dos dados gerados a partir do *survey* e das entrevistas semiestruturadas realizadas com os jornalistas. As contribuições reunidas por meio desses dois instrumentos permitem identificar percepções, critérios e sentidos atribuídos ao jornalismo independente, assim como os aspectos que os profissionais associam à qualidade nesse contexto. Esses elementos oferecem subsídios relevantes para a investigação proposta, ao revelarem valores, princípios e práticas reconhecidos por eles como próprios desse ambiente de atuação.

O primeiro ponto analisado diz respeito aos fatores que motivaram os jornalistas a ingressar no campo do jornalismo independente, revelando diferentes percursos e justificativas que ajudam a contextualizar esse tipo de atuação. Entre os motivos mencionados, destacou-se o desejo de maior liberdade editorial. A maioria dos respondentes (72,4%) indicou que a possibilidade de abordar temas relevantes sem interferências externas, com autonomia na escolha de pautas e controle sobre o processo produtivo, foi um fator determinante para sua atuação. Esse resultado sugere que a independência na definição do conteúdo jornalístico é um aspecto central para esses profissionais, evidenciando uma busca por maior controle sobre a prática jornalística e maior satisfação com o jornalismo que produzem (Patrício, 2024; Silva; Santos, 2023; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019). Embora a liberdade editorial também possa ser exercida em contextos convencionais, os dados indicam que os profissionais independentes buscam intensificar essa dimensão, exercendo maior controle sobre pautas e processos de produção.

O segundo fator com maior proporção de respostas refere-se ao interesse em cobrir temas sub-representados na mídia convencional, com 51,7%; e o terceiro fator se refere à insatisfação com as práticas, rotinas e alinhamento comercial/ideológico das empresas de jornalismo convencional (44,8%). São motivos que apontam para o interesse em um modelo de produção menos subordinado a pressões comerciais. Também nesse sentido, há a busca por modelos de jornalismo sustentáveis, que resistem à pressão por lucros financeiros e demandas excessivas de produtividade (41,3%).

Esses resultados dialogam com as características apontadas pelos próprios profissionais para definir a natureza das iniciativas em que atuam, como a autonomia na produção de conteúdo, a liberdade de pauta, a independência editorial e o menor

comprometimento com interesses político-econômicos ou comerciais. Além disso, a insatisfação com práticas do jornalismo convencional reforça a adesão a formas alternativas de produção, orientadas por valores como a reflexão crítica, a atuação comunitária e a resistência à lógica do lucro. Nesse cruzamento, verifica-se uma coerência entre os motivos declarados para a atuação no jornalismo independente e os sentidos atribuídos a esse modelo pelas próprias pessoas que o praticam.

Tabela 17 – Motivos que levaram os respondentes a atuar no jornalismo independente

Fatores para atuar no jornalismo independente	Nº	%
Desejo de liberdade editorial para abordar temas relevantes sem interferências externas, com autonomia na escolha de pautas e controle sobre o processo produtivo	21	72,4%
Interesse em cobrir temas sub-representados na mídia convencional, como questões de direitos humanos, justiça social ou pautas locais	15	51,7%
Insatisfação com as práticas, rotinas e alinhamento comercial/ideológico das empresas de jornalismo convencional	13	44,8%
Busca por modelos de jornalismo sustentáveis, que resistem à pressão por lucros financeiros e demandas excessivas de produtividade	12	41,3%
Busca por inovação nos formatos e linguagens jornalísticas, explorando novas narrativas e tecnologias	10	34,4%
Busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional, escolhendo horários e formatos de trabalho mais flexíveis	9	31,0%
Interesse em promover a pluralidade de vozes, com jornalismo produzido por e para grupos historicamente marginalizados ou pouco representados	9	31,0%
Interesse em atender às necessidades informativas de comunidades específicas, oferecendo conteúdos que reflitam suas realidades, com representatividade e impacto social	8	27,5%
Desejo de trabalhar em iniciativas colaborativas, que priorizem o coletivo e a sensação de pertencimento	7	24,1%
Dificuldade em encontrar espaços no mercado de trabalho convencional	7	24,1%
Possibilidade de construir uma relação mais próxima com a audiência, valorizando a interação direta e colaborativa em diversas etapas da produção	5	17,2%
Possibilidade de trabalhar em uma iniciativa próxima de casa, permitindo maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional	4	13,7%
Engajamento em projetos que surgiram como desdobramento de trabalhos de conclusão de curso (TCCs), transformados em iniciativas concretas de jornalismo independente	2	6,8%
Oportunidade gerada pela participação em oficinas e formações voltadas ao jornalismo independente, que abriram caminhos para o ingresso no setor.	1	3,4%
Necessidade de complementar a renda e melhorar a estabilidade financeira, dado que o trabalho principal não oferece a segurança	1	3,4%

Fatores para atuar no jornalismo independente	Nº	%
necessária		
Outros – ‘Atuação no combate a desinformação nas plataformas de rede social’	1	3,4%
Outros – ‘Fui demitido três dias após a lei de Temer (pjotização) e fui forçado a empreender’	1	3,4%
Outros – ‘Sou TEA e preferi ser independente por não suportar o assédio moral e o ambiente tóxico das empresas’	1	3,4%

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise dos fatores que motivaram a atuação no jornalismo independente mostra também uma concentração significativa de aspectos ligados à organização do trabalho, um dos quatro momentos que influenciam na qualidade da produção jornalística, juntamente com rotinas de trabalho, produto e relação com a audiência. Destacam-se o desejo de liberdade editorial, a insatisfação com as práticas e alinhamentos das empresas convencionais e a busca por modelos sustentáveis. Além desses, o interesse em cobrir temas sub-representados na mídia convencional, a promoção da pluralidade de vozes, o atendimento aos interesses das comunidades e a inovação nos formatos integram o conjunto que se relaciona ao produto e, anteriormente, às rotinas de trabalho. Afinal, são fatores que interferem diretamente na forma como se organiza o fazer jornalístico. Por exemplo, ao priorizar perspectivas historicamente marginalizadas, refletindo a realidade de comunidades específicas, há uma reconfiguração das rotinas, tanto na escolha das pautas quanto na definição de fontes e enfoques, exigindo práticas que rompam com os padrões convencionais.

Esses dados sugerem que o momento de organização do trabalho, entendido como o conjunto de escolhas e estruturas que viabilizam a produção, tem um papel central na motivação dos profissionais para atuarem no jornalismo independente. Ao optar pela atuação nesse ambiente, muitos buscam não apenas novas possibilidades temáticas e formatos, mas também outras formas de fazer jornalismo, mais coerentes com seus valores e expectativas sobre qualidade e impacto social.

Fatores como a busca por liberdade editorial, autonomia nos processos de produção, distanciamento de interesses político-econômicos ou comerciais e promoção da diversidade, apontados como motivações para atuar no jornalismo independente, também aparecem nos relatos dos jornalistas entrevistados. Embora tenham surgido em momentos distintos da pesquisa, esses elementos se conectam na análise por expressarem sentidos recorrentes atribuídos à atividade jornalística. Eles contribuem para a compreensão do

jornalismo como um serviço público, especialmente quando comparados aos modelos convencionais de organização e controle da informação.

Essa perspectiva do jornalismo como serviço público dialoga com reflexões de Benedeti (2009), que destaca como, ao se institucionalizar nas sociedades modernas, o jornalismo passou a cumprir o papel fundamental de informar sobre temas de interesse coletivo e promover o debate público. Essa função, segundo a autora, exige do jornalismo a capacidade de atuar com independência em relação aos temas que aborda, sem favorecer um dos lados envolvidos, buscando isenção e equilíbrio na apresentação de diferentes pontos de vista. A mediação do debate, nesse sentido, pressupõe a expressão da pluralidade de vozes e perspectivas, o que só é possível quando o jornalismo se mantém não subordinado a interesses externos, como grupos de pressão, anunciantes ou proprietários. É essa independência que permite ao jornalismo atuar como fórum para o debate público e cumprir sua função pública central.

A fala da Entrevistada 2 também enfatiza essa compreensão, apontando como uma das principais contribuições para a qualidade no jornalismo independente o compromisso de tratar a informação como um serviço público. Para ela, embora a informação devesse ser um serviço público, nas grandes corporações ela é administrada conforme interesses privados, o que gera incompatibilidade entre o interesse público e o conteúdo que chega à sociedade. Essa crítica, na perspectiva da Entrevistada 2, está associada a uma visão de jornalismo que se opõe ao modelo dominante, guiado pelas demandas de classes hegemônicas e de setores políticos conservadores. Por outro lado, ela também recusa a ideia de imparcialidade e argumenta que, mesmo com posições editoriais bem definidas, o jornalismo independente pode ser mais honesto ao assumir que tem um lado.

A crítica à imparcialidade é recorrente. Diversos entrevistados questionam o ideal de neutralidade, apontando que o jornalismo sempre parte de escolhas — de pauta, de abordagem, de linguagem — que refletem valores e interesses. O que diferencia o jornalismo independente, segundo eles, é a transparência em relação a essas escolhas. A Entrevistada 3, por exemplo, afirma que “jornalismo tem lado, sim”, e que a diferença está em reconhecer esse posicionamento abertamente. Segundo ela, diferentemente dos veículos hegemônicos, que mantêm vínculos com o poder econômico e político sem torná-los explícitos, o jornalismo independente se destaca justamente por evidenciar essas relações, algo que, na sua avaliação, faz muito bem.

A imparcialidade não existe. A parcialidade existe a partir do

momento que você define a pauta. Eu vou cobrir... Não precisa nem ser tão escancarado, como... Vou cobrir a manifestação do Coisa Ruim (eu não falo o nome dele), na Paulista, certo? E não vou cobrir o protesto do MST pelo direito à reforma agrária, direito à terra. Isso é ser imparcial? Não. Isso já é parcial. Você escolhe o que vai cobrir. Não é necessariamente o que é notícia. É necessariamente o que lhe interessa. No caso, 'lhe' é o dono do jornal. Porque nós, jornalistas, tendemos também a assumir a postura patronal em defesa do nosso salário. A gente tem um monte de desculpas para isso (Entrevistada 3).

Além da transparência, a liberdade para investigar, produzir e publicar é outro aspecto central nas definições de qualidade trazidas pelos entrevistados. A Entrevistada 6 destaca a ausência de “amarras” como um elemento essencial para garantir a autonomia da produção jornalística. Segundo ela, a independência editorial permite abordar temas delicados e criticar diferentes esferas de poder sem receio de retaliação. Essa ideia é reforçada pelo Entrevistado 7, que aponta a ausência de limitações como um fator que diferencia positivamente o jornalismo independente em relação ao convencional, principalmente na profundidade das apurações.

A gente fala das *big techs*, a gente fala dos governistas, da oposição, a gente fala de assuntos mais delicados, a gente fala de assuntos que estão mais populares. Eu acho que o resumo seria que a gente tem uma liberdade de atuação no jornalismo independente que, muitas vezes, a imprensa tradicional acaba presa por conta de políticas editoriais (Entrevistada 6).

Vamos supor, você está tendo uma crise política dentro de uma cidade do interior, tá? Por ser uma cidade do interior, você tem mais limitações [no jornalismo convencional], entende? E por você receber algum tipo de suporte, seja ele financeiro ou mesmo na parte estrutural, aí você, obviamente, não vai poder se abrir e ir mais profundo nas matérias, nas pautas. Você poder ter essa liberdade do tipo de pauta que você vai fazer, entende? E a questão do tempo também. Porque, queira ou não, quando você tem deadlines dentro de jornais, TVs, a produção não sai tão profunda, com tanta qualidade, quanto poderia (Entrevistado 7).

O caráter desvinculado de grandes interesses também é mencionado pelo Entrevistado 4, que entende que, embora nem todos os veículos independentes estejam completamente livres de influências, a ausência de vínculos com partidos políticos ou grupos econômicos aparece como ideal orientador. Ele afirma que a isenção é uma ilusão, mas que no contexto independente há a busca por um jornalismo “mais isento” possível, no sentido de desvincular-se desses grupos. E, com isso, podem adotar uma postura combativa a um sistema dominante, abraçando uma causa e lutando por ela.

A Entrevistada 9 discute a qualidade jornalística independente, destacando características que, segundo ela, diferenciam esse tipo de atuação da imprensa hegemônica. Embora reconheça os desafios práticos, como a precarização e a falta de estabilidade, ela valoriza no jornalismo independente a liberdade de produção e a coragem de tratar de temas socialmente sensíveis. Para ela, essa forma de fazer jornalismo contribui para a democratização da informação e atua na disputa de narrativas ao cobrir pautas frequentemente negligenciadas pelos grandes veículos, como racismo, feminicídio, LGBTfobia e violações de direitos humanos.

O relato da Entrevistada 9 reforça uma percepção recorrente entre os entrevistados de que o jornalismo independente se distingue da imprensa hegemônica, especialmente no que diz respeito à liberdade de produção, à escolha das pautas, à abordagem de temas sensíveis e ao aprofundamento das apurações. No entanto, os dados do *survey* indicam uma percepção mais nuançada. Quando questionados se o jornalismo independente segue o mesmo manual do jornalismo convencional, 48,2% (14) responderam “em partes”, enquanto 41,3% (12) afirmaram seguir as mesmas diretrizes — de critérios de noticiabilidade, valores-notícia, uso das fontes, formato e conteúdo. Apenas três (10,3%) negaram que os dois ambientes compartilham o mesmo manual. Esses dados, articulados com os relatos das entrevistas, sugerem que há simultaneamente continuidades e rupturas entre os dois modelos, o que se alinha com as análises de Patrício (2024) e Patrício e Santana (2023).

6.1 Elementos definidores do jornalismo independente segundo seus profissionais

Depois de analisar os motivos que levam os jornalistas a atuar no jornalismo independente e os contrastes entre suas práticas e as do jornalismo convencional, esta seção passa a discutir as características que os próprios profissionais consideram essenciais para definir esse modelo de atuação. As respostas dos participantes refletem tanto princípios editoriais e organizacionais quanto fatores estruturais que influenciam a autonomia e a prática jornalística. A Tabela 18 apresenta as principais características apontadas como definidoras do jornalismo independente:

Tabela 18 – Características definidoras do jornalismo independente

Características que definem o jornalismo independente	Nº	%
Prioriza a independência editorial, reduzindo a interferência de anunciantes, investidores ou grandes corporações na linha editorial e	27	93,1%

Características que definem o jornalismo independente	Nº	%
nas decisões de conteúdo		
Sem vínculos com grandes grupos de mídia, políticos influentes, ou instituições governamentais e empresariais	19	65,5%
Alternativa aos grandes conglomerados, apresenta perspectivas e discursos distintos das narrativas predominantes nos veículos convencionais	15	51,7%
Forte vínculo com a comunidade local, promovendo causas sociais, culturais e/ou políticas, com ênfase na realidade territorial e nas questões específicas da região	14	48,2%
Incentiva a criatividade e a liberdade autoral, refletindo um caráter único e autêntico em suas produções	14	48,2%
Engajado estrategicamente com temas sociais relevantes, como direitos humanos, justiça social e sustentabilidade	13	44,8%
Busca recursos exclusivamente para a manutenção da organização jornalística, sem a intenção de gerar lucro ou acumular capital	13	44,8%
Adota uma estrutura organizacional mais igualitária, com pouca hierarquia, permitindo a participação coletiva nas decisões operacionais e editoriais	11	37,9%
Valoriza a transparência, ao divulgar abertamente e de forma acessível informações sobre a linha editorial, o modelo de negócios, a política de financiamento e seus financiadores	11	37,9%
Assume posicionamento bem definido e justificado nos grandes debates públicos, em contraste com o discurso de neutralidade do jornalismo convencional	10	34,4%
Focado na criação de conteúdo especializado e hiperlocal, abordando temas e notícias que não são cobertos pela mídia convencional	9	31,0%
Opera de maneira descentralizada, com possibilidade de redações virtuais e flexibilidade nos horários e locais de trabalho	9	31,0%
Experimenta modelos plurais de financiamento, como assinaturas, doações ou crowdfunding	8	27,5%
Focado na autonomia financeira, busca a liberdade na escolha de fontes de financiamento e publicidade	7	24,1%
Utiliza-se de informações de fontes públicas e dados abertos como base principal para a produção jornalística	6	20,6%
Busca inovação na produção jornalística, utilizando novas tecnologias e adaptando o conteúdo para formatos que ampliem seu alcance e relevância	6	20,6%
Incorpora estratégias de colaboração e participação do público na criação e propagação de conteúdos, explorando novas formas de interação	5	17,2%
Utiliza de forma central as plataformas digitais, como redes sociais e sites, para produção e distribuição de conteúdo	4	13,7%
Tem equipe multidisciplinar, o que possibilita abordagens mais criativas e diversificadas na produção de conteúdo	4	13,7%
Outros – ‘Não acho o termo independente o mais apropriado. Respondo o que eu acho sobre a mídia não-hegemônica’	1	3,4%

Características que definem o jornalismo independente	Nº	%
Outros – ‘Tem comunicação menos centralizada nos grandes centros, dando possibilidade para uma comunicação mais local, interiorana’	1	3,4%

Fonte: Elaborada pela autora.

As respostas a essa questão evidenciam os principais critérios que caracterizam o jornalismo independente na percepção dos profissionais e reforçam, mais uma vez, o papel relevante da organização do trabalho — momento no qual, segundo a análise aqui desenvolvida, a qualidade jornalística também pode se expressar. A opção mais selecionada, com 93,1%, destaca a priorização da independência editorial, reduzindo a interferência de anunciantes, investidores ou grandes corporações na linha editorial e nas decisões de conteúdo. Esse resultado reforça como princípio fundamental para a prática do jornalismo independente a maior liberdade na definição de pautas e abordagens sobre assuntos relevantes para a sociedade, dada a recorrência desse aspecto em diferentes questões da pesquisa, como nos fatores que levaram os respondentes a atuarem no jornalismo independente e também nos desafios³⁴ para assegurar a qualidade, especialmente no que se refere à necessidade de equilibrar sustentabilidade financeira com autonomia editorial — um equilíbrio que parece permeado por uma relação de tensão e desconfiança entre as fontes de financiamento e a manutenção dessa independência.

Nessa mesma linha, a segunda opção com maior representatividade (65,5%) aponta o distanciamento das iniciativas independentes dos grandes grupos de mídia, políticos influentes ou instituições governamentais e empresariais. Esse afastamento pode implicar um reposicionamento em relação às fontes prioritárias utilizadas na produção jornalística, o que, por sua vez, pode impactar diretamente a qualidade da apuração e a construção do conteúdo. Ao priorizar fontes menos vinculadas a interesses hegemônicos, esses modelos buscam assegurar um jornalismo mais autônomo e crítico, embora possam enfrentar desafios específicos para garantir a precisão e profundidade das informações. Essas escolhas evidenciam novamente um compromisso com estruturas mais autônomas e com menor interferência de interesses externos, o que se conecta à busca por modelos organizacionais que garantam maior controle dos profissionais sobre a produção jornalística. Também se insere no momento da organização do trabalho a adoção de uma estrutura mais igualitária (37,9%) e a operação descentralizada (31,0%), que reforçam a valorização de formatos mais horizontais e flexíveis de organização do trabalho (Patrício, 2024; Oliveira; Felippi, 2023; Silva; Santos,

³⁴ Ver a Tabela 19 no item 6.2.

2023; Patrício; Lima, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro *et al.*, 2021; Figaro, Barros e Kinoshita, 2019; Figaro;Nonato, 2017).

As rotinas de trabalho e o produto são outros aspectos da produção jornalística de qualidade que se manifestam nos elementos que caracterizam o jornalismo independente, como a valorização da independência editorial, criatividade e liberdade autoral. Destaca-se, por exemplo, a percepção do jornalismo independente como alternativa aos grandes conglomerados, por apresentar perspectivas e discursos distintos dos predominantes (51,7%). Essa compreensão vai além do modelo organizacional e enfatiza propostas editoriais que buscam romper com narrativas hegemônicas. Assim, o jornalismo independente é reconhecido por ampliar a diversidade de vozes e oferecer abordagens diferentes das consolidadas na mídia convencional (Silva; Santos, 2023; Patrício; Lima, 2022; Rovida, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Figaro, 2018). O incentivo à criatividade e à liberdade autoral (48,2%); o engajamento estratégico com temas sociais relevantes, como direitos humanos, justiça social e sustentabilidade (44,8%); e a busca por recursos exclusivamente para a manutenção da organização, sem fins lucrativos (44,8%), também são características que fortalecem a valorização da independência editorial, considerada a principal definidora do jornalismo independente.

Outro aspecto amplamente apontado pelos respondentes (48,2%) é o forte vínculo com a comunidade local, promovendo causas sociais, culturais e/ou políticas com ênfase na realidade territorial e nas questões específicas da região. Essa característica está ligada à relação com a audiência, indicando a relevância do jornalismo independente como agente conectado às demandas locais. Pode ainda ser associada a dimensão de proximidade que qualifica o jornalismo, segundo Meijer e Bijleveld (2016). Esses aspectos reforçam o compromisso com a representação de vozes que muitas vezes não encontram espaço nos veículos convencionais, em uma atuação que reflete a busca por vínculos mais consistentes com os sujeitos e territórios retratados (Rovida, 2022; 2020; Jenkins; Nielsen, 2019), evidenciando tanto o respeito à diversidade quanto o compromisso com transformações sociais.

Enquanto o jornalismo convencional está ligado a uma lógica colonial, que tende a homogeneizar realidades e a silenciar vozes periféricas, o jornalismo fora desse contexto (sobretudo os de bases periféricas) parte das experiências e saberes locais para propor uma forma diferente de produzir informação. Em vez de buscar uma suposta neutralidade, ele se assume como posicionado e comprometido com causas, especialmente as ligadas à defesa de direitos e à valorização das identidades marginalizadas. Essa perspectiva também se reflete

nas relações com fontes e audiências, que deixam de ser distantes para se tornarem próximas e colaborativas (Patrício, 2023).

Para os jornalistas entrevistados, esse modo de fazer surge como resposta à invisibilização de certos temas, grupos ou espaços pela mídia convencional (Rovida, 2022; 2020). O compromisso em abordar essas pautas é entendido como uma escolha editorial legítima e necessária. No entanto, segundo a perspectiva do Entrevistado 8, ao defender uma causa, o jornalista deve fazê-lo baseado em fatos, ciência e conhecimento, não apenas em crenças pessoais.

O fato de ser um jornalismo de causa não significa que você tenha a liberdade de abandonar os fatos. Na verdade, você tem que ser muito mais estudioso, com muito mais afinco na causa que você defende, porque você não pode deturpar a causa que você defende. Você não pode lidar com os fatos de acordo com a sua crença. A sua crença, na verdade, tem que ser formada a partir da ciência que está por trás, do conhecimento que está por trás. Porque, se você discutir com a sua crença, se você colocar a sua crença na frente do jornalismo, você deixa de ser um jornalista e passa a ser um militante. E, como militante, você não tem mais valor para a sociedade do ponto de vista do jornalismo. Você pode ter valor do ponto de vista do militante. Você pode ser um militante importante de uma causa, mas, como jornalista, você não tem mais relevância do ponto de vista de abordagem dessa causa. São duas coisas diferentes. Você, enquanto jornalista de uma causa, você defende aquela causa baseado em fatos, baseado em ciência, baseado em conhecimento, em pesquisa, em história, em tudo que possa balizar a informação que você está oferecendo. Agora, a partir do momento em que você começa a professar algo que não esteja lastreado em fatos, você se tornou um militante e não mais um jornalista (Entrevistado 8).

A Entrevistada 9 valoriza fortemente a aproximação com causas e comunidades específicas, demonstrando um compromisso com a divulgação das expressões artísticas e culturais das favelas e com a visibilidade das movimentações da juventude nesses territórios. Para ela, um jornalismo engajado deve enfrentar os discursos estigmatizantes, combater o preconceito e evidenciar iniciativas positivas e realidades frequentemente invisibilizadas, superando os estereótipos reducionistas associados ao “tráfico”, à “morte” ou à “violência”.

Em relação ao posicionamento de jornalistas independentes, os relatos indicam distintas formas de compreendê-lo e praticá-lo. Segundo o Entrevistado 5, o jornalista deve se posicionar em favor de demandas sociais amplas, como a melhoria no atendimento à saúde, educação e ao meio ambiente. No entanto, quando se trata de temas ligados à polarização

política nacional, especialmente em contextos dominados por uma base eleitoral específica, como o bolsonarismo em sua cidade, ele considera necessário ter cautela. Posicionar-se politicamente, segundo ele, pode dificultar o jornalismo praticado.

O Entrevistado 7 reforça a importância de se posicionar, atribuindo ao posicionamento não apenas um valor necessário, mas um dever do jornalista independente. Em sua perspectiva, a liberdade de pautas e temas característica desse campo exige uma postura assertiva, uma “opinião mais forte”, sob o risco de reproduzir conteúdos que seriam “mais do mesmo”. Como exemplo, ele menciona sua experiência no jornalismo local, destacando situações em que considera fundamental se posicionar, como diante do uso excessivo ou irresponsável de recursos públicos por parte de agentes políticos. “A desvantagem... Desvantagem, senão, um risco, né? Por ser independente, você não vai ter proteção nenhuma, ninguém pra te dar um suporte psicológico... Mas, em relação ao posicionamento, é essencial, tem que ter, na minha visão” (Entrevistado 7).

Essa preocupação com possíveis consequências do posicionamento público também aparece no relato da Entrevistada 6, especialmente em relação à segurança pessoal diante da sua atuação em uma agência de checagem. Por ser uma iniciativa voltada ao combate à desinformação e frequentemente envolvida em temas sensíveis do debate político, não são incomuns as reações hostis ou intimidadoras por parte de grupos ideológicos ou politicamente engajados, ou mesmo agentes públicos e privados que se sentem contrariados pelas informações verificadas.

No nosso lado a gente acaba tendo, às vezes, até uma orientação mesmo [de não se posicionar] para evitar que a gente seja atacado. Mesmo eu tendo minhas convicções, tendo minhas opiniões pessoais, eu não externo. Eu não externo isso porque a gente não pode dar margem para as pessoas que consomem aquele conteúdo nosso, para que elas nos acusem de parciais, porque quando a gente checava o Bolsonaro, a gente era esquerdista. Quando a gente passou a checar o Lula, a gente passou a ser direitista. Então o ataque, ele vem, mas a gente precisa se policiar um pouco mais, porque quando o ataque é direcionado... Beleza, às vezes eles podem atacar só a empresa, ir lá no Instagram e atacar a empresa. Mas a gente assina as matérias, então, eles podem... Volta e meia, todas as minhas redes são trancadas, acho que só o meu LinkedIn que é aberto mas todas as minhas redes sociais são trancadas. Todo dia aparece um perfil diferente lá, que não segue ninguém que eu sigo, que posta as coisas totalmente aleatórias, e está ali me seguindo. Eu vou autorizar essa pessoa a ver as minhas fotos, ver a foto das minhas afilhadas, ver a foto dos meus pais, da minha irmã, do meu marido? Não. Então, a depender do seu tipo de agenda, desse jornalismo independente, você

precisa se posicionar para defender o tipo de jornalismo que você produz. Mas, às vezes, a gente precisa não se posicionar publicamente, para poder se defender também. Não se posicionar também é uma forma de defesa (Entrevistada 6).

A vulnerabilidade estrutural dos jornalistas independentes, portanto, impõe limites à liberdade de atuação e leva, em alguns casos, a decisões estratégicas de silenciamento ou autopreservação. Vale observar que essa mesma liberdade, frequentemente citada pelos entrevistados como aspecto relevante no jornalismo independente, pode ser tensionada pela falta de apoios institucionais, como respaldo jurídico, acolhimento psicológico e outras formas de suporte que viabilizam práticas mais seguras e sustentáveis, sobretudo em coberturas investigativas ou de enfrentamento ao poder.

A questão da segurança é uma preocupação concreta entre jornalistas, como indicam dados do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, que apontam que 29,1% dos respondentes já sofreram ataques ou ameaças virtuais em decorrência do seu trabalho. No caso de jornalistas que atuam de forma independente ou em contextos locais — onde há maior exposição devido à proximidade com os sujeitos e os acontecimentos noticiados —, é possível inferir uma vulnerabilidade ainda maior, que amplia o risco de retaliações diretas.

As experiências relatadas pelos entrevistados revelam um cotidiano atravessado por tensões entre o compromisso com a apuração e os limites impostos por essa vulnerabilidade e pela fragilidade das condições de trabalho. Diferentemente do que ocorre em veículos convencionais com maior estrutura, os profissionais independentes operam com escasso respaldo institucional, segundo relatam os entrevistados, o que os torna mais suscetíveis a pressões externas, ameaças e represálias decorrentes de sua atuação jornalística.

Um dilema recorrente nas entrevistas é o confronto entre o compromisso de documentar a realidade e a necessidade de garantir a própria segurança. O Entrevistado 1, por exemplo, relatou uma experiência em que presenciou um policial militar aparentemente usando drogas em uma mata. Apesar de estar com a câmera em mãos, a decisão de não fotografar foi tomada por medo da reação do policial, evidenciando a tensão entre a urgência de documentar um fato relevante e o risco iminente de violência.

Seria interessante fotografar, mas eu não fotografei. Foi um dos casos na minha vida que eu não tinha como sair dali. E eu não sabia qual seria a reação do policial militar. Ele podia me matar. E o que ia adiantar eu morto? E até a foto que eu fizesse, eu podia não clicar no momento que ele estava no ato real e não ia nem conseguir, não ia ter. E aí eu tinha que pensar, é um milésimo de segundo, como jornalista, eu teria que fotografar. Mas aí o que eu posso fazer? Posso morrer

(Entrevistado 1).

Essa reflexão sintetiza o dilema enfrentado por muitos jornalistas independentes, que, em muitas ocasiões, se veem diante da difícil escolha entre garantir sua própria segurança e continuar com a apuração, especialmente em situações de risco à vida. O Entrevistado 7 compartilhou uma experiência em que foi ameaçado por um segurança após questionar a prefeitura sobre a falta de sinalização em uma rotatória perigosa. Sem apoio institucional, ele optou por interromper a apuração. Isso revela como a falta de suporte institucional pode levar à autocensura e ao abandono de apurações, em contextos onde a ameaça é direta e a proteção é mínima.

De forma semelhante, a Entrevistada 9 enfatiza que, apesar de ninguém estar completamente protegido, o jornalista vinculado a grandes veículos de comunicação tem uma visibilidade que oferece uma certa proteção, ainda que limitada. Ela observa que a exposição pública e o reconhecimento de um grande veículo podem resultar em uma "proteção diferente" quando comparada à vulnerabilidade de jornalistas independentes ou locais, que estão mais expostos ao risco físico e à falta de apoio.

Para continuar seu trabalho apesar dos riscos, os jornalistas independentes desenvolvem diversas estratégias de sobrevivência. O Entrevistado 7, após ser ameaçado, decidiu parar a apuração sobre a rotatória, mas, em outros casos, prefere "ir pelas beiradas", abordando o tema de maneira mais sutil para estabelecer confiança e não ser visto apenas como um jornalismo de cobrança, mas "um jornalismo investigativo que pode se colaborar, não só pra população, mas também para o governo, entende? Ele ganha mais espaço, fica com a carinha bonita na foto" (Entrevistado 7).

Essa postura revela mais uma vez a complexidade do fazer jornalístico em contextos de vulnerabilidade e exposição a riscos, em que a busca por proteção e continuidade do trabalho pode levar a decisões que, em certos casos, trazem conflitos no limite entre independência e aproximação com as fontes de poder. Embora essa prática possa ser vista como uma forma legítima de garantir segurança e acesso à informação, ela também levanta questionamentos sobre possíveis impactos na autonomia editorial e no papel crítico do jornalismo.

A Entrevistada 9, por outro lado, relata um caso de extrema apreensão após publicar uma matéria sobre a ocupação de casas por policiais em uma comunidade do Rio de Janeiro. A matéria, que expôs uma estratégia institucional da Polícia Militar e o histórico violento de um comandante, gerou grande repercussão, mas também intensificou sua sensação

de vulnerabilidade. O medo se agravou diante da possibilidade de alguma reação negativa por parte do comandante, conhecido por seu histórico de violência, o que a fez temer pelas consequências à sua integridade física e segurança.

Durante uma audiência pública, o comandante da PM afirmou que a ocupação fazia parte de uma “estratégia para a implementação de uma base”. Segundo a entrevistada, todos os jornalistas presentes ouviram essa mesma declaração, mas houve um contraste marcante entre sua cobertura independente e a abordagem da mídia convencional. Enquanto os veículos convencionais enfatizaram a promessa de retirada dos policiais, reproduzindo o discurso oficial em suas manchetes, a Entrevistada 9 foi a única a destacar o que interpretou como uma admissão de crime institucional por parte do comandante. E por isso ela ficou tão apreensiva ao perceber a repercussão, por sua abordagem mais incisiva. A comparação entre as abordagens revela uma postura pouco crítica por parte da mídia convencional, que, ao focar nos compromissos anunciados pelas autoridades, acabou atenuando a dimensão dos abusos relatados.

Em síntese, a definição de um jornalismo independente de qualidade está ligada a práticas que envolvem todas as etapas da produção jornalística, com destaque para formas de organização e atuação que valorizam a autonomia, o compromisso social e a abertura a novas formas de produzir conteúdo. Essa concepção amplia o entendimento sobre o que é qualidade no jornalismo independente, aproximando-o de valores éticos, coletivos e voltados à responsabilidade e ao interesse público. As razões que levaram os profissionais a atuar nesse ambiente, assim como as características que consideram fundamentais para esse tipo de jornalismo, indicam que a qualidade é construída a partir da experiência cotidiana, da busca por coerência entre valores e práticas, e do esforço coletivo para sustentar uma produção comprometida com a transformação social.

Ao mesmo tempo, as características atribuídas ao jornalismo independente evidenciam aproximações e distanciamentos em relação ao modelo convencional. A adoção de estruturas mais horizontais de trabalho, o distanciamento de grandes financiadores e a valorização de fontes e narrativas frequentemente marginalizadas sinalizam modos de organização e produção que se diferenciam daqueles comumente associados ao jornalismo convencional. Ainda assim, permanecem compromissos compartilhados, como o interesse público como princípio orientador, ao priorizar temas sociais relevantes e com profundidade, indicando que, apesar das diferenças, há uma base comum que sustenta a prática jornalística.

6.2 Desafios enfrentados para assegurar a qualidade no jornalismo independente

Embora os princípios que definem o jornalismo independente revelem uma prática orientada por valores éticos, autonomia e compromisso com o interesse público, essa atuação também enfrenta obstáculos importantes no cotidiano das iniciativas. Entre os desafios para assegurar a qualidade da produção jornalística independente, destacam-se questões estruturais e financeiras, bem como limitações relacionadas a recursos humanos e tecnológicos. A Tabela 19 a seguir apresenta os principais desafios indicados pelos participantes, organizados em ordem decrescente de representatividade.

Tabela 19 – Desafios enfrentados para assegurar a qualidade da produção jornalística independente

Desafios para a qualidade da produção jornalística independente	Nº	%
Limitação de recursos financeiros para garantir a infraestrutura necessária à organização, como equipamentos e espaços de trabalho adequados para a equipe	16	55,1%
Equilibrar sustentabilidade financeira com autonomia editorial, evitando pressões externas que comprometam as decisões da iniciativa	14	48,2%
Escassez de profissionais na equipe, resultando em sobrecarga de trabalho e acúmulo de funções, comprometendo a capacidade de produção	14	48,2%
Pressão por atualizações rápidas, devido à competitividade do mercado e à demanda do público por informações em tempo real	10	34,4%
Centralização das plataformas digitais, como redes sociais e sites, para produção e distribuição de conteúdo	10	34,4%
Pressão para gerar receita imediata, priorizando publicações rápidas e visibilidade nas plataformas digitais	10	34,4%
Necessidade de infraestrutura adequada, como espaços de trabalho, equipamentos e recursos tecnológicos para apoiar a produção jornalística	8	27,5%
Mudanças constantes nos algoritmos e funcionalidades das plataformas digitais, dificultando o planejamento estratégico da iniciativa	7	24,1%
Dificuldade de acesso a fontes e dados devido a barreiras impostas por governos ou órgãos públicos	7	24,1%
Necessidade de especialização da equipe no uso de tecnologias e plataformas digitais específicas para a produção de conteúdo	4	13,7%
Exigências de plataformas digitais que favorecem a produção constante e a rápida publicação de conteúdo	3	10,3%
Prazos apertados, restringindo o tempo disponível para a coleta de dados e a apuração aprofundada	2	6,8%
Outros – ‘Acredito que a remuneração e falta de verba para maiores deslocamentos’	1	3,4%
Outros – ‘Dificuldade de financiamento. Por termos um alcance pequeno, não atingimos os critérios para receber publicidade oficial, por exemplo’	1	3,4%

Desafios para a qualidade da produção jornalística independente	Nº	%
Outros – ‘Dificuldade de acesso a fontes e dados devido a barreiras impostas pelas big techs’	1	3,4%
Outros – ‘Falta de plataforma própria’	1	3,4%
Outros – ‘Recursos tecnológicos grátis cada vez mais escassos’	1	3,4%
Outros – ‘Ter que conciliar o trabalho no jornalismo independente com outros trabalhos que garantem o fornecimento de renda’	1	3,4%
Falta de apoio psicológico e condições adequadas para o bem-estar dos profissionais	0	0%

Fonte: Elaborada pela autora.

Mais uma vez, a organização do trabalho aparece como um aspecto central nas percepções dos respondentes sobre a qualidade no jornalismo independente. Se anteriormente esse momento já havia se destacado abrangendo os principais motivos que impulsionam e caracterizam a atuação nesse ambiente — com a valorização da liberdade editorial, a insatisfação com as práticas das grandes empresas e a busca por modelos sustentáveis —, agora ele volta a ser mencionado como o espaço em que se concentram os maiores desafios para garantir qualidade ao jornalismo praticado em contextos não convencionais.

A limitação de recursos financeiros apareceu como o principal desafio apontado pelos respondentes (55,1%) para assegurar a qualidade da produção jornalística. A falta de investimentos impacta diretamente a estrutura organizacional, dificultando o acesso a equipamentos e espaços de trabalho adequados para a equipe). Outro desafio em destaque é a necessidade de equilibrar sustentabilidade financeira com a autonomia editorial (48,2%), reforçando como a busca por financiamento está diretamente ligada à preservação dos princípios editoriais no jornalismo independente. Esses dados revelam como a sustentabilidade financeira se impõe como um obstáculo central, influenciando tanto as condições de produção quanto a viabilidade de um jornalismo independente que mantenha padrões de qualidade (Silva; Santos, 2023; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019; Assis *et al.*, 2017).

As rotinas de trabalho também são afetadas por desafios significativos, relacionados à dinâmica acelerada da produção e à mediação tecnológica. Três desafios que apareceram em 34,4% das respostas em nosso *survey* — ou seja, mencionados por 10 dos 29 respondentes —, se referem à pressão por atualizações rápidas, a centralização das plataformas digitais e a pressão para gerar receita imediata, priorizando publicações rápidas. Essa última, também relacionada à organização do trabalho, ilustrando como os diversos

fatores que influenciam a qualidade podem se estender para mais de um momento da produção.

O fato de essas alternativas estarem entre as mais frequentes do levantamento sugere que os impactos das plataformas digitais e às dinâmicas do contexto online (Barros *et al.*, 2021; Mattos, 2021; Prazeres; Ratier, 2020; Silva *et al.*, 2021; Christofolletti, 2019; Bell; Owen, 2017; Dantas *et al.*, 2015) sobre o fazer jornalístico são percebidos de forma significativa por uma parcela expressiva dos participantes — cerca de 1 em cada 3. Esses dados apontam para uma recorrência relevante, especialmente quando consideradas em conjunto, evidenciando um eixo comum de preocupação com os efeitos do modelo digital sobre a qualidade do conteúdo produzido.

Entre os desafios listados, alguns se destacaram por sua recorrência e por apresentarem implicações diretas para a prática jornalística no contexto independente. A seguir, esses aspectos serão aprofundados a partir dos relatos dos entrevistados, permitindo uma compreensão mais situada sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano das iniciativas.

6.2.1 Desafios financeiros e seus reflexos na produção jornalística independente

Conforme evidenciado pelos resultados do *survey*, a sustentabilidade financeira desponta como um dos principais desafios enfrentados pelas iniciativas e profissionais do jornalismo independente para assegurar a qualidade da sua produção. A luta pela viabilidade financeira é constante. Muitos relatam não contar com rendas regulares, dependendo de anunciantes locais, editais pontuais ou atividades paralelas não jornalísticas para manter suas iniciativas. Como sintetiza a Entrevistada 3: “sem dinheiro não se faz, né?”. Embora já aposentada e, portanto, com um impacto financeiro menos imediato, ela reconhece que a falta de recursos continua sendo um obstáculo significativo para o jornalismo independente.

Eu não faço mais jornalismo, não chamo o meu blog de um site de jornalismo. É uma plataforma para eu exercer meu direito de informar e transmitir aquilo que eu penso, minha opinião, minha análise e tal. Isso aqui é o meu blog. O blog não é sequer aberto para publicidade. Por quê? Se tiver publicidade, eu tenho que ter ‘compromisso de’... Entendeu? Compromisso de estar, ter frequência, ter cobertura regular. Eu não quero isso mais na minha vida, entendeu? Estou aposentada. Continuo sendo jornalista, mas estou aposentada (Entrevistada 3).

Essa realidade de limitação financeira, no entanto, é vivida de maneira muito mais

urgente por profissionais em plena atividade. O Entrevistado 4, por exemplo, relata que, mesmo com a obtenção de poucos anúncios, se esforça para garantir a remuneração do estagiário e a manutenção do seu site jornalístico, mas, ao final, o que sobra para seu próprio sustento é bastante reduzido, o que evidencia como a limitação de recursos impacta diretamente a capacidade de continuidade e crescimento de sua iniciativa.

A realização de pautas aprofundadas, deslocamento para coberturas, investimentos em equipamentos ou formação de equipes tornam-se inviáveis diante da restrição orçamentária, conforme relatado pelos entrevistados. São repercussões que reduzem o potencial investigativo e o alcance das iniciativas.

Isso impacta a própria sobrevivência do jornalismo, porque, se você não tem recursos, você não consegue fazer as coisas como deveriam ser. Você não consegue fazer uma viagem, você não tem dinheiro para contratar designers, você não tem a capacidade de montar uma equipe de produção para um documentário, você fica à mercê do pouco recurso financeiro que você tem (Entrevistado 8).

A busca por fontes alternativas de renda revela a criatividade e resiliência desses profissionais, mas também aponta para um modelo de negócio ainda instável. Muitos recorrem à produção de conteúdo para empresas, à venda de publicidade local ou até mesmo a campanhas de doação — nem sempre bem-sucedidas, como relata a Entrevistada 3: “Como não gosto de pedir, eu peguei e botei lá assim ‘obrigado pela sua contribuição’. Quem sabe ler, um pinga é letra. E botei o pix, né?... Não caiu um centavo”.

Eu tenho dentro do meu site hoje 25 anunciantes aqui da minha cidade, da minha região. Eles pagam para manter o seu anúncio no meu site e eu dou visibilidade para eles, na minha rede social. É hoje minha principal fonte de renda (Entrevistado 5).

O que me dá recursos são a criação de conteúdos para empresas e pessoas, tá? Porque, por ser uma cidade pequena também, ninguém vai consumir esse tipo de material... É a criação de conteúdos para empresas. Tipo, uma matéria que eu faço sobre você em uma loja X e vendo pra uma revista, entende? (Entrevistado 7).

A Entrevistada 2 faz uma crítica direta à resistência que parte do jornalismo "alternativo" demonstra em relação ao dinheiro. Em sua visão, tal postura é equivocada. Ela defende que é necessário buscar patrocínio e disputar recursos.

Chineses já nos ensinaram que o problema não é o capital, o problema é o capitalismo. Você tem que ter dinheiro para comer ou voltaremos a quê? Voltaremos a que época? Então, inclusive nos meus anos 70, era praxe. Hoje em dia já não está tanto assim, não. Os sites maiores já pagam. Mas era praxe. Você é voluntária... tarefa. E aí a pessoa era obrigada a trabalhar nos meios convencionais. Chega uma hora que a pessoa se submete, acho que na época eu até pensava que o jornalista bebe tanto por causa disso, sabe? Porque não é possível, você ter que submeter a sua sensibilidade a essa violência. Então eu acho que sim. Vá buscar, sim, vá buscar patrocínio (Entrevistada 2).

A segurança financeira pessoal surge como um fator de autonomia. Aqueles que possuem outras fontes de renda ou aposentadoria, como no caso das entrevistadas 2 e 3, demonstram maior liberdade para manter uma linha editorial independente e recusar pressões externas. Em contrapartida, os profissionais mais vulneráveis economicamente acabam por comprometer a dedicação exclusiva ao jornalismo ou por aceitar trabalhos que não condizem com sua atuação jornalística.

As mudanças tecnológicas e a atuação das grandes plataformas digitais também exercem influência significativa nas estratégias das organizações e na prática de profissionais que atuam de forma autônoma — seja como freelancers, seja conduzindo individualmente iniciativas próprias de jornalismo independente. A retirada de apoios, como o encerramento do programa de checagem de fatos da Meta, impactou diretamente a capacidade de operação de diversos projetos que dependiam dessas parcerias, conforme relatado pela Entrevistada 6.

A gente passou por corte de pessoal, porque o recurso passou a ficar mais escasso. E aí o jornalismo independente, ele precisa do financiamento para se manter. Todos os sites de checagem e outros que não são de checagem, mas são de jornalismo independente, tem ali ‘ah, faz a sua doação pra gente manter um jornalismo de qualidade’. Mas nem sempre a quantidade de pessoas que são apoiadores conseguem fazer manter a equipe. A gente chegou a ter uma equipe, eu acho que de quase 30 pessoas. Hoje acho que a gente tá com 20. [...]Só que a gente, aí, precisa da filantropia, às vezes. Precisa de editais, estar sempre ali de olho em editais para participar de produção de conteúdos. [...]Mas depender, às vezes, do financiamento externo, é difícil. Porque a gente não tem propaganda no site. Então, acaba sendo um pouco difícil. Mas, vai caminhando, né? Vai caminhando. Sempre a gente consegue (Entrevistada 6).

Ao mesmo tempo, jornalistas como o Entrevistado 1 tentam se adaptar às novas exigências do mercado, aprendendo a editar vídeos, usar inteligência artificial e explorar formatos multimídia, como estratégia para se manter nesse mercado, especialmente em razão

da sua atuação como freelancer. Já o Entrevistado 8 reconhece que, diante dos desafios financeiros, muitas vezes é necessário assumir que, se não há os recursos necessários, não é possível realizar aquela determinada cobertura. “Eu tento suprir esse gap com alguma criatividade, mas nem sempre isso é possível” (Entrevistado 8).

Por fim, apesar das dificuldades, o comprometimento com o jornalismo como missão pública permanece como traço marcante. A persistência em manter os projetos vai além da sobrevivência financeira — é expressão de amor à profissão e um desejo de preencher lacunas deixadas pelos grandes veículos, como relatado pelo Entrevistado 4. Mas uma paixão ingrata, segundo a descrição da Entrevistada 9, “porque tem que gostar muito para fazer”.

As falas dos entrevistados evidenciam como a escassez de recursos compromete tanto a estrutura dos projetos quanto a qualidade do conteúdo produzido. Em um cenário marcado pela precarização das condições de trabalho e pela ausência de fontes de financiamento estáveis, a paixão pela atividade jornalística frequentemente entra em conflito com as limitações impostas pela realidade econômica.

Esse "ethos romântico" que permeia o jornalismo independente, conforme Paul, entrevistado no canal SBPJor (2025)³⁵, conecta-se a uma visão idealizada da profissão como uma missão de cunho social, frequentemente voltada a suprir lacunas informacionais deixadas pela grande imprensa, sobretudo em contextos locais negligenciados. O trabalho é então visto como um "projeto de paixão" e "de vida", que se confunde com sua própria identidade. Contudo, esse investimento simbólico entra em tensão constante com as condições materiais precárias da maioria desses arranjos, que são de pequeno e médio porte. A paixão não é sempre suficiente para manter a continuidade dos projetos, visto que as recompensas são principalmente simbólicas e os recursos financeiros são escassos. A instabilidade econômica é grande, e muitos jornalistas acabam "pagando para trabalhar" ou precisam de outro emprego, resultando em exaustão e adoecimento, apesar da satisfação pessoal.

6.2.2 Fatores condicionantes da produção: ritmo e pressões do ambiente digital

De forma geral, há uma percepção entre os entrevistados de que as plataformas digitais, especialmente as redes sociais, exigem um formato de conteúdo mais rápido, curto e

³⁵ SBPJor. SBPJor em Redes 2025: Retij - Transformações no trabalho jornalístico. YouTube, 3 de junho de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RNcFFpKkpbU&t=578s>. Acesso em: 23 de julho de 2025.

visualmente atraente. Elas costumam ser utilizadas por eles principalmente como ferramentas de divulgação e "chamada" para conteúdos mais aprofundados em seus próprios sites ou plataformas. Embora reconheçam que a atualização frequente dessas redes possa gerar mais alcance, a pressão para publicar não é tão intensa, segundo os relatos.

No caso, eu tenho meu próprio site, onde eu coloco as matérias grandes e tal. E as redes sociais, eu acabo não publicando muita coisa justamente por isso, para não podar o meu site, entende? Eu faço chamadas lá. Nem o título da matéria em si eu coloco. [...]Então eu dou aquela, vamos dizer assim, deixo aquela água na boca de quem está acessando as redes. Obviamente tem que ser uma alimentação diária e não dá, ainda mais por ser sozinho, né? Então diariamente não dá. Mas pelo menos três vezes na semana eu tento manter (Entrevistado 7).

Eu tenho conseguido, entre aspas, relaxar, entender que eu não tenho condições de cobrir a minha cidade, tudo ao mesmo tempo, em todos os lugares. Eu preciso fazer algo com mais calma, com mais tranquilidade. Eu preciso escolher os temas das minhas reportagens que interessem ao maior número possível de pessoas. E eu tenho tentado adaptar a minha atuação às regras básicas da Internet, saber escrever uma linguagem mais voltada para a Internet... Sempre ter um bom vídeo, sempre ter uma boa imagem, fazer sempre um texto mais curto do que o tradicional. Porque o texto de edição impressa não cabe na Internet, tem que ser uma coisa muito mais reta e objetiva para poder alcançar. Eu tento escrever baseado nos comandos da internet, mas, eu não me preocupo com 'ai, eu preciso fazer o viral'. Não, eu preciso fazer um bom jornalismo, o viral é uma consequência (Entrevistado 5).

Em seu relato, o Entrevistado 8 observa que a forma com que a informação vai ser trabalhada em plataformas é uma decisão do profissional. E se o jornalismo é praticado em busca de cliques e curtidas, corre-se o risco de abandonar a parte mais importante da notícia "por conta de um meme". Então, em sua experiência, as redes sociais costumam ser utilizadas como manchetes ou highlights, e não para ser o foco da notícia.

Se você pegar um jornal impresso, você vai abrir uma primeira página e na primeira página você tem manchetes. Você não tem as notícias escritas, formatadas, como elas vão sair lá no miolo do jornal. Eu, pessoalmente, enquanto jornalista, acredito que as redes sociais podem funcionar muito como manchetes, como primeira página, e te enviam para ler uma notícia em algum outro lugar, para ouvir, assistir uma notícia em algum outro lugar. A busca de likes nas plataformas, nas redes, ela corre o risco de comprometer, eu não digo que sempre

comprometem, mas ela corre o risco de comprometer o interesse público sobre uma notícia relevante. Ela pode ser muito bem utilizada para dizer para as pessoas que tem uma coisa super interessante, bem legal acontecendo e você precisa saber mais sobre isso. E você manda o leitor para algum outro lugar. Você convida ele para ler a sua notícia (Entrevistado 8).

Já a Entrevistada 2 afirma preferir "poucos leitores qualificados do que viralizar", argumentando que a busca pela viralização acabaria por transformar o jornalismo em "marqueting". Desse modo, em um movimento consciente de afastamento dessa lógica, alguns jornalistas optam por não seguir o ritmo imposto pelas plataformas, priorizando a qualidade e relevância do conteúdo. "Eu não tento ser influenciado, postar toda hora... eu, por mim, se possível, não publicaria no Instagram. Mas eu também não entro no ritmo de ter que publicar algo, não comanda meu dia a dia..." (Entrevistado 4).

A desinformação é outro aspecto que surge como eixo central das preocupações. A Entrevistada 6, que atua em uma agência de checagem, relata que a equipe responsável pelas redes sociais prioriza conteúdos baseados no que está viralizando nas plataformas e em grupos de WhatsApp. Para isso, realizam uma ronda diária, identificando os temas em circulação. A escolha sobre o que checar costuma ser guiada pelo potencial de dano social da informação falsa, especialmente em áreas sensíveis como saúde e economia. Casos envolvendo vacinas e tratamentos ineficazes para a Covid-19 foram citados por ela como exemplos de como a desinformação, quando circula de forma desenfreada, pode gerar consequências graves. Esses episódios reforçam o papel do jornalismo na proteção do bem coletivo.

Eu acho que segue um pouco a velocidade da informação ali nesses casos específicos que eu citei. A pressão por volume a gente não tem. Claro, assim, a gente tem metas. Então, no mês a gente tem que fazer, sei lá, 20 checagens, 50 checagens. A gente tem que cumprir essas metas, que é normal. As empresas têm que ter metas para poder também avançar. Mas a gente não sente uma pressão por produção mesmo (Entrevistada 6).

Outro ponto recorrente nas entrevistas é o embate entre a urgência da publicação e a necessidade de rigor informativo, problemática já apontada por autores como Dantas *et al.* (2015). Nesses casos, para assegurar uma apuração cuidadosa e não ceder às pressões de produtividade, alguns jornalistas optam por priorizar determinadas coberturas ou até abandonar outras, quando a qualidade da produção está em risco. O Entrevistado 4, por exemplo, aponta que, no caso de produções que exigem mais tempo de apuração, ele prefere

seguir um ritmo mais lento, mesmo que isso implique um esforço adicional. "Para matérias mais simples, eu tento fazer rapidamente ou acabo deixando de lado, dependendo da prioridade que eu der à produção para o meu site" (Entrevistado 4).

O Entrevistado 1, por outro lado, relata o dilema cotidiano entre “dar o furo” e garantir que todas as partes envolvidas sejam ouvidas, com os fatos devidamente verificados e contextualizados. Essa tensão, observada na produção textual, também se manifesta na produção de imagens, segundo sua própria experiência.

Os jornais sempre ficavam bravos comigo, e vão ficar [bravos] ainda comigo, sempre, porque, principalmente, eu vim de uma época, vamos dizer, no esporte, que eu tinha que voltar do campo com o gol. Se eu não voltasse, eu ia para a rua. [...] Você tem que estar dentro da coisa que está acontecendo. Você tem que estar respirando, cheirando. Não é só escrever, não é só olhar. Você tem que sentir tudo. Você tem que estar envolvido na coisa e, ao mesmo tempo, como se você não estivesse ali (Entrevistado 1).

Como repórter fotográfico, o Entrevistado 1 destaca a importância de permanecer nos locais até que todos os elementos da cobertura estejam devidamente registrados, mesmo que isso signifique contrariar as expectativas de agilidade dos veículos. Ele critica, por exemplo, a dinâmica comum em coberturas jornalísticas em que o repórter, enquanto o fotógrafo ainda está registrando a imagem, já faz um clique rápido com o celular e envia sua própria foto para a redação. Na sua visão, cabe ao fotógrafo dedicar tempo à construção da imagem e permanecer atento ao que ainda pode acontecer. Ainda que, por isso, fosse visto como alguém “demorado”, ele afirma que suas fotos se destacavam justamente por capturar cenas que os outros não esperaram para ver.

Essa prática relatada pelo Entrevistado 1 aponta para o perfil multitarefa ou multimídia (Bertolini, 2017; Dantas *et al.*, 2015; Salaverría; Negredo, 2008), em que o jornalista precisa assumir funções que, no passado, eram desempenhadas por profissionais distintos, cada um em sua especialidade — como o repórter, responsável pelas entrevistas, e o fotógrafo, pelo registro das imagens. Salaverría e Negredo (2008) observam que esse tipo de prática pode comprometer a qualidade técnica e de conteúdo das produções jornalísticas, levando à mediocridade. É um risco percebido também pelo Entrevistado 1:

Por isso que, hoje, os repórteres são multimídia. Ele fotografa, ele filma, ele fala com a TV, ele fala com todo mundo. Mas, daí, ele não se aprofunda naquilo. Principalmente na minha área. O cara vai lá, faz

um clique e deu. E vai entrevistar. E, às vezes, está falando e está acontecendo outra coisa lá. Por isso que é bom ter o repórter fotográfico e o repórter. São duas cabeças pensando. São duas ideias a mais. E, aí, enquanto o repórter está ali, o repórter fotográfico está lá vendo se o que o cara falou é verdade, se não é. Ou está vendo mais uma informação para passar para o repórter (Entrevistado 1).

A Entrevistada 6 destaca que não sente, na sua agência, a pressão por produtividade comum em muitas redações convencionais. Segundo ela, a cultura organizacional da equipe valoriza o bem-estar e oferece liberdade para dialogar sobre dificuldades emocionais e psicológicas, como crises de ansiedade ou esgotamento. Ao contrário de experiências anteriores, em que presenciava colegas chorando no banheiro devido à pressão, na sua iniciativa ela percebe um ambiente acolhedor, onde é possível interromper o trabalho quando necessário e retomar depois, com apoio da equipe. Embora existam prazos e demandas, a lógica de funcionamento não é baseada em volume ou cobrança excessiva, mas em uma produção responsável e ajustada à capacidade de cada um.

Em contrapartida, no caso da entrevistada 9, que atualmente se dedica à produção de reportagens especiais, a pressão por um ritmo acelerado de trabalho foi especialmente marcante durante sua experiência com o hard news em um veículo independente. Segundo relatou, essa pressão era ainda mais intensa porque, enquanto outros jornalistas da equipe estavam em São Paulo, ela, sozinha no Rio de Janeiro, produzia mais matérias, muitas vezes as mais acessadas da iniciativa.

Na tentativa de reorganizar sua rotina e buscar uma alternativa de trabalho mais bem remunerada, ela passou a sentir a necessidade de reduzir o ritmo de produção. Ainda assim, seguia sendo pressionada a manter a mesma intensidade de entrega. Mesmo sendo a única da equipe sem vínculo formal de emprego, ao aceitar um cargo de assessoria parlamentar, enfrentou um assédio velado por parte de colegas, que passaram a exigir que deixasse a função de repórter e permanecesse apenas como editora. A justificativa apresentada foi a possibilidade de conflito de interesses entre o novo cargo e sua atuação jornalística.

A entrevistada 9 destacou que a função de editora, ao contrário da de repórter, não exige assinatura das matérias, o que, segundo ela, evidencia como veículos independentes também podem reproduzir as lógicas e práticas dos grandes meios de comunicação, inclusive no que diz respeito ao assédio moral e às pressões que afetam a saúde mental dos profissionais. Ela criticou, ainda, a falta de sensibilidade e a ausência de apoio por parte da equipe, que, em vez de reconhecer sua dedicação mesmo diante de dificuldades financeiras, reforçou uma dinâmica de pressão que culminou em sua saída da iniciativa.

6.3 Concepções de qualidade e medidas para o seu fortalecimento no jornalismo independente

Os respondentes do *survey* indicaram práticas, recursos e rotinas que poderiam ser adotados ou aprimorados para fortalecer a qualidade do jornalismo independente. As respostas foram analisadas e agrupadas conforme o momento da produção jornalística a que se referem: organização do trabalho, rotinas de trabalho, produto e relação com a audiência. Veja na Tabela 20:

Tabela 20 – Sugestões para o fortalecimento da qualidade no jornalismo independente

Categoria	Recomendações
Organização do trabalho	Ampliação da equipe; aprimorar o gerenciamento da equipe; não reproduzir práticas de assédio moral; explorar e estruturar novas formas de sustentabilidade; manter a independência financeira em relação a pressões externas às decisões editoriais; implementar um modelo cooperativo de financiamento; ampliar fontes de financiamento; contar com maior disponibilidade de editais e estímulos financeiros; buscar fontes de renda sem comprometer qualidade e independência; buscar recursos monetários via redes sociais; criar redes colaborativas de jornalismo; ter objetividade no debate sobre a qualidade do jornalismo
Rotina de trabalho	Maior uso de bancos de dados abertos como fonte de informação; investir no uso de tecnologias para facilitar o processo de acesso a dados e informações oficiais; ter mais transparência; mais tempo para produzir e editar as matérias; adoção e implementação de novas tecnologias; independência tecnológica; manter-se atualizado das novas tecnologias; investir em capacitação tecnológica; capacitação da equipe no uso de SEO ³⁶ para impulsionar o trabalho por meio da relevância nas redes sociais
Produto	Reduzir a produção de pautas baseadas no que está em alta nas redes sociais; priorizar pautas de maior interesse público, centrais ao país e à sociedade; produção de conteúdos investigativos e aprofundados sobre temas locais e nacionais, pouco abordados por outros veículos; buscar autenticidade nas produções; pautar as periferias; adoção de linguagem popular

³⁶ Sigla para Search Engine Optimization (otimização para mecanismos de busca), refere-se a um conjunto de técnicas voltadas para melhorar a visibilidade e o posicionamento de conteúdos em ferramentas de busca como o Google, de forma orgânica.

Relação com a audiência	Fortalecer a relação direta com a audiência, reduzindo a dependência das plataformas; remodelar a relação com a audiência, com maior integração de movimentos sociais e outros grupos; ter mais participação da comunidade local, da região onde o veículo circula
--------------------------------	--

Fonte: elaborada pela autora.

Em relação aos fatores necessários para o fortalecimento da qualidade no jornalismo, há sugestões como a implementação de modelos cooperativos de financiamento e a diversificação de fontes de renda, para garantir maior autonomia editorial e independência financeira; a criação de redes colaborativas de jornalismo, combate ao assédio moral e melhor gerenciamento da equipe, para sustentar um ambiente de trabalho saudável e cooperativo. São outras direções para um jornalismo de maior qualidade: priorizar pautas de interesse público, com abordagem alternativa, investigativa e aprofundada; investir em tecnologias; reduzir a dependência de plataformas; e buscar uma maior proximidade com a audiência.

Ao se referirem à tecnologia, enquanto alguns apontam a necessidade de adotar novos recursos tecnológicos, capacitar-se para seu uso e manter-se atualizado, há quem destaque a importância de reduzir a dependência tecnológica. Isso revela uma tensão entre inovação e autonomia no contexto do jornalismo independente. A adesão a novas tecnologias pode ser vista como uma oportunidade para ampliar o alcance, diversificar formatos e otimizar processos de produção, enquanto a dependência excessiva dessas mesmas tecnologias pode ser percebida como um risco à independência e à sustentabilidade das iniciativas (Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019).

Essa dependência se expressa tanto no plano financeiro quanto no operacional. Camargo *et al.* (2023) observam que programas de plataformas como Google e Meta representam uma parcela significativa do faturamento de veículos alternativos, contribuindo para a manutenção desses arranjos. No entanto, ao oferecerem treinamentos, ferramentas e métricas, essas plataformas induzem práticas alinhadas às suas lógicas, o que pode gerar interferências sutis na produção, como a adequação às exigências de performance, que leva à priorização de certos conteúdos em detrimento de outros. Dessa forma, ainda que apresentadas como apoio ao jornalismo, tais parcerias podem consolidar relações de dependência assimétricas (Camargo *et al.*, 2023).

Embora as estratégias propostas possam trazer contribuições para o jornalismo de forma mais ampla, elas também revelam dinâmicas específicas que impactam particularmente o jornalismo independente, como o caso da sustentabilidade financeira. Ao abordar os

modelos cooperativos de negócios, os respondentes se referem à prática de investir em formas de sustentabilidade que os distanciam dos modelos de financiamento tradicionais (como publicidade de grandes marcas, investidores privados ou patrocinadores). A ideia central é que os meios de financiamento tradicionais podem ter valores e objetivos que entram em conflito com os princípios e interesses das iniciativas de jornalismo independente. Ao mesmo tempo, iniciativas menores e hiperlocais podem ter dificuldades em alcançar modelos alternativos de sustentabilidade financeira (Patrício, 2022). Portanto, um fundo colaborativo seria mais flexível e sem pressões externas, o que permite que essas iniciativas mantenham sua integridade editorial e autonomia em suas decisões. Esse modelo colaborativo pode vir de múltiplas fontes, como doações de leitores, editais públicos e *crowdfundings*, sem que haja uma interferência direta em sua atuação (Figaro; Barros; Kinoshita, 2019).

A disponibilidade de recursos é fundamental para garantir melhores condições de trabalho e produção, incluindo investimentos em ferramentas, tecnologias e equipamentos adequados; além da ampliação da equipe, o que possibilitaria aos jornalistas se dedicarem integralmente às suas produções, sem sobrecarga ou acúmulo de funções. Com maior disponibilidade de recursos, seria possível alcançar públicos mais amplos e investir em reportagens investigativas, bem como em coberturas de temas negligenciados pela mídia convencional. Nesse sentido, ressalta-se a proporção de 55,1% dos respondentes que destacaram a limitação de recursos financeiros como um desafio significativo para garantir a infraestrutura necessária à organização e à produção de qualidade no jornalismo independente. Além disso, 48,2% apontaram a necessidade de equilibrar a sustentabilidade financeira com a autonomia editorial, a fim de evitar que pressões externas influenciem as decisões da iniciativa.

Outra perspectiva para a ênfase na necessidade de ampliar e fortalecer o modelo de sustentabilidade dessas organizações, pode se relacionar ao fato de que o jornalismo independente ainda está em processo de consolidação e legitimação, tentando estruturar-se para competir com a força de grandes veículos de comunicação (Horn, 2022; Figaro; Silva, 2020). Portanto, sem a infraestrutura robusta dos meios convencionais, eles precisam equilibrar a qualidade do seu trabalho com as exigências de um mercado que já favorece os grandes conglomerados, que possuem mais recursos financeiros.

Dessa forma, a constante menção à sustentabilidade reflete não apenas o esforço para garantir viabilidade econômica e espaço no cenário midiático, mas também o desafio de assegurar sua própria existência. Para o jornalismo independente, não basta apenas focar nos aspectos que o diferenciam e qualificam, pois, mesmo com o compromisso com a qualidade, a

luta pela sobrevivência e manutenção dessas iniciativas se coloca como o principal obstáculo.

Quanto à tentativa de se aproximar mais da audiência para reduzir a dependência das plataformas, destaca-se o problema da intermediação exercida pelas *big techs*. No contexto da plataformação, as organizações jornalísticas já não têm controle sobre sua audiência, que agora está concentrada nas plataformas, que gerenciam o acesso aos usuários e seus dados. Isso cria uma relação na qual os veículos de comunicação precisam se submeter às lógicas dessas plataformas para alcançar seu público (Bell; Owen, 2017). No entanto, se as iniciativas jornalísticas conseguissem ter mais acesso e controle sobre esses dados, essa dependência poderia ser reduzida. Isso permitiria uma relação mais direta com a audiência e mais liberdade para definir estratégias sem precisar seguir completamente as exigências e algoritmos das plataformas.

As recomendações apresentadas pelos jornalistas independentes refletem respostas diretas aos desafios que comprometem a qualidade da produção jornalística, identificados anteriormente neste capítulo. A ampliação e melhor gestão da equipe buscam enfrentar a sobrecarga de trabalho e a escassez de profissionais, problemas que impactam a capacidade de produção e aprofundamento das pautas. Da mesma forma, a diversificação das fontes de financiamento e os modelos cooperativos visam garantir autonomia editorial e superar a limitação de recursos financeiros. Priorizar pautas de interesse público e investir em conteúdos aprofundados respondem à pressão por atualizações rápidas.

Por fim, as estratégias para fortalecer a relação direta com a audiência e reduzir a dependência das plataformas digitais se conectam diretamente aos desafios impostos pela centralização e controle dessas plataformas, que limitam o alcance e a autonomia dos veículos independentes. Investir na capacitação tecnológica da equipe, manter-se atualizado e buscar independência tecnológica são respostas às mudanças constantes nos algoritmos e funcionalidades das plataformas, que dificultam o planejamento e a estabilidade das iniciativas jornalísticas. Inclusive, podem até mesmo amenizar a dificuldade de acesso a fontes e dados por barreiras impostas por governos ou órgãos públicos, com a possibilidade de utilizar recursos tecnológicos e criatividade para trabalhar, por exemplo, com dados abertos (Costa; Rodrigues, 2023).

Nesse conjunto de proposições para o fortalecimento da qualidade, reafirma-se a ideia de que ela se constrói ao longo de diferentes momentos da produção jornalística. As sugestões relacionadas à organização do trabalho, como o aprimoramento do gerenciamento, o combate ao assédio moral, a ampliação da equipe e a implementação de modelos cooperativos de financiamento, indicam a importância de estruturas mais sustentáveis,

autônomas e coerentes com os princípios das iniciativas. Ainda nesse plano organizacional, está a busca por diversificação de fontes de renda, visando garantir a continuidade das atividades sem submeter as decisões editoriais a pressões externas.

Já na rotina do trabalho, aparecem aspectos como o uso de tecnologias para acessar dados, a capacitação técnica da equipe e a adoção de estratégias como o SEO, que impactam diretamente os modos de produção cotidiana. A qualidade do produto é fortalecida pela escolha de pautas de interesse público, pela abordagem investigativa e aprofundada, e pelo compromisso com a autenticidade, com o uso de linguagem acessível e com a visibilidade de temas e territórios negligenciados. Por fim, a relação com a audiência envolve o esforço por vínculos mais diretos e menos mediados pelas plataformas, com maior participação das comunidades locais e grupos sociais. Dessa forma, as recomendações indicadas apontam para a superação dos desafios específicos da produção independente, mas também reforçam uma visão integrada da qualidade jornalística, que envolve organização, rotina e condições de trabalho, produto e relação com a audiência.

Os entrevistados também aprofundaram as características fundamentais para que uma produção jornalística independente seja considerada qualificada. As respostas revelam critérios práticos e éticos que orientam a realização do trabalho jornalístico, indicando como os profissionais compreendem, na prática, o que diferencia uma produção de qualidade no contexto independente. Esses elementos não apenas refletem valores profissionais e expectativas sobre o fazer jornalístico, mas também expressam preocupações com a forma como as reportagens são construídas, desde a apuração até sua apresentação ao público.

O Entrevistado 5 aponta que a qualidade é fundamental para a sustentabilidade dos projetos independentes, que precisam conquistar e manter a confiança do público. Para ele, no contexto de sua atuação online, isso passa pela apuração rigorosa, pela adaptação à linguagem digital e pelo uso eficiente de recursos como fotografia e vídeo. Ele destaca ainda a importância da participação da audiência, mas com atenção à verificação das contribuições recebidas, para evitar a disseminação de desinformação.

A gente tem que tomar cuidado para não fazer com pressa. Se você faz uma reportagem correndo, a chance de errar é muito grande. É seguir a regra básica do jornalismo: apurar, conferir, escrever com qualidade. E, no meu caso, que é o jornalismo digital, eu tenho tido o desafio de aprender a linguagem da internet, que vai um pouco além do simples vídeo que a gente aprende na faculdade. É aprender a linguagem da internet, ter uma boa fotografia, ter um bom vídeo para poder ilustrar. Na minha experiência, eu tenho aprendido que uma matéria legal é

aquela que tem a participação do seguidor, da pessoa do outro lado, que me sugere a pauta, que me ajuda com foto, com vídeo. Isso dá um pouco mais de sabor para a reportagem. E, obviamente, mais qualidade, né? (Entrevistado 5)

A fala do Entrevistado 8 oferece uma reflexão relevante sobre o que se entende, de maneira mais ampla, como jornalismo de qualidade. Em sua percepção, a prática jornalística não deveria necessitar de adjetivos como “independente” ou “alternativo”, pois o essencial está no compromisso com os fatos e com sua contextualização adequada. Ele defende que não existem diferentes tipos de jornalismo, mas sim o que chama de “jornalismo aplicado”, que pode se direcionar a diferentes temas — como periferias, meio ambiente, gênero ou esporte — sem que isso comprometa os princípios básicos da profissão. Para ele, é fundamental distinguir a reportagem da opinião, sendo ambas legítimas desde que fundamentadas em dados verificáveis e respeito ao contexto.

O jornalismo é jornalismo. Ele pode cobrir qualquer coisa, mas ele tem que obedecer às regras do bom jornalismo, o que significa apurar, checar, buscar informações de credibilidade, buscar com que essas informações sejam contextualizadas de tal forma que seu público possa utilizá-las para tomada de decisão. (Entrevistado 8)

Produzir bem uma reportagem exige comprometimento com a veracidade dos fatos, o respeito às fontes e a honestidade no trato das informações. A objetividade, nesse contexto, não é entendida como neutralidade absoluta, mas como um método que orienta a apuração cuidadosa e a checagem dos dados. A ética profissional aparece como base para lidar com personagens e fontes, garantindo uma conduta respeitosa e responsável durante todo o processo de produção. O Entrevistado 8 destacou alguns destes aspectos necessários a produção jornalística independente de qualidade:

Respeito aos fatos, oferecimento de contexto, busca de opiniões relevantes, busca de informações que possam ajudar o meu público a compreender melhor a informação. História... Contar esta história de uma forma interessante, agradável, que atraia o público leitor ou público ouvinte, ou seja lá qual for o meu meio de exercício do jornalismo. É um conjunto de coisas, mas que são construídas em torno do fato e do contexto. E você ser um profissional capaz de trazer opiniões e conhecimentos relevantes para dentro da sua reportagem. Porque a diferença de um artigo de opinião, uma reportagem, não é a sua opinião, é trazer o conhecimento de outros para dentro da sua reportagem. É trazer informação, trazer dados, trazer pesquisa para dentro da sua reportagem e oferecer ao público a melhor informação, o melhor contexto, apresentado da forma mais elegante e agradável

para ser lido, ouvido, assistido, ou seja lá como for. (Entrevistado 8)

A apuração rigorosa é apontada pelos entrevistados como o alicerce da veracidade jornalística, pois é por meio dela que os fatos são revelados em sua complexidade. Ainda que, à primeira vista, certas verdades pareçam evidentes, é a investigação cuidadosa que permite captar nuances, contradições e elementos ocultos das histórias.

Quando a gente está lá estudando jornalismo, tem aquela questão dos quadros do retrato, aquela imagem do soldado puxando a pessoa. Quando você divide a imagem, em uma parece que ele está tentando matar a pessoa, mas na verdade está tentando ajudar. Então, ter o cuidado de identificar, saber apurar o que está sendo falado, prezar por essa dimensão mesmo de você escrever o que de fato aconteceu. Claro que algumas coisas acabam passando, porque a gente precisa escolher algumas coisas para poder falar. A gente não consegue falar de tudo ao mesmo tempo, mas se a gente decide falar de uma parte, que essa parte seja suficientemente transparente para que ela não deixe nenhum tipo de lacuna para outros tipos de interpretação (Entrevistada 6).

Embora a objetividade esteja presente, vinculada a noção de uma apuração rigorosa, no caso dos entrevistados ela aparece como um método orientador da apuração, uma ferramenta que ajuda a organizar o trabalho jornalístico. No entanto, sem desconsiderar que o jornalista é, inevitavelmente, afetado pelos acontecimentos que cobre, conforme enfatizado pela Entrevistada 9. Para ela, um jornalismo humanizado, que reconhece essa subjetividade e se compromete com as pessoas, capaz de lidar com as contradições e vulnerabilidades dos sujeitos envolvidos na notícia, é também um jornalismo que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão no público.

Como é que eu posso relatar com tamanho distanciamento uma parada que, porra... Um negócio que te enoja, que te revolta, que te emociona, que te alegra. Porque são afetos, né? Você está sendo afetado pelos acontecimentos; são as limitações humanas, né? Então, é por isso que eu gostaria de nunca precisar usar a expressão jornalismo humanizado, porque deveria ser óbvio. De novo, se você trabalha o tempo todo com gente, tudo é sobre gente, é para gente, como que o jornalismo não vai ser humanizado? O problema é que, em oposição a um jornalismo que desumaniza, principalmente parcelas específicas de uma sociedade, completamente desigual, doente, violenta, em que algumas vidas valem muito mais do que outras, em que há criminalidades, vidas elimináveis, eu acho que a gente precisa, sim, falar de jornalismo humanizado. Porque existe o jornalismo que desumaniza (Entrevistada 9).

A percepção da entrevistada, ao reconhecer que o jornalista também é afetado

pelos acontecimentos e pelas histórias que relata, faz lembrar reflexões de Medina (2016; 2008), que valoriza a presença da sensibilidade e dos afetos no fazer jornalístico. Para a autora, a entrevista é uma interação social profundamente humana, marcada pela escuta atenta, pela troca e pela possibilidade de transformação mútua. Jornalista e entrevistado não apenas compartilham informações, mas se influenciam, constroem sentidos juntos e, em certo grau, se modificam com o encontro. Essa visão de Medina (2008) amplia a compreensão da prática jornalística para além da coleta de informações: trata-se de uma experiência que mobiliza razão e emoção, que envolve vínculos e exige abertura para o inesperado. Ao reconhecer a potência criadora dessa interação, Medina nos convida a olhar para a entrevista como um espaço de subjetividades em contato, onde o jornalista não sai ileso — e é justamente essa disposição para ser afetado que qualifica, em parte, a profundidade do encontro e, por extensão, a qualidade da produção jornalística.

A escuta de todos os lados envolvidos nos fatos foi apontada com frequência como um princípio essencial para a produção de reportagens de qualidade. O jornalismo de qualidade, segundo os relatos, deve se empenhar em escutar todos os envolvidos na história, dando espaço para as diferentes vozes que compõem o acontecimento. Mesmo nos casos em que uma das partes se recusa a falar, é fundamental registrar que a oportunidade foi oferecida, demonstrando o compromisso com a pluralidade e a imparcialidade no tratamento da informação.

Essa perspectiva se manifesta no relato do Entrevistado 1, que ressaltou que uma boa apuração exige ouvir tanto a parte ofendida quanto os demais personagens da história, além de registrar cuidadosamente os elementos do caso com imagens, áudios ou fotos. Segundo ele, o jornalista deve garantir que as pessoas citadas reconheçam que houve um esforço para relatar os fatos de forma justa, destacando que, mesmo sob pressão do fechamento do jornal, não se deve publicar sem ao menos tentar ouvir a parte citada. A Entrevistada 6 também complementa:

A gente não pode se limitar a só chancelar uma questão que está ali. Isso não estou falando das checagens, porque as checagens são muito objetivas. Se é mentira, por que ela é mentira? E explicar o porquê que ela é mentira. Nas reportagens, é a gente dar a oportunidade de fala para todo mundo que está envolvido ali, mas deixar de maneira bem transparente o porquê que a gente está escrevendo aquela matéria. A gente não está escrevendo por escrever. Existe um fato, e aí existem as entrelinhas desse fato. A gente precisa cobrir todas, tentar cobrir todos esses buracos daquele tema, mas também dando oportunidade para as pessoas se defenderem. A gente pode, aqui, ‘ah, fulano é negacionista

climático e tal’. Beleza, citamos o fulano, mas a gente vai dar, aqui, ‘fulano, estamos fazendo uma reportagem tal, estamos falando isso e isso de você. Estamos dando espaço para você falar’. A pessoa, se ela quiser, ela fala, se ela não quiser, ela não fala (Entrevistada 6).

As entrevistadas 2 e 3 ressaltam ainda a importância do profissionalismo e das condições adequadas de trabalho para o exercício do jornalismo com qualidade. Isso inclui desde a formação e preparação dos profissionais até aspectos práticos como acesso a equipamentos, segurança no trabalho e condições dignas de atuação.

Eu acho que precisa ter, primeiro, condições de exercício do trabalho. Por exemplo, você não pode cobrir um incêndio vestindo roupa de nylon e calçando um sapato de pano. Você não pode ir para uma história de demolição sem capacete. Tipo isso, para começar, a condição de trabalho. E ter respeito à sua condição humana de ser. Eu acho que isso é fundamental na produção. Agora, não é assim que funciona. No dia a dia, você faz o que for possível, o jornalista que se vire... Ele está com a pauta e nós morremos pela pauta, sabe? Isso é o que nos ensinam desde cedo, que o mais importante é a notícia, você só é o veículo para botar a notícia no ar ou no jornal (Entrevistada 3).

Ela [a produção independente de qualidade] tem de ter, sobretudo, profissionais bem preparados. Nunca acreditei num jornalismo em que não houvesse um recorte, que soubesse juntar saber com sabor, vamos dizer assim. Então, não acredito num bom jornalismo — e aí não estou sendo elitista, não, viu? Estou trazendo uma ideia de uma sensibilidade forjada numa subjetividade que, por mais que você não saiba onde ficam as pirâmides, por exemplo, você terá uma curiosidade em saber. Acho que a curiosidade, no sentido de ampliar a informação, o texto, complementa uma sensibilidade que está conseguindo perceber que alguma coisa está errada ou alguma coisa está bem feita. Acho que é essa junção do conhecimento com a sensibilidade, até empírica, que ela se dê. Senão, não acredito. Não acredito que você tenha um bom jornalista, porque o cara só reproduz e acha que é aquilo mesmo. Não acredito nisso. Também não me interessa. (Entrevistada 2)

A narrativa e a forma de apresentação também são aspectos valorizados, como já ilustrado na fala do Entrevistado 8. A Entrevistada 9 também complementa, indicando que um texto bem construído deve apresentar recursos narrativos que tornem a leitura envolvente. “Você é capaz, por exemplo, de transportar a pessoa para aquela cena que só você testemunhou. Quando ela te lê, ela consegue, sei lá, dependendo da história que você tá contando, consegue sentir até cheiro, cara, consegue ouvir barulho” (Entrevistada 9).

Em síntese, os depoimentos revelam que a qualidade no jornalismo independente

está fortemente vinculada à responsabilidade social da informação e à liberdade de apuração. Para os entrevistados, uma produção jornalística bem feita é aquela que alia rigor na investigação dos fatos, escuta plural das vozes envolvidas, boa narrativa e apresentação e sensibilidade diante das questões humanas. Esses elementos não se apresentam de forma isolada, mas se articulam em uma prática que busca equilibrar conhecimento técnico, ética profissional e compromisso com o público.

Nesse sentido, o jornalismo independente é visto como um espaço onde se pode exercer maior autonomia editorial e escapar de pressões econômicas e políticas que limitam a cobertura nos grandes veículos. Ainda que enfrentem obstáculos estruturais e limitações materiais, os profissionais entrevistados enxergam na independência a possibilidade de produzir um jornalismo mais crítico, atento às contradições sociais e capaz de promover reflexão. Para tanto, ressaltam também a importância de condições dignas de trabalho, que garantam não apenas os meios técnicos para a apuração, mas também o respeito à dimensão humana do jornalista como sujeito ativo no processo de construção da notícia.

6.4 Dimensões de qualificação do jornalismo

A compreensão das dimensões de qualidade do jornalismo independente se fortalece quando relacionadas às características que o definem, aos desafios enfrentados para assegurar a qualidade, às sugestões de aprimoramento apontadas por jornalistas e, por fim, às motivações para atuar nesse ambiente. Esses elementos aparecem ao longo da dissertação por integrarem uma mesma lógica de análise sobre a qualificação do jornalismo: as dimensões representam os critérios que orientam o ideal de qualidade; os desafios expressam os obstáculos que dificultam sua efetivação; as sugestões indicam possibilidades de superação identificadas pelos profissionais; e as motivações revelam os princípios e compromissos que impulsionam a atuação no campo independente. Ao considerar essas conexões, busca-se evidenciar como diferentes aspectos da experiência profissional se articulam com os valores representados pelas dimensões, contribuindo para compreender os sentidos atribuídos à qualidade nesse contexto.

A definição das 17 dimensões de qualidade do jornalismo partiu de uma investigação realizada no âmbito de um projeto de iniciação científica durante a graduação (Costa, 2021). O ponto de partida foi uma revisão de literatura sobre qualidade no jornalismo, também reforçada e ampliada nesta dissertação, que reuniu diferentes propostas de autores sobre o tema. A análise desse material levou à identificação de diversos indicadores de

qualidade, que, em razão da sua especificidade, podiam ser organizados em conjuntos mais amplos. Esses conjuntos deram origem a 17 dimensões principais: objetividade, subjetividade, pluralidade, veracidade, interesse público, transparência, responsabilidade social, independência, apartidarismo, imparcialidade, verificabilidade, precisão, proximidade, atualidade, diversidade, presencialidade e ética.

Tabela 21 – Dimensões de qualificação do jornalismo³⁷

Dimensão de qualidade	Descrição
Veracidade	Informação confiável e com fatos verificáveis
Transparência	Explicita linha editorial, fontes de financiamento, processos de apuração
Responsabilidade e social	Traz informações para a conscientização da sociedade e para o exercício da cidadania
Ética	Assume uma conduta responsável em relação à informação, às pessoas e às fontes que utiliza
Precisão	Apresenta informação com exatidão, evitando erros e ambiguidade
Atualidade	Traz informações que estão em debate na sociedade naquele momento
Verificabilidade	É possível compreender o percurso de apuração, pela identificação de fontes, origem de dados, marcadores espaciais e temporais
Pluralidade	Tem várias fontes de informação, temas, entre outros dados
Objetividade	Na notícia, prioriza o fato separando-o de opinião e emoção
Interesse público	Apresenta informação relevante, útil ou de valor social
Independência	Demonstra autonomia em relação aos interesses comerciais e políticos da empresa de jornalismo.
Diversidade	Tem discurso e temas variados, com narrativa inclusiva e ponto de vista de grupos pouco representados
Apartidarismo	Se distancia de interesses partidários
Imparcialidade	Garante cobertura neutra e equilibrada entre pontos de vista

³⁷ As dimensões de qualidade jornalística apresentadas nesta tabela constituem uma proposta inicial de sistematização, sem a intenção de esgotar ou restringir as interpretações possíveis na análise dos dados. Essa definição é compreendida como parte de um processo investigativo em desenvolvimento, que ultrapassa os limites desta dissertação.

Dimensão de qualidade	Descrição
Proximidade	Aborda temas por uma perspectiva local, como a rua, o bairro, a cidade
Presencialidade	A notícia transmite sensação de que o jornalista esteve no local dos fatos
Subjetividade	Na notícia, apresenta o fato e também se posiciona e expressa emoções

Fonte: Elaborada pela autora.

Essas dimensões passaram a ser compreendidas como categorias abrangentes, capazes de reunir indicadores mais específicos, que muitas vezes atravessam mais de uma delas. Por isso, deixaram de ser tratadas apenas como indicadores e passaram a ser entendidas como dimensões de qualidade, pois oferecem uma visão mais ampla das práticas, concepções e princípios que envolvem o fazer jornalístico. A proposta, desde então, tem sido organizar essas dimensões de forma hierárquica, com o objetivo de entender quais delas têm maior peso na definição da qualidade no jornalismo, ao mesmo tempo em que se constrói um modelo que possa ser utilizado para mensurar, a partir das dimensões, a qualidade da atividade jornalística.

Essas considerações partem da compreensão, ao longo da pesquisa, de que essas dimensões se manifestam em diferentes momentos do processo jornalístico: na organização do trabalho, nas rotinas de trabalho, no produto e na relação com a audiência. Outro ponto importante é que a qualidade jornalística não depende apenas do que acontece dentro das redações. Fatores externos, como a cultura das organizações e o contexto social mais amplo, também influenciam diretamente o que é produzido — o que vai ao encontro do que defendem Romero-Rodríguez e Aguaded (2016). Considerando a relação de influência entre agentes internos e externos à prática jornalística, bem como o caráter das dimensões de qualidade identificadas, a pesquisa passou a distinguir dois níveis de qualidade: um relacionado à atividade jornalística e outro ao produto final (Costa, 2021).

Essa distinção tem um propósito estritamente analítico, permitindo identificar em que momentos do processo jornalístico determinadas dimensões se manifestam de forma mais evidente. Dimensões como ética e responsabilidade social, por exemplo, estão mais diretamente ligadas à atividade profissional, pois envolvem escolhas e condutas assumidas antes, durante e depois da produção da notícia. Já outras, como precisão e verificabilidade, para citar exemplos, estão vinculadas ao produto, embora resultem de decisões tomadas ao longo do processo produtivo. A verificabilidade, por exemplo, diz respeito à possibilidade de

o público compreender o percurso realizado pelo jornalista — por meio da identificação de fontes e da apresentação de informações que revelem como aquele conteúdo foi construído. Esses são exemplos de indicadores mais específicos que apontam para a presença da dimensão de verificabilidade no conteúdo jornalístico. Com base nisso, entende-se que a qualidade pode ser também analisada como uma questão de grau (Lacy; Rosenstiel, 2015), considerando que, quanto mais elementos relacionados a essa e outras dimensões estiverem presentes, maior pode ser a percepção de qualidade do produto e da atividade jornalística.

Dessa forma, essa distinção entre níveis permite observar como as diferentes dimensões de qualidade se distribuem ao longo da produção jornalística e como atuam, de forma complementar, na construção da informação. Além disso, a pesquisa parte do reconhecimento de que a percepção da qualidade pode variar conforme o público envolvido. Jornalistas, fontes, gestores, donos de veículos ou a própria audiência podem atribuir sentidos distintos ao que consideram ser qualidade no jornalismo (Costa, 2021). Essa pluralidade de interpretações possíveis reforça a importância de considerar os diferentes contextos e experiências de quem avalia as práticas jornalísticas.

6.4.1 Importância atribuída por jornalistas independentes

Para entender quais dimensões são mais valorizadas para a qualidade do jornalismo independente, os participantes atribuíram valores a 17 dimensões, com o valor 5 representando o nível mais alto de importância e 1 o nível mais baixo. A Tabela 22 organiza as dimensões de acordo com o peso dado pelos respondentes, priorizando aquelas com maior porcentagem de atribuições ao valor 5, seguidas pelas que receberam maior proporção de valores 4, e assim sucessivamente. Dessa forma, as dimensões são apresentadas na ordem de sua relevância, conforme a percepção dos profissionais sobre sua contribuição para o jornalismo independente. Por outro lado, em nossa análise, levamos em consideração as categorias de importância “acima da média”, referente a soma dos níveis 5 e 4, “na média” para as atribuições de nível 3, e “abaixo da média” com a soma dos níveis 2 e 1.

Tabela 22 – Dimensões de qualificação do jornalismo na percepção de profissionais independentes

Dimensões	Nível 5		Nível 4		Nível 3		Nível 2		Nível 1	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ética	28	96,5%	0	0%	1	3,4%	0	0%	0	0%

Dimensões	Nível 5		Nível 4		Nível 3		Nível 2		Nível 1	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Veracidade	26	89,6%	2	6,8%	1	3,4%	0	0%	0	0%
Responsabilidade social	24	82,7%	4	13,7%	1	3,4%	0	0%	0	0%
Independência	24	82,7%	3	10,3%	2	6,8%	0	0%	0	0%
Interesse público	23	79,3%	5	17,2%	1	3,4%	0	0%	0	0%
Verificabilidade	22	75,8%	6	20,6%	1	3,4%	0	0%	0	0%
Transparência	22	75,8%	4	13,7%	2	6,8%	1	3,4%	0	0%
Precisão	21	72,4%	7	24,1%	1	3,4%	0	0%	0	0%
Pluralidade	19	65,5%	6	20,6%	3	10,3%	1	3,4%	0	0%
Diversidade	16	55,1%	8	27,5%	4	13,7%	1	3,4%	0	0%
Objetividade	13	44,8%	7	24,1%	7	24,1%	1	3,4%	1	3,4%
Atualidade	11	37,9%	8	27,5%	10	34,4%	0	0%	0	0%
Imparcialidade	11	37,9%	4	13,7%	3	10,3%	1	3,4%	10	34,4%
Presencialidade	9	31,0%	9	31,0%	10	34,4%	1	3,4%	0	0%
Proximidade	9	31,0%	7	24,1%	13	44,8%	0	0%	0	0%
Apartidarismo	7	24,1%	6	20,6%	9	31,0%	3	10,3%	4	13,7%
Subjetividade	4	13,7%	3	10,3%	13	44,8%	7	24,1%	2	6,8%

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados obtidos revelam a importância atribuída pelos respondentes às diferentes dimensões de qualificação do jornalismo no contexto independente. As cinco primeiras dimensões foram classificadas pelo maior número de atribuição 5, mas também apresentaram boa avaliação segundo a soma dos níveis 5 e 4 de importância, sendo elas ética (96,5%), veracidade (96,5%), responsabilidade social (96,5%), independência (93,1%) e interesse público (96,5%), que superaram 90% de atribuição de importância acima da média.

Também considerando a soma das atribuições mais altas de importância, de nível 5 e 4, podemos notar a boa avaliação das dimensões classificadas em média posição. Nesse sentido, Verificabilidade e Precisão alcançaram 96,5% de importância acima da média cada, seguidas por Transparência com 89,6%, Pluralidade com 86,2% e Diversidade com 82,7%. Já as dimensões Objetividade e Atualidade obtiveram, respectivamente, 68,9% e 65,5%.

As dimensões que apresentaram maior divergência foram Imparcialidade,

Presencialidade, Proximidade, Apartidarismo e Subjetividade. Conforme observado na Tabela 22, Presencialidade é considerada de importância acima da média para 62,0% dos respondentes e de importância média para 34,4%. Proximidade apresentou apenas importância acima da média, com 55,1%, e na média, com 44,8%. Apartidarismo, por outro lado, já obteve um número mais baixo de importância acima da média, com 44,8%, além de ser considerado por 31,0% com importância média e 24,1% com importância abaixo da média.

De modo geral, entre todas as dimensões, percebe-se uma baixa atribuição de valores de nível 1 e 2, com destaque para Imparcialidade e Subjetividade, que tiveram respectivamente 37,9% e 31,0% de avaliação de menor importância para a qualidade do jornalismo independente cada, somando o resultado dos dois níveis inferiores. Entre as duas, a dimensão Imparcialidade foi a que obteve mais avaliação de nível 1, com uma proporção de 34,4%, mas também foi a que recebeu mais importância acima da média, com 51,7%, enquanto Subjetividade teve 24,1%, sendo melhor avaliada com importância média (44,8%).

Os resultados confirmam que, para jornalistas independentes, a percepção da qualidade jornalística permanece alinhada às concepções tradicionais da profissão, evidenciando a continuidade de valores e princípios que historicamente orientam o jornalismo (Karam, 2004). A maior valorização das dimensões ética, veracidade, responsabilidade social, independência e interesse público pode ser compreendida a partir da noção dos princípios fundamentais que conferem sentido à prática jornalística enquanto instituição, refletindo o que se espera do jornalismo em termos de responsabilidade e compromisso com o público.

A elevada atribuição de importância às dimensões de verificabilidade, precisão, transparência, pluralidade e diversidade reforça uma visão de qualidade pautada na consistência da informação e na presença de diferentes vozes e pontos de vista. Embora essas dimensões tenham aparecido em posição intermediária, o percentual elevado de avaliação acima da média (superior a 82% em todos os casos) indica a existência de um núcleo ampliado de atributos valorizados, associados a uma produção jornalística atenta aos detalhes e comprometida com a diversidade de perspectivas. Em contraste, dimensões como atualidade e objetividade obtiveram menores índices de atribuição de importância acima da média, o que pode indicar uma resistência ao imediatismo ou à pretensa neutralidade do jornalismo convencional. A tendência a uma produção mais lenta no jornalismo independente é apontada por Figaro, Barros e Kinoshita (2019), embora para os autores essa dinâmica do fluxo de produtividade ainda seja uma característica que está condicionada à urgência dos acontecimentos.

Em relação às dimensões com maiores divergências, o caso da Imparcialidade é particularmente revelador: embora tenha sido valorizada positivamente por uma parcela dos respondentes (51,7% de importância acima da média, somando os níveis 4 e 5), foi também a dimensão com maior índice de avaliação de menor importância (34,4% no nível 1), o que evidencia um conflito de interpretações sobre seu papel no jornalismo independente. Esse dado pode refletir uma tensão entre princípios clássicos de imparcialidade e propostas mais engajadas, comuns em iniciativas independentes (Silva; Santos, 2023; Patrício; Lima, 2022; Silveira; Ramos, 2022; Figaro; Barros; Kinoshita, 2019). A subjetividade, por sua vez, também apresenta grau significativo de rejeição (31,0% somando os níveis 1 e 2), mas é majoritariamente percebida como de importância média (44,8%), o que pode indicar uma aceitação parcial da subjetividade como elemento possível, ou mesmo necessário, em certas abordagens jornalísticas.

A dimensão proximidade também apresentou maior divergência entre os respondentes. Embora tenha se classificado com maior valor acima da média (55.1%), sua classificação foi baixa, ocupando a 15ª posição dentre as 17 dimensões de qualificação. Esses resultados contrastam, em certa medida, com as expectativas iniciais da pesquisa, visto a importância percebida na literatura acadêmica sobre qualidade jornalística (Rivas-de-Roca, Caro-González e García-Gordillo, 2020; Santos; Guazina, 2020b; Jenkins; Nielsen, 2019) e jornalismo independente (Silva; Santos, 2023; Patrício, 2022; Silveira; Ramos, 2022), em relação a produção local e ao contato mais profundo com a audiência e as comunidades locais.

6.4.2 Dimensões da qualidade em relação às motivações, características definidoras e desafios do jornalismo independente

A compreensão das dimensões que qualificam o jornalismo independente ganha densidade quando articulada às motivações que levam profissionais a atuarem nesse ambiente laboral, às características que consideram definidoras desse modelo e aos desafios enfrentados para assegurar a qualidade de sua produção. Ao analisar esses elementos em conjunto, observa-se que a busca por maior autonomia editorial, o compromisso com pautas e grupos sociais pouco representados e a defesa de um jornalismo distante de grandes grupos econômicos e políticos estão no centro das razões que impulsionam essas iniciativas. Essas motivações se alinham diretamente com as dimensões mais valorizadas pelos respondentes, como independência, interesse público, diversidade e responsabilidade social, revelando uma coerência entre os princípios que orientam suas práticas e os critérios que atribuem à

qualidade jornalística. Por outro lado, os desafios apontados — como escassez de recursos, dificuldade de sustentação financeira e tensionamentos com plataformas — indicam obstáculos concretos para manter tais padrões, evidenciando que, embora exista entendimento comum sobre o que constitui um jornalismo de qualidade nesse contexto, sua viabilidade depende de condições estruturais ainda frágeis.

Dessa forma, conforme nossa análise, a expressiva valorização das dimensões Independência (93,1%) e Interesse Público (96,5%) entre jornalistas independentes revela uma ligação direta com as motivações declaradas para atuar no campo. Muitos desses profissionais buscam fugir de amarras corporativas que comprometem a autonomia editorial e optam por uma prática mais engajada socialmente. A qualidade, nesse contexto, está intrinsecamente associada à possibilidade de desenvolver um jornalismo comprometido com causas sociais relevantes e com a produção de sentidos que escapem à lógica mercantil da mídia convencional, conforme características apontadas pelos respondentes como definidoras do seu modo de fazer jornalismo, em ambientes não convencionais.

A forte valorização das dimensões diversidade e pluralidade está diretamente ligada à forma como muitos respondentes definem o jornalismo independente: como um espaço voltado à ampliação de vozes e à promoção dos interesses de comunidades locais. Ao buscarem romper com a narrativa padronizada das grandes redações, essas iniciativas constroem sua identidade por meio da escuta ativa de grupos historicamente marginalizados — sendo esse um motivo citado por 31% dos respondentes como fator que os levaram a atuar nesse ambiente —, da abordagem de temas invisibilizados e da valorização de diferentes pontos de vista. Nessa perspectiva, garantir a qualidade não significa seguir os modelos convencionais, mas sim construir formas de fazer jornalismo que sejam mais representativas da realidade de certos territórios e grupos sociais.

Muitos dos respondentes se veem como mediadores entre comunidades e informação, com o propósito de produzir conteúdos que contribuam para a cidadania e respondam a demandas sociais específicas. Para 51,7%, o jornalismo independente se caracteriza pelo forte vínculo com a comunidade local, promovendo causas sociais, culturais e/ou políticas, com ênfase na realidade territorial e nas questões da região. Além disso, 27,5% apontaram como motivação para atuar nesse ambiente o interesse em atender às necessidades informativas de comunidades específicas, oferecendo conteúdos que reflitam suas realidades, com representatividade e impacto social. Esses dados indicam que o compromisso com a sociedade é entendido como parte central da qualidade no jornalismo independente, em

consonância com a alta valorização da dimensão da Responsabilidade Social. Nesse sentido, a produção não se limita a relatar os fatos, mas busca se integrar ao cotidiano das comunidades.

As respostas ambíguas sobre imparcialidade e subjetividade revelam uma crítica implícita ao ideal de neutralidade jornalística, muitas vezes associado ao jornalismo convencional. Entre jornalistas independentes, 51,7% atribuem alta importância à imparcialidade, enquanto 37,9% a consideram pouco relevante, indicando uma divisão interna entre a valorização de um jornalismo equilibrado e a aceitação de que o jornalismo pode assumir um posicionamento, que envolva emoções e marcas pessoais. Essa ideia é reforçada pelo fato de que 34,4% dos entrevistados apontam como característica do jornalismo independente a adoção de um posicionamento bem definido e justificado nos grandes debates públicos, em oposição ao discurso de neutralidade do jornalismo convencional. Assim, para parte desses profissionais, expressar um ponto de vista crítico e transparente é não apenas legítimo, mas essencial para garantir a qualidade do jornalismo.

Mesmo que os independentes atribuam alta importância a diversas dimensões da qualidade, os desafios enfrentados para manter uma prática jornalística consistente não podem ser ignorados. A escassez de financiamento, a sobrecarga de funções e a precariedade de condições criam um contexto de produção que muitas vezes impede a plena realização desses princípios de qualidade. Assim, a valorização de dimensões como veracidade, precisão ou transparência pode entrar em conflito com a rotina real de trabalho, gerando uma tensão constante entre os ideais do campo e suas possibilidades materiais.

Do mesmo modo, a menor valorização relativa de dimensões como atualidade (65,5%) e objetividade (68,9%), em comparação com jornalistas em geral, pode ser interpretada à luz de rotinas de trabalho mais flexíveis, horizontais e menos voltadas à lógica do imediatismo. Os dados sugerem um distanciamento de um dos princípios fundantes da atividade jornalística, relacionado a periodicidade diária como organizadora do fazer jornalístico. As iniciativas independentes tendem a priorizar a contextualização, a escuta e a profundidade, o que implica outro entendimento sobre o tempo e o modo de apuração. Essa reorganização dos critérios permite uma prática menos centrada no "furo" e mais focada na relevância social, no engajamento comunitário e na construção coletiva da narrativa — o que, novamente, reafirma a ideia de que qualidade, nesse ambiente, é compreendida a partir de outros referenciais, ainda que compartilhe valores e princípios que historicamente conferem sentido ao jornalismo.

6.5 O que é qualidade para quem faz jornalismo independente

A qualidade no jornalismo independente emerge, a partir dos relatos dos profissionais entrevistados, como um conceito profundamente enraizado na responsabilidade social da informação e na liberdade editorial. Os jornalistas ouvidos atuam em diferentes frentes, de blogs locais a agências de checagem, passando por iniciativas temáticas e autônomas. Essa diversidade reflete uma multiplicidade de missões, abordagens e modelos de produção que, embora distintos em forma, compartilham princípios comuns. Entre eles, destaca-se a rejeição à lógica de mercado que subordina o jornalismo aos interesses de grandes grupos econômicos ou políticos.

No espaço independente, a liberdade de pauta, a ausência de “amarras” corporativas e o engajamento direto com comunidades permitem uma prática mais crítica e comprometida com as realidades sociais frequentemente negligenciadas pela grande imprensa. Mais do que uma busca por excelência técnica, a qualidade no jornalismo independente se configura como uma prática orientada pelo interesse público e sensível às dinâmicas sociais. É movida por um senso ético e pelo reconhecimento de que o jornalismo exerce um papel essencial na democracia. Trata-se, portanto, de uma qualidade vinculada à sua função pública e fortalecida pelo distanciamento de interesses empresariais, o que favorece um compromisso ativo com a sociedade e com os grupos que historicamente tiveram sua voz silenciada. Essa liberdade editorial e a desvinculação de interesses privados garantem maior autonomia ao jornalista para apurar e narrar os fatos sem censuras explícitas ou pressões veladas, ainda que persistam dinâmicas que tensionam constantemente essa liberdade.

O jornalismo independente, nesse sentido, se mostra atento às contradições da sociedade e busca atuar como mediador entre diferentes grupos sociais, promovendo a visibilidade de sujeitos e territórios invisibilizados. O engajamento com causas sociais e a proximidade com comunidades não se confundem com ativismo acrítico ou abandono da veracidade. Pelo contrário, reforçam a ideia de que o jornalismo pode ser posicionado sem abrir mão do compromisso com os fatos. Além disso, ao invés de reproduzir enquadramentos que padronizam o discurso e estigmatizam realidades, jornalistas independentes veem na humanização das narrativas uma forma de desafiar o predomínio das vozes hegemônicas e de abrir espaço para outras perspectivas, deslocando o olhar do centro para as bordas e substituindo a lógica da representação por uma lógica de presença.

A qualidade também passa pela transparência editorial e pelo reconhecimento de que toda produção jornalística é atravessada por escolhas — de temas, enfoques e linguagem

— que refletem visões de mundo. Assim, em vez de buscar uma neutralidade idealizada, que frequentemente encobre posicionamentos e limita a pluralidade do debate, os profissionais independentes defendem a declaração explícita de seus próprios valores e perspectivas. Essa postura não diminui o compromisso com a qualidade jornalística; ao contrário, reforça a responsabilidade de garantir uma escuta plural, manter a honestidade intelectual e adotar rigor nos processos de apuração. Declarar de que lugar se fala exige ainda mais cuidado com a veracidade dos fatos e com a diversidade de vozes representadas. Nesse sentido, a precisão factual e o respeito aos métodos de investigação se colocam como elementos inegociáveis. Apurar bem, ouvir todos os lados envolvidos e tratar os dados com responsabilidade são tarefas que, mesmo em contextos de recursos limitados, seguem sendo centrais na concepção de um jornalismo de qualidade.

No entanto, produzir com qualidade nesse ambiente implica enfrentar desafios significativos. Os relatos revelam um cotidiano marcado por vulnerabilidades, desde a precarização das condições de trabalho até ameaças diretas à segurança pessoal. A ausência de respaldo institucional, a instabilidade financeira e o acúmulo de funções são obstáculos concretos que impactam o fazer jornalístico. Ainda assim, muitos profissionais encontram na independência um espaço de resistência e reinvenção. A persistência, como apontam alguns, não é apenas uma questão de sobrevivência, mas expressão de um profundo vínculo com a profissão e com a missão de preencher lacunas deixadas pelos grandes meios.

Por fim, a qualidade também se manifesta na capacidade de inovar, experimentar e dialogar com os contextos tecnológicos e culturais contemporâneos. A flexibilidade diante das mudanças no ecossistema midiático e o uso criativo de plataformas digitais mostram que, mesmo diante das dificuldades — e das complexidades inerentes a essa relação —, o jornalismo independente se reinventa e mantém viva a sua relevância social.

Em suma, a qualidade no jornalismo independente não é medida apenas por critérios técnicos, mas pela coerência entre meios, fins e valores. Ela nasce da liberdade de pautar o que importa, da coragem de investigar com profundidade, da honestidade em assumir perspectivas e da escuta atenta à pluralidade de vozes. É uma qualidade que se constrói no cotidiano, em meio às incertezas, mas sempre orientada por um firme compromisso com o público e com o papel transformador da informação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, procurou-se compreender como os jornalistas que atuam no campo do jornalismo independente concebem e aplicam o conceito de qualidade em suas rotinas e práticas profissionais. As três questões norteadoras — que características, princípios e dimensões definem o jornalismo independente na perspectiva de profissionais atuantes nesse ambiente laboral? Como esses profissionais definem o que é qualidade na sua produção jornalística? Quais rotinas e práticas consideram importantes para a qualidade da produção jornalística independente? — foram exploradas por meio do diálogo com esses profissionais, aliando questionário e entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta.

As respostas permitiram não apenas mapear percepções individuais, mas também reconhecer traços comuns entre diferentes experiências, indicando que, embora plural, o campo compartilha preocupações recorrentes com a autonomia editorial, o compromisso com causas sociais, a conexão com os territórios e comunidades e, de forma indissociável, os desafios de sustentabilidade financeira que atravessam essas iniciativas. A permanência e a consolidação do jornalismo independente estão diretamente ligadas à sua capacidade de se manter, resistir e se reinventar em contextos marcados por restrições orçamentárias e disputas por alcance e visibilidade, o que torna a dimensão da sustentabilidade um eixo central das reflexões sobre qualidade no contexto do jornalismo não convencional.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado, ao investigar como jornalistas que atuam no campo independente compreendem e aplicam o conceito de qualidade em suas práticas profissionais. Os dados da pesquisa revelam que o jornalismo independente, embora se coloque como alternativo ao modelo convencional, não rompe com os princípios historicamente associados à profissão. Valores como ética, responsabilidade social, compromisso com a veracidade e rigor na apuração seguem sendo reconhecidos como essenciais. Há também convergências com o jornalismo convencional em aspectos como atenção à qualidade técnica e narrativa. Essas aproximações indicam que as iniciativas independentes não se distanciam da ideia de jornalismo enquanto prática profissional comprometida com o interesse público, ainda que questionem determinadas formas institucionais de exercê-la.

Os objetivos específicos também foram atendidos: a pesquisa contextualizou transformações relevantes para o campo, refletindo como atravessam as dimensões da qualidade, identificou os marcadores presentes na literatura sobre o jornalismo independente e os confrontou com a prática cotidiana e valores dos profissionais independentes, além de

analisar as rotinas e princípios que sustentam e qualificam suas produções.

Nesse sentido, o jornalismo independente afirma sua singularidade ao propor modos de organização e produção que tensionam as estruturas tradicionais. A centralidade da autonomia editorial, colocada acima de interesses comerciais e pressões externas, distingue essas iniciativas de modelos convencionais que, embora também reivindiquem independência, frequentemente a subordinam a lógicas de mercado. Além disso, destacam-se como elementos distintivos dessas iniciativas a valorização das comunidades locais e a cobertura de temas e grupos negligenciados pela grande imprensa.

Os jornalistas entrevistados também endossam a importância do discurso democrático, plural, que não reforça estigmas ou desumaniza parcelas da população. Soma-se a isso a crítica à noção de neutralidade, entendida por muitos desses profissionais como um mecanismo de invisibilização de desigualdades e de reprodução de hegemonias. Nessa perspectiva, o jornalismo independente se constitui como um espaço de reconfiguração do fazer jornalístico, buscando novos sentidos de legitimidade e ampliando os horizontes de representação social.

Não por acaso, é na organização e nas rotinas de trabalho que a qualidade do jornalismo independente mais se expressa. A estrutura interna dessas organizações tende a ser horizontal, promovendo a participação coletiva e fortalecendo vínculos solidários entre seus membros. Além disso, a colaboração entre diferentes iniciativas e profissionais configura redes que contribuem para a construção de um ecossistema mais cooperativo. Para sustentar esse modelo com independência, apostam em formatos alternativos de financiamento, como o apoio direto da audiência, parcerias e diversificação de fontes de receita, em estratégias que buscam viabilizar economicamente a prática sem comprometer sua autonomia editorial.

Quanto às rotinas de trabalho, os profissionais independentes enfrentam as mesmas pressões relacionadas ao tempo, à produtividade e à limitação de recursos, lidando muitas vezes com a sobrecarga e a necessidade de assumir múltiplas funções. Ainda assim, buscam contornar essas adversidades com práticas que valorizam a apuração cuidadosa, a rejeição ao imediatismo e o compromisso com uma produção reflexiva, crítica e posicionada. O produto e a relação com a audiência refletem diretamente as decisões e práticas realizadas nesses dois primeiros momentos, reforçando a visão de um jornalismo que busca ser socialmente responsável e relevante.

Neste contexto, o jornalismo independente se apresenta como um campo fértil para investigar de que forma essas noções de qualidade são ressignificadas fora dos padrões convencionais. Ainda que o termo “jornalismo independente” abrigue uma diversidade de

práticas e estruturas, é justamente essa pluralidade que sustenta sua relevância: trata-se de um conjunto de experiências que, em suas particularidades, expandem a compreensão sobre o fazer jornalístico e oferecem respostas às demandas informativas de diferentes grupos sociais.

Foi possível perceber que iniciativas fora do contexto convencional, mesmo diante de limitações estruturais, se organizam a partir de compromissos éticos e ideológicos que reafirmam o valor social da profissão. Algumas optam por um jornalismo engajado, vinculado a causas específicas; outras priorizam a imparcialidade e a checagem rigorosa; há ainda modelos mais flexíveis, como os de freelancers que atuam de forma colaborativa ou autônoma. Essas escolhas não enfraquecem a ideia de qualidade. Ao contrário, mostram que ela pode assumir diferentes formas, desde que alinhadas ao compromisso com a informação no sentido de serviço público.

Esta pesquisa, portanto, não parte apenas de um interesse acadêmico, mas também de um desejo de contribuir para a valorização dessas iniciativas, entendendo que o jornalismo independente tem o potencial de inspirar práticas mais comprometidas em todo o campo jornalístico. Reconhecer essa contribuição é fundamental para ampliar o debate sobre qualidade, deslocando-o de critérios exclusivamente técnicos ou empresariais e aproximando-o das dimensões humanas, sociais e éticas que sustentam o jornalismo enquanto prática democrática.

Um dos destaques desta pesquisa foi permitir que os próprios jornalistas definissem a natureza da iniciativa em que atuam, podendo selecionar se a consideram independente, comunitária, alternativa, das periferias, arranjos jornalísticos ou outras. Também foi possível escolher mais de uma dessas categorias, respeitando a sobreposição de características entre elas, apesar das indefinições. Essa opção metodológica buscou valorizar a diversidade de experiências que compõem o campo do jornalismo não convencional, reconhecendo que não há um consenso sobre a terminologia mais adequada para englobar essas iniciativas. A própria multiplicidade de termos revela a complexidade do fenômeno e a necessidade de abordagens mais abertas que acolham essa diversidade. Afinal, independentemente da terminologia, todas essas iniciativas fazem, antes de tudo, jornalismo.

No entanto, embora essa multiplicidade de naturezas represente um avanço na escuta ativa dos sujeitos pesquisados, o número de respondentes do levantamento derivado dos dados do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 foi relativamente restrito. O tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa dificultou o contato com um número maior de profissionais. Ainda assim, a amostra integra uma base estatisticamente qualificada e reconhecida como a mais representativa da atuação profissional dos jornalistas no Brasil,

conferindo validade e relevância às análises realizadas. Com mais tempo e estrutura, seria possível alcançar uma pluralidade ainda maior de experiências e aprofundar aspectos que, por limitações práticas, permaneceram apenas indicados.

A diversidade na linha editorial das iniciativas em que os jornalistas entrevistados se vinculam, originalmente um critério de seleção para esta pesquisa, não foi viável. Contudo, a diversidade enquanto orientação para alcançar uma pluralidade de perspectivas foi reconhecida na singularidade das trajetórias de cada profissional.

Outro ponto a ser enfatizado é que, ao se tratar de uma pesquisa em duas etapas, com aplicação de *survey* e entrevistas, diferentes níveis de profundidade foram alcançados nas análises. O questionário aplicado, ainda que importante para captar percepções iniciais, não permitiu uma exploração detalhada das motivações, desafios e compreensões dos jornalistas sobre a qualidade no jornalismo independente. Já as entrevistas, por envolverem menos participantes, permitiram maior aprofundamento, mas com alcance reduzido. Essa assimetria entre as etapas, embora esperada, representa uma limitação ao se pensar em generalizações ou comparações amplas.

Embora esta dissertação tenha aprofundado a compreensão das dimensões de qualidade a partir da perspectiva dos jornalistas independentes, permanece aberta a investigação sobre como a audiência desse tipo de jornalismo percebe e valoriza tais dimensões. Considerando que o jornalismo independente tem renovado algumas práticas e sentidos do jornalismo tradicional, aprofundar a compreensão das expectativas, avaliações e experiências dos seus públicos pode revelar tensões, convergências ou mesmo novas configurações de qualidade jornalística. Esse percurso aponta para um campo promissor de pesquisa futura, capaz de aproximar os discursos de jornalistas e audiências, favorecendo um diálogo mais aberto e colaborativo sobre os critérios que definem a qualidade no jornalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juliana Correia; SILVA NETO, Josafá Bonifácio da. Gestão da Qualidade Editorial: aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018. p. 1-16. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2018/trabalhos/jornalismo-qualidade-e-transparencia-editorial-teoria-e-pesquisa?lang=pt-br>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, [s. l.], v. 25, n. 87, p. 335-351, ago. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302004000200003>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- ASSIS, Evandro de *et al.* Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 3-20, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/revistapautageral.v4.i1.0001>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BARROS, Janaina Visibeli *et al.* A plataformização do trabalho jornalístico: dimensões, regime de publicação e agenda de pesquisa. **Avatares de la Comunicación y la Cultura**, [s. l.], n. 21, p. 1-21, jun. 2021. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/avatares/article/view/6320>. Acesso em: 20 fev. 2025
- BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/o-trabalho-de-jornalistas-no-brasil-desigualdades-identidades-e-precariedades-2/>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- BELL, Emily J.; OWEN, Taylor. A imprensa nas plataformas. Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 49-83, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática**. Florianópolis: Insular, 2009.
- BERTOLINI, Jeferson. Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [s. l.], v. 16, n. 31, p. 213-228, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897>. Acesso em: 13 set. 2024.
- CABRAL FILHO, Adilson Vaz; BASTOS, Jaqueline Suarez. A mídia independente pós junho 2013: a comunicação alternativa da ponte jornalismo e dos jornalistas livres. **Lumina**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 175-190, 30 ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.30910>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- CAMARGO *et al.* Jornalismo financiado por plataformas. **E-Compós**, [s. l.], v. 26, p. 1-21, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30962/ec.2821>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CAMPOS, Belén Galletero; ECHEZARRETA, Vanesa Saiz. Estudio exploratorio de la calidad en el periodismo digital en Castilla-La Mancha. **Barataria: Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, [s. l.], n. 24, p. 173-189, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20932/barataria.v0i24.403>. Acesso em: 30 maio 2023.

CHERUBINI, Federica. Changing Newsrooms 2022: media leaders embrace hybrid work despite challenges. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, Oxford, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/changing-newsrooms-2022-media-leaders-embrace-hybrid-work-despite-challenges>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CHERUBINI, Federica.; NEWMAN, Nic.; NIELSEN, Rasmus Kleis. Changing Newsrooms 2021: hybrid working and improving diversity remain twin challenges for publishers. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, Oxford, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/changing-newsrooms-2021-hybrid-working-and-improving-diversity-remain-twin-challenges-publishers>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CHERUBINI, Federica.; SHARMA, Ramaa. Changing Newsrooms 2023: Media leaders struggle to embrace diversity in full and remain cautious on AI disruption. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, Oxford, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/changing-newsrooms-2023-media-leaders-struggle-embrace-diversity-full-and-remain-cautious-ai>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

COSTA, Gabriella da; RODRIGUES, Carla. APROPRIAÇÃO DE DADOS ABERTOS: UMA ANÁLISE DO ELAS NO CONGRESSO E AMAZÔNIA MINADA, INICIATIVAS CÍVICAS BRASILEIRAS. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 9, p. 95-109, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9096>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, Ismia Kariny Correia da Silva. **A percepção da ‘presencialidade’ como dimensão de qualidade na produção jornalística**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/65620>. Acesso em: 18 maio 2023.

COUTINHO, Iluska; OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. A MATRIZ DE AVALIAÇÃO E O ÍNDICE DE QUALIDADE COMO SUPORTES PARA AFERIÇÃO DA QUALIDADE DO TELEJORNALISMO NAS EMISSORAS PÚBLICAS. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 25., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Compós, 2016. p. 1-23. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2016/trabalhos/a-matriz-de-avaliacao-e-o-indice-de-qualidade-como-suportes-para-afericao-da-qua?lang=pt-br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Juliana Bulhões Alberto Dantas *et al.* Crise, precarização e mudanças estruturais no Jornalismo: reflexões sobre práticas jornalísticas atuais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 13., 2015, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: SBPJor, 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2015/trabalhos/crise-precarizacao-e-mudancas-estruturais-no-jornalismo-reflexoes-sobre-praticas?lang=pt-br>. Acesso em: 15 nov. 2025.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online:

propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, [s. l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11. Acesso em: 3 jun. 2025.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Beyond journalism: theorizing the transformation of journalism. **Journalism**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 165-181, 7 fev. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884916688550>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando? In: **Parágrafo**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 7-21, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 3 jun. 2025.

FARIAS, Khauane Oliveira; MARTINS, Allysson Viana. Qualidade na produção jornalística local: avaliação preliminar dos sites em Vilhena-RO. **Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 1, n. 1, p. 15-30, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/3438/9711>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FERREIRA, Luciana Gomes; GRADIM, Anabela. Qualidade e credibilidade para além do Jornalismo. A informação local nas mídias sociais. **Revista Mídia e Cotidiano**, [s. l.], v. 7, n. 7, p. 34-49, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9751>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FÍGARO, Roseli (Coord.). **Relatório dos resultados da pesquisa [recurso eletrônico]: como trabalhamos comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?**. São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio_Executivo_Covid19_-_CPCT2020-2.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/e-book_figaro_as-relacoes-de-comunicacao-e-as-condicoes-de-producao-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-economicos-alternativos-as-corporacoes-de-midia/. Acesso em: 10 maio 2024.

FIGARO, Roseli *et al.* Arranjos jornalísticos: organização, sustentação, formas de trabalho e discurso jornalístico. In: FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. (Orgs.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação, rotinas produtivas**. 1ed. São Paulo: ECA-USP, 2021, v. 1, p. 12-47. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003051782.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

FIGARO, Roseli *et al.* Implicações da datificação no trabalho dos comunicadores: embates discursivos no contexto da plataformização do trabalho. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 45, p. 388–399, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/220184>. Acesso em: 8 maio 2025.

FIGARO, Roseli; BARROS, Janaina Visibeli; KINOSHITA, Jamir. As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES

EM JORNALISMO, 17., 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: SBPJor, 2019. p. 1-16. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2019/trabalhos/rede-trabalho-e-identidade-dos-jornalistas-os-novos-vinculos-do-jornalista-no-me?lang=pt-br>. Acesso em: 03 nov. 2025.

FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. Novos “arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística. **Contemporanea**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 47-63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21451>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38566>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FIGUEIREDO SOBRINHO, Carlos Peres de. Para além do Empreendedorismo e da Precarização: Apropriação das Tecnologias por Jornalistas para a Produção de um Jornalismo Emancipatório. **LÍBERO**, [s. l.], n. 41, p. 88-99, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.casperlifero.edu.br/index.php/libero/article/view/946>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FLORES, Paz Crisóstomo. La calidad periodística en las noticias policiales en Chile. *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación, 8., 2022, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: AE-IC, 2022. p. 2155-2171. Disponível em: <https://aeicbarcelona22.org/wp-content/uploads/2022/12/LIBRO-DE-COMUNICACIONES-BARNA22.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; SOUZA, Paulo Henrique Rodrigues de. O pós-fordismo na produção jornalística. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 1-18, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4264>. Acesso em: 19 out. 2024.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2004000200004>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FREITAS, Lorrana Rodrigues; RAMOS, Daniela Osvald. Aproximações entre a plataforma do jornalismo e a pejetização do trabalho de jornalistas. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Intercom, 2023. p. 1-11. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003165111.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

FRIOLI, Giovana; BELIC, Gabriel. Fim de programa de checagem na Meta torna plataforma menos transparente, diz pesquisador. **Estadão Verifica**, São Paulo, 9 jan. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/checagens-meta-moderacao-conteudo-algoritmos-pesquisador-harvard/>. Acesso em: 8 maio 2025.

FÜRST, Silke. In the Service of Good Journalism and Audience Interests? How Audience Metrics Affect News Quality. **Media And Communication**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 270-280, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v8i3.3228>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GARCIA, Rubén Rivas de Roca. La prensa local digital ante la UE: una propuesta para la medición de su calidad informativa. *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de

Investigación de La Comunicación, 6., 2018, Salamanca. **Anais [...]**. Salamanca: AE-IC., 2018. p. 2844-2867. Disponível em: <https://ae-ic.org/final/Libro%20de%20Comunicaciones%20del%20VI%20congreso%20AE-IC.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

GEE, Charlie. Audience Preferences in Determining Quality News Production of Backpack Journalism. **Electronic News**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 34-55, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1931243118792003>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GÓMEZ-DOMÍNGUEZ, Pablo; PAREDES, Carlos Aguilar; BASELGA, Sergio Villanueva; GÓMEZ, Lydia Sánchez. Calidad informativa: un estudio comparativo de los servicios informativos de las televisiones autonómicas públicas y privadas en España. **Cuadernos.Info**, [s. l.], n. 38, p. 165-181, 2016. Disponível em: <https://cuadernosinfo.uc.cl//index.php/cdi/article/view/24205>. Acesso em: 13 maio 2023.

GOROSARRI, María González. Calidad de las noticias sobre controversias: objetividad y rigor periodístico en informaciones opuestas. *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación, 6., 2018, Salamanca. **Anais [...]**. Salamanca: AE-IC, 2018. p. 2829-2843. Disponível em: <http://aeic.org/final/Libro%20de%20Comunicaciones%20del%20VI%20congreso%20AE-IC.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

GOROSARRI, Maria; AZKARATE, Tania Arriaga. Estudio de observación no participante sobre calidad: Programas informativos en Inforadio, ‘Abendschau’ (RBB) y ‘Berlin Direkt’ (ZDF). *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación, 7., 2020, Valência. **Anais [...]**. Valência: AE-IC, 2020. p. 2547-2565. Disponível em: <https://ae-ic.org/valencia/wp-content/uploads/2021/01/Libro-de-Comunicaciones-VII-Congreso-Internacional-de-la-AE-IC-Valencia-2020.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

GROHMANN, Rafael. O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados. **Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 101-115, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, São Cristovão, v. 22, n. 1, p. 106-122, jan./abr. 2020. Disponível: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/12188>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GUERRA, Josenildo. Qualidade editorial: proposta de um ambiente e de uma ferramenta para avaliação de qualidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça. **Anais [...]**. Palhoça: SBPJor, 2016. p. 1-23. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/paper/viewFile/184/156>. Acesso em: 30 maio 2023.

GUERRA, Josenildo. Ranking Q-Avalia da qualidade jornalística Brasil-Portugal 2018: uma avaliação experimental. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018. p. 1-24.

Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 maio 2023.

GUERRA, Josenildo; FEITOZA, Liliane; GONÇALVES, Jussara. Qualidade em jornalismo: avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 17., 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/view/1980>. Acesso em: 30 maio 2023.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HORN, Aline Tainá Amaral. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.puers.br/revistafamecos/article/view/41612>. Acesso em: 12 jun. 2025.

JENKINS, Joy; NIELSEN, Rasmus Kleis. Proximity, Public Service, and Popularity: a comparative study of how local journalists view quality news. **Journalism Studies**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 236-253, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2019.1636704>. Acesso em: 30 jun. 2023.

KARAM, Francisco José Castilhos. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 118-130, 2004.

LACY, Stephen; ROSENSTIEL, Tom. Defining and Measuring Quality Journalism. **Rutgers School of Communication and Information**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.issueelab.org/resources/31212/31212.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021

LEITE, Diogo. A transformação do trabalho dos jornalistas: um estudo quantitativo introdutório. **O Eco da Graduação**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 27-52, 2023. Disponível em: <https://ecodagraduacao.com.br/index.php/ecodagraduacao/article/view/133>. Acesso em: 12 jun. 2024.

LIMA, Raphaelle Christine Batista de; PATRÍCIO, Edgard. CREDIBILIDADE NO JORNALISMO INDEPENDENTE EM PLATAFORMAS DIGITAIS : uma análise a partir da Agência Pública. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Compós, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/credibilidade-no-jornalismo-independente-em-plataformas-digitais-uma-analise-a-p?lang=pt-br> Acesso em: 10 jun. 2024.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral) *et al.* **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral) *et al.* **Perfil do Jornalista do Sudeste 2023**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2023. Disponível em: <http://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2023/10/2023-10-22-Perfil-do-Jornalista-do-Sudeste-JANAÍNA-VISIBELI-et-al.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

LIMA, Verônica Almeida de Oliveira; BEZERRA, Vinícius Ramos. Jornalismo e Jornalistas em Tempos de Reestruturação Produtiva: Reflexos do Pós-Fordismo e das Tecnologias Digitais na Atividade Profissional. *In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 12., 2010, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Intercom, 2010. p. 1-14. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-1148-1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v11n1.2015.693>. Acesso em: 10 maio 2023.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MACIÁ-BARBER, Carlos. La fuente informativa como un indicador de la calidad periodística. El caso de la comunicación pública de la Arqueología. **Estudios Sobre El Mensaje Periodístico**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 197-206, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/esmp.67299>. Acesso em: 18 maio 2023.

MARQUES, Ana Flavia; VISIBELI, Janaína. Redação virtual veio para ficar, mas pode comprometer relevância social do jornalismo. **ECA-USP**, São Paulo, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/pos/noticias/redacao-virtual-veio-para-ficar-mas-pode-comprometer-relevancia-social-do-jornalismo>. Acesso em: 14 fev 2025.

MATTOS, Fabrício Santos de. Plataformização da notícias e consumo de informação: tendências do jornalismo em um novo ambiente informacional. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2021. p. 1-18. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/plataformizacao-da-noticias-e-consumo-de-informacao-tendencias-do-jornalismo-em?lang=pt-br>. Acesso em: 21 Jun. 2024

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEIJER, Irene Costera; BIJLEVELD, Hildebrand. Valuable Journalism. **Journalism Studies**, [s. l.], v. 17, n. 7, p. 827-839, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2016.1175963>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MERRILL, John. Global Patterns of Elite Daily Journalism. **Journalism Quarterly**, [s. l.], v. 45, n. 1, p. 99-105, mar. 1968. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/107769906804500114>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NAVA, Mariane; ZACARIOTTI, Marluce Evangelista Carvalho; MOLIANI, João Augusto. Mudanças no mundo do trabalho: o perfil dos jornalistas brasileiros fora da mídia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 20., 2022, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: SBPJor, 2022. p. 1-17. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/mudancas-no-mundo-do>

trabalho-o-perfil-dos-jornalistas-brasileiros-fora-da-midia?lang=pt-br. Acesso em: 10 Maio. 2025.

NICOLETTI, Janara. **Precarização e qualidade no jornalismo**: condições de trabalho e seus impactos na notícia. Florianópolis: Insular, 2020.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446>. Acesso em: 20 jul. 2025

NICOLETTI, Janara; FIGARO, Roseli. Plataformização do trabalho dos jornalistas: uma outra face da precarização. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: SBPJor, 2022. p. 1-15. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003131079.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

NICOLETTI, Janara; MICK, Jacques. INFLUÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO NA QUALIDADE JORNALÍSTICA: construção de uma matriz de indicadores. **Passagens**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 127-141, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38547/1/2018_art_jnicolettijmick.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

ODRIOZOLA-CHÉNÉ, Javier; RODRIGO-MENDIZÁBAL, Iván. Hacia un periodismo de calidad en Ecuador: perspectivas de periodistas y audiencia. **Cuadernos.info**, [s. l.], n. 41, p. 175–192, 2017. Disponível em: <https://ojs.uc.cl/index.php/cdi/article/view/23357>. Acesso em: 9 maio 2023.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio da Silva; COUTINHO, Iluska. A TV Pública e a Busca por Métodos de Verificação da Qualidade. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3557-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

OLIVEIRA, Vanessa Costa de; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Jornalismo independente latino-americano: a configuração de uma forma cultural. **Chasqui**: Revista Latinoamericana de Comunicación, [s. l.], n. 154, p. 119-137, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9274153>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PATRÍCIO, Edgard. Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, [s. l.], v. 22, n. 42, p. 89-100, 7 ago. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55738/alaic.v22i42.981>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PATRÍCIO, Edgard. Jornalismo e pandemia: Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente do Ceará. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17060>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PATRÍCIO, Edgard. Relações de trabalho no jornalismo: o ambiente laboral em iniciativas independentes. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 28–43, 2024.

Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/23980>. Acesso em: 4 ago. 2025.

PATRÍCIO, Edgard. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 189-201, jul./dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2022.84920>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PATRÍCIO, Edgard; COSTA, Ismia Kariny Correia da Silva. A cultura profissional e a percepção da presencialidade como dimensão de qualidade da produção jornalística. **Revista Eco-Pós**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 455–479, 2023. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/12382. Acesso em: 29 nov. 2023.

PATRÍCIO, Edgard; LIMA, Raphaele Christine Batista de. Transparência como indício de credibilidade em iniciativas de jornalismo independente — o caso Agência Pública. **Organicom**, [s. l.], v. 19, n. 40, p. 267-278, 4 dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.188013>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PATRÍCIO, Edgard; SANTANA, Luan Matheus. Cultura profissional: outras perspectivas a partir da atuação de jornalistas em iniciativas de jornalismo independente. In: BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. Florianópolis: Editora Insular, 2023. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/o-trabalho-de-jornalistas-no-brasil-desigualdades-identidades-e-precariedades-2>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PAUL, Dairan. A questão do crédito no trabalho de arranjos alternativos às corporações de mídia. **Cadernos NAUI**, v. 11, n. 20, p. 199-214, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235232>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PAVLIK, John V. Transformation: examining the implications of emerging technology for journalism, media and society. **Athens Journal Of Mass Media And Communications**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 9-24, 31 dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30958/ajmmc.1-1-1>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PELLEGRINI, Silvia; PUENTE, Soledad; GRASSAU, Daniela. La calidad periodística en caso de desastres naturales: cobertura televisiva de un terremoto en Chile. **Estudios Sobre El Mensaje Periodístico**, [s. l.], v. 21, p. 249-267, nov. 2015. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/50678>. Acesso em: 18 maio 2023.

PEREIRA, Ana Rachel Gonçalves. GESTÃO DA QUALIDADE NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE DO CRITÉRIO RELEVÂNCIA TEMÁTICA NA AGENDA PRODUZIDA PELA TV ALESE. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: SBPJor, 2020. p. 1-19. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2020/paper/viewFile/2577/1576>. Acesso em: 20 maio 2023.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 24, p. 38–57, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PÉREZ CURIEL, Concha; GARCÍA-GORDILLO, Mar. Política en digital y Medios. Hacia una calidad periodística cuestionada. Análisis de mensajes en Twitter de Donald Trump y

proyección en portadas de prensa (Elecciones 8N-Presidencia 20E). *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación, 6., 2018, Salamanca. **Anais** [...]. Salamanca: AE-IC, 2018. p. 2868-2889. Disponível em: <http://ae-ic.org/final/Libro%20de%20Comunicaciones%20del%20VI%20congreso%20AE-IC.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108/1247>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PINTO, Manuel, MARINHO, Sandra. “A qualidade em Jornalismo: problematização e operacionalização do conceito”. **Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**, Porto, abr. 2003. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/48705a37-4573-414c-b10c-139f454a275f/content>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PITHAN, Liana Haygert; VACLAVIK, Marcia Cristiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. **Cadernos Ebape.Br**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 158-171, jan./mar. 2020. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395173439>. Acesso em: 10 jun. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 2-10, 4 abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PRAUN, Lucieneida Dovão. **Não sois máquina! Reestruturação produtiva e adoecimento na General Motors do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/928124>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PRAZERES, Michelle; RATIER, Rodrigo. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 86-95, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p86>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RAMÍREZ-SANTOS, Fernanda; PONT-SORRIBES, Carles; PERALES-GARCÍA, Cristina. La responsabilidad social de los medios en situaciones de crisis. Análisis del tratamiento informativo en Noticieros Televisa del caso Ayotzinapa (México). *In*: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación, 7., 2020, Valência. **Anais** [...]. Valência: AE-IC, 2020. p. 2453-2473. Disponível em: <https://ae-ic.org/valencia/wp-content/uploads/2021/01/Libro-de-Comunicaciones-VII-Congreso-Internacional-de-la-AE-IC-Valencia-2020.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes&Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 1, p. 193-204, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/9455>. Acesso em: 16 Nov. 2024.

REIS, Carolina Cerqueira Silva. **Jornalismo no terreno: Fator diferenciador na qualidade do jornalismo do Primeiro Jornal da SIC**. 2021. Relatório de estágio (Mestrado em

Jornalismo) - Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa, Porto, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/14198>. Acesso em: 18 maio 2023.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RIVAS-DE-ROCA, Rubén; CARO-GONZÁLEZ, Francisco J.; GARCÍA-GORDILLO, Mar. Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: estudios de caso en medios digitales de alemania, españa y reino unido. *In: Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación*, 7., 2020, Valência. **Anais [...]**. Valência: AE-IC, 2020. p. 39-50. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/ae-ic-epi.2020.e03>. Acesso em: 20 maio 2023.

ROCHA, Gabriela Alves Santos. A prática do jornalismo declaratório na cobertura de educação e consequências na qualidade das notícias. **COMFILOTEC**, [s. l.], v. 12, n. 6, p. 4-24, 2020. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-comfilotec/article/view/395/361>. Acesso em: 18 maio 2023.

ROCHA, Heitor; SILVA, Luiz Filipe Freire da. A profissionalização do jornalismo e a responsabilidade com o público: a qualidade da notícia, a deontologia e o ombudsman. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/a-profissionalizacao-do-jornalismo-e-a-responsabilidade-com-o-publico-a-qualidad?lang=pt-br>. Acesso em: 20 maio 2023.

ROCHA, Jordânia Bispo; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. O conceito de qualidade no jornalismo no discurso do telejornalismo local: uma análise a partir da ótica da TV Anhanguera/Goiás. **Revista Parágrafo**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 237-245, 29 jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/521>. Acesso em: 18 maio 2023.

ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis M; AGUADED, Ignacio. Toward a taxonomy of newspaper information quality: an experimental model and test applied to venezuela dimensions found in information quality. **Journalism**, [s. l.], v. 18, n. 10, p. 1327-1345, 11 ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884916663596>. Acesso em: 18 maio 2023.

ROTHBERG, Danilo; GARRIDO, Bibiana Alcântara. Por uma agenda de pesquisa em qualidade no jornalismo. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018. p. 1-16. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ROVIDA, Mara. Jornalismo das periferias: a complexidade das bordas urbanas em pauta. *In: PULHEZ, Magaly Marques; SANTHIAGO, Ricardo (Eds.). Cadernos de Estudos Urbanos: volume 4: periferias urbanas contemporâneas*. São Paulo: Instituto das Cidades, Universidade Federal de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Caderno-de-Estudos-Urbanos-Volume-4.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

ROVIDA, Mara. Jornalismo das periferias: Uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 1-11, 2020. Disponível em:

<https://pucrs.emnuvens.com.br/revistafamecos/article/view/37004>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SALAVERRÍA, Ramón. Mídia e jornalistas: um futuro em comum? **Revista Parágrafo**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 79-83, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/297>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008. SANTANA, Luan Matheus dos Santos; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. WEBJORNALISMO ALTERNATIVO, DIREITOS HUMANOS E DECOLONIALIDADE: aproximações teóricas para pensar perspectivas inovadoras de produção e circulação de conteúdos jornalísticos. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 1-13, 31 dez. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2023v9n1a7pt>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SANTOS *et al.* Qualidade e transparência editorial: um estudo exploratório dos jornais do centro-oeste. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018. p. 1-15. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SANTOS, Ébida Rosa dos. Um Ensaio Sobre Lead e Qualidade no Jornalismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-11. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1977-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

SANTOS, Ebida; GUAZINA, Liziane Soares. QUALITY ISSUES IN NEWS COVERAGE OF DILMA ROUSSEFF'S IMPEACHMENT: an analysis of six brazilian newspapers. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 342-367, 31 ago. 2020a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v16n2.2020.1265>. Acesso em: 10 maio 2023.

SANTOS, Ébida; GUAZINA, Liziane. Qualidade no jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 32-42, 18 jun. 2020b. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p32>. Acesso em: 10 maio 2023.

SBPJor. **SBPJor em Redes 2025**: Retij - Transformações no trabalho jornalístico. *YouTube*, 3 jun. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RNcFFpKkpbU&t=578s>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SEMICEK, Paulo Henrique. Plataformização e jornalismo independente: presença e estratégias contra-hegemônicas do Lado B do Rio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2021. p. 1-16. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/plataformizacao-e-jornalismo-independente-presenca-e-estrategias-contr-hegemoni?lang=pt-br>. Acesso em: 16 Nov. 2024.

SILVA *et al.* Trabalho e sustentabilidade nos arranjos jornalísticos cearenses: informalidade e construção de modelos de negócios. In: FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia (Orgs.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e

rotinas produtivas. São Paulo: CPCT-USP, 2021. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/wp-content/uploads/E-book_Arranjos-Jornalisticos_Brasil-2.pdf. Acesso em: 19 nov. 2024.

SILVA NETO, Josafá Bonifácio da. Gestão da qualidade editorial: avaliação de dez jornais à luz do instrumento de autorregulamentação da ANJ. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/gestao-da-qualidade-editorial-avaliacao-de-dez-jornais-a-luz-do-instrumento-de-a?lang=pt-br>. Acesso em: 20 maio 2023.

SILVA, Marcelli alves da; SANTOS, Wyldiany Oliveira dos. JORNALISMO INDEPENDENTE EM PESQUISAS DA COMUNICAÇÃO: UM ESTADO DA ARTE. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 696-713, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/205922>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SILVA, Naiana R.; COSTA, Rafael R. **Relatório dos resultados da pesquisa** [recurso eletrônico]: como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19? Dados do Ceará. São Paulo: CPCT-ECA-USP, 2020. Disponível em: https://80ca21c8-470f-4e0b-9cc7-f21bd9d9a93a.usrfiles.com/ugd/80ca21_55e090bc624741219322a567cb2dd2d9.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

SILVA, Naiana Rodrigues da. As mudanças na atividade jornalística e nos saberes para o trabalho. In: MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; PAULINO, Roseli Aparecida Figaro (Orgs.). **Conexão pós [recurso eletrônico]:** desafios contemporâneos da pesquisa. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 33-44. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003074030.pdf#page=33>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SILVA, Naiana Rodrigues da. **As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2022.tde-22112022-165514>. Acesso em: 17 maio 2025.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da; RAMOS, Alessandra Natasha Costa. Sustentabilidade de arranjos jornalísticos empreendedores no Brasil. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 290-315, 29 ago. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v18n2.2022.1496>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOUZA, Gabriel Landim de. “Jornalista-fala”: consequências dos ataques à imprensa na rotina dos profissionais da informação. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 11–27, 2024. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/24055>. Acesso em: 27 mar. 2025.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A “crise do jornalismo” como expressão da crise estrutural do capital: uma abordagem dialética. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0680-1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

STANDING, Guy. The Precariat. **Contexts**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 10-12, nov. 2014. Disponível

em: <http://dx.doi.org/10.1177/1536504214558209>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SUÁREZ, Adriana Amado. Calidad periodística y fuentes presidenciales: el periodismo argentino frente a la comunicación de gobierno. **Estudios Sobre El Mensaje Periodístico**, [s. l.], v. 21, p. 63-84, 26 nov. 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5209/rev_esmp.2015.v21.50656. Acesso em: 10 maio 2023.

SUBTIL, F.; GARCIA, J. L. Mantém o jornalismo uma missão na sociedade contemporânea? **Setenta e Quatro**, [s. l.], 14 jul. 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/14835>. Acesso em: 10 maio 2025.

TORRES NETO, Antonio Pinheiro. **Entre flagrantes do cotidiano e qualidades noticiosas: o uso de imagens de câmeras de vigilância na produção telejornalística do CETV 1ª Edição**. 2025. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/80539>. Acesso em: 19 maio 2025.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJCK, José. Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataformização e sua governança. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 2, p. 21-44, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/201591>. Acesso em: 12 fev. 2025.

WHITE, David Manning. The "gate keeper": A case study in the selection of news. **Journalism Quarterly**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 383-390, 1950. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/107769905002700403>. Acesso em: 16 maio 2025.

APÊNDICE A – PESQUISAS SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO (2015 – 2013)

Tabela 23 – Produções acadêmicas sobre qualidade no jornalismo.

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise (tese)	Nicoletti, Janara (2019)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Precarização do trabalho (Dejours, 1992; 2008; Harvey, 1992; Standing, 2014; Antunes, 1999; 2003; 2005; 2015; Sennet, 2015; outros), condições de trabalho e papéis dos jornalistas (Schudson, 1981; Accardo, 1995; Fidalgo, 2008; Garcia, 2009; Weaver, 1998; Mick; Lima, 2013; Figaro; Nonato; Grohmann, 2013; outros), job quality (Bustillo <i>et al.</i> , 2011; Eurofound, 2012), e qualidade do jornalismo (Picard, 2000; Marinho, 2011; Mompart, 2013; Anderson, 2014; Lacy; Rosenstiel,	Pesquisa exploratória, pesquisa quantitativa, pesquisa qualitativa, aplicação de questionário, análise estatística, análise de conteúdo	A precarização do trabalho jornalístico afeta negativamente a qualidade da informação, refletindo-se em rotinas apressadas, com falta de tempo e recursos. Isso compromete a escolha de fontes, a checagem, a autonomia e a profundidade das reportagens, favorecendo discursos alinhados a interesses comerciais e institucionais, em detrimento do interesse público.

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			2015; Guerra, 2010; 2016; Rothberg, 2010)		
Qualidade no jornalismo político brasileiro: a cobertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff (tese)	Santos, Ébida Rosa dos (2019)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade no jornalismo (Romero-Rodrigues; Aguaded, 2016; Lacy; Rosenstiel, 2015; Schulz, 2015; McQuail, 2013, 2012; Christofletti, 2012; 2010; Guerra, 2010; outros), jornalismo político (Sodré, 2012; Cook, 2011; Guazina, 2011; Kucinski, 2009; Pérez-Liñan, 2007; Medina, 2006; Neveu, 2002)	Pesquisa quantitativa, pesquisa qualitativa	A pesquisa analisou a qualidade do jornalismo político durante o impeachment de Dilma Rousseff e confirmou a hipótese de que a cobertura falhou em critérios básicos de qualidade. Os jornais priorizaram discursos oficiais e conteúdos prontos, com pouca profundidade, baixa diversidade temática e escassa pluralidade de fontes. A abordagem superficial comprometeu o papel do jornalismo na promoção de uma cidadania bem informada e no fortalecimento da democracia.
Jornalismo de qualidade na Terceira Revolução Industrial: narrativas do livro-reportagem (dissertação)	Vilardo, Beatriz Ostwald Luz (2022)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Teorias do jornalismo e critérios de noticiabilidade (Silva, 2005; Traquina, 2004; Wolf, 2003; Breed, 1999; 1993); Gêneros	Pesquisa bibliográfica; entrevista em profundidade	Diante das limitações do jornalismo convencional, o livro-reportagem se destaca como espaço privilegiado para a produção de reportagens aprofundadas e contextualizadas. Além de

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			jornalísticos (Seixas, 2009; Lima, 2009; Sousa, 2004); memória (Hartog, 2013); narrativa jornalística (Barsotti; Aguiar, 2018; Medina, 2008); método dialético (Marx, 2016); reconfiguração do trabalho intelectual no capitalismo (Bolaño, 2002)		preservar a qualidade jornalística, permite maior liberdade criativa e contribui para a memória histórica. Apesar do baixo retorno financeiro, é apontado como uma alternativa viável para sustentar um jornalismo de qualidade.
Podcasts Jornalísticos: avaliação experimental da qualidade editorial através do programa Q-Avalia (dissertação)	Farias, Janete Pinto Cahet (2022)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade no jornalismo, qualidade editorial e requisitos de avaliação de qualidade (Guerra, 2020; Reginato, 2020; Santos; Guazina, 2020; Rothberg; Garrido, 2019; Christofolletti, 2010; Pellegrini; Mujica, 2006; Schulz, 2000; Bogart, 1991)	Pesquisa experimental	A pesquisa destaca a urgência de avaliar a qualidade editorial dos podcasts jornalísticos, ainda pouco estudada. Com o sistema Q-Avalia, observou-se que, embora haja avanços impulsionados por tradições editoriais, faltam mecanismos regulares de aferição e transparência. Nenhum podcast alcançou excelência (conceito A), e a maioria apresentou apenas bom desempenho (B+). A ausência de políticas

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					editoriais acessíveis é um ponto crítico. O estudo propõe o ranking como ferramenta de accountability e sugere tornar públicas essas diretrizes nos canais dos podcasts.
QUALIDADE EM JORNALISMO: AVALIAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE TRANSPARÊNCIA E MEDIA ACCOUNTABILITY NA GESTÃO EDITORIAL DAS TVS LEGISLATIVAS DO BRASIL (dissertação)	Pereira, Ana Rachel Goncalves (2022)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Comunicação pública (Bucci, 2013; López, 2010; Brandão, 2009; Matos, 2009); qualidade no jornalismo (Guerra, 2020; Rothberg; Garrido, 2019; Bucci; Chiaretti; Fiorini, 2012; Christofolletti, 2010)	Análise de conteúdo	A pesquisa concluiu que as TVs legislativas no Brasil têm, em geral, desempenho regular em transparência e accountability no jornalismo. A maioria (81,25%) foi classificada como "regular", 12,5% como "ruim", e apenas a TV Senado (6,25%) obteve desempenho "bom". Os resultados indicam baixa adesão a práticas de transparência, apontando a necessidade de maior abertura à fiscalização pública.
Qualidade no telejornalismo público brasileiro: uma análise do Jornal da Cultura (dissertação)	Silva, Luciana Salviano Marques da (2020)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade na televisão (Borges, 2014; 2008; Machado, 2011, 2000; Mulgan, 1990),	Análise de conteúdo, entrevista, pesquisa bibliográfica, observação não-participante	A pesquisa conclui que o Jornal da Cultura adota práticas de qualidade no telejornalismo público, com aprofundamento dos temas

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			qualidade no telejornalismo (Coutinho, 2013; Gomes, 2006) e comunicação pública (Bolaño, 2010).		via especialistas, diversidade de fontes, interação com o público, foco no interesse público e acessibilidade. Aponta, porém, necessidade de ampliar a diversidade temática, de comentaristas e de cobertura geográfica. Destaca-se como alternativa aos modelos comerciais, promovendo informação clara, ética e cidadã.
Agenda jornalística de saúde no Jornal Nacional: avaliação de qualidade e proposta de gestão editorial com base no critério de relevância (dissertação)	Santos, Maria Sol Silva (2019)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade jornalística (Feitoza, 2016; Guerra, 2015, 2010, 2008; Rothberg; Vanzini, 2014; Christofolletti, 2010; Rothberg, 2010; Cerqueira, 2010; Benedeti, 2009; Gomes, 2009; McCombs, 2009; McQuail, 2005; Pinto; Marinho, 2003), <i>accountability</i> (Feitoza, 2016; Guerra, 2016; Fengler <i>et al.</i> , 2014; Rothberg, 2011;	Análise de conteúdo, pesquisa aplicada, pesquisa experimental	A cobertura das notícias de saúde no Jornal Nacional em 2017 foi classificada como "RUIM", devido ao distanciamento entre sua agenda e as agendas governamental e pública. A análise mostrou que 54% dos temas relevantes, como doenças negligenciadas e políticas do SUS, foram pouco ou nada abordados, enquanto temas como promoção de saúde e surtos receberam maior atenção. A agenda do JN não refletiu adequadamente os temas mais relevantes.

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			McQuail, 2005; 2003; 1997; Meyer, 2007; Bertrand, 2002), relevância jornalística (Guerra, 2008; Sperber; Wilson, 2001); agendamento ou <i>agenda-setting</i> (McCombs, 2009)		
Pluralidade e qualidade no Jornal Nacional: Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) da cobertura sobre a reforma da previdência no governo Temer (dissertação)	Rodrigues, Erika Leticia De Oliveira (2019)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade no jornalismo e qualidade editorial (Guerra, 2017; 2015; Paulino, 2015; Christofolletti, 2010; Benedeti, 2009; Canela, 2008; Suarez, 2007; Cornu, 1998); pluralismo, pluralidade e diversidade (Guerra, 2017; Bobbio, 2017; Kischinhevsky; Chagas, 2017; Karppinen, 2013; McQuail, 2012; Wimmer, 2011); accountability	Análise de conteúdo, pesquisa aplicada, pesquisa experimental	A cobertura do Jornal Nacional sobre a reforma da Previdência (PEC 287/2016) foi predominantemente parcial, com pouca discussão sobre as alterações e suas implicações. A maior parte dos temas polêmicos foi apresentada sob o ponto de vista do Governo Federal, como o déficit nas contas da Seguridade Social, sem questionamento. O Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) confirmou essa parcialidade. A pesquisa visou também contribuir para o desenvolvimento da metodologia Qualijor.

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			(Paulino, 2015; Siston; Ellwanger, 2015; Maia, 2006; Keohane, 2005; Bertrand, 2002)		
AGENDA DO MEIO AMBIENTE NO JORNAL NACIONAL: Avaliação da qualidade da relevância temática (dissertação)	Brandi, Daniel Pereira (2018)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Agendamento midiático ou agenda-setting (McCombs, 2009; McCombs; Ghanem, 2003; McCombs; Reynolds, 2002); relevância Jornalística (Monteiro <i>et al.</i> , 2017; Feitoza, 2016; Sperber; Wilson, 2005; 1995; Maron; Kuhns, 1960; Figueiredo, 1977; Bradford, 1934); valores-Notícia (Guerra, 2014; 2008; Wolf, 2009; Gans, 1979; Golding; Elliott apud Wolf, 2009); critérios de noticiabilidade (Wolf, 2009; Sousa, 2005; Shoemaker, 1991)	Análise de conteúdo, pesquisa aplicada	A cobertura ambiental do Jornal Nacional apresenta seleção temática limitada, com foco em pautas factuais e ênfase nos microtemas "Naturais" e "Provocadas", distanciando-se de tópicos preventivos e contextuais. Vários microtemas relevantes às agendas política e pública não foram abordados. Classificada como "média" pelas matrizes de relevância, a cobertura poderia ser aprimorada com métodos de planejamento que promovam maior diversidade temática.
GESTÃO DA	Garrido,	Catálogo de	Qualidade no	Análise de conteúdo,	Regimes com autorregulação

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
QUALIDADE NO JORNALISMO, REGULAÇÃO E AUTORREGULAÇÃO DA MÍDIA (dissertação)	Bibiana Alcantara (2018)	Teses e Dissertações da CAPES	jornalismo (Guerra, 2017; 2016; 2010; Cerqueira, 2010; Christofolletti, 2010; Rothberg, 2010); regulação e autorregulação da mídia (Puddephatt, 2011; Bertrand, 2002); responsabilidade social da mídia (Schudson, 2003; Thompson, 2002)	pesquisa documental, pesquisa bibliográfica	supervisionada, como no Reino Unido, favorecem melhor gestão da qualidade editorial no jornalismo. No Brasil, a ausência de fiscalização externa pode ser parcialmente compensada pela concorrência de mercado. Destaca-se ainda que políticas de qualidade podem ser simulacros, não refletindo práticas reais. O modelo britânico de “pluralismo regulado” mostrou-se mais eficaz que o brasileiro.
QUALIDADE E INTERESSE PÚBLICO NO JORNALISMO REGIONAL: análise semiodiscursiva da interface impresso e on-line do jornal O Popular (dissertação)	Ferro, Raphaela Xavier De Oliveira (2018)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade do jornalismo (Lacy; Rosenstiel, 2015; Pellegrini <i>et al.</i> , 2011; Christofolletti, 2010; Guerra, 2010; Benedeti, 2009; Pinto; Marinho, 2003; outros); Interesse público (Sartor, 2016; Gomes, 2009); jornalismo local (Camponez, 2017;	Pesquisa qualitativa, análise técnica, análise semiodiscursiva	As conclusões indicam um distanciamento editorial entre as versões impressa e online de O Popular. A impressa manteve traços do jornalismo tradicional, enquanto a online priorizou conteúdo sensacionalista e "caça-clique", com menor compromisso com princípios jornalísticos. Ambas apresentam falhas em diversidade de fontes, rigor e profundidade. Apesar disso,

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			Savenhago, 2017; Aguiar, 2016; Peruzzo, 2005)		destaca-se a importância da existência do jornal em um cenário de possível encerramento.
QUALIDADE JORNALÍSTICA: UMA AVALIAÇÃO DOS INDICADORES PLURALIDADE E CONFIABILIDADE NO JORNALISMO LITERÁRIO DA REVISTA PIAUÍ (dissertação)	Santos, Egicyane Lisboa Farias (2017)	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Qualidade no jornalismo (Guerra, 2015; Guerra, 2014; Mompart; Sampio, 2013; Bertrand, 2010; Bertrand, 2002; Gutierrez Coba, 2006; Pinto; Marinho, 2003; 2001; McQuail, 1997); jornalismo literário (Wiese, 2013; Pena, 2008; Salles, 2006); confiabilidade (McQuail, 2012; 1992; Seixas, 2009; Benedeti, 2006; Kovach; Rosenstiel, 2004) Pluralidade (Ripollés; Rabadán, 2013; Tavares, 2010; Lage, 2004; Kovach; Rosenstiel, 2004)	Análise de conteúdo	Os dados obtidos com a ferramenta Qualijor permitiram afirmar a qualidade das reportagens de jornalismo literário da Revista Piauí, em relação aos indicadores confiabilidade e pluralidade. Contudo, a análise apontou falhas como a omissão da fonte de algumas informações de contexto e a necessidade de clarificar as fontes nas descrições detalhadas características do jornalismo literário, visando facilitar a verificação pelo leitor. As cinco matérias de capa analisadas apresentaram níveis variados de confiabilidade e pluralidade, sendo "Os Queimam" a matéria com maior equilíbrio e os melhores resultados gerais.
Toward a taxonomy of	Romero-	Periódicos	Qualidade da	Aplicação de	Análise da qualidade

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
newspaper information quality: An experimental model and test applied to Venezuela dimensions found in information quality (artigo)	Rodríguez, Luis M; Aguaded, Ignacio (2016)	CAPES	informação no contexto das liberdades e valores ocidentais; papel dos meios de comunicação na institucionalização de realidades e na manutenção das democracias (Gieber, 1964; Searle, 1997; Watzlawick, 1976: 173; McQuail, 1992; Schultz, 2000; McQuail, 1992; Schultz, 2000)	questionário, análise de dados	considerando apenas o produto final pode ser incompleta ou subjetiva; as condições de pré-informação, incluindo aquelas de caráter político-econômicas, podem impactar a qualidade da informação
Estudio exploratorio de la calidad en el periodismo digital en Castilla-La Mancha (artigo)	Campos, Belén Galletero; Echezarreta, Vanesa Saiz (2018)	Periódicos CAPES	Qualidade nos meios de comunicação (Schulz, 2000; Picard, 2004; Gutiérrez Coba, 2006; Gómez Mompart e Palau, 2013; De la Torre e Téramo, 2015; Romero Rodríguez <i>et al.</i> , 2016; outros)	Etnografia virtual, coleta de dados por ficha, análise quantitativa e qualitativa	Questiona-se se medidas tradicionais como números de visitas ou seguidores nas redes são suficientes como critérios exclusivos para atração publicitária, visto que nem sempre correspondem à qualidade, à inovação e ao volume de produção da mídia; os meios analisados carecem de propostas originais, inovadoras e que alcancem as potencialidades do meio

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					digital
Audience preferences in determining quality news production of backpack journalism (artigo)	Gee, Charlie (2018)	Periódicos CAPES	Qualidade no noticiário televisivo (Wulfemeyer, 1983; Roberts and Dickson, 1984; Rosengren, Carlsson e Tagerud, 1996; Shamir, 2007; outros); Usos e gratificações (Katz, Blumler e Gurevitch, 1974); Coleta de notícias e tecnologia (Johnsen, 2004; Wallace, 2009; outros)	Questionário, estudos de comparação, análise estatística	Os resultados fornecem visão quantitativa de como o público define aspectos técnicos da qualidade; valores de produção associados à coleta de dados podem ser mensuráveis, mas ainda necessitam de estudos para compreender como podem ser melhorados
Proximity, public service, and popularity: A comparative study of how local journalists view quality news (artigo)	Jenkins, Joy; Nielsen, Rasmus Kleis (2019)	Periódicos CAPES	Qualidade no jornalismo (Arnold, 2009; Beck, Reineck e Schubert, 2010; Poettker, 2000; Rager, 1993; Schatz e Schulz, 1992; Trepte, Reinecke e Behr, 2008; outros); Papel das notícias locais (Harte, Williams e Turner, 2017; Lowrey, Brozana e Mackay, 2008;	Entrevistas semiestruturadas e aprofundadas	Respondentes enfatizam valores-chave de proximidade, serviço público e popularidade, no contexto de reportagens investigativas, aprofundadas e coberturas sobre a identidade de suas comunidades; os entrevistados reconhecem que além de coberturas políticas e investigativas, devem trazer artigos úteis, envolventes e emocionantes

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
			Napoli <i>et al.</i> , 2017; outros)		para atender às suas comunidades
In the service of good journalism and audience interests? How audience metrics affect news quality (artigo)	Fürst, Silke (2020)	Periódicos CAPES	Crerios de qualidade (Arnold, 2008; Belair-Gagnon, 2019; Blanchett Neheli, 2018; Eisenegger <i>et al.</i> , 2017; Lacy e Rosenstiel, 2015; Magin, 2019; McQuail, 1992; Meier, 2019)	Pesquisa bibliográfica	A fim de maximizar o tráfego, redações sacrificam a cobertura original, o jornalismo investigativo e a diversidade de fontes; jornalistas priorizam o número de audiência ao definir tópicos de discussão em detrimento da relevância jornalística e valor noticioso; a utilização de métricas de audiência favorece a tabloidização e o sensacionalismo e estimula o foco mais forte em conteúdo visual
Quality issues in news coverage of Dilma Rousseff's impeachment: An analysis of six brazilian newspapers (artigo)	Santos, Ebida; Guazina, Liziane Soares (2020a)	Periódicos CAPES	Qualidade jornalística ou jornalismo de prestígio (Merril, 1968; Bogart, 1977; Shapiro <i>et al.</i> , 2006; Vehkoo, 2010; Lacy e Rosenstiel, 2015; outros)	Aplicação do método Valor Agregado Periodístico (VAP), análise quantitativa e qualitativa	O jornalismo produzido pela maioria dos jornais analisados reforça o status quo da época; a produção dos jornais não atende aos critérios de qualidade elencados, colocando em questão a sua contribuição para a democracia
Qualidade e credibilidade para além do jornalismo. A	Ferreira, Luciana Gomes;	Periódicos CAPES	Capital social (Skocpol e Fiorina, 1999; Correia, 2007);	Pesquisa bibliográfica	Troca de informações criam laços entre membros da comunidade e fortalecem o

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
informação local nas mídias sociais (artigo)	Gradim, Anabela (2015)		engajamento cívico em relação ao jornalismo (Putnam, 1993)		sentimento de pertença e engajamento (endossa Putnam, 1993); Qualidade da informação propagada nas redes é analisada do ponto de vista do usuário, na forma que interage e dá significado à mensagem
Qualidade na produção jornalística local: Avaliação preliminar dos sites em Vilhena-RO (artigo)	Farias, Khauane Oliveira; Martins, Allysson Viana (2017)	Periódicos CAPES	Jornalismo digital (Salaverría, 2016; Barth, 2011, 2013; Barbosa, 2009, 2013, 2016; outros)	Pesquisa documental, ficha de análise	Exceto pelo Correio de Notícias, os demais sites avaliados se encontram em uma fase embrionária do jornalismo digital; Todos os veículos se distanciam de uma realidade de produção multimídia
Qualidade editorial: Proposta de um ambiente e de uma ferramenta para avaliação de qualidade (artigo)	Guerra, Josenildo (2016)	SBPJOR	Qualidade em jornalismo (Anderson, Bell, Shirky, 2012; Meyer, 2007; Brito 2011; Arrais, 2012; Fengler <i>et al.</i> , 2014)	Pesquisa aplicada	O software apresentado funciona como um instrumento de <i>accountability</i> e para avaliação de produções jornalísticas; O sistema pretende ser uma ferramenta para pesquisadores de qualidade implementarem suas avaliações e contribuir para um banco público de compartilhamento entre a comunidade científica, profissional e

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					geral
Gestão da qualidade editorial: Aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste (artigo)	Almeida, Juliana Correia; Silva Neto, Josafá Bonifácio Da (2018)	SBPJOR	Qualidade dos processos e produtos jornalísticos (Pinto e Marinho, 2003; Jornet, 2006; Benedeti, 2009; Guerra, 2010; Christofolletti, 2009; Rothberg, 2009; Cerqueira, 2010; Guerra, 2013)	Pesquisa documental, análise de conteúdo	Há urgência no desenvolvimento e aplicação de instrumentos que permitam a avaliação da qualidade, para o cumprimento de ações e práticas de transparência das atividades jornalísticas; As incorreções identificadas na avaliação de jornais nordestinos apontam para a necessidade da incorporação de métodos e normas na gestão editorial, com efetivação de práticas de <i>accountability</i>
Por uma agenda de pesquisa em qualidade no jornalismo (artigo)	Rothberg, Danilo; Garrido, Bibiana Alcântara (2018)	SBPJOR	Qualidade no jornalismo (Bertrand, 2002; Christofolletti, 2008, 2010); Regulação e autorregulação da mídia (Puddephatt, 2011; Mendel, Salomon, 2011)	Revisão bibliográfica	Indicadores de qualidade jornalística aliados à prática de sistemas de gestão podem auxiliar no monitoramento das organizações jornalísticas e contribuir para a avaliação de características desejáveis ou que precisam ser evitadas; O estudo situa a reformulação do conceito de ética como fator relevante para o aperfeiçoamento de códigos profissionais, vetor

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					de qualidade em sistemas regulatórios e autorregulatórios
Qualidade e transparência editorial: Um estudo exploratório dos jornais do Centro-Oeste (artigo)	Santos <i>et al.</i> (2018)	SBPJOR	Qualidade no jornalismo (Guerra, 2010, 2018; Christofolleti, 2010; Lacy e Rosentiel, 2015; McQuail, 1992)	Análise de conteúdo	Jornais de referência tiveram melhor pontuação em indicadores específicos, como o projeto editorial, identificação de conflitos de interesse e código de ética. Ainda assim, os resultados foram considerados baixos nessas mesmas categorias, e pioram em relação à correção de erros, qualificação profissional e métricas e procedimentos para avaliação da qualidade editorial; os resultados indicam que, além de tema pouco estudado, <i>accountability</i> é pouco aplicado por veículos jornalísticos impressos
Ranking Q-Avalia da qualidade jornalística Brasil-Portugal 2018: Uma avaliação experimental (artigo)	Guerra, Josenildo (2018)	SBPJOR	Qualidade no jornalismo (Lacy, Rosenstiel, 2015; Vehkoo, 2009, 2010; Meyer, Kim, 2003; outros)	Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise de conteúdo	Nenhuma das produções avaliadas pelo sistema Q-Avalia têm um sistema interno de <i>accountability</i> adequadamente desenvolvido, embora os resultados indiquem que há

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					um estágio inicial de "despertar" para a adoção de mecanismos como este; ainda são escassos os métodos e critérios que ofereçam procedimentos regulares de avaliação da qualidade e que sejam reconhecidos como confiáveis pela sociedade, profissionais e organizações
Qualidade em jornalismo: Avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros (artigo)	Guerra, Josenildo; Feitoza, Liliane; Gonçalves, Jussara (2019)	SBPJOR	Norma Qualidade ISO 9000 (ISO ABNT 9000:2015)	Análise de conteúdo	Duas das três produções apresentaram bom desempenho no indicador de representatividade na análise do requisito "Pluralidade", e equilíbrio, em um grau razoável, entre as partes envolvidas nos conflitos; apesar da presença de pontos de vista diferentes pelas partes em conflito, os argumentos apresentados nas pautas não são confrontados entre si; há uma boa margem de coincidência entre a avaliação de relevância feita pelas produções e a avaliação feita pela equipe com o uso da Matriz de

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					Relevância e do Qualijor; No entanto, foi possível identificar uma cobertura descalibrada de temas
Gestão da qualidade na produção jornalística: Uma análise do critério relevância temática na agenda produzida pela TV Alese (artigo)	Pereira, Ana Rachel Gonçalves (2020)	SBPJOR	Credibilidade na produção jornalística (Guerra, 2008); Comunicação pública (Matos, 2012)	Análise de conteúdo, avaliação quantitativa e qualitativa	A qualidade da seleção temática da cobertura da TV Alese é considerada boa, conforme resultados da aplicação da metodologia da Guia da Agenda Jornalística (GAJ); a metodologia se propõe a orientar caminho às redações, segundo parâmetros objetivos de cobertura, que visam uma maior qualidade à atividade jornalística
A profissionalização do jornalismo e a responsabilidade com o público: A qualidade da notícia, a deontologia e o ombudsman (artigo)	Rocha, Heitor; Silva, Luiz Filipe Freire Da (2021)	SBPJOR	Responsabilidade do jornalismo (Tuchmann, 1999; Alsina, 2009; Rocha 2007); Constrangimentos associados à profissão do jornalista (Breed, 2016; Soloski, 2016; Tuchmann, 1999; Schudson, 2010; Genro Filho, 1977)	Pesquisa bibliográfica	Jornalistas são condicionados pelos ideais de profissionalização, desde a universidade à submissão à política editorial dos veículos em que trabalham; os constrangimentos podem distanciá-los de abordagens conforme as demandas sociais; Iniciativas como <i>ombudsmans</i> são importantes para traçar caminhos deontológicos, e o

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					empoderamento do público também é relevante nesse contexto
Gestão da qualidade editorial: Avaliação de dez jornais à luz do instrumento de autorregulamentação da ANJ (artigo)	Silva Neto, Josafá Bonifácio Da (2021)	SBPJOR	Qualidade dos processos e produtos jornalísticos (Pinto e Marinho, 2003; Jornet, 2006; Guerra, 2010; Christofolletti, 2010; Rothberg, 2009; Cerqueira, 2010)	Pesquisa documental, análise de conteúdo	As incorreções identificadas na avaliação dos dez jornais em investigação apontam para a necessidade da aplicação de métodos e normas na gestão editorial das organizações; ratifica-se a urgência do desenvolvimento e incorporação de instrumentos para avaliação da qualidade jornalística, também como uma questão prioritária que invoca a revelação de informações sobre as decisões editoriais, o reconhecimento de falhas ou erros no conteúdo noticioso e a emissão de respostas aos questionamentos do público
A matriz de avaliação e o índice de qualidade como suportes para aferição da qualidade do telejornalismo nas	Coutinho, Iluska e Oliveira Filho, José Tarcísio (2016)	Compós	Qualidade no telejornalismo (Becker, 2005; Gomes, 2006; Bucci, Chiaretti e Fiorini, 2012); TV Pública	Análise documental, entrevista	Burocratizar acesso às redações e aos diretores de jornalismo reforça a percepção de que a qualidade é criada para defender interesses

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
emissoras públicas (artigo)			(Jambeiro, 2008; Barbero, 2002; Carmona, 2006; Otondo, 2002; Leal Filho, 2008)		empresariais; o Índice de Qualidade desenvolvido se mostra eficaz para verificação da qualidade audiovisual informativa, mas necessita de formulações de métodos que atendam as especificidades de outros formatos telejornalísticos
Defining and measuring quality journalism (artigo)	Lacy, Stephen; Rosenstiel, Tom (2015)	Google Acadêmico	Qualidade no jornalismo (Bogart, 2004; Van Cuilenburg, 2000; Napoli, 1999, 2003; Gladney, 1990; McQuail, 1992, 2005; Spurr, <i>et al.</i> , 2010; outros)	Pesquisa bibliográfica	Pesquisadores acadêmicos examinam a qualidade do jornalismo pelo lado da demanda e pelo lado da produção; ambas as abordagens definem a qualidade do jornalismo como uma questão de grau; com foco na qualidade do produto, os produtores podem melhorar ou fazer algo a respeito da qualidade; a abordagem de demanda avalia o conteúdo de acordo com o quanto ele atende às necessidades e desejos psicológicos de indivíduos específicos
A prática do jornalismo declaratório na	Rocha, Gabriela Alves Santos (2020)	Google Acadêmico	Jornalismo declaratório, jornalismo de	Abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e	Jornalismo declaratório ganha força no ambiente virtual, com narrativas

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
cobertura de educação e consequências na qualidade das notícias (artigo)			educação (Oliveira, 2018; Magalhães, 2019)	explicativa	centralizadas na maioria das vezes nos discursos de atores políticos; na cobertura de educação, contribui para reproduções negativas e descontextualizadas, que não geram proximidade ou familiaridade com a experiência cotidiana dos leitores
La calidad periodística en caso de desastres naturales: Cobertura televisiva de un terremoto en Chile (artigo)	Pellegrini, Silvia; Puente, Soledad; Grassau, Daniela (2015)	Google Acadêmico	Estrutura de enfrentamento na atuação jornalística em casos de desastre (Himmelstein e Faithorn, 2010; Freedy <i>et al.</i> , 1994; Colón, 2011; Zelizer e Allan, 2004); Enquadramento em casos de desastres naturais (Anand, 2005; Luther e Zhou, 2005; Quarantelli, 1996; Liu, 2009; outros)	Revisão bibliográfica, entrevista em profundidade, análise de conteúdo	O instrumento de análise dá conta das diferenças de produção em momentos distintos da cobertura midiática e se mostrou útil para medir os padrões jornalísticos presentes e ausentes nos desastres; há indícios de que as variáveis de qualidade jornalística, como a hierarquia temática, o enfoque, o alcance das consequências e o uso de fontes também são afetadas e modificadas de forma moderada ao decorrer do tempo imediato; Foi identificada alta presença de opinião e especulação por parte dos jornalistas, além do

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					uso de recursos para aumentar a emotividade da situação
Influências da precarização na qualidade jornalística: Construção de uma matriz de indicadores (artigo)	Nicoletti, Janara; Mick, Jacques (2018)	Google Acadêmico	Precarização do trabalho (Standing, 2014; Druck, 2011; Antunes, 2015; Alves, 2013; Harvey, 1992; Mészáros, 2011; Dubet, 2014; Sennet, 2015); Condições de trabalho dos jornalistas (Örnebrig, 2018, 2016; Accardo, 1995; Weaver e Willnat, 2012, 2014; Schudson, 1981; outros); Qualidade jornalística (Anderson, 2014; Lacy e Rosenstiel, 2015; Picard, 1998, 2000; Cerqueira, 2010; Rothberg, 2010; outros)	Revisão bibliográfica	A matriz de indicadores propõe correlacionar condições de trabalho e qualidade da informação jornalística e necessita ainda de avanços nas delimitações e compreensão de cada categoria e indicadores apresentados; aspectos sociais e econômicos do país, incluindo suas variações regionais, devem ser levados em consideração na avaliação dos efeitos da condição laboral na qualidade da produção jornalística
Calidad periodística y fuentes presidenciales: El periodismo argentino frente a la	Suárez, Adriana Amado (2015)	Google Acadêmico	Jornalismo declaratório (Casero-Ripo- llés, 2012; Livings- ton y	Análise documental, pesquisa bibliográfica	Dificultar acesso a informações oficiais ou oferecer recompensas materiais aos meios de

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
comunicación de Gobierno (artigo)			Bennett, 2003); Censura (Waisbord, 2013)		comunicação são formas de controle ou censura por parte de governos; veículos com baixo orçamento se alimentam de informações produzidas pelas fontes, o que impede o escrutínio do poder; baixos salários e falta de recursos expõem jornalistas a conflitos de interesse, como aceitar contribuições da fonte ou recursos para cobrir uma história
Valuable journalism: Measuring news quality from a user's perspective (artigo)	Meijer, Irene Costera; Bijleveld, Hildebrand P (2016)	Google Acadêmico	Preferências da audiência (Aldridge, 2007; Costera Meijer, 2010, 2013b; Costera Meijer <i>et al.</i> , 2010; Heider, McCombs, e Poindexter, 2005; Poindexter, Heider e McCombs, 2006; Rosenstiel <i>et al.</i> , 2007)	Questionário, entrevista em profundidade, análise fatorial exploratória, análise fatorial confirmatória	O jornalismo de valor é medido com 14 proposições que constituem quatro dimensões (Urgência, Conexão Pública, Compreensão da Região e Capacidade de Resposta do Público) e uma dimensão superior, referente a experiência geral do Jornalismo de Valor; as quatro dimensões do "jornalismo valioso" ilustram como as práticas de seleção de notícias dos usuários são mais inclusivas

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					do que os jornalistas costumam assumir e menos triviais do que as métricas da Web sugerem
Hacia un periodismo de calidad en Ecuador: Perspectivas de periodistas y audiencia (artigo)	Odriozola-Chéné, Javier; Rodrigo-Mendizábal, Iván (2017)	Google Acadêmico	Qualidade jornalística (Bogart, 1989; De Pablos-Coello e Mateos-Martín, 2004; Gómez- Mompert e Palau-Sampio, 2013; McInerney e Bird, 2005; Pellegrini, Puente, Porath, Mujica e Grassau, 2011; Red de Periodismo de Calidad, 2006; Shapiro, 2010; Teramo, 2006; Wimmer e Dominick, 1996)	Aplicação de questionário com amostragem aleatória, entrevista em profundidade	A credibilidade conferida pelos cidadãos à mídia e aos jornalistas equatorianos é afetada pelas diferentes formas de entender a comunicação jornalística e o processo de informação; os cidadãos acreditam que a imparcialidade e a independência são valores necessários para um jornalismo de maior qualidade e para elevar a credibilidade do mundo jornalístico; os jornalistas não consideram esses valores importantes ou possíveis, devido às suas próprias subjetividades, que não são apenas particulares, mas influenciadas pelas instituições em que trabalham
La fuente informativa como un indicador de la calidad periodística.	Maciá-Barber, Carlos (2020)	Google Acadêmico	Arqueologia na mídia (Hadleigh, 1990; McManamon, 2000;	Análise de conteúdo	Há poucos estudos científicos na Espanha sobre o tratamento jornalístico do

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
El caso de la comunicación pública de la arqueología (artigo)			Finn, 2001; Ascherson, 2004; Joffe, 2006; Clack y Brittain, 2007; Holtorf, 2007; Scherzler, 2007; outros);		mundo da arqueologia, apesar da importância do assunto e do interesse e demanda do público; quanto à cobertura jornalística, observa-se uso significativo de notícias que cooperam para uma homogeneização informativa; há necessidade de abordagens aprofundadas e explicativas, bem como o uso de gêneros interpretativos e que incluam maior número de fontes
O conceito de qualidade no jornalismo no discurso do telejornalismo local: Uma análise a partir da ótica da TV Anhanguera/Goiás (artigo)	Rocha, Jordânia Bispo; Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa (2017)	Google Acadêmico	Conceito de jornalismo (Groth, 2011; Traquina, 2005; Kovach e Rosenstiel, 2004); Qualidade no jornalismo (Guerra, 2010; Tavares, 2016); Qualidade no telejornalismo (Coutinho, 2008; Vizeu, 2014)	Análise televisual (Becker, 2012), abordagem quantitativa e qualitativa	A TV Anhanguera se posiciona como um telejornal que produz conteúdo sob o critério de "serviço ao público", no entanto, sem especificar características que definiriam este serviço público; outros critérios sinalizados são pluralidade, agilidade, credibilidade, investimento em recursos tecnológicos e estética dos estúdios e apresentadores
<i>O fake é fast?</i> Velocidade,	Prazeres, Michelle;	Google Acadêmico	Aceleração Social do Tempo (Rosa, 2010);	Revisão bibliográfica	Informações falsas se misturam às notícias reais e

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
desinformação, qualidade do jornalismo e <i>media literacy</i> (artigo)	Ratier, Rodrigo (2020)		Hiperinformação (Romero-Rodriguez <i>et al.</i> , 2018); Fake News ou Notícia Falsa (Wardle, 2017; Allcott; Gentzkow, 2017; Tandoc Jr. <i>et al.</i> , 2017; Ribeiro; Ortellado, 2018); Infoxicação (Romero-Rodriguez <i>et al.</i> , 2018); Desinformação (Pinheiro e Brito, 2014)		rápidas no excesso informativo e de dados nas redes; devido ao excesso no ambiente de circulação, são borrados os limites entre o jornalismo legítimo e a notícia falsa para o receptor sobrecarregado; o jornalismo de qualidade pode concorrer com as notícias falsas, fazendo frente ao “ <i>fast</i> ”, e ocupando o espaço digital com diversidade, pluralidade, e resgatando os cânones do jornalismo
Qualidade no jornalismo: Percursos estrangeiros, problemas brasileiros (artigo)	Santos, Ébida; Guazina, Liziane (2020b)	Google Acadêmico	Qualidade no jornalismo (Bogart, 1991; Anderson, 2014; Shapiro, Albanese e Doyle, 2006; Lacy e Rosenstiel, 2015; McQuail, 1992, 2012; Schulz, 2000; Vehkoo, 2010; Picard, 2004; outros)	Revisão bibliográfica	A definição de qualidade jornalística está em constante debate e construção, sendo ainda influenciada pelo contexto social e cultural. Dessa forma, deve ser observada no espaço-tempo em que se manifesta; o conceito de qualidade também pode evoluir conforme as diferentes percepções dos grupos sociais, para além das mudanças técnico-práticas;

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					em futuras investigações, é importante considerar parâmetros de verificação no processo de análise da qualidade
Calidad informativa: Un estudio comparativo de los servicios informativos de las televisiones autonómicas públicas y privadas en España (artigo)	Gómez-Domínguez, Pablo; Paredes, Carlos Aguilar; Baselga, Sergio Villanueva; Gómez, Lydia Sánchez (2016)	Google Acadêmico	Qualidade da notícia (Belt e Just, 2007; Patterson, 2000; Reinemann, Stanyer e Legnante, 2011)	Análise quantitativa, análise de conteúdo de um estudo de caso múltiplo	A ferramenta de avaliação da qualidade informativa desenvolvida pelo estudo se concentra na melhoria de aspectos da transmissão e do conteúdo; a melhoria da qualidade deve acompanhar mudanças em toda a cadeia produtiva; futuros trabalhos sobre a qualidade do conteúdo dos programas de notícias devem incluir o trabalho jornalístico e a recepção

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
Jornalismo no terreno: Fator diferenciador na qualidade do jornalismo do primeiro jornal da SIC (relatório de estágio de mestrado)	Reis, Carolina Cerqueira Silva (2021)	Google Acadêmico	Jornalismo sentado (Tulha, 2012; Neveu, 2001) Jornalismo no terreno (Szabo, 2007; Crowe, 2017, Soares, 2012); papel do jornalista e do repórter (Antunes, 2021); Qualidade no jornalismo (Vehkoo, 2010; Bogart, 2004; Merrill, 1968; Shapiro <i>et al.</i> , 2006; McQuail, 2013; Schulz, 2000; Picard, 2004; Santos e Guazina, 2019)	Abordagem quantitativa e qualitativa, análise de conteúdo, análise documental, entrevista, observação participante	Enfatiza-se a sedentarização das redações, que contribuem para a diminuição da ida ao terreno; contudo, devido as características específicas da informação televisiva e do ponto de vista audiovisual, é observado uma maior necessidade de ir ao terreno; também pode-se entender que, embora a saída para o terreno não seja um fator determinante na qualidade do jornalismo produzido, ainda acrescenta valor a informação jornalística
Um ensaio sobre lead e qualidade no jornalismo (artigo)	Santos, Ébida Rosa dos (2016)	Intercom	Lead, notícia e texto jornalístico (Karam, 2007; Tuchman, 1993; Pena, 2005; Traquina, 2005; Genro Filho, 2012; Cornu, 1994; Lage, 2001; Erbolato, 1991; outros)	Revisão bibliográfica	Apesar de sua relevância para guiar e orientar as informações minimamente necessárias para a compreensão de um acontecimento, entende-se que o lead funciona como um engessador de pautas
A TV pública e a busca por métodos de verificação da qualidade	Oliveira Filho, José Tarcísio Da Silva; Coutinho,	Intercom	Qualidade e telejornalismo (Bucci, Chiaretti e Fiorini, 2012;	Análise documental, entrevista	Enfatiza-se a necessidade de aperfeiçoamento dos métodos de verificação da qualidade, visto que a

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
(artigo)	Iluska (2015)		Gomes, 2006; Becker, 2005, Borges, 2014; Coutinho, 2013; outros)		maioria das matrizes voltam-se para as organizações jornalísticas; No caso da TV Pública, julga-se a necessidade de composição de indicadores e parâmetros que possam ser verificados pelos próprios cidadãos, visto que são os responsáveis por mantê-la; há ainda a defesa do diálogo com os espectadores, possibilitado através de canais de interatividade, pesquisas de opinião, conselhos curadores e ouvidoria
Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: Estudios de caso en medios digitales de Alemania, España y Reino Unido (artigo)	Rivas-De-Roca, Rubén; Caro-González, Francisco J.; García-Gordillo, Mar (2020)	AE-IC	Qualidade jornalística (Gutiérrez-Coba, 2006; Gómez-Mompert e Palau Sampio, 2013; Sánchez-Tabernero, 2008; Casero-Ripollés e López-Rabadán, 2013; Rodríguez-Rey <i>et al.</i> , 2015);	Estudo de casos múltiplos, abordagem hipotético-dedutiva, entrevistas semi-estruturadas	Entre os indicadores derivados da profissão, o que mais se aproxima do jornalismo local se refere aos benefícios gerados na comunidade, indicador-chave no campo da proximidade
La responsabilidad social de los medios	Ramírez-Santos,	AE-IC	Ética jornalística e notícias sobre crises	Análise de conteúdo, abordagem	Observa-se violações éticas no tratamento do caso

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
en situaciones de crisis. Análisis del tratamiento informativo en noticieros televisa del caso Ayotzinapa (méxico) (artigo)	Fernanda; Pont-Sorribes, Carles; Perales-García, Cristina (2020)		(Aznar, 2005; Coombs, 2007; Gil-Calvo; 2004; Lowrey <i>et al.</i> , 2007; Nohrstedt, 2000; Pont e Cortiñas, 2011; Olsson, 2010); responsabilidade social dos meios (Christians <i>et al.</i> , 2009; Potter e Ricchiardi, 2006; Solano, 2012)	quantitativa e qualitativa	Ayotzinapa, especialmente a falta de precisão e exatidão nos dados fornecidos ao público; o estudo mostra que a mídia não cumpriu sua missão jornalística de fornecer informações verdadeiras, rigorosas e eticamente responsáveis
Estudio de observación no participante sobre calidad: Programas informativos en inforadio, ‘abendschau’ (rbb) y ‘berlin direkt’ (zdf) (artigo)	Gorosarri, Maria; Azkarate, Tania Arriaga (2020)	AE-IC	Qualidade da notícia (Wallisch, 1995; Arnold, 2009; Schatz e Schulz, 1992; Trebbe e Maurer, 2005; Beck, Schweiger e Wirth, 2004; Ruß-Mohl, 1994; Weichler, 2003)	Observação não-participante, abordagem quantitativa e qualitativa	A hipótese sobre a consciência da qualidade jornalística ser diferente entre cada meio, de acordo com suas linhas editoriais, é parcialmente confirmada; a observação não participante não contribui para inclusão da perspectiva dos profissionais sobre a qualidade das notícias, mas permite medir suas expectativas e incluir seus próprios julgamentos na atividade desenvolvida; recomenda-se o uso conjunto de metodologias qualitativas

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
					e quantitas para medir a dimensão prática do discurso argumentativo
La prensa local digital ante la UE: Una propuesta para la medición de su calidad informativa (artigo)	Garcia, Rubén Rivas De Roca (2018)	AE-IC	Jornalismo de qualidade (Schulz, 2000; Rodríguez Rey <i>et al.</i> , 2015; Pellegrini <i>et al.</i> , 2011; outros)	Revisão bibliográfica, entrevista semiestruturada, análise de conteúdo	A pesquisa parte da premissa de que a qualidade é uma meta prioritária no jornalismo e de que a sua conquista permitiria o desenvolvimento da função social do controle democrático associado à mídia; A proposta metodológica de análise da qualidade não se limita ao exame do conteúdo das informações sobre a União Europeia na mídia digital, ela também considera a avaliação externa dos leitores, pois sua posição distante de uma abordagem profissional é útil para compreender como a mensagem chega ao público
Calidad de las noticias sobre controversias: Objetividad y rigor periodístico en informaciones opuestas	Gorosarri, María González (2018)	AE-IC	Qualidade da notícia (Bucher, 2003; De La Torre e Téramo, 2004; González Gorosarri, 2011; Hagen, 1995;	Pesquisa exploratória, revisão bibliográfica, análise de conteúdo	A hipótese principal da pesquisa foi validada: meios de comunicação coerentes com sua linha editorial sobre a controvérsia apresentam notícias de maior qualidade,

Título (tipo)	Autor (ano)	Base	Conceitos	Opções Metodológicas	Conclusões
(artigo)			Schirmer, 2001; Vehlow, 2006)		como veículos independentes
Política en digital y medios. Hacia una calidad periodística cuestionada. Análisis de mensajes en Twitter de Donald Trump y proyección en portadas de prensa (elecciones 8N-presidencia 20E) (artigo)	Pérez Curiel, Concha; García-Gordillo, Mar (2018)	AE-IC	Responsabilidade social dos meios e efeitos sobre a audiência (Hutchins, 1947; McBride, 1980); Valores notícias e critérios éticos (Israel Garzón e Pomares Pastor, 2013)	Análise de conteúdo, abordagem quantitativas e qualitativas	A política midiática está sucumbindo a um modelo de política digital abrangente que se concentra mais no candidato do que em seu partido ou governo e utiliza o político e os usuários como única e principal fonte, dessa forma, dispensando o contraste necessário e priorizando questões selecionadas antecipadamente por líderes influenciadores, em detrimento de questões de interesse público
La calidad periodística en las noticias policiales en Chile (artigo)	Flores, Paz Crisóstomo (2022)	AE-IC	Agenda temática (McCombs, 2004; Ghanem, 1997; Ardèvol-Abreu, 2015); Notícias policiais (Martel, 2006; Sohr, 1999; Rodríguez, 2015; Wolfe e Nix, 2016; outros)	Abordagem quantitativa, análise estatística	Os principais jornais têm discurso neutro e objetivo em relação à polícia; há uma preferência por apresentar ao público questões relacionadas a crimes ocorridos com certo imediatismo e de forma mais acessível

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (*SURVEY*)

Figura 1 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 1)

Pesquisa sobre características do jornalismo independente

Este questionário faz parte de um estudo que busca compreender as características que definem e qualificam o jornalismo independente. A pesquisa é realizada sob a orientação do Professor Dr. Edgard Patrício, no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e irá subsidiar as teses de doutorado de Luan Matheus e Robson Roque, e as dissertações de mestrado de Anézia Lima e Ismíia Costa. Sua colaboração é essencial para o avanço das nossas investigações. Em caso de dúvidas, entre em contato pelo e-mail edgard@ufc.br ou pelo número (85) 99712-0514.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. 1. Você teria interesse em participar de uma entrevista, como parte de uma próxima etapa da pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

2. 2. Nome/Nome social *

3. 3. Idade *

Marcar apenas uma oval.

☐ Até 25 anos

☐ 26 a 30 anos

☐ 31 a 35 anos

☐ 36 a 40 anos

☐ 41 a 45 anos

☐ 46 a 50 anos

☐ 51 a 55 anos

☐ 56 a 59 anos

☐ 60 anos ou mais

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 2)

4. 4. Com qual gênero você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Mulher cisgênero
- ☐ Homem cisgênero
- ☐ Mulher transgênero
- ☐ Homem transgênero
- ☐ Não-binário
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Outro: _____

5. 5. Qual é sua cor/raça? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Amarela
- ☐ Branca
- ☐ Indígena
- ☐ Parda
- ☐ Preta
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 3 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 3)

6. 6. De qual estado você é? *

 Dropdown*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Não se aplica/Não resido no Brasil
- ☐ Acre
- ☐ Alagoas
- ☐ Amapá
- ☐ Amazonas
- ☐ Bahia
- ☐ Ceará
- ☐ Distrito Federal
- ☐ Espírito Santo
- ☐ Goiás
- ☐ Maranhão
- ☐ Mato Grosso
- ☐ Mato Grosso do Sul
- ☐ Minas Gerais
- ☐ Paraná
- ☐ Paraíba
- ☐ Pará
- ☐ Pernambuco
- ☐ Piauí
- ☐ Rio Grande do Norte
- ☐ Rio Grande do Sul
- ☐ Rio de Janeiro
- ☐ Rondônia
- ☐ Roraima
- ☐ Santa Catarina
- ☐ Sergipe
- ☐ São Paulo
- ☐ Tocantins

7. 7. Qual é a sua cidade? *

Figura 4 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 4)

8. 8. Contato (E-mail ou telefone) *

9. 9. Em qual iniciativa independente você trabalha? *

10. 10. Tempo de atuação na iniciativa independente *

11. 11. (Pode marcar mais de uma) Indique a função que você exerce na iniciativa independente *

Marque todas que se aplicam.

☐ Repórter

☐ Produtor(a)

☐ Editor(a)

☐ Social media

☐ Jornalista de dados

☐ Direção de redação

☐ Gestor(a)

☐ Proprietária(o)

☐ CEO

☐ Outro:

12. 12. Você trabalha (ou já trabalhou) em alguma empresa de jornalismo convencional? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

13. 13. (Caso tenha respondido "sim" à pergunta anterior) Quanto tempo de atuação em empresas de jornalismo convencional?

Figura 5 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 5)

Características e fatores de qualificação do jornalismo no contexto independente

14. 14. (Pode marcar mais de uma) Quais foram os fatores que levaram você a atuar no jornalismo independente? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Desejo de trabalhar em iniciativas colaborativas, que priorizem o coletivo e a sensação de pertencimento
- ☐ Insatisfação com as práticas, rotinas e alinhamento comercial/ideológico das empresas de jornalismo convencional
- ☐ Dificuldade em encontrar espaços no mercado de trabalho convencional
- ☐ Busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional, escolhendo horários e formatos de trabalho mais flexíveis
- ☐ Necessidade de complementar a renda e melhorar a estabilidade financeira, dado que o trabalho principal não oferece a segurança necessária
- ☐ Busca por modelos de jornalismo sustentáveis, que resistem à pressão por lucros financeiros e demandas excessivas de produtividade
- ☐ Desejo de liberdade editorial para abordar temas relevantes sem interferências externas, com autonomia na escolha de pautas e controle sobre o processo produtivo
- ☐ Busca por inovação nos formatos e linguagens jornalísticas, explorando novas narrativas e tecnologias
- ☐ Interesse em atender às necessidades informativas de comunidades específicas, oferecendo conteúdos que reflitam suas realidades, com representatividade e impacto social
- ☐ Possibilidade de construir uma relação mais próxima com a audiência, valorizando a interação direta e colaborativa em diversas etapas da produção
- ☐ Interesse em cobrir temas sub-representados na mídia convencional, como questões de direitos humanos, justiça social ou pautas locais
- ☐ Interesse em promover a pluralidade de vozes, com jornalismo produzido por e para grupos historicamente marginalizados ou pouco representados
- ☐ Oportunidade gerada pela participação em oficinas e formações voltadas ao jornalismo independente, que abriram caminhos para o ingresso no setor.
- ☐ Possibilidade de trabalhar em uma iniciativa próxima de casa, permitindo maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional
- ☐ Engajamento em projetos que surgiram como desdobramento de trabalhos de conclusão de curso (TCCs), transformados em iniciativas concretas de jornalismo independente
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 6 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 6)

15. 15. (Pode marcar mais de uma) Na sua opinião, quais são os maiores desafios enfrentados pela sua iniciativa de jornalismo independente para assegurar a qualidade das produções? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Escassez de profissionais na equipe, resultando em sobrecarga de trabalho e acúmulo de funções, comprometendo a capacidade de produção
- ☐ Pressão por atualizações rápidas, devido à competitividade do mercado e à demanda do público por informações em tempo real
- ☐ Prazos apertados, restringindo o tempo disponível para a coleta de dados e a apuração aprofundada
- ☐ Pressão para gerar receita imediata, priorizando publicações rápidas e visibilidade nas plataformas digitais
- ☐ Necessidade de especialização da equipe no uso de tecnologias e plataformas digitais específicas para a produção de conteúdo
- ☐ Centralização das plataformas digitais, como redes sociais e sites, para produção e distribuição de conteúdo
- ☐ Exigências de plataformas digitais que favorecem a produção constante e a rápida publicação de conteúdo
- ☐ Mudanças constantes nos algoritmos e funcionalidades das plataformas digitais, dificultando o planejamento estratégico da iniciativa
- ☐ Dificuldade de acesso a fontes e dados devido a barreiras impostas por governos ou órgãos públicos
- ☐ Equilibrar sustentabilidade financeira com autonomia editorial, evitando pressões externas que comprometam as decisões da iniciativa
- ☐ Necessidade de infraestrutura adequada, como espaços de trabalho, equipamentos e recursos tecnológicos para apoiar a produção jornalística
- ☐ Limitação de recursos financeiros para garantir a infraestrutura necessária à organização, como equipamentos e espaços de trabalho adequados para a equipe
- ☐ Falta de apoio psicológico e condições adequadas para o bem-estar dos profissionais
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 7 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 7)

16. 16. (Pode marcar mais de uma) Quais destas características você considera como definidoras do jornalismo independente? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Prioriza a independência editorial, reduzindo a interferência de anunciantes, investidores ou grandes corporações na linha editorial e nas decisões de conteúdo
- ☐ Valoriza a transparência, ao divulgar abertamente e de forma acessível informações sobre a linha editorial, o modelo de negócios, a política de financiamento e seus financiadores
- ☐ Sem vínculos com grandes grupos de mídia, políticos influentes, ou instituições governamentais e empresariais
- ☐ Focado na autonomia financeira, busca a liberdade na escolha de fontes de financiamento e publicidade
- ☐ Experimenta modelos plurais de financiamento, como assinaturas, doações ou crowdfunding
- ☐ Engajado estrategicamente com temas sociais relevantes, como direitos humanos, justiça social e sustentabilidade
- ☐ Focado na criação de conteúdo especializado e hiperlocal, abordando temas e notícias que não são cobertos pela mídia convencional
- ☐ Forte vínculo com a comunidade local, promovendo causas sociais, culturais e/ou políticas, com ênfase na realidade territorial e nas questões específicas da região
- ☐ Alternativa aos grandes conglomerados, apresenta perspectivas e discursos distintos das narrativas predominantes nos veículos convencionais
- ☐ Assume posicionamento bem definido e justificado nos grandes debates públicos, em contraste com o discurso de neutralidade do jornalismo convencional
- ☐ Incorpora estratégias de colaboração e participação do público na criação e propagação de conteúdos, explorando novas formas de interação
- ☐ Opera de maneira descentralizada, com possibilidade de redações virtuais e flexibilidade nos horários e locais de trabalho
- ☐ Adota uma estrutura organizacional mais igualitária, com pouca hierarquia, permitindo a participação coletiva nas decisões operacionais e editoriais
- ☐ Utiliza de forma central as plataformas digitais, como redes sociais e sites, para produção e distribuição de conteúdo
- ☐ Busca inovação na produção jornalística, utilizando novas tecnologias e adaptando o conteúdo para formatos que ampliem seu alcance e relevância
- ☐ Busca recursos exclusivamente para a manutenção da organização jornalística, sem a intenção de gerar lucro ou acumular capital
- ☐ Tem equipe multidisciplinar, o que possibilita abordagens mais criativas e diversificadas na produção de conteúdo
- ☐ Utiliza-se de informações de fontes públicas e dados abertos como base principal para a produção jornalística
- ☐ Incentiva a criatividade e a liberdade autoral, refletindo um caráter único e autêntico em suas produções
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 8 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 8)

17. 17. Quais práticas, recursos ou rotinas você acredita que poderiam ser adotados ou aprimorados para fortalecer a qualidade do jornalismo independente? *

18. 18. Você acredita que o jornalismo independente segue o mesmo manual do jornalismo convencional (critérios de noticiabilidades, valores notícias, uso das fontes, formato e conteúdo)? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Em partes

19. 19. Caso tenha respondido "não" ou "em partes", cite três elementos que diferenciam e três elementos que aproximam o modo de fazer jornalismo independente e o jornalismo convencional

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 9 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 9)

20. 20. (Pode marcar mais de um) Você acredita que o modo de fazer jornalismo independente é atravessado por algum dos elementos abaixo? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Questões de gênero
- ☐ Questões raciais e étnicas
- ☐ Questões de classe
- ☐ Questões socioambientais
- ☐ Defesa de direitos humanos
- ☐ Interesses políticos partidários
- ☐ Interesses políticos econômicos
- ☐ Venda de publicidade e propaganda
- ☐ Mercado jornalístico e concorrência
- ☐ Não é atravessado por nenhum elemento
- ☐ Outro: _____

21. 21. (Pode marcar mais de uma) Qual é a natureza da sua iniciativa de jornalismo? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Jornalismo alternativo
- ☐ Jornalismo comunitário
- ☐ Jornalismo das periferias
- ☐ Jornalismo independente
- ☐ Arranjos jornalísticos
- ☐ Outro: _____

22. 22. Justifique a sua opção na questão anterior sobre a natureza da sua iniciativa de jornalismo *

Figura 10 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 10)

23. 23. (Pode marcar mais de uma) Se você se identifica como mulher, selecione quais são os principais desafios que você enfrenta como mulher jornalista em uma mídia independente:

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Situações de violência de gênero e discriminação
- ☐ Preconceito e/ou desrespeito pelo gênero
- ☐ Assédio moral e/ou sexual
- ☐ Falta de representatividade de profissionais negras e/ou pardas
- ☐ Falta de representatividade de profissionais LGBTQIAPN+
- ☐ Baixa remuneração em relação aos valores de pisos salariais propostos pelos sindicatos
- ☐ Desigualdade salarial
- ☐ Conciliar a rotina de trabalho com a maternidade
- ☐ Conciliar a rotina de trabalho com as responsabilidades domésticas, pessoais e/ou familiares
- ☐ Estereótipos de gênero ligados a questionamentos de sua capacidade intelectual
- ☐ Estereótipos de gênero ligados a questionamentos sobre a aparência física
- ☐ Falta de suporte e estruturas adequadas para a realização das atividades laborais
- ☐ Dificuldades em manter-se no mercado de trabalho após a maternidade, podendo ser substituída por profissionais sem filhos ou homens
- ☐ Dificuldades em manter-se no mercado de trabalho por ser mãe atípica
- ☐ Dificuldades de crescimento e/ou desenvolvimento de carreira
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 11 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 11)

24. 24. (Pode marcar mais de uma) Se você se identifica como mulher, responda como a presença de mulheres jornalistas em mídias independentes tem alterado as práticas jornalísticas tradicionais?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Não tenho experiência no jornalismo convencional, portanto não posso avaliar o impacto da presença de mulheres em mídias independentes sobre as práticas jornalísticas tradicionais
- ☐ Em relação a posições de chefia, a homogeneidade em aspectos como gênero pode influenciar diretamente no tipo de conteúdo produzido
- ☐ A diversidade nas redações independentes é um dos motivos que levam a coberturas que abarcam a complexidade da população
- ☐ A diversidade nas redações independentes contribuem para a construção de uma sociedade melhor para todas as pessoas
- ☐ Ambientes de trabalho mais seguros
- ☐ Estabelecimento de políticas institucionais que acolham as pessoas diferentes em toda a multiplicidade das suas diferenças
- ☐ Garantia de oportunidades iguais dentro dos processos institucionais
- ☐ Espaço na mídia e nas empresas sobre temas relacionados à diversidade e inclusão
- ☐ Diversidade nas linhas editoriais
- ☐ Produzir um jornalismo mais diverso e representativo
- ☐ Pluralidade e expansão à gama de fontes ouvidas
- ☐ Outro: _____

Avaliação das dimensões de qualificação do jornalismo

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 12 – Formulário sobre características do jornalismo independente (parte 12)

25. 25. Identifique (numa escala a de 1 a 5) a importância de cada dimensão para a *
qualidade no jornalismo independente, em que 1 (UM) significa o mais baixo nível de
importância e 5 (CINCO) o mais alto nível de importância

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Objetividade	☐	☐	☐	☐	☐
Subjetividade	☐	☐	☐	☐	☐
Pluralidade	☐	☐	☐	☐	☐
Veracidade	☐	☐	☐	☐	☐
Interesse público	☐	☐	☐	☐	☐
Transparência	☐	☐	☐	☐	☐
Responsabilidade social	☐	☐	☐	☐	☐
Independência	☐	☐	☐	☐	☐
Apartidarismo	☐	☐	☐	☐	☐
Imparcialidade	☐	☐	☐	☐	☐
Verificabilidade	☐	☐	☐	☐	☐
Precisão	☐	☐	☐	☐	☐
Proximidade	☐	☐	☐	☐	☐
Atualidade	☐	☐	☐	☐	☐
Diversidade	☐	☐	☐	☐	☐
Presencialidade	☐	☐	☐	☐	☐
Ética	☐	☐	☐	☐	☐

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (ROTEIRO DE ENTREVISTA)

1. Quando falamos em qualidade no jornalismo independente, o que isso significa para você?
2. O que deve estar presente em uma produção jornalística independente para que ela seja considerada bem-feita?
3. No levantamento anterior, algumas dimensões foram consideradas mais importantes para a qualidade do jornalismo independente. Você pode comentar por que aspectos como ética, veracidade e responsabilidade social são tão essenciais para a qualidade do jornalismo?
4. Você acredita que essas dimensões são igualmente viáveis dentro da realidade do jornalismo independente?
5. Há alguma dimensão da qualidade que você considera difícil de alcançar na prática? Por quê? (Apresentar lista com as 17 dimensões)
6. A independência tem sido colocada como uma dimensão definidora das práticas jornalísticas fora do contexto convencional. Como você vê a relação dessa dimensão de independência com a qualidade?
7. Como a disponibilidade (ou falta) de recursos financeiros afeta a qualidade do jornalismo independente, levando em conta a estrutura do veículo e a organização da equipe?
8. Em relação ao processo de produção no jornalismo independente, você percebe que há compromissos ou concessões que precisam ser feitos por conta de limitações de recursos? Por exemplo, na profundidade da apuração, diversidade de fontes ou tempo dedicado às matérias?
9. Como você lida com a dinâmica de audiência nas plataformas digitais, que muitas vezes priorizam conteúdos rápidos e virais? Isso interfere de alguma forma na qualidade ou na forma como você organiza a produção jornalística?
10. Até que ponto um jornalismo comprometido com causas ou comunidades específicas pode ser compatível com os princípios da qualidade jornalística?
11. Você acredita que um jornalista independente pode ou deve se posicionar sobre determinados temas? De que forma esse posicionamento pode influenciar a qualidade do que é produzido?
12. Você acredita que o jornalismo independente está criando suas próprias normas e

padrões ou ainda está fortemente ancorado nas práticas convencionais?

13. Você gostaria de acrescentar alguma observação sobre a qualidade no jornalismo independente?